piauí_226
julho

piauí_226 R$ 38,00 ano 19 julho 2025
ISSN 1980-1750

O Tigrinho pegou geral
Como as *bets* dominaram a República, por **Alessandra Medina** e **João Batista Jr.**

Está brabo na América
Martha Batalha descreve a dureza de viver sob Trump e o desmonte da democracia

Ideias extraordinárias
A pensadora francesa Simone Weil segundo sua sobrinha, por **Leda Cartum**

A neca da boneca
Eliane Robert Moraes disseca o romance travesti de Amara Moira

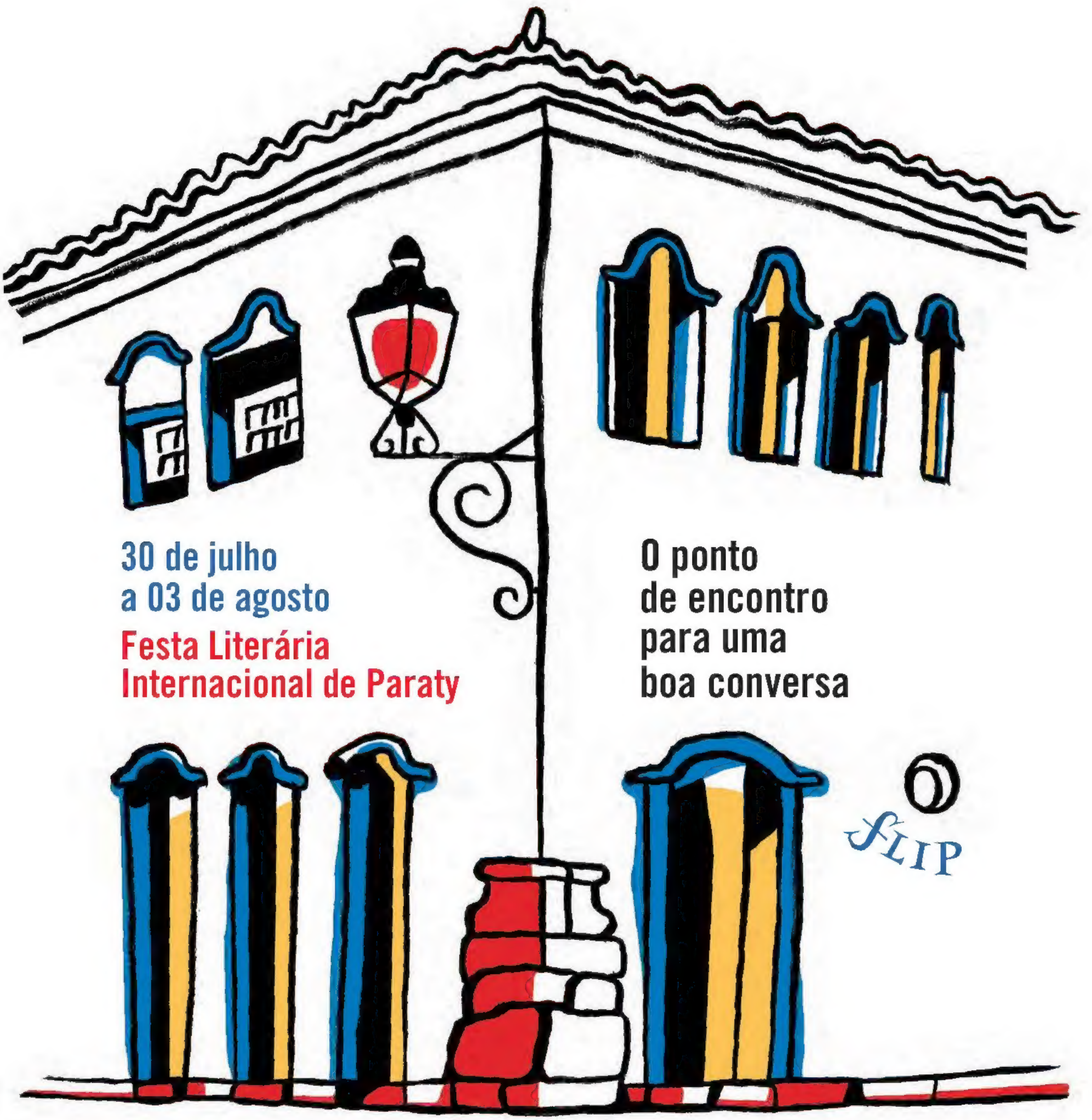
dossiê piauí

GERAÇÃO DEMOCRACIA
Na terceira parte da série, **José Henrique Bortoluci** trata da guerra e da fé

E mais: O portfólio de um sobrevivente do Carandiru • Os animais têm consciência da morte? • Eduardo Escorel analisa o documentário *Apocalipse nos trópicos* • Zeca Baleiro e sua música inédita para Leminski • Humor e história: as peripécias do Barão de Itararé

ines249

ESQUINA
piauí + NETFLIX



30 de julho
a 03 de agosto
Festa Literária
Internacional de Paraty

O ponto
de encontro
para uma
boa conversa

FLIP

ines249

piauí_226

capa *Tudo sincronizado*, de **Nadia Khuzina**

colaboradores_4 Quem fez o quê na edição de julho
imagens **Caio Borges**

questões vultosas_6
GRITA *IHUU* OU REFAZ O *L*?
Um país entre a direita que uiva e a esquerda cansada
Fernando de Barros e Silva + imagem **Cássio Loredano**

esquina_8 O intérprete do artigo 142 da Constituição e as chances de golpe; o sucesso dos interrogatórios do golpe na TV Justiça; uma rocha carioca torna-se patrimônio mundial; a curadora baiana de um evento musical de Nova York; o escritor João Silvério Trevisan romanceia a própria vida; um pioneiro na criação de clipes com inteligência artificial; o grupo de frevo que encantou o Festival de Cannes
imagens **Andrés Sandoval**

anais da jogatina_14
A REPÚBLICA DO TIGRINHO
A CPI das Bets foi um fracasso completo, mas serviu para mostrar que, no balaio das casas de apostas, cabem políticos, juízes, artistas e bicheiros
Alessandra Medina e João Batista Jr. + imagem **Beto Nejme**

dossiê piauí_22
GERAÇÃO DEMOCRACIA
PARTE III_A GUERRA E A FÉ
José Henrique Bortoluci + imagem **Victor Moriyama**

diário do geraldo_29
QUERO VER O *TALK XOU DO XANDÃO*
O sanfoneiro ministro do Bolsonaro é uma boa opção pra um interlúdio musical
Renato Terra + imagem **Caco Galhardo**

carta dos estados unidos_30
O SONHO AMERICANO EM FRANGALHOS
A destruição da democracia por Trump, mês após mês
Martha Batalha + imagem **Andrew Harnik**

portfólio_36
RETRATOS DO INFERNO
O massacre do Carandiru, nas pinturas de um sobrevivente
Luiz Paulino + apresentação **Armando Antenore**

questões tanatológicas_42
OS ANIMAIS E A MORTE
Será que todo ser vivo compreende, de verdade, o que significa a finitude?
Kathryn Schulz + imagem **Ari Hisae**

questões cinepolíticas_48
SE ESSAS RUÍNAS FALASSEM
O documentário *Apocalipse nos trópicos*, de Petra Costa, entre a catástrofe e a revelação
Eduardo Escorel

anais do humor nacional_54
O BARÃO E O TUBARÃO
As peripécias de um humorista no império de Getúlio Vargas
Arnaldo Branco e Renato Terra

questões filosóficas_60
UMA COMPANHIA INCÔMODA
A pensadora francesa Simone Weil, na visão de sua sobrinha
Leda Cartum

questões literárias_68
A NECA DA BONECA
O inovador romance travesti de Amara Moira
Eliane Robert Moraes + imagem **Manauara Clandestina**

vultos da literatura_73
O MISSIONÁRIO PECADOR
Um agradecimento e uma canção para Paulo Leminski
Zeca Baleiro

ficção_74
PESADOS PARALELEPÍPEDOS
Naqueles dias, todos caíam das janelas
João Inácio Padilha + imagem **Pedro Gonçalves**

poesia_77 Deusa, agradeço a essa Veneza por ter feito homens que rebolam tão bem
Bianca Gonçalves + imagem **Val Pires**

cartas_78 Muitas cartas perdidas e uma nota épica da Redação

despedida_81
A CAATINGUEIRA DE JAÚ
Niéde Guidon transformou a arqueologia das Américas e o sertão do Piauí
Bernardo Esteves + imagem **André Pessoa**

ines249

colaboradores_julho

Eliane Robert Moraes

José Henrique Bortoluci

Bianca Gonçalves

Armando Antenore

Martha Batalha

Leda Cartum

CAIO BORGES

Nadia Khuzina [Capa] é artista russa.

Fernando de Barros e Silva [*Grita Ihuu ou refaz o L?*, p. 6] é repórter da **piauí** e apresentador do podcast *Foro de Teresina*. Ilustração de **Cássio Loredano.**

João Batista Jr. [*A república do Tigrinho*, p. 14], repórter da **piauí**, publicou *A beleza da vida: a biografia de Marco Antonio de Biaggi* (Abril). **Alessandra Medina**, coautora, é jornalista com passagens por *Veja* e *O Globo*. Montagem de imagens de **Beto Nejme**.

José Henrique Bortoluci [*A guerra e a fé*, p. 22], escritor, é doutor em sociologia pela Universidade de Michigan e professor da Fundação Getulio Vargas (FGV-EAESP). Publicou *O que é meu* (Fósforo). Fotos de **Victor Moriyama**.

Renato Terra [*Quero ver o Talk Xou do Xandão*, p. 29] é colunista da *Folha de S.Paulo* e diretor de *Narciso em férias* e *Uma noite em 67*. Publicou *Diário da Dilma* (Companhia das Letras). Ilustração de **Caco Galhardo**.

Martha Batalha [*O sonho americano em frangalhos*, p. 30] é autora de três romances, o mais recente, *Chuva de papel* (Companhia das Letras). Seus livros foram publicados em mais de vinte países. É colunista do jornal *O Globo* e escreve quinzenalmente no opiniaes.substack.com.

Adão Iturrusgarai [Cartuns a partir da p. 32] é humorista, cartunista, artista plástico e escritor. Publicou, entre outros livros, *Paris por um triz* (Zarabatana).

Luiz Paulino (Bizil) [*Retratos do inferno*, p. 36] é artista plástico. Apresentação de **Armando Antenore**.

Kathryn Schulz [*Os animais e a morte*, p. 42] é jornalista da revista *The New Yorker*, na qual o texto foi publicado originalmente. É autora do livro *Por que erramos?* (Larousse). Tradução de **Isa Mara Lando**. Ilustração de **Ari Hisae**.

Eduardo Escorel [*Se essas ruínas falassem*, p. 48] é cineasta. Dirigiu os documentários *Antonio Candido – anotações finais*, *Imagens do Estado Novo 1937-45* e *1968 – Um ano na vida*, entre outros filmes.

Arnaldo Branco [*O Barão e o tubarão*, p. 54], cartunista e roteirista, é o criador da *newsletter* de humor *Semana praticamente encerrada*. Coautoria de **Renato Terra**.

Leda Cartum [*Uma companhia incômoda*, p. 60] é escritora, roteirista e tradutora. Publicou, entre outros livros, *O porto* (Iluminuras).

Eliane Robert Moraes [*A neca da boneca*, p. 68] é crítica literária e professora de literatura na USP. Publicou, entre outros, *Sade, a felicidade libertina* (Iluminuras) e *A parte maldita brasileira: literatura, excesso, erotismo* (Tinta-da-china). Fotografia de **Manauara Clandestina**.

Zeca Baleiro [*O missionário pecador*, p. 73] é cantor, compositor e cronista.

João Inácio Padilha [*Pesados paralelepípedos*, p. 74] é escritor. Publicou o livro de contos *Bolha de luzes* (Companhia das Letras) e o romance *Os corpanzis* (L&PM). *Pesados paralelepípedos* é um dos contos de *Chineses que se evaporam*, a ser publicado pela 7Letras. Ilustração de **Pedro Gonçalves**.

Bianca Gonçalves [*Poesia*, p. 77] é poeta, tradutora e doutoranda em teoria e história literária na Unicamp. Publicou *Quadril & queda* (Círculo de Poemas) e outros livros. Ilustração de **Val Pires**.

Bernardo Esteves [*A caatingueira de Jaú*, p. 81], repórter da **piauí**, é autor dos livros *Admirável Novo Mundo: uma história da ocupação humana nas Américas* (Companhia das Letras) e *Domingo é dia de ciência* (Azougue Editorial).

Ilustrações de *Esquina* por **Andrés Sandoval**.

ines249

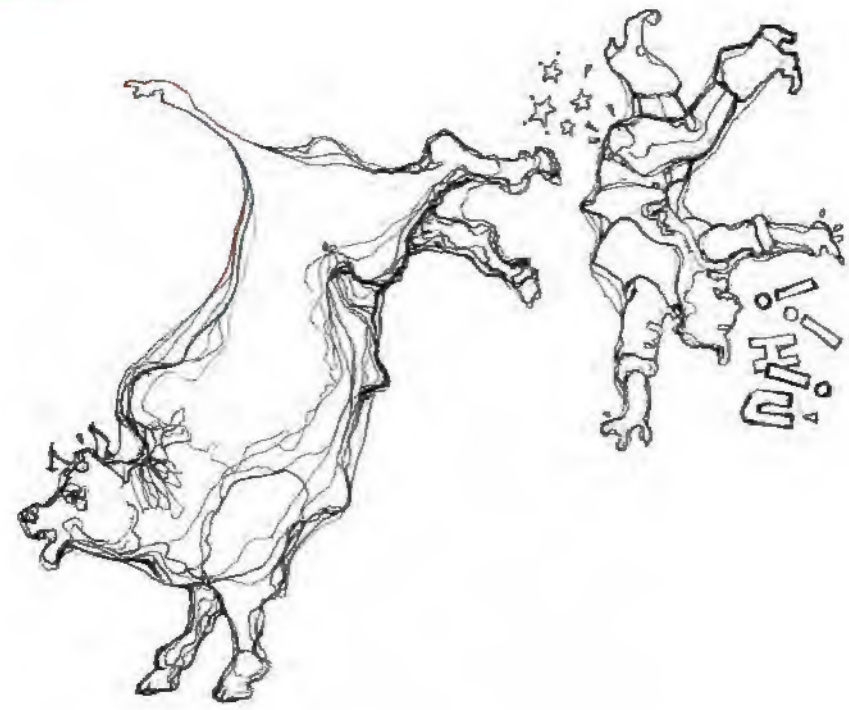
"Se pessoas como Raoni ainda contaminam o pensamento humano, quer dizer que ainda há mundos para habitar."

AILTON KRENAK

companhiadasletras.com.br | blogdacompanhia.com.br

COMPANHIA DAS LETRAS

ines249



CÁSSIO LOREDANO, 2025

GRITA *IHUU* OU REFAZ O *L*?

Um país entre a direita que uiva e a esquerda cansada

FERNANDO DE BARROS E SILVA

A cena se deu em Presidente Prudente, cidade do extremo Oeste paulista, durante a Feicorte (Feira Internacional da Cadeia Produtiva da Carne). No palanque, ao lado de Jair Bolsonaro, Tarcísio de Freitas grita *Brasil*, e aponta o microfone na direção da plateia, que complementa – *acima de tudo. Deus*, prossegue o governador, repetindo o gesto, e o público emenda – *acima de todos*. A coreografia parecia completa, mas não para Bolsonaro. Como gesto final, o ex-presidente pede a Tarcísio que arremate com um *ihuuu*. "Eu, fazer *ihuuu*? Tem direito autoral, presidente", reage o governador, sorrindo sem jeito. Bolsonaro então toma o microfone nas mãos, grita *ihuuu* e coloca o instrumento na boca de Tarcísio, que repete: *ihuuu*! Agora, sim, a coreografia estava completa. Um manda e o outro obedece.

O *ihuu* é um bordão comum em rodeios. O peão sobre o cavalo grita *ihuu* como forma de extravasar sua euforia. Ou de afirmar sua virilidade. Ou algo assim, tanto faz. O fato é que Bolsonaro incorporou o "agrouivo" a seu repertório rudimentar de gestos, palavras e grunhidos. Temos a arminha com os dedos, o *taoquei*, o *selva!*, o *e daí?* – e o *ihuu*.

Em Prudente, num evento dedicado à carne, estavam todos em casa. Em 2022, Bolsonaro teve 68% dos votos na cidade, contra 32% de Lula. O que seria um compromisso oficial de Tarcísio se converteu num ato de desagravo ao ex-chefe. Em seu discurso, o governador disse que a missão de Bolsonaro ainda não terminou: "O senhor ainda vai contribuir muito para o Brasil, o senhor vai fazer a diferença."

Nas palavras do governador, Jair mostrou ao país "como a seriedade, como o zelo, são importantes". Disse também que ele entregou ao sucessor "o Brasil que nos permitiu sonhar". Ao registrar essas passagens, a reportagem da *Folha de S.Paulo* lembrou de uma *live* que Bolsonaro fez em março de 2021, acompanhado pelo mesmo Tarcísio, então ministro da Infraestrutura, na qual os dois dão risada ao comentar uma notícia que registrava o aumento do número de suicídios no país. Bolsonaro se gabava na ocasião de ter dito um ano antes, em março de 2020, em sua cruzada contra o isolamento social, que muitas pessoas confinadas em casa entrariam em depressão e iriam se matar.

A comparação entre as duas cenas é didática. Em 2021, Bolsonaro era o chefe de Tarcísio, mandava e desmandava na República. Agora, Tarcísio governa o estado mais poderoso do país e é o nome preferido do PIB para a Presidência, enquanto Bolsonaro, inelegível, caminha para ser condenado e preso. As coisas mudaram, mas a devoção subalterna de Tarcísio, estampada no sorriso vassalo diante de seu líder, permaneceu intacta. No primeiro caso, o ministro endossava sorrindo o presidente negacionista. No segundo caso, o governador se curva sorrindo ao ex-presidente golpista.

Tarcísio já vestiu o boné do Maga em homenagem a Trump, já se enrolou na bandeira de Israel em apoio ao facinoroso Netanyahu, já subiu em palanque e discursou pela anistia dos imperdoáveis, já se submeteu ao *ihuu*. Bolsonaro, no entanto, deixa cada vez mais claro que seu apoio à pretensão presidencial do ex-ministro vai custar mais caro. A entrevista de Flávio Bolsonaro à *Folha*, na qual ele – um senador da República – diz que a adesão de seu pai a qualquer candidato dependerá do compromisso que este venha a assumir com a libertação de Bolsonaro, usando inclusive a força contra o STF, se necessário – uma espécie de bula do golpista aprendiz –, foi entendida como um recado direto do clã a Tarcísio.

Parece, portanto, bastante claro que o futuro da democracia brasileira estará no centro da disputa de 2026. Sim e não. Sim, porque nenhum dos possíveis adversários de Lula tem chances reais de chegar ao segundo turno sem o apoio de Bolsonaro – e todos sabem o que isso significa. Não, porque a defesa de democracia é um tema que perdeu relevância na lista de preocupações da população. Ou porque as pessoas acham que sem o nome de Jair Bolsonaro na urna este é um assunto superado, ou porque as pessoas consideram que essa coisa – a democracia – é muito abstrata e está distante de suas aflições reais, ou porque as pessoas (no caso, os bolsonaristas) consideram que a verdadeira democracia é aquela defendida por Jair, o único capaz de enfrentar o sistema etc. etc. etc.

Os ventos da história estão soprando para a direita, sabemos. Em sua visita à França, no início do mês passado, durante um discurso para a comunidade brasileira que vive em Paris, Lula disse: "Às vezes, parece que eu estou andando numa escada rolante contrária ao lugar que eu quero ir. Eu nunca chego no lugar que eu quero ir." Em seguida, usou outra metáfora, dizendo que se sente como se estivesse "enxugando gelo". São imagens eloquentes para o sentimento de impotência e de frustração que o petista experimenta em seu terceiro mandato.

Esse sentimento reapareceu na longa entrevista do presidente ao podcast *Mano a Mano*, apresentado por Mano Brown e a jornalista Semayat Oliveira, que entrou no ar em 19 de junho. Durante mais de duas horas, Lula falou com franqueza bastante incomum e parecia estar à vontade, mas em nenhum momento se mostrou satisfeito ou confortável. Pelo contrário, a tônica da conversa, se tivermos que elegê-la, ficou com o inconformismo do entrevistado diante do fato de que o mundo mudou – e para pior.

Lula começou dizendo que a extrema direita é uma ameaça planetária. Criticou as redes sociais, onde a mentira prospera livremente, lamentou que parte expressiva do Orçamento da União esteja nas mãos de um Congresso amplamente dominado pela direita e disse que o governo consome muito de seus esforços para reconstruir políticas públicas ou estruturas de Estado que foram desmontadas por Bolsonaro. Fez questão de dizer que as condições políticas atuais são muito distintas daquelas de 2010, quando "a gente vivia um momento de euforia neste país". Naquele ano, Lula deixou o governo aclamado, com mais de 80% de aprovação.

No mês passado, a popularidade do presidente atingiu seus níveis mais baixos. A Quaest registrou que a desaprovação ao governo chegou a 57% (contra 40% que o aprovam) e o Ipec mostrou que 43% avaliam a gestão como ruim ou péssima, contra 25% que a consideram boa ou ótima. Em determinado momento da entrevista, Lula disse: "Quando você governa, você não faz só o que você quer, você faz o que pode fazer." Mais adiante, disse o seguinte: "É tudo muito difícil. O que nós estamos fazendo neste país é um milagre, um milagre." São duas maneiras – uma resignada e a outra heroica – de vocalizar sua frustração.

Mas Lula, apesar de tudo, permanece no jogo. À turma do *ihuu*, ele diz: "Eles podem procurar o candidato que eles quiserem. Se eu for candidato, é para ganhar as eleições." O uso do condicional – "se eu for" – parece mais um efeito retórico do que uma dúvida sincera. Fica evidente, ao longo da entrevista, que Lula não tem plano alternativo. Não preparou ninguém, não deixou ninguém se sobressair entre os seus. Se as condições de saúde o impedirem de concorrer, o PT terá de improvisar. Por enquanto, mesmo com a popularidade em baixa, Lula segue sendo competitivo.

O horizonte de seu governo é o da redução de danos, e ele sabe disso. Preservar como dá os direitos sociais, o meio ambiente, a democracia. Lula acredita que pode comunicar melhor o que já fez e aposta sobretudo num conjunto de programas sociais à primeira vista pouco ambicioso. Além da isenção do imposto de renda para quem ganha até 5 mil, ele promete gás de cozinha de graça para os mais pobres, crédito para os entregadores comprarem sua moto e dinheiro barato para quem deseja reformar seu imóvel. Construir um banheiro, um quarto novo, essa talvez seja a melhor metáfora para o que é possível fazer em tempos tão adversos. Mas é preciso convencer as pessoas de que o projeto do outro lado é implodir a casa e decretar o cada um por si e Deus contra todos. *Ihuuu!* ✪

5e60 FILMES e CANAL Curta! CONTEÚDOS RELEVANTES apresentam

ASSISTA AO TRAILER

Um filme de **NILO ROMERO**

CAZUZA

BOAS NOVAS

Um documentário que mergulha nos últimos dois anos de vida de um dos maiores cantores e compositores brasileiros, desde o diagnóstico de HIV até sua morte precoce. O filme revela a força criativa que emergiu em meio à fragilidade física: Cazuza compôs intensamente e atingiu o auge de sua produção. Esta é a celebração da potência de um artista que até hoje encanta gerações.

17 DE JULHO NOS CINEMAS

distribuição curta! cine-distribuidora kajá FILMES

apoio BRDE fsa Fundo Setorial do Audiovisual ancine Agência Nacional do Cinema

EM BREVE NO curta!On

ines249

esquina

ANDRÉS SANDOVAL, 2025

DO ZERO AO INFINITO

O intérprete do artigo 142 da Constituição e as chances de golpe

Na tarde fria de 10 de junho, terça-feira, o jurista Ives Gandra da Silva Martins entrou na sala de reuniões de seu escritório, a duas quadras da Avenida Paulista, empurrando um andador de rodinhas com o assento lotado de livros. Eram cinco da tarde. Dezenove minutos antes, Jair Bolsonaro encerrara seu depoimento ao STF na ação penal sobre a tentativa de golpe de Estado no Brasil.

O professor Ives Gandra, como costuma ser chamado o tributarista de 90 anos, não acompanhou a transmissão ao vivo do interrogatório. Mas foi, de certa forma, onipresente nas audiências. É dele a interpretação do artigo 142 da Constituição de 1988 que dava munição à chamada minuta do golpe. Um arquivo encontrado pela Polícia Federal no celular do tenente-coronel Mauro Cid tinha o título "Análise Ideias Ives Gandra". O texto discorria sobre a atuação das "Forças Armadas como poder moderador".

"Foi uma deturpação das minhas ideias", disse o jurista à **piauí**, sentado na sala rodeada por estantes de madeira nobre recheadas de tomos encadernados e com uma vistosa vitrine de condecorações – um típico aquário de homem do direito. Ali mesmo de onde estava, na cabeceira de uma grande mesa oval, apontou para uma prateleira e deu instruções à secretária para pegar o quinto volume de uma coleção chamada *Comentários à Constituição do Brasil*. Na página 167 do livro, que começou a ser escrito em 1988 e foi lançado em 1997, ele escreveu pela primeira vez sua interpretação do artigo 142.

Esse trecho da Constituição afirma que as Forças Armadas, além da defesa da pátria, se destinam à "garantia dos poderes constitucionais e, por iniciativa de qualquer destes, da lei e da ordem". Foi aprovado na Assembleia Constituinte de 1988, depois de debates acalorados. Partidos de esquerda argumentavam que o texto cedia à pressão dos militares que, em plena transição democrática, não queriam largar o osso de uma eventual extrapolação de suas funções. Também chamavam a atenção para o caráter vago da expressão "da lei e da ordem". Havia o receio de que, ao não explicar a frase, o artigo 142 desse aos militares uma brecha para interpretá-la por conta própria.

"Minha interpretação, há mais de três décadas, é a de que, se um poder se sentir atropelado por outro, pode solicitar às Forças Armadas que ajam como poder moderador para repor, pontualmente, a lei e a ordem. Veja, não é 'romper', é 'garantir' a lei e a ordem. Um golpe de Estado é o rompimento das instituições", disse o advogado.

O simples uso, feito pelo jurista, da expressão "poder moderador", aquele conceito político que atribuía aos imperadores o papel de árbitro supremo, e a ideia de colocar as Forças Armadas intervindo em embates entre Executivo, Legislativo e Judiciário provocam indignação nos democratas país afora. A extrema direita adora.

A partir de 2020, a ideação obsessiva de utilizar essa interpretação do 142 como verniz legal para uma intervenção militar se alastrou com muita força pela teia bolsonarista. Na famosa reunião ministerial de 22 de abril de 2020, Bolsonaro disse: "Todo mundo quer cumprir o artigo 142. E, havendo necessidade, qualquer dos Poderes pode, né? Pedir às Forças Armadas que interviessem para reestabelecer a ordem no Brasil." Nas ruas, enrolados em bandeiras do Brasil, manifestantes levavam cartazes pedindo: "Intervenção Militar Já! Artigo 142." Nas redes sociais, só se falava nele.

Em meio a esses ânimos golpistas, o professor dava entrevistas, reafirmando sua visão. Em 28 de maio de 2020, às 17h17, Bolsonaro publicou no X: "Live com Ives Gandra: a politização no STF e a aplicação pontual da 142", com um link para o vídeo intitulado *Chegou a hora do 142? Ives Gandra comenta ao vivo aplicação do artigo na Constituição*. Era uma conversa (agora indisponível na internet) entre o jurista e Oswaldo Eustáquio, bolsonarista que hoje mora na Espanha, escapulindo de um mandado de prisão preventiva no Brasil. Ives Gandra dizia que Bolsonaro poderia recorrer aos militares no caso em que o STF o impedia de nomear o então delegado Alexandre Ramagem (hoje deputado pelo PL-RJ) para o comando da Polícia Federal.

O tsunami 142 ganhou tanta força que, em junho de 2020, a Câmara dos Deputados emitiu parecer esclarecendo que o artigo não autoriza as Forças Armadas a arbitrar conflitos entre os outros poderes.

O arquivo armazenado no celular de Mauro Cid é um questionário que Ives Gandra respondeu por e-mail, a pedido do major Fabiano da Silva Carvalho. Em 27 de abril de 2017, às 19h36, o militar mandou ao professor nove questões. Nas respostas, enviadas em 3 de maio, às 18 horas, o jurista detalhou seu entendimento do 142 e ainda escreveu trechos como: "A implantação dos governos militares em 1964 foi uma imposição popular por força dos desmandos do governo Jango e do desrespeito constitucional aos princípios a que deveria obedecer."

Em novembro passado, a Polícia Federal concluiu o inquérito em que pediu a prisão preventiva e o indiciamento dos envolvidos na tentativa de golpe. O nome de Ives Gandra da Silva Martins não apareceu no relatório final. "Esse major sequer era meu aluno, mas como professor sempre respondi todas as perguntas que me enviam. E como, em 2017, antes da eleição de Bolsonaro, eu poderia prever uma ruptura?", argumenta o jurista.

Ives Gandra já escreveu livros em conjunto com seis dos onze ministros do STF e se refere a eles denotando proximidade. "Gosto muito do Gilmar Mendes", afirma. Mas o episódio do 142 azedou a sua relação com o tribunal a olhos vistos.

Em abril de 2024, o Supremo reforçou, por unanimidade, que o 142 não autoriza a intervenção dos militares nos três poderes. E, durante julgamento em maio deste ano, Alexandre de Moraes, com quem Ives Gandra também já publicou artigo em um mesmo livro, mandou-lhe uma flecha: "É sempre bom repetir: o artigo 142 não tem absolutamente nada a ver com o poder moderador e os juristas que assim escrevem não são juristas, são golpistas."

O advogado também teve dissabores na Ordem dos Advogados do Brasil de São Paulo (OAB-SP), onde tramitou uma representação, feita pela Associação Brasileira de Imprensa (ABI) e pelo Movimento Nacional de Direitos Humanos (MNDH), que o apontava como teórico do golpe e pedia a sua condenação ético-disciplinar. Ives Gandra fez sua defesa pessoalmente. Argumentou que chegou aos 90 anos de vida sem uma mácula em sua carreira.

Indignada, Angela Gandra, filha do advogado, secretária municipal de Relações Internacionais de São Paulo e ex-secretária Nacional da Família do governo Bolsonaro, reclamou em um post no X: "Meu pai, Ives Gandra, teve que defender-se mais uma vez, sustentando oralmente na OAB, contra a acusação de incitação a golpe, com 90 anos, recém-infartado, 66 anos de advocacia, por algo que escreveu em 1988. A obsessão vai anulando completamente a consecução da justiça." Carlos Nicodemos, advogado da ABI e do MNDH, disse à **piauí**: "A representação se baseia em fatos objetivos." A ação foi arquivada no mês passado e as entidades entraram com recurso no Conselho Federal da OAB.

O professor Ives Gandra gosta de repetir a frase "meu baú de ressentimentos não tem fundos", lição aprendida com São Josemaría Escrivá, fundador da prelazia católica ultraconservadora Opus Dei, que o jurista integra desde 1963. Por isso, evita responder à saraivada de críticas que recebe desde que sua interpretação do 142 por pouco não ajudou a virar a história recente do país de cabeça para baixo. "Mas, velho professor, não tenho medo de expressar minhas ideias", afirma.

Ele tem feito isso principalmente em sua conta no Instagram, hoje com 575 mil seguidores. Já gravou vídeos no escritório, na cozinha de casa e até em um quarto de UTI, vestindo uma bata hospitalar, durante uma internação por septicemia. Neles, comenta notícias, faz citações religiosas, recita sonetos dedicados a Ruth, a esposa com quem viveu por 62 anos e que perdeu em 2021 para a Covid. E repete que o 8 de janeiro não foi tentativa de golpe. "Foi uma baderna."

ines249

Os depoimentos de militares que leram minutas ao lado de Bolsonaro não o impressionam. "Como professor da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército desde 1990, conheço a mentalidade dos militares. Lecionei em um curso criado para que coronéis escolhidos para o generalato aprendam que são escravos da Constituição", diz.

Desde 11 de agosto de 2022, quando seus colegas juristas leram uma carta em defesa da democracia na Faculdade de Direito da USP, Ives Gandra assegurava que o "risco de golpe no Brasil é de zero multiplicado por zero dividido por zero. Valer dizer, nenhum". No dia 6 de março deste ano, publicou um post pedindo desculpas. "Fui alertado por um engenheiro de que essa frase que repeti à exaustão tem uma incorreção matemática", disse. "Zero dividido por zero não é zero. É infinito."

Por esse entendimento, as chances de uma intervenção militar eram, de fato, infinitas. Mas, na verdade, ainda caberia outra errata. A rigor, zero dividido por zero é uma indeterminação matemática. Agora, o STF interpreta o quão verificáveis foram as chances de um golpe de Estado no Brasil. ✪

Angélica Santa Cruz

FILME DE TRIBUNAL

O sucesso dos interrogatórios do golpe na TV Justiça

Câmeras ajustadas, *check*. Microfones testados, *check*. Mesas posicionadas, *check*. Iluminação, *check*. Ao final do dia 6 de junho, sexta-feira, o set já estava pronto para receber os atores, que só entrariam em cena dali a três dias. O set em questão era a sala de sessões da Primeira Turma do Supremo Tribunal Federal, no Anexo II do STF, em Brasília. Os atores eram os oito réus do chamado Núcleo 1 da ação penal que trata de uma tentativa de golpe de Estado em dezembro de 2022. Todos viriam acompanhados de coadjuvantes: os advogados. Ministros do STF e procuradores também desempenhariam papéis cruciais no enredo.

A TV Justiça caprichou nos preparativos. Seus profissionais sabiam do interesse que imprensa e público teriam pelos expedientes dos dias 9 e 10 de junho, estrelados pelo ex-presidente Jair Bolsonaro, por civis de seu governo e por membros das Forças Armadas. Era uma ocasião inédita na história do STF: nunca antes os réus de uma ação na Corte haviam sido ouvidos com transmissão televisiva ao vivo.

Às 14 horas do dia 9, segunda-feira, o ministro Alexandre de Moraes, relator da Ação Penal 2668, deu início à sessão com o depoimento do tenente-coronel Mauro Cid. Nas primeiras horas de interrogatório, Denilson Morales, coordenador de Gestão da TV e Rádio Justiça, estava a postos na cabine técnica, conhecida como *switcher*, de onde comandava todas as câmeras, de forma remota. Por volta das 16 horas, ainda com o depoimento de Cid em andamento, Morales orquestrou uma tomada digna de um bom filme de tribunal.

A certa altura, o procurador-geral da República, Paulo Gonet, perguntou se Cid sabia de uma suposta ordem de Bolsonaro para que as Forças Armadas permitissem a continuidade dos acampamentos na porta dos quartéis. A câmera, que focava Cid e seu advogado no centro do plano, mudou sutilmente o ângulo e passou a enquadrar também Bolsonaro, no canto direito da tela.

Morales jura que não colocou o ex-presidente em cena de forma intencional. Teria sido só um ajuste para corrigir o enquadramento de Cid, que havia se virado na direção do procurador. Até então de frente para a câmera, o ex-ajudante de ordens de Bolsonaro acabaria ficando de perfil – o que resultaria na tela no que Morales chama de "plano egípcio", para ele algo inaceitável em transmissões televisivas. "É terrível", diz. A câmera foi, por isso, reposicionada para continuar enquadrando Cid de frente – o que, de quebra, deu ao espectador a oportunidade de conferir a expressão de Bolsonaro.

Dos 170 funcionários e prestadores de serviços da TV Justiça, mais de sessenta estavam mobilizados para a cobertura dos dois dias de interrogatório. Morales posicionou duas câmeras sobre tripés, em frente à mesa dos réus, para garantir que eles permanecessem sempre em foco. "Isso nunca havia ocorrido antes", diz o coordenador da TV Justiça. Nas deliberações da Primeira Turma, as câmeras costumam estar voltadas sobretudo para os ministros.

Todo o equipamento empregado na transmissão já pertencia à TV Justiça – não foram feitas novas aquisições para o interrogatório. Além das câmeras que cobriam exclusivamente os réus, havia mais seis em operação, posicionadas nas laterais e no teto. O único cinegrafista presente na sala era o responsável pela chamada "câmera anjo", que funciona como um sistema de segurança, caso as demais fiquem inoperantes. Ela não precisou ser acionada.

Esse não foi o primeiro momento histórico coberto pela TV Justiça. Em 2012, o julgamento do escândalo do mensalão também foi transmitido ao vivo. Mas, por determinação do então ministro Joaquim Barbosa, relator do caso, a fase dos interrogatórios dos réus foi conduzida a portas fechadas, nos gabinetes dos ministros, sem câmeras. Agora, Alexandre de Moraes determinou que também essa etapa do processo fosse apresentada pela emissora. Seu receio era de que, caso os interrogatórios não fossem transmitidos, a transparência da ação penal viesse a ser colocada em dúvida.

Não são muitos os países cujas cortes supremas contam com uma emissora exclusiva. No Reino Unido, algumas sessões da Corte são transmitidas ao vivo, sempre em parceria com outras emissoras ou por streaming no Youtube – o Judiciário britânico não tem um canal estatal próprio. Nos Estados Unidos, nenhuma sessão da Suprema Corte é televisionada, mas algumas gravações em áudio são disponibilizadas depois do encerramento. No México, existe desde 2005 o Canal Judicial, atual JusticiaTV.

A TV Justiça nasceu em 2002. A lei que a criou foi sancionada em 17 de maio pelo então presidente do STF, Marco Aurélio Mello. Ele estava ocupando interinamente a Presidência da República, durante uma viagem ao exterior de Fernando Henrique Cardoso e de todos os outros nomes da linha sucessória (o vice-presidente e os presidentes do Senado e da Câmara). A nova emissora não era um projeto consensual entre os ministros da época: muitos temiam a exposição pública das discussões mais acaloradas da Corte.

Denilson Morales fez parte da equipe que inaugurou o novo canal. Em 2011, ele deixou a direção da TV Justiça para trabalhar em outras emissoras estatais. Foi chamado de volta em 2023, quando Luís Roberto Barroso assumiu a presidência do STF. Uma das metas de Barroso era ampliar a audiência da TV Justiça, que em 2022 teve os piores índices entre emissoras abertas e fechadas.

Como coordenador de gestão, Morales busca manter na emissora uma linguagem mais didática, evitando o "juridiquês". Entre as realizações de que se orgulha, está o lançamento, em agosto do ano passado, do aplicativo TV Justiça +, que traz os programas da emissora separados em diferentes playlists. "No aplicativo tem todo o acervo de sessões plenárias desde 2008", diz Morales.

A TV Justiça e a Rádio Justiça (esta última lançada em 2004) custam ao Judiciário cerca de 50 milhões ao ano. "É a mais comedida das tevês públicas federais", afirma Morales, sorrindo. Esse orçamento cobre também o Ponto Jus, uma espécie de subcanal da TV Justiça que desde 2010 divulga conteúdo educativo sobre questões legais. Procurado por quem faz concurso público para cargos no Judiciário, seus programas tornaram-se "campeões de audiência", na avaliação de Morales.

O saldo de audiência dos interrogatórios de junho passado foi positivo para a TV Justiça. Por volta de 15h30 do dia 10, durante o depoimento de Jair Bolsonaro, mais de 60 mil pessoas acompanhavam a transmissão ao vivo no YouTube. A audiência de uma sessão plenária comum não costuma passar de 2 mil pessoas.

Os dois dias de transmissão tiveram momentos engraçados, que correram as redes sociais na forma de "cortes". No primeiro dia, Matheus Milanez, advogado do general Augusto Heleno, solicitou a Alexandre de Moraes que a sessão do dia seguinte, marcada para as 9 horas, começasse mais tarde, pois estava com fome e queria ter tempo para jantar e descansar. O pedido foi negado. No dia seguinte, Moraes perguntou ao advogado se ele estava bem alimentado.

Nada supera o diálogo do segundo dia entre Bolsonaro e o ministro mais detestado pelos seguidores do ex-presidente. "Posso fazer uma brincadeira?", perguntou Bolsonaro. E em seguida convidou Moraes para ser seu vice nas eleições presidenciais do ano que vem. "Eu declino", respondeu o ministro. Resta ver se o bom humor se manterá no restante do julgamento. ✪

Pedro Tavares

PEDRA FUNDAMENTAL

Uma rocha carioca torna-se patrimônio mundial

Ela aparece nos cartões-postais mais conhecidos do Rio de Janeiro. Está sob os pés dos sambistas no Centro da cidade, sustenta as garras dos alpinistas nas escaladas urbanas, emoldura prédios históricos, ergue colunas e ornamenta fachadas. É também a matéria de que são feitos o Corcovado, o Pão de Açúcar, o Morro da Urca, a Pedra do Sal, o Arpoador. Com ela, foram construídos muitos marcos arquitetônicos da cidade: Museu da República, Palácio Capanema, Arquivo Nacional, Museu Nacional de Belas Artes, Centro Cultural Banco do Brasil, Igreja da Candelária.

Quantos cariocas conseguiriam nomear esse elemento tão presente em seus cotidianos? Não muitos, certamente. Mas os geólogos sabem: a mais carioca das rochas é o gnaisse facoidal.

Existem inúmeras rochas gnaisse pelo mundo, mas a facoidal é específica dos solos do Rio e de Niterói. A rocha surgiu há cerca de 570 milhões de anos da colisão de terras que formou o supercontinente Gondwana, cujo posterior rompimento levou à criação dos continentes africano e sul-americano. O nome "facoidal" vem de uma palavra grega que significa "lenticular", ou seja, que parece uma lentilha ou uma lente – no caso da rocha, as estruturas que a compõem, mais finas nas bordas e grossas no meio.

Essa pedra fundamental do Rio é agora reconhecida como patrimônio mundial. O título foi concedido no ano passado pela União Internacional das

ines249

Ciências Geológicas (Iugs, na sigla em inglês), órgão reconhecido pela Unesco que reúne os cientistas que estudam a Terra. Em 2022, a Iugs publicou *The first 55 Iugs heritage stones* (As primeiras 55 pedras de patrimônio), livro no qual a pedra carioquíssima passou a figurar ao lado de rochas famosas, como o mármore de Carrara italiano, o lioz português e o mármore Makrana, que emoldura o Taj Mahal, na Índia.

Não foi fácil entrar nessa lista, explica Nuria Fernández Castro, engenheira de minas e pesquisadora do Centro de Tecnologia Mineral (Cetem), que defendeu em 2024 um doutorado sobre as pedras do patrimônio da cidade do Rio de Janeiro. Foi ela que encaminhou à Iugs a proposta de incluir o gnaisse facoidal na relação das rochas mais reconhecidas do mundo.

Castro listou mais de quinhentas edificações e implementos urbanos (monumento, fonte, chafariz, quebra-mar) construídos com a rocha. Demonstrou que seu uso começou há mais de quatrocentos anos e que ela já foi exportada para a Austrália e o Reino Unido. Apontou o valor das rochas como símbolos turísticos, com os exemplos do Corcovado e do Pão de Açúcar. O gnaisse facoidal se incorporou à paisagem do Rio e afetou os hábitos culturais da população, afirmou a pesquisadora em sua argumentação.

Antes de Castro, coube à pesquisadora Kátia Leite Mansur, professora do departamento de geologia da UFRJ, estabelecer a primeira conexão entre essa rocha, as artes e o comportamento do carioca. Em 2008, ela publicou um artigo no Anuário do Instituto de Geociências da UFRJ demonstrando que o gnaisse facoidal deslumbrou os artistas que desembarcaram no Rio de Janeiro nos séculos XVIII e XIX. Foi o caso dos franceses Nicolas-Antoine Taunay, que ilustrou com tons fortes o poente nas montanhas do Rio, e de Jean-Baptiste Debret, que eternizou o Morro do Pão de Açúcar em suas gravuras.

"Fico pensando se o carioca seria o mesmo sem a existência dessa rocha", diz Kátia Mansur, logo acrescentando a resposta: "Não seria!" De fato, é difícil imaginar os cariocas desprovidos do prazer de admirar o pôr do sol no gigantesco gnaisse facoidal que avança sobre o mar no Arpoador, colocando nosso olhar onde o Sol mergulha no horizonte. Também é impossível privá-los da roda de samba da Pedra do Sal, no bairro da Saúde, onde as pessoas acompanham a festa em uma escadaria esculpida no gnaisse facoidal. "O carioca já absorveu essa rocha. Ela está no nosso sangue, só falta ter consciência de como foi utilizada e querer preservá-la", diz Mansur.

O uso da pedra foi intensificado na construção com a chegada da família real em 1808. O grande número de portugueses que se instalou no Rio junto com a corte forçou a expansão imobiliária. Não havia mármore na cidade, observa Mansur, mas havia gnaisse facoidal em abundância. Embora seja uma rocha mais difícil de lapidar, ela foi muito utilizada não apenas nas fundações dos prédios, mas também em ornamentos delicados, como na fachada do Museu de Ciências da Terra, na Urca. E tem a vantagem de ser resistente às intempéries. O aproveitamento foi tão intenso que o gnaisse facoidal acabou alcançando um significado imaterial. Não é só mais uma rocha, é também um "símbolo cultural", afirma Mansur.

O carnavalesco Joãosinho Trinta compreendeu isso. No Carnaval de 1985, quando estava montando o enredo *A Lapa de Adão e Eva* para a Beija-Flor de Nilópolis, ele se deu conta de que o Pão de Açúcar e o Corcovado eram compostos da mesma rocha. Decidiu decorar as laterais dos carros alegóricos com imagens da pedra que, acreditava ele, era tão antiga quanto os primeiros habitantes do planeta (na verdade, é bem anterior).

A intenção de eternizar essa rocha também foi manifestada pelos modernistas que participaram do projeto de construção do Palácio Capanema, inaugurado em 1943 e uma das últimas obras a utilizar o gnaisse facoidal no Rio de Janeiro. "Foi uma maneira de reforçar a identidade brasileira na arquitetura", diz Mansur.

Servindo como piso, palco, palanque e mirante, o gnaisse facoidal se infiltrou na vida da cidade. Só falta se integrar ao vocabulário popular. Castro e Mansur brincam entre si imaginando os termos técnicos da geologia se convertendo em gíria. Um carioca descolado poderia, por exemplo, ser chamado de "um cara facoidal". ✪

Teresa Garcia

CENTRAL PARK DO BRASIL

A curadora baiana de um evento musical de Nova York

O clima foi um desafio na adaptação de Priscila Santana à cidade onde se estabeleceu seis anos atrás. "Em Nova York, você abre a janela e parece que abriu a geladeira", conta ela, entre risadas. "Além disso, eu tinha uma carreira no Brasil. Tive que começar do zero profissionalmente."

Os invernos continuam rigorosos na maior metrópole americana, mas a carreira da multi-instrumentista nascida em Engenho Velho de Brotas, bairro de Salvador, na Bahia, já decolou. Ela é uma das curadoras de um dos eventos musicais mais aguardados de Nova York, o festival SummerStage, que acontece todos os anos entre junho e outubro.

Abrindo as atividades culturais do verão, o SummerStage reúne cerca de trezentos artistas de todo o mundo para oferecer em torno de setenta apresentações gratuitas em treze parques da cidade, incluindo o Central Park. Ocupar a curadoria de um festival dessa dimensão foi uma conquista, diz Santana. "O cargo tem muito prestígio e visibilidade." A brasileira de 35 anos considera um privilégio trabalhar ao lado de Erika Elliott, diretora do festival. "Ela conhece música como ninguém", diz. "É judia, mas sabe mais sobre hip-hop do que eu, que sou uma mulher negra."

Criada em um lar de recursos modestos – o pai era eletricista e a mãe, dona de casa –, Priscila Santana muito cedo compreendeu que o estudo abriria oportunidades para transformar sua realidade. "Eu tinha uma ambição positiva, queria outros lugares", conta. Caçula e única menina entre os cinco filhos da casa, já na infância ela descobriu a música. Foi aluna da Oficina de Frevos e Dobrados, projeto social liderado pelo maestro Fred Dantas no Pelourinho.

A oficina mantinha uma orquestra filarmônica de sopros e percussão, da qual Santana fez parte. O primeiro instrumento que a encantou foi a flauta transversal. Foram cinco anos sob a batuta do maestro Dantas, até ela se transferir para o projeto Pracatum, de Carlinhos Brown.

Aos 18 anos, Santana entrou, como flautista, para a orquestra sinfônica do Projeto Núcleos Estaduais de Orquestras Juvenis e Infantis da Bahia (Neojiba), mas depois trocou a flauta pelo oboé. Com essa orquestra de oitenta músicos, participou de uma turnê que passou pela Alemanha, Inglaterra e Suíça – sua primeira viagem internacional.

Convidada a dar aulas para os alunos da Neojiba, ela aceitou de pronto. Acabou assumindo a coordenadoria do primeiro núcleo orquestral. Ficou quase dez anos no projeto. Foi no início desse período que nasceu sua filha, Sofia.

Santana tinha 19 anos e não se casou com o pai da criança. Formou-se em jornalismo no Centro Universitário Jorge Amado, mas nunca exerceu a profissão. Fez um bacharelado em oboé na Universidade Federal da Bahia (UFBA), não concluído, e foi trabalhar na Paraíba, no Programa de Inclusão Através da Música e das Artes (Prima). Como diretora artística do projeto, ajudou a montar dez novas orquestras no interior do estado. E ingressou no mestrado em educação musical na Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

Nova York nunca foi um sonho para ela. Em 2012, porém, Santana começou a namorar o músico canadense Gabriel Globus-Hoenich, percussionista que passou alguns meses estudando em Salvador. Mantiveram a relação quando ele retornou aos Estados Unidos, onde morava. Casaram-se em Nova York em 2018, mas ela só se mudou para lá com a filha no ano seguinte, depois de concluir o mestrado. Seu primeiro emprego foi como professora de flauta em uma escola no Bronx.

Com o tempo, Santana construiu uma boa rede de contatos, em especial na comunidade brasileira da cidade. Foi assim que soube que a produtora cultural Paula Abreu, também brasileira, estava deixando sua curadoria no SummerStage. Santana foi conversar com Abreu e decidiu se candidatar à vaga. Após um longo processo, foi contratada no final de 2022.

O SummerStage reserva um dia para homenagear o Brasil. A programação fica aos cuidados de Priscila Santana. Em 2023, apresentaram-se Marisa Monte e Emicida. No ano passado, foram Alcione e Larissa Luz. Neste ano, quando o festival chega à sua 39ª edição, estarão presentes Iza, Ilê Aiyê e Evandro Fióti. A curadora baiana espera incluir mais brasileiros na cena musical novaiorquina. Está em busca tanto de nomes já reconhecidos quanto de artistas que estão consolidando a carreira.

Em paralelo à curadoria do festival, ela está fazendo doutorado no Teachers College, da Universidade Columbia. Estuda políticas culturais, liderança e música. Tem interesse especial pela regência, atividade que ainda é exercida por poucas mulheres. "Regi bastante quando morava em Salvador e em João Pessoa, inclusive orquestras com 150 músicos. Gosto desse poder compartilhado, mas sei que a música é um lugar que perpetua de forma exacerbada o machismo", diz.

Na agenda lotada de Santana, cabe a participação na orquestra de câmara da

ANDRÉS SANDOVAL_2025

ines249

Companhia Internacional de Ópera Brasileira, fundada pelo brasiliense João MacDowell. Ela também integra o Samba das Carolinas, grupo de sete mulheres que toca clássicos da música popular brasileira. Sua filha Sofia canta no mesmo grupo, que de vez em quando tem a colaboração da aclamada violonista Gabriele Leite. Santana coordena, ainda, o grupo Quilomba, que ela define como "um espaço de acolhimento e troca" para quase duzentas mulheres negras brasileiras que moram nos Estados Unidos.

Aos 16 anos, Sofia já mostra que herdou o talento da mãe: canta e toca trompete. Aluna de um curso preparatório da Julliard School, uma das mais importantes escolas de música dos Estados Unidos, recentemente foi selecionada pela terceira vez para se apresentar na Califórnia com a Orquestra Filarmônica Jovem de Los Angeles, sob a regência do venezuelano Gustavo Dudamel. "Ela também já se apresentou no Lincoln Center, com a Orquestra Filarmônica Jovem", conta a mãe coruja. "Sofia é o meu orgulho." ✪

Darlene Da to

PERSEGUINDO RUPTURAS

O escritor João Silvério Trevisan romanceia a próprıa vida

Em uma noite no início de maio, o escritor João Silvério Trevisan foi ao cinema assistir a *Homem com H*, a cinebiografia de Ney Matogrosso. No final da sessão, os espectadores, comovidos, se levantaram para aplaudir o filme. É improvável, no entanto, que alguém tenha deixado o cinema mais mexido que Trevisan. "Foi muito profunda a empatia que eu senti", recordou, na sala de seu apartamento no bairro República, em São Paulo. "O Ney fez uma coisa de louco. Imagina, aparecer desmunhecando no meio da ditadura! Ele anarquizou tudo que o oprimia. Eu não fui capaz de lutar desse jeito. Enfrentei de cara dura, como um Dom Quixote, mas sofri pra caralho."

Quando os Secos & Molhados ficaram conhecidos no Brasil, em 1973, Trevisan partiu para um exílio voluntário nos Estados Unidos. Não viu condições de permanecer em São Paulo depois que os militares censuraram *Orgia ou o homem que deu cria*, o único longa-metragem que dirigiu. Morou em Berkeley, o centro da contracultura na Califórnia, onde descobriu que "não poderia ser homossexual sem ser subversivo". Ao retornar para casa, três anos depois, trocou o cinema pela literatura. Ele costuma ser lembrado por *Devassos no paraíso*, o livro mais completo sobre a história da homossexualidade no Brasil, e pela criação do primeiro jornal *queer* do país, o *Lampião da esquina*.

Há uma década, Trevisan se desafiou a narrar a própria vida em uma trilogia de livros. O primeiro volume foi *Pai, pai*. Nele, Trevisan escreve sobre seu pai, um homem alcoolista e violento. O segundo, *Meu irmão, eu mesmo*, fala de sua relação com o irmão mais novo, que morreu de câncer. Ele está trabalhando agora no último volume, *Antropofágico amor*, em que pretende contar os anos da juventude que dedicou à militância política e a uma paixão que nunca foi capaz de superar. "Como pudemos ser tão livres em um período tão brabo da história?", ele se perguntou, olhando para o teto e pensando no próprio passado, mas também no de Ney Matogrosso.

A mesa do escritório em que Trevisan trabalha corresponde ao velho estereótipo do caos criativo: há uma papelada, livros e fragmentos de jornais espalhados numa desordem que só o escritor entende. Um pacote com diários que ele começou a escrever durante o exílio na Califórnia tem recebido atenção especial nos últimos meses. "Eu já escrevi mais de trezentas páginas do novo romance, mas tive que parar e retornar aos diários da minha juventude. Estou tentando elaborar o coração do livro, que é a história da ruptura."

Assim que retornou ao Brasil em 1976, Trevisan foi passar um tempo em Salvador. Vivia tendo embates com intelectuais da esquerda baiana que, segundo ele, eram avessos às "políticas menores" (o que hoje é chamado de "políticas identitárias"): feminismo, combate ao racismo, direitos *queer*. "Para aqueles caras, só a luta de classes importava. Achavam que homossexualidade era vício burguês."

Certa noite, ele entrou numa briga com um figurão da esquerda ortodoxa em uma festa. Quase todos os convidados ficaram contra Trevisan, exceto um barbudo que fez coro aos seus argumentos. "Eu fiquei absolutamente apaixonado. Uma pessoa com a mesma linguagem que eu! Com quem eu poderia dialogar. *Dialogar!*" Os dois fizeram sexo no banheiro da festa. "Foi uma transa pavorosa, mas consagrou o nosso amor."

Trevisan e o barbudo foram morar juntos em São Paulo. Em 1978, criaram o Somos, primeiro grupo político LGBT do Brasil. A vida parecia caminhar para um lugar melhor. Mas o Somos rachou de um lado, ficaram aqueles que defendiam a integração ao Partido dos Trabalhadores. Era a posição do namorado de Trevisan. Do outro, os que consideravam inegociável a autonomia do movimento. Era a convicção de Trevisan.

O namoro não se sustentou. O barbudo conheceu outro homem e se mudou para o Canadá. Trevisan ficou em São Paulo, tentando compreender o significado do fim daquele amor. Buscou o conselho de um padre com quem teve aula no seminário de Aparecida, quando criança. "Das pessoas que conheci, ele era o que mais se aproximava de um santo. Falei do que tinha acontecido, do amor, da ruptura, e ele me disse: 'João, você acaba de descobrir o mistério.' Ele não se referia ao mistério espiritual, mas ao mistério da vida."

A conversa com o padre deixou Trevisan "perturbado", mas surtiu efeito criativo. Ele se mudou para Recife e preparou

um novo romance, *Em nome do desejo*. Pelos próximos cinquenta anos, foi um escritor ativíssimo. Recebeu três vezes o Prêmio Jabuti. Mas nunca conseguiu deixar de refletir sobre as alegrias e dores da década de 1970. Era nisso que pensava no último dia 23 de junho, data do seu aniversário de 81 anos.

Sentado num sofá laranja, com as mãos apoiadas no colo, Trevisan lamentou o pouco retorno financeiro que a literatura oferece. Ele dá oficinas literárias e palestras, pois o dinheiro da venda dos livros é pífio. "Nunca fui premiado com um prêmio decente, que me permitisse sobreviver e escrever a minha obra. O Prêmio Jabuti dado ao meu romance *Ana em Veneza* me rendeu 350 reais. Se me chamam para participar de uma mesa com um jovem homossexual e uma jovem trans, eu recebo a mesma proposta financeira que eles. E ai de mim se fizer qualquer reivindicação. Cancelam o convite."

Ele se alegra pelo interesse das novas gerações em seu *Devassos no paraíso*. Quando a primeira edição foi publicada, em 1986, a academia não viu rigor histórico na obra. "Antes, a fronteira era mais demarcada entre o saber produzido na universidade e o produzido por movimentos sociais, jornalistas, ou por pessoas que viveram certas experiências. O João é um pouco de tudo isso", diz Renan Quinalha, pesquisador do movimento LGBTQIA+ e professor de direito da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp). "Os acadêmicos de hoje reconhecem o valor dele."

O escritor Caetano Romão, 28 anos, publicou em maio *Escrevo seu nome no arroz*, seu primeiro romance, e convidou Trevisan para o lançamento em São Paulo. "Eu penso bastante no meu envelhecimento como sujeito gay", diz Romão. "Nós temos poucos referenciais de homossexuais que envelheceram. Muitos ficaram no armário, outros morreram na epidemia de Aids. Quando eu olho o João, vejo um grande escritor, mas vejo também a chance de envelhecer de maneira bela e elegante." ✪

Thallys Braga

LIBERTAÇÃO PELA IA

Um pioneiro na criação de clipes com inteligência artificial

O cantor e compositor Rogério Skylab entra em um banheiro sombrio. Lá, um gorila descomunal o atinge na cabeça com um taco de basebol. Ao se levantar, o artista tenta se lavar, mas a torneira está sem água. Skylab, então, se liquefaz e reaparece caminhando na tubulação do esgoto. Adiante, depois de ser preso, inunda a cidade ao vomitar um rio de sangue, cruza um front de guerra e um campo de petróleo. Ao fim, um gorila se transmuta no próprio Skylab.

As cenas fazem parte do videoclipe da música *Mictório*, de Skylab, criado com ferramentas generativas de inteligência artificial. Lançado em 24 de fevereiro deste ano, o clipe é assinado pelo diretor audiovisual curitibano Arnaldo Belotto. As imagens foram geradas, animadas e editadas em apenas dois dias.

Belotto é um pioneiro na criação de clipes feitos integralmente com IA. O primeiro foi o vídeo da música *Adormecerá*, do paulista Digo e o Mundo Gigante, lançado em 19 de março de 2024. Para se ter uma ideia do seu vanguardismo, só treze dias mais tarde a empresa de inteligência artificial OpenAI levou ao ar seu primeiro clipe feito com IA, para a música *Worldweight*, da americana August Kamp.

Depois disso, o diretor criou outros vídeos para artistas de gêneros variados, do sertanejo Kadu Morais à banda de reggae Maskavo, até chegar em Lobão, para quem fez um clipe da canção *Vida louca vida*. Com o portfólio robustecido, Belotto procurou Skylab, com quem já havia trabalhado em 2018, sugerindo um clipe feito com a ajuda da IA.

Skylab, que tem os pés no experimentalismo, topou na hora. E para uma trilogia. Além de *Mictório*, Belotto criou clipes para *Você vai continuar fazendo música?* e *Skylab's wake*. "Como artista independente, eu nunca poderia produzir um videoclipe convencional com aquela potência das imagens geradas pela inteligência artificial", diz Skylab. "Eu falei para o Arnaldo: 'Pode ir se preparando, porque tu vai ter muito trabalho pela frente. É um caminho irreversível.'"

Skylab foi profético. Sua trilogia, lançada entre fevereiro e março deste ano, trouxe ainda mais visibilidade ao trabalho de Arnaldo Belotto. Enquanto trabalhava com IA para a publicidade, o diretor enviou seu portfólio a Sérgio Britto, dos Titãs. Os integrantes da banda ficaram entusiasmados com o que viram, principalmente com a atmosfera de *Mictório*. Consideraram que a IA poderia render um bom clipe para *São Paulo I*, música composta a partir de um poema de Haroldo de Campos.

Ao definir o conceito do vídeo, o titã Branco Mello sugeriu como referência o filme *Metrópolis*, de Fritz Lang. A partir daí, Belotto criou cenas com engrenagens

ines249

gigantescas e multidões passando por lugares que remetem a São Paulo, em preto e branco. O diretor inseriu no clipe não só Mello, Britto e Tony Bellotto (que não tem parentesco com Arnaldo), mas também Haroldo de Campos. O vídeo foi lançado em 25 de abril deste ano. À **piauí**, Branco Mello diz que um dos pontos surpreendentes foi "a oportunidade de criar cenas improváveis no mundo real e vê-las se materializando no vídeo".

Belotto chegava, enfim, em uma banda do *mainstream*. Desde então, ele já fechou trabalhos para outros artistas e também produtores, como Rick Bonadio, do estúdio Midas Music, que hoje cuida dos Titãs e de Kell Smith, entre outros.

Filho de um bancário e de uma dona de banca de jornal, Arnaldo Belotto cresceu em uma chácara na Região Metropolitana de Curitiba. Na infância, era um aficionado de revistas em quadrinhos. Depois, aproximou-se do cinema, conduzido pelo avô, Victório Belotto, um militar reformado que passava as tardes assistindo a filmes de faroeste e de ação. Aos 16 anos, Belotto foi emancipado, para poder abrir uma videolocadora em sociedade com a irmã, então com 14 anos. Chegou a cursar veterinária e publicidade, mas abandonou ambos para fazer um curso técnico de cinema.

Com o diploma, tornou-se sócio de uma produtora, a Destilaria, na qual fez videoclipes para Charme Chulo, Nuvens e Skylab, entre outros. Em 2009, lançou seu único longa-metragem até agora, *Eva*. Em 2013, como a grana estava curta, Belotto decidiu fotografar casamentos. Cinco anos mais tarde, com amigos, fundou um bar em Curitiba, o Soy Latino. O empreendimento deslanchou, mas começou a enfrentar dificuldades durante a pandemia e fechou as portas em fevereiro de 2024.

No período do bar, Belotto começou a estudar IA de forma autodidata. Quando a casa fechou, ele já dominava as principais ferramentas da nova tecnologia. Assim, abordou Digo, se oferecendo para fazer um videoclipe por 300 reais. E não parou mais. Seus clientes vão do reggae (Delta 2 e Jôh Ras) ao metal (Satanic Empire). Hoje, cada clipe não sai por menos de 4 mil — uma pechincha, se comparado aos orçamentos tradicionais.

ANDRÉS SANDOVAL, 2025

Aos 42 anos, Belotto usa barba cerrada e fala rapidamente, como se quisesse dar vazão de uma vez ao que pensa. Veste sempre camisa estampada e chapéu. Pelas ferramentas digitais que utiliza, paga um total de 800 reais por mês. No início, criava em seu celular, mas hoje usa um tablet.

Ele dá de ombros à discussão se o que faz é arte. Define-se como um criador, que se vale de ferramentas que considera democráticas para se expressar. "Não foi um botão que eu apertei e saíram as imagens", afirma. Os comandos transmitidos às ferramentas incluem detalhes como o tipo da câmera e do filme que a IA imitará e referências de iluminação. "Eu consegui produzir uma obra que, para mim, é relevante esteticamente, e fiz com o celular. Então qualquer pessoa pode entrar no mercado audiovisual. O que mais importa são as referências e a forma de se expressar dessa pessoa." Belotto considera que a IA o reconduziu ao universo criativo. "É uma libertação."

Skylab diz que o impulso dado à arte pela IA é imenso. Para aprofundar o debate, faz uma analogia com os conceitos de léxico (os vocábulos) e sintaxe (organização das palavras na frase). "Temos o léxico, que é a imagem fornecida pela IA conforme você quer. Mas a montagem do clipe é uma coisa absolutamente autoral: é a sintaxe", diz. "A singularidade, a força e a autoria do vídeo estão na montagem." Branco Mello sintetiza a questão aludindo a um verso de A *melhor forma*, uma canção dos Titãs: *As ideias estão no chão, você tropeça e acha a solução!* ✪

Felippe Aníbal

PASSOS GUERREIROS

O grupo de frevo que encantou o Festival de Cannes

Foi tudo às pressas. Lucélia Albuquerque, de 43 anos, recebeu o convite poucos dias antes da viagem e precisou correr para tirar seu primeiro passaporte. O grupo de frevo Guerreiros do Passo, que ela ajudou a criar em 2005, iria apresentar sua dança no tapete vermelho do Festival de Cannes, acompanhando a equipe do filme O *agente secreto*, de Kleber Mendonça Filho.

Dançarina, atriz e professora, Albuquerque fundou o grupo com seu marido, Eduardo Araújo, de 50 anos, e Valdemiro Neto, de 54 anos. O objetivo dos Guerreiros do Passo é preservar e reinventar o frevo de rua, sem os clichês turísticos.

Seus integrantes recuperam passos esquecidos e exploram o equilíbrio, o impulso e a agilidade. Nas apresentações, usam guarda-chuvas comuns, e não sombrinhas coloridas, e se vestem de preto, branco e bege, em vez de recorrerem à profusão de cores das fantasias usuais. Na visão de Araújo, o nome do grupo é já um manifesto: guerreiros são aqueles que permanecem com o frevo o ano inteiro, e não apenas durante o Carnaval.

Lucélia Albuquerque conta que, ainda criança, já se desvencilhava dos braços da mãe para entrar nas rodas de frevo. Aos 14 anos, foi matriculada em um curso de dança no Recife, distante 4 km de sua casa em Olinda. Ela ia e voltava a pé. Mais tarde, tornou-se aluna de Nascimento do Passo na Escola de Frevo do Recife.

Negro, pobre e autodidata, Nascimento do Passo foi o dançarino que transformou o frevo em método sem podar sua essência. Chegou ainda jovem a Pernambuco, vindo do Amazonas, e aprendeu a dança observando as festas nas ruas. Mais que passista, foi um pensador do frevo: criou uma escola, estabeleceu níveis de aprendizado, nomeou passos, estruturou uma técnica que respeitava o improviso. Morreu em 2009, aos 72 anos.

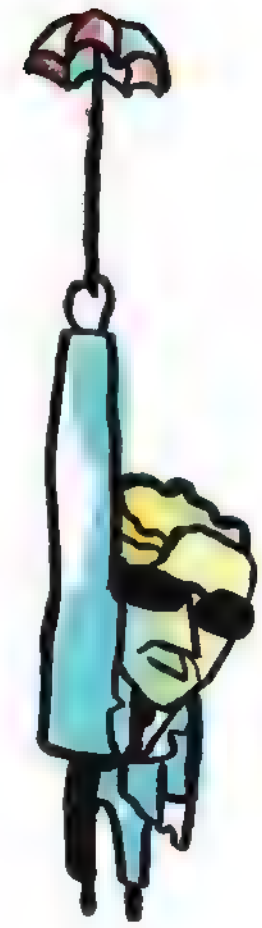
Durante as comemorações do centenário do frevo, em 2007, Albuquerque criou para as apresentações do seu grupo a personagem Dona Lucélia, a fim de reconstituir os caminhos dessa dança na perspectiva da mulher – personagem sempre secundária nos registros históricos. "As mulheres estavam ali, mas não eram retratadas como protagonistas do frevo. Estavam sempre nos cantos das fotos. Dona Lucélia vem para dizer: nós sempre estivemos aqui", diz a professora.

Albuquerque construiu a personagem a partir de relatos e memórias de mulheres que entrevistou. A dança de Dona Lucélia escapa às coreografias cristalizadas, incorporando gestos, objetos e aromas que costumam estar à margem nas apresentações atuais, como o lenço na cabeça, a bolsa no braço e — detalhe que virou sua característica — o pote com o talco que ela lança ao ar, reativando memórias sensoriais de quem assiste.

Além de apresentações nas ruas e em palcos, os Guerreiros do Passo promovem ações de formação e difusão da dança, como o Frevo na Praça, com aulas gratuitas, oficinas de montagem e conserto de sombrinhas; a aula-espetáculo O Frevo; e o Laboratório do Passo, que pesquisa e resgata passos tradicionais do frevo que foram esquecidos ou são pouco conhecidos.

Foi esse trabalho de afirmação de uma cultura das ruas que desembarcou em Cannes, na estreia do filme dirigido pelo recifense Kleber Mendonça Filho.

Filho de um apaixonado pelo frevo, o cineasta cresceu entre os carnavais de Olinda e os discos em sua casa. Em 2022, com a produtora Emilie Lesclaux, sua mulher, ele passou a acompanhar as apresentações dos Guerreiros do Passo. No ano seguinte, registrou uma apresentação do grupo no Recife, para uma cena do documentário *Retratos fantasmas*. "Foi uma das filmagens que mais me deu satisfação", diz ele.



Para Mendonça Filho, nos Guerreiros do Passo, a energia do corpo em movimento, a tensão nos gestos e a pungência política da dança expressam um frevo suado, intenso e por vezes agressivo, distante da versão publicitária que hoje predomina. No frevo do grupo, ele descobriu uma mistura de disciplina e anarquia, humor e raiva. "Eles devolvem ao frevo a dimensão grave, política, que sempre existiu."

Nove dançarinos do grupo sacudiram o Festival de Cannes: o trio fundador (Lucélia Albuquerque, Eduardo Araújo e Valdemiro Neto), além de William Araújo, Edson Vogue, Walter José, Carlos Luiz, Jamerson Júnior e Laércio Olímpio — todos embalados por cinco músicos da Orquestra Popular do Recife. A viagem deles à França foi custeada pela Agência Brasileira de Promoção Internacional do Turismo (Embratur), a Empresa de Turismo de Pernambuco (Empetur) e a Vitrine Filmes, produtora e distribuidora cinematográfica.

O animado cortejo de dançarinos acompanhou o cineasta e o elenco de O *agente secreto* do hotel Majestic até o Palácio dos Festivais, trajeto que os artistas costumam percorrer de carro. Sem aviso prévio, diante de câmeras do mundo inteiro, os dançarinos, de guarda-chuvas em punho, espalharam a energia e a alegria do frevo pelas ruas de Cannes. "O frevo começou na calçada e dançou até o cinema", conta Mendonça Filho. No festival francês, O *agente secreto* ganhou os prêmios de melhor direção e melhor intérprete masculino, dado a Wagner Moura.

Para surpresa da produção do filme, a organização do festival aceitou de pronto a ideia de um Carnaval pernambucano em Cannes. Houve apenas uma única exigência: nada de talco no tapete vermelho. Dona Lucélia, claro, concordou ✪

Maria Júlia Vieira

ines249

FESTIVAL

piauí

DE JORNALISMO

6 e 7 de setembro

Cinemateca Brasileira

São Paulo

RESERVE A DATA

OS CONTRA-HISTORIADORES

Repórteres que bagunçam os mitos nacionais

realização piauí

patrocínio YouTube

apoio. cinemateca brasileira

sociedade amigos da cinemateca
organização social

OPEN SOCIETY FOUNDATIONS

PULSO HOTEL

ines249

A REPÚBLICA DO TIGRINHO

No balaio das casas de aposta cabem políticos, juízes, artistas e bicheiros

ALESSANDRA MEDINA E JOÃO BATISTA JR

Bolsa de relações: na coluna da esq. (de cima para

São raras as vezes em que uma CPI é criada no Congresso Nacional sob um clima de tamanha expectativa. Na terça-feira, dia 12 de novembro de 2024, a CPI das Bets saiu do papel com a promessa de estremecer as bases da jogatina online. Nas palavras inscritas na sua certidão de nascimento, a comissão vinha para "investigar a crescente influência dos jogos virtuais de apostas online no orçamento das famílias brasileiras, além da possível associação com organizações criminosas envolvidas em práticas de lavagem de dinheiro, bem como o papel de influenciadores digitais na promoção e divulgação das atividades". Era uma missão gigantesca considerando que o universo do jogo online, entre casas de apostas legais e ilegais, movimenta quantias fabulosas de bilhões e bilhões de reais por mês.

Os trabalhos da CPI começaram em ritmo industrial. Já na segunda reunião, realizada em 19 de novembro, os senadores convocaram 57 pessoas para depor e convidaram mais de 70 para prestar esclarecimentos, incluindo es pecialistas do mundo das finanças, das leis e da saúde mental. Também aprovaram 37 pedidos de Relatórios de Inteligência Financeira, os temidos RIFs, que reúnem transações bancárias suspeitas de uma pessoa ou uma empresa Nesta primeira leva, a CPI pediu RIFs das principais casas de aposta, incluindo gigantes como a Esportes da Sorte, cujo dono é herdeiro de um império do jogo do bicho em Pernambuco, e convocou para depor investidores do ramo, como Fernando Oliveira Lima, da One Internet Group (OIG), conhecido como Fernandin OIG. Tudo indicava que a CPI jogaria pesado.

Na terceira reunião, outra leva de pedidos: 24 convites, 1 RIF e 1 convocação, a do cantor sertanejo Gusttavo Lima, que foi alvo de um pedido de prisão, depois revogado, no âmbito de uma investigação sobre lavagem de dinheiro da Esportes da Sorte. Na quarta sessão, em 3 de dezembro, o fôlego aumentou: 17 RIFs, 6 convites, 3 convocações, mas alguma coisa começou a mudar. Os pedidos, que antes eram imediatamente ratificados, começa ram a não ser sequer apreciados. Na quinta sessão, uma semana depois, a mudança se consolidou. houve 99 pedidos de RIFs e nenhum foi analisado Em 17 de dezembro, na sexta reunião, a CPI já parecia ter adotado outro rumo, tal a paralisia que tomava conta dos trabalhos.

No dia 12 de junho passado, depois de sete meses de existência, a CPI colocou em votação o seu relatório final e tudo terminou como se nem tivesse começado. Pela primeira vez na última década, o relatório final de uma CPI foi rejeitado no Senado. Quatro senadores votaram contra São eles: Angelo Coronel (PSD-BA), Efraim Filho (União-PB), Professora Dorinha Seabra (União-TO) e Eduardo Gomes (PL-TO), ex-líder do governo de Jair Bolsonaro Três votaram a favor Eduardo Girão (Novo-CE), Alessandro Vieira (MDB-SE) e a relatora Soraya Thronicke (Podemos-MS).

ines249

baixo), o ministro do STF Kassio Nunes Marques, Fernando Oliveira Lima e o senador Ciro Nogueira; na coluna da dir. (de cima para baixo), Gusttavo Lima, Ernildo Junior e Antonio Rueda

O relatório de Thronicke apresentava dezenove projetos de lei para conter os danos provocados pelas apostas virtuais. Entre eles, havia um projeto que proibia jogos semelhantes a caça-níqueis, incluindo o *Fortune Tiger*, que ficou famoso como o *Jogo do Tigrinho* e tornou-se símbolo tanto da febre dos jogos quanto dos seus malefícios. Outro projeto proibia apostas de quem está no CadÚnico, o cadastro do governo que identifica famílias de baixa renda, para evitar que parte do dinheiro pago a inscritos em programas sociais fosse para o ralo da jogatina. (Um estudo do Banco Central revelou que, apenas em agosto do ano passado, 5 milhões de beneficiários do Bolsa Família gastaram 3 bilhões de reais em apostas via Pix.)

O relatório rejeitado pedia ainda o indiciamento de dezesseis pessoas. Entre elas, estava Fernandin OIG, por suspeita de lavagem de dinheiro e associação criminosa. Estavam também figuras conhecidas do mundo digital, como Virginia Fonseca, a influenciadora cujo contrato com a Esportes da Sorte previa o chamado "cachê da desgraça alheia". Pelos termos dessa cláusula, a influenciadora recebia 30% de tudo o que os apostadores perdiam no jogo. Outro nome na lista era a influenciadora Deolane Bezerra, que foi acusada de lavar dinheiro para as *bets*. Convocada duas vezes pela CPI, Bezerra obteve no Supremo Tribunal Federal (STF) o direito de não dar as caras.

Encerrada sem relatório final, a CPI nada fez sobre a "crescente influência dos jogos virtuais no orçamento das famílias brasileiras", sobre "organizações criminosas" ou sobre o papel dos "influenciadores digitais na promoção e divulgação" da jogatina. No entanto, entre o começo tão promissor e o fim tão melancólico, a CPI deixou entrever uma aliança poderosa dos donos da jogatina online com certos políticos, certos juízes, certos artistas e certos bicheiros. Nem todos atuando à luz do dia.

No início da tarde de sexta-feira, 22 de novembro, enquanto almoçava com amigos em Brasília, a senadora Soraya Thronicke recebeu um telefonema perturbador. O presidente da CPI, Doutor Hiran (PP-RR), queria lhe dar um recado. De início, a senadora achou que era coisa amistosa. Afinal, Hiran, especializado em oftalmologia, além de seu amigo, foi também seu cirurgião quando ela teve um distúrbio nos olhos. Dada a confiança que tinha nele, a senadora se empenhara para que Doutor Hiran emplacasse como presidente da CPI. Queria um aliado no cargo. Mas, naquela tarde, algo estranho aconteceu.

Doutor Hiran avisou que seria impossível ouvir o empresário Fernandin OIG na CPI, porque ninguém conseguia encontrá-lo para que fosse notificado de sua convocação. Já se sabia que o empresário é dono da 7Games bet, a quinta casa de apostas online mais popular do Brasil, com 120 milhões de acessos mensais e um enorme cardápio de jogos, cerca de 5 mil. O que estava e ainda está obscuro é a suspeita de

ines249

que Fernandin OIG tenha recorrido a operações ilícitas para abrir as portas ao *Tigrinho* no país, jogo que hoje é oferecido por quase todas as casas de aposta. A sede da PG Soft, a dona do *Tigrinho*, fica no paraíso fiscal de Malta.

Depois de ouvir o recado de Hiran, Thronicke lamentou o sumiço do empresário, mas não era a primeira vez que levava bolo dele. Quando presidia a Comissão de Ciência e Tecnologia do Senado, a senadora também tentou – sem sucesso – convocá-lo para uma audiência pública. Thronicke encerrou o telefonema e, quando comentou o caso no almoço, uma amiga a interrompeu. Disse que, ao contrário do que informara Doutor Hiran, Fernandin OIG estava em local certo e sabido. Havia estacionado seu jato Gulfstream no Aeroporto de Brasília e, naquele momento, almoçava com o ministro Kassio Nunes Marques, do STF.

A senadora arregaçou as mangas. Ligou para o chefe da polícia do Senado, Alessandro Morales Martins. Disse que precisava notificar Fernandin OIG e havia a informação de que o empresário estava em Brasília. O policial confirmou que o jato do empresário estava na capital e acionou a Polícia Federal, a força autorizada a entrar nos aeroportos. Às 20h15, o chefe da polícia ligou para a senadora e informou que o trabalho estava concluído. Fernandin OIG havia sido notificado de sua convocação no próprio aeroporto. Ficou a impressão de que Doutor Hiran estava tentando evitar a presença do empresário na CPI. Em conversa com a **piauí**, ele se justificou. "Eu fui informado que ele não estaria [*localizável*]." Mas quem lhe deu a informação errada? O senador não disse.

Na véspera do seu depoimento, Fernandin OIG pediu um *habeas corpus* no Supremo para não comparecer à CPI. A ministra Cármen Lúcia mandou que depusesse, mas lhe concedeu o direito de manter-se em silêncio. No dia seguinte, acompanhado de seu advogado, o criminalista João Paulo Boaventura, o empresário depôs durante uma hora e meia. Não recorreu ao direito de ficar calado. Negou ser dono ou sócio do *Tigrinho* e disse que o verdadeiro problema das apostas online são os sites piratas. Não soube informar com precisão o faturamento de sua casa de aposta – que, além da 7Games.bet, opera a R7 bet e a Betão bet –, e estimou o valor anual em cerca de 200 milhões de reais.

O depoimento acabou com dúvidas e imprecisões, mas seu comportamento na CPI chamou mais atenção do que as informações. Enquanto falava, Fernandin OIG olhava constantemente na direção de Ciro Nogueira, o senador do Piauí que preside o Progressistas (PP) e estava sentado na primeira fila. A certa altura, a senadora Thronicke reclamou da dificuldade de notificar o empresário. "A gente não consegue intimá-lo. Não sei por que o senhor é tão difícil. É mais fácil encontrar o papa", ironizou. Ciro Nogueira interrompeu e disse que não era verdade. Deu-se o seguinte diálogo:

– O senhor está dizendo que eu estou mentindo? – quis saber a senadora.

– Estou dizendo que não é verdade que seja difícil encontrá-lo – respondeu Nogueira.

– Para mim, é. Para o senhor deve ser fácil – cortou a senadora.

De fato. Na noite de 22 de maio passado, por exemplo, Ciro Nogueira embarcou no Gulfstream de Fernandin para assistir à corrida de Fórmula 1 em Mônaco, conforme revelou reportagem publicada no site da **piauí**. Não há nada de errado na amizade de um parlamentar com um empresário, mas, como o senador integra uma CPI que investiga esse mesmo empresário, a revelação da viagem – realizada enquanto a CPI ainda funcionava – agitou as redes sociais, que pediram uma explicação de Ciro Nogueira. Ele nunca falou publicamente sobre o assunto. Na CPI, no entanto, não escondeu seus laços com o empresário. "Conheço ele há muito tempo", disse. Na mesma sessão, prometeu levá-lo para depor novamente, se fosse necessário. "Me comprometo aqui com a CPI caso decidamos trazê-lo de volta."

Fernandin depôs na condição de testemunha. Logo depois, a CPI recebeu documentos que levantaram novas suspeitas sobre seus negócios. O empresário, então, foi convocado para depor novamente, desta vez na condição de investigado. Apesar das garantias oferecidas por Ciro Nogueira, ele nunca mais voltou à CPI.

Assim que os novos documentos chegaram, uma operação abafa ganhou fôlego. Alguns parlamentares assumiram a trincheira em defesa das empresas de aposta. "Os senadores cancelaram sessões, além de não comparecerem para não dar quórum", diz o senador Eduardo Girão, que entrou na CPI depois da desistência de seu colega Marcos Rogério (PL-RO). "Dezenas de requerimentos nem foram examinados. Daí o Marcos Rogério jogou a toalha e eu entrei no lugar dele." Girão conta que Doutor Hiran, o presidente da CPI, falava às claras que não iria colocar os requerimentos para votação. Hiran nega. "Muitos requerimentos eram control c [*copiar*], control v [*colar*], não tinham subsídios técnicos", diz. "Eu chamei a atenção para que fossem individualizados. Conduzi a coisa com parcimônia, respeitando todos."

Na prática, deu-se um movimento de sabotagem. Um senador fazia o papel de defensor de um suspeito, outro senador operava para que o suspeito não fosse localizado, e outros boicotavam as sessões e as pautas. Diante disso, a senadora Thronicke começou a pedir informações aos órgãos oficiais a partir do seu gabinete, e não mais nas reuniões da CPI. Assim, garantia que os dados ficassem restritos ao grupo de sua confiança. Advogados começaram a ficar tensos com a falta de informação e um clima de pânico se espalhou entre alguns investigados. Fazia sentido.

Quando a CPI recebeu alguns RIFs, as novas suspeitas apareceram na forma de conexões financeiras antes desconhecidas. As transações bancárias de Fernandin, por exemplo, ajudavam a explicar o nervosismo dos advogados e as razões pelas quais o senador Ciro Nogueira não levou seu amigo de volta à CPI. Por receio das ameaças que vinha recebendo, a senadora Thronicke não incluiu os dados oficiais dos RIFs no relatório final. Mas a **piauí** teve acesso ao seu conteúdo. E, em meio à papelada, há uma coleção de informações que sugerem relações suspeitas.

O RIF de Fernandin mostra que seu patrimônio evoluiu enormemente entre 2022 e 2023: passou de 36 milhões para 143 milhões de reais, um crescimento de 300%. É possível ganhar tanto dinheiro em tão pouco tempo dentro da legalidade, como acontece, por exemplo, com quem acerta na loteria ou recebe uma herança polpuda. Os autores do relatório financeiro, no entanto, não encontraram uma explicação plausível para a fortuna de Fernandin. O documento que encerrou a CPI afirma que a fortuna do empresário contém "indícios de incompatibilidade patrimonial e ausência de comprovação da origem lícita dos recursos".

Uma operação chamou a atenção. Em 2022, Fernandin comprou um apartamento por 500 mil reais no bairro São Cristóvão, em Teresina. Pouco depois, decidiu comprar mais dois apartamentos no mesmo prédio, por 525 mil cada um. O que despertou a atenção nessas transações é que um dos sócios da incorporadora do edifício em São Cristóvão chama-se Ciro Nogueira Agropecuária e Imóveis, que pertence ao senador. "Nunca ouvi falar dessa compra!", exclama Ciro Nogueira. "Não tenho nada a ver com isso." O senador explica que sua família é dona da empresa, da qual ele é também sócio, mas quem administra é seu irmão. Fernandin não mora em nenhum dos três imóveis, mas numa cobertura no bairro Horto Florestal, um dos mais ricos de Teresina.

Há outras curiosidades imobiliárias. No ano passado, Fernandin comprou uma sala comercial de quase 500 m² em Alphaville, nos arredores de São Paulo, por 3,7 milhões de reais. O curioso é que o valor venal atribuído ao imóvel era de apenas 450 mil reais. Ao constatar tamanha diferença, o cartório de Barueri, onde fica Alphaville, comuni-

ines249

cou a operação atípica ao Coaf, o órgão do Ministério da Fazenda que combate a lavagem de dinheiro. A **piauí** teve acesso à matrícula do imóvel e descobriu outra curiosidade. Três meses depois da compra por 3,7 milhões, a sala foi transferida à OIG Capital, de propriedade do próprio Fernandin, por nada menos que 7 milhões de reais. A valorização, de 88% em três meses, fortalece a suspeita de que a transação é parte de uma operação de lavagem de dinheiro.

Também apareceram incompatibilidades nas contas de Erlan Lima Oliveira, primo de Fernandin e sócio da OIG Gaming Brazil, que faleceu recentemente. Entre 1º e 19 de julho do ano passado, o primo recebeu 200 mil reais, que foram integralmente transferidos para terceiros no mesmo período – e de forma fracionada. É outra movimentação atípica. Além disso, o primo mantinha investimentos superiores a 1 milhão de reais na corretora XP, mas só começou a declarar Imposto de Renda em 2023, além de ter recebido o auxílio emergencial, o benefício criado pelo governo para ajudar grupos vulneráveis na pandemia. Entre 2022 e 2023, o patrimônio do primo desabrochou: saltou de irrisórios 162 reais para 1,8 milhão.

Outro RIF, ao qual a **piauí** também teve acesso, mostra que, entre dezembro de 2023 e setembro do ano passado, Fernandin remeteu 625 mil reais para Victor Linhares de Paiva, ex-assessor do senador Ciro Nogueira. O relatório informa que nesse mesmo período o ex-assessor transferiu mais de 30 mil reais para a conta do próprio senador. Ciro Nogueira disse à **piauí** que o valor corresponde ao reembolso de uma reserva de um hotel em Capri, na Itália. "Eu desisti da viagem e transferi para Victor a reserva que já estava paga, e ele me ressarciu, depositou na minha conta." (Consultado pela **piauí**, o hotel, Quisisana, disse que não fornece informações sobre clientes.) Ciro Nogueira também disse que perguntou ao ex-assessor por que recebeu 625 mil do empresário. "Ele me disse que foi um relógio que vendeu para Fernandin. Eu ainda disse: 'Relógio caro esse!' E ele me disse que era um Richard Mille e que estava tudo no Imposto de Renda dele e do Fernandin."

Naquele período de dezembro de 2023 a setembro do ano passado, Victor de Paiva recebeu créditos que somaram 2,8 milhões de reais em sua conta, já incluídos os 625 mil de Fernandin. Segundo os documentos, ele transferiu ou fez pagamentos que totalizaram 3 milhões de reais, valor superior aos créditos que recebeu. Em 2020, Paiva, então com 34 anos, concorreu a vereador em Teresina pelo Progressistas (PP), o partido de Ciro Nogueira. Com 3 426 votos, virou suplente. Hoje é secretário de Articulação Institucional do prefeito de Teresina, Silvio Mendes (União).

Depois de depor na CPI, Fernandin tentou uma aproximação com a senadora Thronicke e pediu ajuda para um assessor de Ciro Nogueira. Recorreu a Victor Luiz de Oliveira Freitas, que exerce o cargo de "assistente parlamentar pleno" no gabinete do senador. Os dois, empresário e assessor, visitaram o lobista Silvio de Assis, cujo currículo inclui investigação e prisão por corrupção, lavagem de dinheiro e venda ilegal de registros sindicais. A dupla pediu ao lobista, que vive há mais de 25 anos em Brasília, para marcar um encontro com Thronicke. Assis não topou a empreitada.

Os dois recorreram então à deputada federal Renata Abreu, presidente do Podemos, o partido de Thronicke. Apresentaram o mesmo pleito. Abreu telefonou para a senadora, que, em razão de seu cargo de relatora da CPI, disse que não receberia ninguém vinculado a casas de aposta. Fernandin não desistiu. Procurou o secretário do Podemos, Luiz França, tentando uma última cartada. Também não deu certo. A **piauí** perguntou a Fernandin o que pretendia conversar com Thronicke, mas ele preferiu não dar entrevista.

O certo é que os dados dos RIFs mostram que o empresário é bastante conectado com outros nomes que foram convocados para depor na CPI. No depoimento, Fernandin foi indagado se tinha negócios com o cantor Gusttavo Lima. Ele respondeu que não. Mas os documentos mostram que, entre 2023 e 2024, uma de suas empresas, a One Internet, despachou oito cheques, que somaram 1,8 milhão de reais, em favor de uma empresa da qual Gusttavo Lima é sócio, a N & R Empreendimentos e Participações. Os cheques chamaram a atenção dos analistas porque a One Internet já foi investigada sob suspeita de fraudes e lavagem de dinheiro de jogos e apostas esportivas ilegais, mas o caso acabou arquivado em razão de irregularidades nos procedimentos jurídicos.

Com frequência, os personagens das *bets* transitam num universo povoado de suspeitas. Por exemplo: os RIFs mostram que Gusttavo Lima também é dono da Balada Eventos e Produções, que, numa única transação, transferiu 8 milhões de reais à Supermercados BH Comércio de Alimentos. Um dos donos da Supermercados BH é Waldir Rocha Pena, que foi investigado sob suspeita de integrar uma organização criminosa envolvida em corrupção, emissão de notas fiscais frias, fraudes e lavagem de dinheiro no Ministério da Agricultura.

ines249

(A Supermercados BH, por meio da assessoria, não detalhou a transferência de 8 milhões, mas disse que suas relações comerciais com Gusttavo Lima são "absolutamente lícitas, regulares e transparentes" e garantiu que nenhuma transação tem "relação com apostas ou qualquer atividade similar".)

Fernandin OIG vem de uma família pobre em Teresina e tem apenas 34 anos. É um sucesso precoce. Começou a carreira agendando shows para o humorista Whindersson Nunes, que ainda vivia seus tempos de vacas magras e poucos seguidores. "Comecei a atuar no mercado de tecnologia em 2008", disse ele na CPI. Trabalhou com jogos de RPG, depois com um jogo de perguntas e respostas dentro do Facebook e, durante a pandemia, investiu em aplicativos que fazem simulações – um mostrava como a pessoa ficaria na velhice, outro simulava como seria o rosto do filho de um determinado casal. Nessa trajetória, Fernandin enriqueceu e tornou-se um homem bem relacionado.

No mundo jurídico, suas conexões ficaram claras durante seu depoimento na CPI. Em dado momento, o senador Alessandro Vieira (MDB-SE), vice-presidente da CPI, quis saber sobre a amizade de Fernandin com o ministro Nunes Marques, com quem o empresário almoçava no dia em que foi notificado "Quem?", perguntou Fernandin. O senador explicou que falava do ministro do STF. "Ah, Kassio!", exclamou o empresário. "É porque todo mundo [*aqui*] chama de Nunes Marques, mas eu conheço ele como Kassio. Kassio é amigo meu, de mais de dez anos atrás, de lá do Piauí, de panelada, de comer buchada de bode e galinha caipira." Para se certificar de que falavam da mesma pessoa, o senador continuou:

Kassio era juiz federal do TRF da 1ª região? perguntou, referindo-se ao cargo que Nunes Marques exerceu em Brasília antes de tornar-se ministro do Supremo.

Aí, eu não sei – disse o empresário

O senhor conheceu ele na buchada?

Isso.

Temos um milionário e um ministro do Supremo na mesma buchada! Está vendo? Que alegria! ironizou o senador

Em seguida, o senador perguntou se Fernandin confirmava ter dado carona em seu avião para o ministro comparecer à festa de aniversário de Gusttavo Lima, na Ilha de Mykonos, na Grécia. O empresário confirmou. A **piauí** perguntou ao ministro Nunes Marques quando ele conheceu Fernandin, se haveria algum conflito de interesse entre julgar temas relacionados às *bets* no Supremo e ser amigo de um dono de casa de apostas ao ponto de viajar em seu jatinho e, por fim, se o almoço entre os dois em Brasília tratou de assuntos públicos ou privados Em nota, a assessoria do ministro afirmou: "Nos casos de impedimento ou suspeição, previstos em lei, o ministro do Supremo Tribunal Federal Nunes Marques segue o que estabelece a Lei Orgânica da Magistratura." Nada foi dito sobre o almoço, nem sobre a amizade com o empresário.

O cardápio de relações de Fernandin com os togados vai além do ministro do STF. Ele cultiva essas amizades e faz questão de exibi-las nas redes É bastante próximo do desembargador Erivan Lopes, corregedor-geral da Justiça no Piauí "O Erivan é tipo um pai para Fernandin", confirma o senador Ciro Nogueira. Numa triangulação aparentemente casual, aquele primeiro apartamento que Fernandin comprou por 500 mil reais e foi construído pela incorporadora de Ciro Nogueira pertencia ao desembargador. Em nota à **piauí**, Erivan Lopes afirmou que suas "relações pessoais com qualquer cidadão não se confundem com sua atuação jurisdicional". Mas, como o mundo é pequeno, essas triangulações acabam se multiplicando.

Por exemplo. Fernandin estabeleceu a sede de um braço de seu grupo, a OIG Gaming Brazil, no interior do Piauí, na pequena Santo Antônio de Lisboa, com 6 mil habitantes. O vilarejo é a cidade natal do desembargador Erivan Lopes. Como fica a 355 km de Teresina, onde estão as demais empresas de Fernandin, a escolha de um local tão distante pareceu um erro estratégico. Mas, no dia 3 de fevereiro, o *Diário Oficial* de Santo Antônio de Lisboa trouxe a resposta: havia uma lista de favores, reduções e isenções tributárias que a prefeitura se comprometia a conceder para a OIG Gaming Brazil. A prefeitura é comandada por Erivaldo Lopes (PT), que vem a ser irmão do desembargador E, como que provando a pequenez do mundo, o prédio que a OIG Gaming Brazil aluga em Santo Antônio de Lisboa pertence a Ana Francisca da Silva, a mãe da dupla Erivan e Erivaldo.

Em um perfil nas redes, Fernandin aparece em um vídeo na companhia do desembargador cantando e tomando uns bons drinques em um barco, em Angra dos Reis, no litoral do Rio. Ele também é próximo do juiz Valdemir Ferreira Santos, da Central de Inquéritos de Teresina Certa vez, Santos analisou uma causa em que um operador de som, Felipe Costa Feitosa, era acusado de difamar Fernandin nas redes sociais. O juiz não se declarou suspeito para julgar o caso em razão da amizade com o empresário e determinou que o acusado passasse a usar tornozeleira eletrônica

A atuação das *bets* já resultou em suspeição dentro do próprio Judiciário A Corregedoria Nacional de Justiça, que examina denúncias contra magistrados, pediu explicações sobre a atuação do juiz Itagiba Catta Preta Neto, da Justiça Federal em Brasília. Havia a suspeita de que o grupo BPX, dono da VaideBet, ObaBet e BetPix365, vinha se valendo do regime de plantão dos juízes para que suas ações caíssem nas mãos de Catta Preta. Na condição de plantonista, o juiz analisou pelo menos dois casos da BPX, um numa sexta-feira à noite e outro num domingo de manhã. As duas decisões foram favoráveis ao grupo. A Corregedoria Nacional de Justiça ainda investiga o caso.)

Com sua carreira fulminante, Fernandin é hoje dono de pelo menos sete empresas e gosta de divulgar uma rotina de ostentação. Em seu perfil no Instagram, ele aparece posando sentado sobre o capô de uma Lamborghini verde-limão, em iates no Caribe e em litorais da Europa. Nisso, ele não é uma exceção É a regra. Deolane Bezerra, a influenciadora, por exemplo, só entrou na mira da polícia quando postou na sua conta do Instagram que havia comprado uma Lamborghini Urus por 3,4 milhões de reais

José André da Rocha Neto, sócio da VaideBet, ostenta menos, mas a Polícia Civil de Pernambuco investigou suas atividades e encontrou gastos suspeitos com grifes famosas, como a francesa Hermès e a italiana Dolce&Gabbana Em apenas dois anos, entre maio de 2021 e maio de 2023, o empresário e sua mulher, Aislla Sabrina Truta Henriques Rocha, desembolsaram 3,7 milhões de reais em compras nas duas marcas, segundo atestam notas fiscais obtidas pela polícia. Há duas estranhezas nessas aquisições A primeira é que tudo foi pago em dinheiro vivo.

A segunda é que as marcas de grife aceitaram, sem pestanejar, esses pagamentos em espécie – o que, em volumes mais expressivos, é sempre um claro indicador de fraude. Segundo o relatório policial, a Hermès e a Dolce&Gabbana são suspeitas de envolvimento na receptação de valores possivelmente ilícitos. O relatório policial sugere que as duas marcas incorreram na "teoria da cegueira deliberada", quando um indivíduo ou uma organização simula ignorar uma irregularidade flagrante e, assim, deixa de comunicar uma operação abertamente suspeita às autoridades competentes

Na esfera política, Fernandin tampouco é uma exceção. Ele tem planos de se candidatar a deputado federal pelo Progressistas, do amigo Ciro Nogueira, mas está longe de ser o único tigrinho atrás de poder político. Ermildo Junior de Farias Santos, dono da Pixbet, pode ser considerado um pioneiro nesse campo. Em 2012, em Campina Grande, Ermildo Junior, como é conhecido, começou a fazer apostas online num salão de sinuca Usava o nome da Sportingbet, casa de apostas inglesa, mesmo sem ter a devida licença. Ao longo dos anos, o negócio foi crescendo e, a partir de 2018, já com sede no pa-

ines249

raíso fiscal de Curaçao, virou um fenômeno nacional. Em 2021, Ernildo Junior adotou o novo nome de Pixbet.

Hoje, a casa de apostas tem autorização para operar em todo o país. É patrocinadora do Flamengo, em um contrato de 470 milhões de reais por quatro anos. Enfronhada no universo do futebol, a Pixbet também patrocina o Avaí de Santa Catarina, o América de Minas Gerais e o Goiás, além do time do coração de Ernildo Junior, o Serra Branca Futebol Clube da Paraíba. Apesar da autorização para funcionar, a Pixbet enfrenta quatro processos de fiscalização. Três já resultaram em abertura de um procedimento para apurar infrações e aplicar sanções. Na investigação, o principal problema são ofertas ilegais, como a promessa de bônus aos clientes.

Na sua trajetória, além do mundo da bola, Ernildo Junior abraçou o mundo político, da política do interior da Paraíba – onde fez o prefeito de sua cidade natal, Serra Branca, à política nacional. Ele tornou-se amigo próximo de Antonio Rueda, presidente do União Brasil. Mas, aparentemente, Rueda hoje em dia prefere manter distância do dono da Pixbet. Consultado sobre sua amizade com Ernildo Junior, ele disse que não é "amigo", apenas "conhecido". Embora tenha ido a Serra Branca, onde participou do lançamento da candidatura a prefeito de Michel Alexandre, apoiado por Ernildo Junior, Rueda não lembrou o nome da cidade, nem o nome do prefeito, nem mesmo o partido a que pertence – ainda que a candidatura tenha sido integralmente financiada com dinheiro do União Brasil. Avisado que o prefeito é da legenda que ele preside, Rueda disse: "Deve ser, se você está falando." Indagado se Ernildo Junior é filiado ao União Brasil, lembrou-se. "Não é. Não é. Se fosse, eu saberia."

Além da política, Ernildo Junior fisgou um peixe graúdo da advocacia. Quem cuida dos contratos da Pixbet é o advogado Nelson Wilians, conhecido por ostentar sua fortuna pessoal a bordo de jatinhos e iates ao redor do mundo e por se apresentar como dono do maior escritório de advocacia do país, com representantes em todos os estados brasileiros e meia dúzia no exterior. Mas o que quase ninguém sabe é que Wilians já foi sócio de Ernildo Junior, o dono da Pixbet. Em 2023, eles fundaram o XBank, um banco digital com sede em um prédio de alto padrão na Avenida Juscelino Kubitschek, em São Paulo. O objetivo do XBank era tornar-se o banco por meio do qual os 10 milhões de clientes da Pixbet pagariam as apostas ou receberiam eventuais prêmios.

O plano acabou não decolando e o XBank foi dissolvido, embora a empresa continue ativa na Junta Comercial. E Ernildo Junior e Nelson Wilians continuam próximos. Além dos contratos da Pixbet, Wilians frequenta as festas do amigo e esteve em seu aniversário na Paraíba. No ano passado, o advogado associou-se à Betvip, aposta online na qual Ernildo Junior é sócio de Wesley Safadão, para patrocinar um evento de música em Ibiza, a ilha espanhola.

Além de tudo, as *bets* convivem, às vezes intimamente, com outra ilegalidade – o jogo do bicho. Um dos poucos donos de empresas de aposta cujos dados começaram a ser investigados pela CPI é Darwin Henrique da Silva Filho, dono da Esportes da Sorte, casa suspeita de praticar lavagem de dinheiro. Darwin Filho é aquele herdeiro do jogo do bicho em Pernambuco. Tem mais de 2,2 mil bancas no Recife. (O mundo é mesmo pequeno: Darwin Filho foi quem vendeu a Lamborghini de 3,4 milhões para a influenciadora Deolane Bezerra.)

No Rio de Janeiro, a realeza do jogo do bicho também está envolvida com as *bets*. Segundo a Polícia Federal, o bicheiro carioca Rogério de Andrade, que se encontra preso desde outubro de 2024 por mandar matar um rival, vem investindo em cassinos online. Em 2022, durante uma operação de busca e apreensão em sua casa em Petrópolis, a polícia encontrou provas de que Rogério de Andrade mantinha um site de apostas denominado Headsbet.

Em fevereiro do ano passado, segundo investigação do Ministério Público, a máfia da contravenção no Rio de Janeiro também mandou assassinar a tiros – e em plena luz do dia – o advogado Rodrigo Marinho Crespo, no momento em que deixava seu escritório, no Centro da cidade. Crespo representava os interesses do site Apostou.com, que já havia obtido a licença da Loteria do Estado do Rio de Janeiro (Loterj) para operar. O MP suspeita que o assassinato foi um "recado" dos bicheiros para dizer que não aceitam concorrência.

A CPI também encontrou conexões obscuras das *bets* com o futebol, mas tudo indica que viu apenas a ponta do iceberg. Descobriu quatro transferências, de mais de 5 milhões de reais, em favor da Brax Sports Assets, a maior agência de marketing do futebol brasileiro, que hoje, com as bênçãos da Confederação Brasileira de Futebol (CBF), controla as placas de publicidade nos estádios. As transferências para a Brax foram feitas pela PayBrokers, que intermedeia pagamentos entre apostadores e *bets*. Por que uma intermediadora de apostas pagou 5 milhões a uma agência de marketing esportivo? A CPI, boicotada pelos seus próprios membros, não achou a resposta.

À **piauí**, a Brax disse, em nota, que as transferências se referem à aquisição, nas temporadas de 2023 e 2024, de "cotas de patrocínio e publicidade de diversos campeonatos e eventos de futebol profissional". Ocorre que a Brax, antes de cair nas graças da CBF, vinha atuando com apoio de uma "consultoria paralela" de um executivo da Betano, uma das maiores casas de apostas do mundo e que conseguiu virar a principal patrocinadora do Campeonato Brasileiro de Futebol. Para saber se a Brax foi remunerada para favorecer a entrada da Betano no futebol, a CPI até tentou ouvir Bruno Via na Rodrigues, um dos sócios da Brax. Rodrigues não compareceu à CPI porque estava no exterior e sua convocação nunca foi remarcada. O executivo que prestava a "consultoria paralela" já deixou a Betano, que, contactada pela **piauí**, disse que não podia comentar o assunto.

Na cronologia do caos gerado pelas empresas de aposta, o marco zero está no governo de Michel Temer, que legalizou as apostas esportivas – apenas elas – em busca de dinheiro para bancar a criação de um ministério extraordinário na área de segurança pública. Deu então um prazo de dois anos para regulamentar o setor. No governo de Jair Bolsonaro, o prazo foi ignorado. Com receio de desagradar os evangélicos, cujos líderes são contra a legalização do jogo, seja por princípios morais, seja para preservar a renda dos fiéis para pagamento do dízimo, Bolsonaro calculou que seria eleitoralmente mais vantajoso não fazer nada – e, no vácuo da sua inércia, as *bets* pintaram e bordaram.

Legalizadas, mas sem regulamentação, empresas sediadas em paraísos fiscais – Curaçao, Malta, Gibraltar – ampliaram a invasão no Brasil. Contrataram influenciadores como garotos-propaganda à base de cachês milionários e produziram uma onda de vício em jogo só comparável à epidemia das máquinas caça-níqueis nos anos 1990. Além de Virginia Fonseca e Deolane Bezerra, a lista inclui os influenciadores Carlinhos Maia e Maya Massafera, os jogadores Neymar e Vinicius Júnior, o locutor Galvão Bueno, o ator Cauã Reymond. Um dos últimos a aderir à onda foi o apresentador Luciano Huck, que fez propaganda para a BetMGM. (No ano passado, Huck vendeu um iate de quatro andares a Darwin Filho, o dublê de *bet* e bicho.)

Quando Bolsonaro perdeu a reeleição, o então ministro Ciro Nogueira, chefe da Casa Civil, que já andava de braços dados com as *bets*, levou ao então presidente uma proposta de regulamentação. Como já tinha sido derrotado por Lula, Bolsonaro talvez se encorajasse a disciplinar o setor, enfrentando o voto evangélico. Mas Bolsonaro, que maquinava os planos golpistas para se manter no poder, não quis assinar o documento. A baderna continuou.

Na sua proposta, Ciro Nogueira colocava o Ministério dos Esportes no controle das outorgas que as casas de aposta tenham de pagar para funcionar no país. Quando Lula tomou posse,

ines249

abriu-se uma disputa. O novo ministro da Fazenda, Fernando Haddad, encarregou seu secretário executivo, Gabriel Galípolo, de solucionar a questão das *bets*. Galípolo convidou o advogado João Francisco Manssur, coautor da Lei da Sociedade Anônima do Futebol, para integrar sua equipe em Brasília. Manssur entrou na Fazenda com a missão de se debruçar na regulamentação das apostas online.

Ao longo de 2023, Manssur teve quase 560 reuniões com empresários do setor, entidades de classe, advogados e especialistas em saúde pública, que já andavam preocupados com a epidemia de viciados em jogos online. A meta era regulamentar o setor ainda no primeiro ano de governo. Um projeto de lei sobre o tema passou pela Câmara e o Senado, e novamente voltou para a Câmara com mudanças aqui e ali.

Nas últimas semanas de discussões, uma nova casta de parlamentares entrou na negociação. Eram políticos ligados a bicheiros na Bahia, no Rio de Janeiro e na Paraíba, entre eles o mais notório de todos, o deputado baiano Ângelo Coronel, defensor da legalização do jogo do bicho. Eles se uniram para ampliar o escopo da proposta do governo: além das apostas esportivas, como previa a lei desde os tempos de Temer, queriam incluir os jogos do cassino online. Jogavam com o fato de que, naquela altura, a jogatina virtual já havia inundado o país e ninguém conseguiria colocar o gênio de volta na garrafa.

O Ministério da Fazenda avaliou que, de fato, diante da popularidade de jogos como o *Tigrinho*, a exclusão das apostas online do projeto manteria 70% do mercado na ilegalidade – e, claro, o governo deixaria de arrecadar impostos. Assim, às 22h30 de 30 de dezembro de 2023, Lula enviou uma medida provisória ao Congresso Nacional regulamentando o setor – todo o setor. A medida previa que as casas de aposta deveriam pagar 30 milhões de reais pela outorga, que dava direito a operar no país. Começava aí a tal disputa.

Com o faro apurado para dinheiro e poder, o então presidente da Câmara, Arthur Lira (PP-AL), aliado ao então ministro dos Esportes André Fufuca (PP), queria que o Ministério dos Esportes controlasse o pagamento das outorgas – exatamente como previa a proposta original de Ciro Nogueira. No projeto do governo, porém, Manssur criara um programa online no qual as empresas de *bets* podiam fazer todo o cadastro sem precisar de intermediários. Sua ideia era evitar a criação de um balcão de negócios. Mas Lira não gostou e, para chantagear o governo, começou a boicotar a reforma da Previdência e uma lei que ajudava o setor de eventos, abatido pela pandemia. Em fevereiro de 2024, Lira colheu uma vitória: a demissão de Manssur.

Foi uma vitória de Pirro. O Ministério da Fazenda saiu-se com uma solução engenhosa, bolada pelo advogado Regis Anderson Dudena, chefe da Secretaria de Prêmios e Apostas. Cada empresa de *bet* teria que ter duas autorizações – a primeira da Fazenda, a segunda do Esporte. Em caso de empate, a decisão final caberia à Advocacia-Geral da União. Como resultado, Fufuca não mudou nenhuma decisão da Fazenda, e não se tem notícia de nenhum balcão de negócios, como pretendia Manssur. Poucas *bets* tiveram a outorga negada por não comprovar a origem lícita dos 30 milhões, dentre elas a Zeroumbet, de Deolane Bezerra. Hoje, o governo conta com uma equipe de 94 funcionários na Secretaria de Prêmios e Apostas.

As regras do setor – a proibição de marketing mentiroso, da falácia de vender a aposta como "aumento" ou "incremento" de renda, da concessão de bônus para o apostador começar a jogar – estão em vigor desde o início do ano. No entanto, valem apenas para as 118 *bets* que operam legalmente. Estima-se que elas respondam por 40% do mercado. O grosso do setor está tomado por *bets* ilegais, que não pagam impostos, não são auditadas, não impedem as apostas de menores de idade, não garantem a segurança dos dados bancários, nem dos pagamentos dos eventuais prêmios.

No Instagram, Mauro Nepomuceno, o rapper Oruam, filho de Marcinho VP, um dos líderes do Comando Vermelho, divulga abertamente sites não regulamentados pelo governo. O rapper promove links e encoraja seus fãs a apostarem em jogos como *Tigrinho*. (Num único dia, durante a apuração desta reportagem, a **piauí** identificou quatro sites operando na ilegalidade.) Como são clandestinos, esses sites dependem pesadamente de influenciadores para atrair apostadores. E pagam bem. Oruam não tem cachê fixo. Leva 30% do que o negócio fatura com base nos links que ele promove. Sua média de ganho é em torno de 4 milhões por mês. À **piauí**, sua assessoria disse que o rapper não poderia se manifestar porque "está em turnê na Europa, o que dificulta um pouco a fluência da comunicação".

A senadora Soraya Thronicke conta que, como relatora da CPI das Bets, enfrentou "um mercado muito poderoso". "Não estou triste. A rejeição do relatório final me deu mais força. Saio feliz e tenho a convicção de que meu trabalho não termina aqui. Eu sabia que seria muito difícil. É um mercado muito poderoso. E mercado poderoso compra pessoas. Não se trata mais de um relatório da CPI. Agora, é uma denúncia. No período em que tive poder de política, consegui acesso a informações robustas. Agora, com alguns colegas, vou à Procuradoria-Geral da República, à Polícia Federal, até ao presidente da República. Se os senadores desistirem, irei sozinha. Não sou *pizzaiola*."

Pelo visto, além de poderoso, o mercado também é perigoso. Thronicke afirma que recebeu ameaças durante a CPI. Adotou segurança 24 horas por dia. Com medo de ser envenenada, passou a beber água e café que levava de sua própria casa. "Eu tenho medo, claro. Mas se acontecer algo comigo, com alguém da minha família ou do meu gabinete, saiba que esta pessoa tem nome, endereço e foro privilegiado." Ela não diz a quem se refere, mas, quando fala em "foro privilegiado", sugere que seja um parlamentar e, possivelmente, um parlamentar que participou da CPI ou de suas sessões.

Nos trabalhos da CPI, seu maior rival foi o senador Ciro Nogueira. Os dois se enfrentaram com frequência. Numa das audiências, a senadora disse que convocaria o "governo Bolsonaro" para saber por que havia permitido que as *bets* tomassem conta da jogatina virtual. Os ânimos se exaltaram. "Dá para a senhora me explicar por que chamar o governo Bolsonaro?", indagou o senador. "O governo Bolsonaro tinha dois anos para regulamentar, mas não fez nada", disse Thronicke. "A senhora acha que isso vai ter algum ganho para o país, senadora? Eu não lhe devo explicações. Daqui a pouco é a senhora que vai ter que prestar muitas explicações aqui."

A ameaça enigmática ficou clara logo depois da audiência, quando Ciro Nogueira procurou o então presidente do Senado, Rodrigo Pacheco (PSD-MG), para fazer uma denúncia "muito grave". Disse que um conhecido lobista – no caso, Silvio de Assis, aquele que se recusou a intermediar um encontro entre Thronicke e Fernandin – estava extorquindo empresários do setor de apostas, cobrando 40 milhões de reais para livrá-los de depor na CPI. Ciro Nogueira não disse claramente, mas deixou no ar a suspeita de que Thronicke estaria por trás dos achaques, já que tinha o poder de adiar os depoimentos. Na conversa, o senador disse que a Polícia Federal já estava investigando o caso. Pacheco ouviu, se disse preocupado, mas não tomou nenhuma providência, desconfiado de que se tratava de uma disputa intestina entre o senador e a senadora.

Informada sobre a denúncia pela imprensa, Thronicke ligou para o diretor-geral da Polícia Federal, Andrei Rodrigues, e se colocou à disposição. Silvio de Assis mandou um e-mail à PF também se oferecendo para colaborar com a investigação. Consultada pela **piauí**, a polícia não se manifestou oficialmente, mas fontes da corporação disseram que não há nenhuma apuração nesse sentido. O senador Eduardo Girão propôs a convocação do lobista Silvio de Assis. Doutor Hiran nem colocou a

ines249

proposta em votação. É um segredo de polichinelo que um depoimento do lobista, figura carismática e bem relacionada, poderia deixar um punhado de senadores sem dormir

Com tanta influência, tantas ramificações e tanto dinheiro, as *bets* neutralizaram a CPI do Senado com facilidade No fim, apenas dezenove pessoas foram ouvidas, uma parte ínfima do total de convocações e convites aprovados. Seis pessoas foram convocadas, não apareceram e ficou por isso mesmo o cantor Gusttavo Lima foi convocado mas nunca teve seu depoimento marcado. "Me ligava todos os dias pedindo para não ir à CPI", diz o senador Jorge Kajuru (PSB-GO). A CPI votou 192 pedidos de informações sigilosas Só metade foi aprovada

"Não conseguimos ouvir nem os donos das empresas de apostas online", diz o senador Izalci Lucas (PL-DF), que fez um relatório paralelo de 2 mil páginas para ser apensado ao de sua colega Thronicke. Também pediu indiciamento de donos de *bets* e influenciadores, mesmo sabendo que não daria em nada "Houve vários titulares da CPI que nem apareceram por lá, como o Angelo Coronel, o Omar [*Aziz*] e o Efraim [*Filho*]."

Os influenciadores que depuseram foram abertamente tietados pelos senadores e, na prática, serviram para deixar a grande maioria dos donos das *bets* e meios de pagamento convenientemente longe dos holofotes Virginia Fonseca, fenômeno nas redes com 52,7 milhões de seguidores, depôs por mais de três horas e atraiu uma audiência de 1 milhão de pessoas em tempo real no canal da TV Senado no YouTube. O senador Cleitinho (Republicanos-MG), que nem integrava a CPI, apareceu para dizer à influenciadora que consumia sua marca de vitamina e pedir uma selfie para enviar à sua mulher. Doutor Hiran contou que sua filha é fã da influenciadora Thronicke não escondeu a alegria quando percebeu que Virgínia começara a segui-la no Instagram. No fim, a influenciadora postou uma foto ao lado dos senadores para agradecer o tratamento que recebeu. (Saiu-se melhor entre os senadores do que entre o público. Quando disse que não sabia que as *bets* podiam causar vício, passou a perder seguidores, mas não perdeu nenhum contrato com a jogatina. Continua fazendo propaganda da Blaze, uma casa de apostas. Fatura 4,3 milhões por mês)

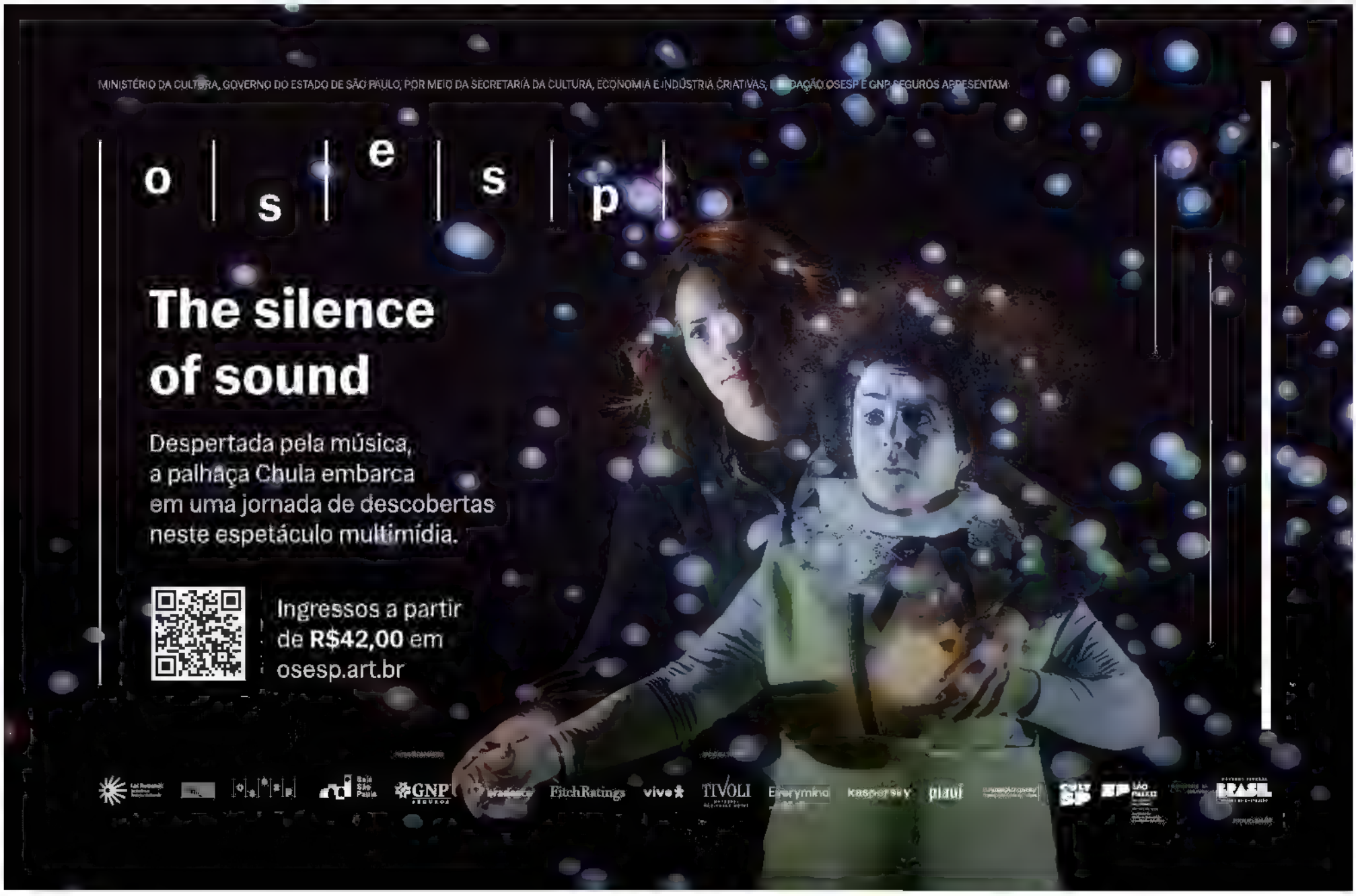
"As *bets* têm influência econômica na sociedade e no Parlamento. Na verdade, elas têm lobby em todos os poderes", diz Alessandro Vieira, o vice-presidente da CPI. "Sabemos que o jatinho de Fernandin que dá carona para o senador Ciro Nogueira até Mônaco é o mesmo que leva o ministro Nunes Marques para a festa de Gusttavo Lima."

Antes mesmo do encerramento da CPI, os congressistas deram uma demonstração de que a bancada do Tigrinho começa a rivalizar em poder e influência com outros grupos de interesse, como as chamadas bancadas da bala, do boi e da Bíblia. Uma reportagem de Simone Iglesias e Martha Beck, publicada pela *Bloomberg*, informou que parlamentares ligados aos donos de *bets* foram especialmente ativos na oposição à proposta do ministro da Fazenda, Fernando Haddad, que aumenta o imposto das casas de aposta de 12% para 18%. A reportagem informa que a pressão da bancada do Tigrinho produziu uma guinada do presidente da Câmara, deputado Hugo Motta (Republicanos-PB), que abruptamente avisou ao presidente Lula que o aumento do imposto corria o risco de cair

A pressão foi articulada, além do onipresente Ciro Nogueira, pelos deputados Isnaldo Bulhões Jr (MDB-AL) e Dr Luizinho (PP-RJ). A ideia inicial da Fazenda era aumentar o imposto das *bets* para 25%, mas, sabendo da força da bancada do Tigrinho, propôs apenas 18%. Nem assim desarmou a resistência. O aumento de 18% está previsto numa medida provisória, mas, se a MP não for votada no Congresso em até três meses, nem sequer entrará em vigor. A maior parte do dinheiro pago pelas *bets* vai para o Ministério do Esporte (36%) e o Turismo (28%), duas pastas sob comando do Centrão Os números mostram que defender as *bets* explica muita coisa

E vem mais pressão por aí. Centenas de prefeitos pelo país estão se articulando para criar as "*bets* municipais". Apesar da fiscalização do Ministério da Fazenda, já existem cidades burlando a legislação e abrindo as comportas das apostas em nível local. A pequena Bodó, cidade de 2,3 mil habitantes no interior do Rio Grande do Norte, é um exemplo. O prefeito Horison Jose (PL) cobra 5 mil reais pela outorga e nada menos que 38 empresas já obtiveram a licença para funcionar no município

Tende a ser uma nova avalanche Durante a Marcha a Brasília em Defesa dos Municípios, realizada em maio passado, 237 prefeitos participaram de um evento pró-*bets* e manifestaram o desejo de lançar uma casa de apostas da prefeitura. O prefeito de São Paulo, Ricardo Nunes, já anunciou que pretende criar sua *bet*. Os prefeitos querem que o Supremo Tribunal Federal autorize que os municípios explorem as apostas nos mesmos termos das autorizações válidas para a operação federal ou estadual No STF, o assunto está sob análise do ministro Kassio Nunes Marques. Ele mesmo ✪



ines249

GERAÇÃO DEMOCRACIA

PARTE III A GUERRA E A FÉ

Do mundo do crime ao reino de Jesus, a trajetória de um missionário evangélico

JOSÉ HENRIQUE BORTOLUCI

A DOSE MAIS FORTE

No canal do missionário Nilton Pereira no YouTube, um vídeo de 10 de agosto de 2020 mostra o pregador evangélico com a Bíblia na mão. Ele veste uma camiseta com a frase "JESUS TRANSFORMA" e está ao lado de um jovem encapuzado. O rapaz, negro e magro, usa uma corrente dourada com um pingente no formato de uma pistola. Na mão direita segura uma arma, que ele descansa sobre a perna. O missionário diz:

Paz do Nosso Senhor Jesus, meus amados e minhas amadas. Missionário Nil ton aqui pregando, mas quem nos conduz é o Espírito Santo de Deus. Estou aqui em uma comunidade, no Rio de Janeiro, no tráfico de drogas, onde muitas igrejas têm medo de chegar até a alma desse rapaz, que se encontra agora armado. Ele é do tráfico. Ou seja, meus amados, o que acontece? Muitos estão perdendo tempo dentro das igrejas, estão perdendo tempo esquentando banco, porque a mesma alma desse rapaz aqui é a alma do seu pastor. A mesma alma desse rapaz aqui é a minha alma arrependida para o Senhor. Então estou deixando esse vídeo aqui pra poder te incentivar [..] *Vem pro tráfico, vem pra comunidade, vai pros hospitais* [...] *Você pode dizer: 'Ah, missionário, mas você já foi do tráfico, pra você é mole* [..]' *Mas nada te impede de vir aqui também, nem a arma, nem o tráfico. A ordem que Jesus deu pra todo crente foi essa: Ir por toda criatura e pregar o evangelho*[...] *A palavra de Deus é muito bem-vinda aqui. Pode vir pregar. Amém, meus amados! Jesus, a dose mais forte*

Nilton é um homem magro, ágil, de voz grave. Tem 45 anos, mas aparenta ser mais novo. Na comunidade onde vive, em Niterói, as pessoas acenam para ele na rua, dão bom dia ao missionário, pedem suas orações Ele conta aos vizi nhos que está ali com um escritor e com um fotógrafo que vão ajudá-lo a contar ao mundo a história de como ele encontrou Deus Nilton entende nossas conversas - e este texto – como parte de sua missão de evangelizar.

Desde nosso primeiro encontro online, me acostumei rapidamente com seu tom exaltado e seu desejo de contar suas histórias em detalhes. Ao falar de um assalto, ele comenta a cor e o peso da arma que usava; quando descreve uma das celas em que ficou preso, os cheiros e detalhes arquitetônicos ganham vida. Quando conta dos tiros que levou, ele levanta a camisa ou tira o tênis para me mostrar as marcas. Às vezes, chora, quando descreve momentos em que esteve próximo da morte Mas, rapidamente, sua voz ganha vida novamente - e Nilton olha para o céu e prega a palavra. Ele não conta histórias: ele faz de suas narrativas um teatro falado, o que me faz pensar se desenvolveu essa habilidade no púlpito em que hoje evangeliza, ou se passou a pregar pela facilidade que tem em narrar. Nas palavras do missionário, cada detalhe trivial da vida ganha ares de parábola

Além de nossas longas conversas online e um encontro em que me levou para conhecer sua casa, na comunidade Atalaia, Nilton gostava de me mandar áudios alguns com mais de 50 minutos, como quando me contou do medo que sentia de que seu filho voltasse a usar drogas. Nesses longos relatos pelo WhatsApp, a narrativa muitas vezes era interrompida por breves conversas de Nilton com conhecidos que ele encontrava no entorno de sua casa na comunidade pobre em que vive, conhecidos com quem esbarrava no bairro de classe média de Niterói onde trabalha como faxineiro, ou mesmo no ônibus encontros em que, sem exceção, Nilton pregava algum trecho bíblico ou convidava seus conhecidos a irem a um culto ou uma pregação no sábado seguinte. Ele fala com paixão das duas netas, de sua esposa (ainda jovem, ele se apaixonou pelos olhos dela, e

ines249

O missionário Nilton Pereira: "O país nunca foi tão evangélico, mas também nunca foi tão corrupto. Tem algo errado com os líderes das igrejas. Era pra ter menos assalto, menos tráfico"

ines249

seguem casados há duas décadas), de seu filho e de seu cachorro Zeus um enorme pastor alemão que vive com ele e a mulher em uma casa pequena.

Antes da visita à sua comunidade, ele me garantiu que não haveria nenhum problema, porque já pedira autorização ao chefe do morro, que permitiu nossa entrada. "Aqui todo mundo me conhece, me dou bem com a rapaziada do tráfico. Como missionário eu falo com todo mundo, não só com quem já está no caminho de Cristo."

Nilton é um homem de corpo marcado: cicatrizes de tiros nas mãos e no abdômen, marcas dos "tempos de guerra" como ele chama o longo período em que atuou no tráfico de drogas. Outras marcas vêm da época em que ficou preso em diferentes penitenciárias no estado do Rio de Janeiro, onde seu corpo foi esfolado entre homens e ratos. O corpo de Nilton conta histórias de seus encontros com o crime, com as armas, com o piso duro das celas, com a cocaína em que foi viciado. Mas o missionário é principalmente um homem das palavras - as dele, com que conta sua história de descidas ao inferno e de encontro com Deus, as palavras das Escrituras; as palavras que preenchem suas mídias sociais para falar do caminho do Evangelho e para comentar assuntos políticos do momento.

As palavras de Nilton me intrigam, às vezes me espantam ou fascinam, sobretudo por se afastarem tanto das minhas e por isso decido ouvi-las quase sem interrupção, exercitando um pouco mais do meu silêncio.

TRÊS HOMENS

Nasci em 1980, em Niterói, aqui no estado do Rio de Janeiro. A gente cresceu em barracos que meu pai construía onde dava, porque a gente tinha sempre que mudar, porque ou era expulso pelo tráfico ou pelo governo. Meu pai é sergipano, minha mãe é paraibana de Serra Redonda, e os dois vieram pro Rio de Janeiro pra tentar uma vida melhor. Meu pai passou fome no sertão e quando era criança foi entregue a uma família como trabalhador forçado. Quase um escravo, né? Capinava na fazenda dessa família em troca de comida. E depois, mais velho, ele virou viajante. Parava de lugar em lugar, conhecia uma mulher aqui, outra ali, engravidava elas.

Ele já tinha sete filhos quando conheceu minha mãe em Campina Grande. Os dois tiveram quatro filhos homens, mas um faleceu novo. Os outros três, incluindo eu, acabamos entrando pro crime. Meu pai vendia mate e limonada na Praia de Icaraí com uma carroça de ferro: o velho se vestia de Charles Chaplin pra atrair a atenção dos fregueses nas ruas de Niterói, e saía assim no Carnaval também. Na rua ele era conhecido como "Baiano Piripiri". A marca registrada do meu pai era o grito: "A limonada do Baiano é uma joia!" Não sei se você vai acreditar, mas ele trabalhava na mesma época que o Silvio Santos era camelô, quando o Silvio vendia caneta perto das barcas. Eles se conheciam da rua.

Quando eu tinha uns 10 anos, comecei a ajudar ele no trabalho, junto com meus irmãos. A guarda municipal sempre confiscava as mercadorias do meu pai, muitas vezes a gente voltava pra casa sem nada. Ele nunca foi do crime, era trabalhador, mas gostava de andar armado. Às vezes disparava tiros no quintal de casa, ele que me ensinou a me defender em meio de tiroteio.

Meu irmão mais velho morreu de câncer quando tinha 19 anos. Antes de se converter, novo ainda, ele se juntou com o falecido Paulo Vito, vulgo PV, e os dois faziam roubo de bicicleta, o PV dirigindo a bicicleta e meu irmão na garupa. E num desses assaltos, aconteceu de uma vítima ter reagido na mão deles. Teve um tiro nessa vítima, e eu não sei se ela faleceu ou não, mas meu irmão ficou perturbado com aquela cena, e foi por isso que ele procurou o caminho de Cristo. Com 16 anos, ele ia ouvir evangelistas na rua e começou a frequentar a Universal. Se batizou, virou obreiro. E aí o câncer, logo depois.

Mesmo doente, meu irmão continuou pregando e subia as comunidades pra evangelizar. Ele ia até o Morro do Estado, que era território inimigo, também em Niterói, pra falar de Cristo. Eu dizia pra não ir, mas ele ia, subia a comunidade pra evangelizar, esse era meu irmão. E ele glorificou o nome de Jesus Cristo pros traficantes que eram de uma facção rival. Ele foi um exemplo pra mim. O câncer enraizou de uma vez. Foi rápida a morte dele. Morreu novo meu irmão.

E hoje o meu filho... Se quiser, posso contar a história dele. Ele também foi baleado, igual eu, ficou preso por dois anos, condenado por tráfico numa comunidade aqui de Niterói. Consegui pagar um advogado que tirou ele. E a droga... Meu maior medo é ver meu filho recaindo no crack. Já vi ele pele e osso, se rastejando dentro de casa, alucinado, vendendo tudo o que tinha. Graças a Deus, hoje ele trabalha de carteira assinada e está há cinco anos longe dessa maldição. Meu maior medo é que ele volte pra essa ruína. Eu sei como é tudo isso.

O grande arrependimento da minha vida foi ter abandonado os estudos e entrado pro crime. Eu sonhava em ser militar, seguir carreira no Exército, na Polícia Federal ou na Civil. Queria ser autoridade, queria lutar por alguma coisa maior e ao mesmo tempo defender as pessoas, a minha família...

O CHEIRO

Com 10 anos, a gente morava na comunidade da Esso, em São Gonçalo, e eu estava brincando com meu cachorro sempre amei cachorro, sempre tive , e do nada presenciei um incêndio na barraca de doces da dona Ana, que era perto da nossa casa. Na inocência, alertei todo mundo na favela. Nisso, acudimos, conseguimos jogar baldes e baldes de água, salvamos a vida daquela senhora. O cheiro de fumaça ficou grudado na pele, não saía.

No dia seguinte, fui saber que quem botou fogo no barraco foi o traficante, porque aquela senhora era dada como X9, como informante. O chefe da favela não gostou de eu ter alertado sobre o incêndio. O tráfico começou a ameaçar e vigiar a nossa família, e um dia um dos soldados do traficante viu meu irmão brincando com uma arminha de plástico, e foi dizer pro chefe que "os nortistas" estavam armados chamavam a gente assim, de nortistas.

Aí os homens cercaram a nossa casa: "Arruma as coisas que amanhã vocês vão embora daqui, se não forem, vão morrer, não importa se tem criança ou não." A gente largou tudo pra trás no mesmo dia, foi pra outra favela.

Da minha infância, também não esqueço o primeiro homicídio que vi, quando eu tinha 12 anos. Eu, um irmão e dois amigos subimos numa árvore pra pegar jambo, numa área mais afastada da favela. Quando a gente estava em cima da árvore, chegaram uns homens mais velhos, que eram criminosos da área. Começaram a fumar cigarro de maconha, debaixo da gente. Ficamos quietos lá em cima a gente tinha medo deles, e o cheiro de maconha subindo pela árvore.

Um daqueles homens fingiu que foi mijar no mato, andou uns passos, pegou um pedaço de pau e começou a bater na cabeça de outro rapaz que estava ali. Lembro que ele estava de uniforme de trabalho, esse que apanhou. Era trabalhador, mas estava junto com criminosos. Tomou uma pancada na nuca o pedaço de pau já estava preparado pra matar, com um prego saindo dele, e esse prego entrou na cabeça do rapaz.

Como é que pode uma criança ver uma cena dessa? O rapaz se batia, se batia, com a cabeça arrebentada... Até que um outro rapaz tirou uma arma e deu pá! O cheiro da pólvora, junto com o sangue... Estou sentindo como se fosse hoje. Não sei se você já sentiu, mas o cheiro de sangue é diferente de qualquer outro cheiro. O cheiro de sangue, ele fica.

Aí, eles arrastaram o corpo e esconderam no mato. E as crianças caladas em cima da árvore, de medo de que vissem a gente. Durante dias, a gente não conseguia comer, acordava chorando. Nossa mãe perguntava o que tinha acontecido, mas a gente não tinha coragem de contar. Depois, a gente soube que esses dois rapazes que assassinaram o outro também morreram, não foi muito depois disso.

Outra memória forte da infância é de quando eu tinha 9 anos e morava no Gradim, em São Gonçalo naquela época era favela, hoje já é bairro urbanizado. Teve um dia que dois meninos com quem eu sempre brincava na praia morreram afogados. Era uma área de pescadores, a gente pulava das pedras e nadava ali. Eles fizeram isso que a gente fazia, pularam da pedra, mas sumiram no mar. Devem ter batido a cabeça numa das pedras, não sei. Só à noite os pescadores encontraram os corpos dos meninos presos na rede e levaram até a praia.

Já era madrugada quando circulou a notícia na comunidade. Meu pai acordou eu e um irmão e levou a gente até lá. Quando os bombeiros colocaram os corpos dos meninos nas macas, meu pai agarrou eu e meu irmão pelos cabelos e esfregou o nosso rosto no cadáver dos nossos amigos. Eles já estavam gelados, inchados, com cheiro de morte. Meu pai berrava com a gente: "Olha aí, vocês que vivem pulando dessas pedras. Eu saio pra trabalhar, tenho ferida nas costas de carregar peso, e vocês ficam aprontando aqui. Vejam seus amigos agora. Vocês querem terminar do mesmo jeito?" A sensação do corpo gelado dos meus amigos esfregando no meu nariz, na minha cara, meu pai empurrando meu rosto naqueles defuntos, e o cheiro, o cheiro...

OS NOMES

Eu acho que foram as amizades erradas que puxaram a gente pro crime e pras drogas. Andando por Niterói, eu e meu irmão conhecemos uns meninos de rua, os trombadinhas. Meu pai sempre alertava: "Droga mata; se usar, morre." Mas a curiosidade falava mais alto. Depois da benzina, veio a cola, que a gente botava num saco de leite, soprava e respirava o vapor. Essa dava tontura e fazia a gente se sentir adulto. E aí a cocaína, que foi o Russo que me apresentou, um rapaz mais velho.

Ele era amigo do Andrezinho, que vendia lanches na Praça São Domingos, perto da Comunidade 94, onde a gente morava. Na hora que cheirei pela primeira vez, senti o nariz queimar e aquela euforia da droga, que me deixava poderoso, me tirava a timidez até pra falar com as meninas não parece, mas eu sempre fui tímido. No primeiro dia que cheirei, consegui até paquerar uma menina no ônibus. Fui crescendo. E a partir daí, foi um pulo pro tráfico.

ines249

Comecei a ganhar dinheiro de aviãozinho, levando droga pros usuários no entorno daquela praça. Eu era magrinho, rápido, corria de um lado pro outro e me apelidaram de Zazá de Niterói, por causa da novela Zazá, da Globo, que tinha um aviãozinho na abertura. Depois tive outro vulgo também. Isso foi no Jacarezinho, me chamavam de Magrinho ou de MG, porque eu pesava só 47 quilos e carregava um fuzil que era metade do meu peso. Eu cheirava muito, só cheirando mesmo pra suportar a guerra. Virei um viciado. Mas hoje não tem nada de Zazá, nada de MG, eles morreram, é Nilton mesmo, missionário Nilton. Em vez do fuzil, eu carrego a palavra de Deus.

SUA VIDA DEPENDE DISSO

Depois de aviãozinho, a coisa só aumentou. No morro, tinha um cara chamado Seu Durval, mal-encarado, encrenqueiro. Um dia, ele inventou de brigar com meu pai por conta de bobagem. Partiu pra cima do meu pai, e meu irmão, que estava perto, tentou intervir e levou um corte feio no braço. Quando eu cheguei correndo e vi meu pai no chão, tomando socos do Seu Durval, peguei um tijolo e acertei a cara dele com tudo. Eu não tinha outra opção.

Mas o filho de Seu Durval era do crime; ele começou a espalhar na comunidade que a gente tinha feito covardia com o pai dele e começou a me procurar armado. Meu pai viu o perigo ali, me mandou pra casa da minha tia em São Gonçalo, disse que eu não podia voltar, que eu ia morrer se voltasse.

Fiquei escondido um tempo na casa da minha tia, mas eu sabia que não dava pra fugir pra sempre. Por isso eu fui procurar o chefão do morro. Eu precisava garantir minha vida, era questão de vida ou morte. O chefe da área na época era o Edu Caveira. Subi até a parte alta do morro onde o Edu ficava, pedi pra falar com ele e expliquei a situação, aí um viciado que estava na fila pra comprar droga confirmou minha história.

O Edu fez umas ligações, confirmou que eu tinha sido expulso e falou: "Pode voltar pra casa, ninguém vai tocar em você. Está sob minha proteção." Mesmo assim, eu estava com medo, precisava me proteger. Aí um dos homens que trabalhava pro Edu me passou um revólver e uma sacola de munição e perguntou: "Quer morrer ou quer viver?" Respondi que queria viver. Eu nunca tinha botado a mão em arma. Ele me passou um 38 de cabo de madrepérola e me disse: "Agora sua vida depende disso."

Muita gente acha que, com arma na mão, você vira super homem, mas a verdade é que a arma pesa em você. Esse mesmo segurança do Edu me levou num espaço aberto do morro e me ensinou a carregar e a mirar. "O ideal é mirar do estômago pra cima, porque a arma sobe, aí a bala acerta no peito." Disparei várias vezes até acabar a munição. Quando terminei, ele disse: "Agora você está pronto. Se te atacarem, revida, e se ver viatura anda de cabeça erguida. Quem abaixa, já entrega que está com coisa errada."

Os vizinhos começaram a cantar a bola pro meu pai: "O seu menino tá forte aqui na comunidade, hein?" Mas meu pai só acreditou que eu tinha entrado pro crime no dia que teve uma troca de tiros intensa com uma facção rival, que era do Morro do Estado. Essa facção pertencia ao TCP, o Terceiro Comando Puro, e eu sempre fui do Comando Vermelho. O TCP tentou invadir nossa área, achando que a gente não tinha arma na Comunidade 94. Quando começaram a subir, descarreguei o tambor pra cima deles. Eles não subiram, voltaram. Quando o Edu soube disso me chamou pra conversar e me promoveu na comunidade. Ele deu droga pra eu mesmo vender, maconha e cocaína, e deu uma arma pro meu irmão, e foi assim que nós dois ficamos responsáveis pelo morro até 2007.

O CORPO

Sempre gostei mesmo era de ir pra guerra. Guerra mesmo, bastante munição, armamento pesado, às vezes ficar dias sem dormir quando você vai tomar uma comunidade de outra facção. E aí, quando o sono começa a bater, você usa mais e mais cocaína.

Tenho as marcas da guerra no corpo, você pode ver. Quando eu tinha 16 anos, tomei um tiro nas costas no Jacarezinho. Eu estava perto de um beco, logo abaixo de uma guarita policial, quando os policiais começaram a atirar. A boca de fumo ficava ali perto, e um disparo me acertou. Olha as duas marcas aqui, está vendo? Onde entrou e onde saiu o tiro. Assim que bateu, parecia uma pedrada, mas logo senti a dor forte queimar e vi o sangue na barriga. Entrou no músculo e saiu. E eu, pulando, pulando, correndo por cima de telhado. Eu sabia que, se a pessoa for baleada e sentir o gosto de sangue na garganta, tem que correr, porque o tiro pegou em um lugar fatal. E não deve beber água também, porque pode morrer.

Saí na correria, pulando muro, o sangue pingando no caminho. Nessa fuga, bati com a costela numa quina de muro, fiquei com uma fratura na minha costela. Está vendo a marca aqui? A costela ficou pontuda, machucando pra fora. Eu pulei dentro da casa de um morador que trabalhava em farmácia. Pedi ajuda, ele me socorreu e me deu uma injeção de antibiótico. Disse que, se a pele escurecesse, eu tinha que ir ao hospital. Fiquei uns dias de cama e voltei pra atividade.

Também já fui baleado no pé, acho que vou sentir dor pra sempre. Tenho um pino no calcanhar de me machucar durante tiroteio. E está vendo esta marca aqui na mão? Isso foi logo que entrei pro tráfico, foi de moleque ainda, estava aprendendo as coisas. Tomei um tiro na mão dos outros traficantes porque tinha roubado uma bicicleta na comunidade. A justiça no crime é assim.

A LÍNGUA

Vou te ensinar umas palavras pra você entender as histórias que eu conto. Por exemplo, o "matuto" é o cara que tem a droga e o armamento, é dele que vem todo o material que precisa pra levantar uma boca. Ele não é o dono de uma boca de fumo, ele tem tudo o que os donos precisam pra levantar a boca. E levantar é o quê? É montar a boca, pôr pra operar, ficar forte em armamento, em droga, tudo, e aí começar a vender e pagar a dívida pro matuto.

"Canela preta" é como as entidades espirituais chamam a polícia. "Ó, aquele ali é canela preta." Você já vai entender por que estou te explicando isso.

E aí tem as palavras da cadeia. Por exemplo, o banheiro na penitenciária é chamado de "boi" pelos presos. O boi fica ali, aberto, num canto da cela, não tem privacidade nenhuma, é só um buraco no chão no canto da cela lotada. Quando você vai usar o boi, seus companheiros de cela te perguntam: "Vai no alto ou no baixo?" Ir no baixo é defecar, então você tem que avisar antes, porque não pode ter ninguém comendo na cela.

E cada facção tem seu jeito de falar. Por exemplo, no Comando Vermelho, se fala "nóis". O pessoal da ADA, os Amigos dos Amigos, usava "a gente". Eu lembro uma vez que a ADA conseguiu tomar meu morro, uns ex amigos meus que tinham ido pro outro lado, cercaram minha casa. "E aí, Zazá, é nóis ou é a gente"? Quando botei a cara pra fora, vi uns quinze homens armados, todos de preto. Um deles era um inimigo mortal meu, um rapaz do Morro do Boa Vista, segurando um fuzil 7.62, com a ponta apoiada no chinelo que é pra não arranhar. Eles me deixaram viver, não sei como, mas tive que deixar tudo, perdi tudo... Tinha arma, dinheiro naquela casa. Só não explodi todo mundo com uma granada porque meu filho estava no meu colo.

A GUERRA

Quando eu tinha 18 anos, fui preso na comunidade 94. Meu primeiro crime foi assalto à mão armada, depois receptação de produtos roubados. Nunca fui preso por tráfico. Sempre tentava fugir, não queria ficar preso durante anos. Consegui um benefício pra cumprir parte da pena no presídio Cândido Mendes, ali no Centro do Rio, onde os presos saíam pra trabalhar e dormiam na cadeia. Mas o crime dominava lá dentro, eram as facções que mandavam, a polícia facilitava a entrada de droga e bebida.

Um dia, saindo da prisão com meu amigo Bolado, rolou uma emboscada de uma facção rival bem nessa hora. Os rivais sabiam que os homens do Comando Vermelho saíam primeiro, então eles cercaram ali e começaram a atirar. O Bolado foi baleado na minha frente. Só não morri porque demorei alguns segundos pra assimar minha saída. Vi ele tentar se levantar, mas já estava muito ferido. A ambulância chegou, só que ele não resistiu.

Depois disso, os líderes da cadeia decidiram que os presos tinham que sair armados ou fugir, e não voltar mais. Não quis arriscar mais um processo e me escondi. Fiquei foragido por dez anos, trabalhando com carteira assinada pra não levantar suspeita, porque, se você é parado pela polícia e mostra sua carteira de trabalho, isso ajuda. Passei pelo abastecimento central do Ponto Frio e por um estaleiro de Niterói. Mesmo assim, não larguei o crime, ainda usava droga e tinha envolvimento com o tráfico.

Anos mais tarde, depois que fui baleado nas costas e me escondi no Morro do Jacarezinho, no Rio, fiquei visado pela polícia. Um dia eu estava no NorteShopping, no bairro do Cachambi, e um policial me reconheceu. Sentou na minha mesa, mostrou a arma e disse: "Qualquer movimento, eu te prendo, Zazá." Tinha um parceiro dele sentado na mesa do lado. Eles sabiam onde eu morava, meus horários. Mas eles não queriam me prender, não, queriam me chantagear, estavam atrás de dinheiro e arma. A partir daí, virou rotina eles me achacarem. Como eu não queria ficar na mão desses caras, comecei a frequentar a Vila da Penha, na Zona Norte do Rio, isso na época de vários traficantes grandes, conhecidos. . Hoje, desses cabeças, quem não morreu entrou pra igreja, são sobreviventes.

Foi lá na Penha que virei fornecedor de arma e intermediador de droga, fazia a ponte entre a comunidade e o chefe. Eu trabalhava pra montar novas bocas, ia abastecendo as comunidades. Vamos supor: pra levantar uma boca, o matuto for-

ines249

nece três pistolas, dois fuzis, mais 5 kg de cocaína e 5 kg de maconha. Naquele tempo, isso daria uns 300 mil reais, mais ou menos. Aí, aquela boca de fumo ia pagando por semana, ou quinzena, dependendo do que tinha sido acertado. Só não podia faltar prestação: só se tolerava no máximo dois atrasos, e isso só se tivesse acontecido algum baque — por exemplo, uma operação policial que arrebentou a boca, pum!, e a polícia pegou a metade da droga e três armas. Mesmo assim, se o ponto não se acertasse depois, se não devolvesse o investimento, a favela perdia tudo. Então os soldados que estavam ali morriam todos — e morrem mesmo, tá? Levavam pro Complexo do Alemão e ninguém achava mais o corpo.

Nesse tempo na Penha, comecei a ter dinheiro e a usar bastante cocaína. Fiquei no vício, dali pra frente foi só queda, queda, queda... me perdi. E, nisso, fui fazer um assalto na saída do Iate Clube, em Niterói. Tinha um carro parado com o alerta ligado, um velhão com os braços pra fora, era só bracelete de ouro e anel de ouro, uma carreta importada. Sempre gostei do ouro porque é muito fácil pra venda, principalmente a joia pronta.

Quando vi aquele monte de joia, já saquei uma Taurus, calibre 38, prateada, debrucei sobre a janela do carro, encostei ela no umbigo do velhão, falando: "Tira a chave do carro, tira a chave da ignição, não reage, tira o cordão, tira tudo, senão eu vou dar um tiro na sua cara." E ele foi tirando, enfiei tudo no bolso e saí em disparada. Mas logo abaixo a polícia me pegou, pra fugir eu teria que ter entrado correndo numa favela inimiga, e a facção rival ia me pegar lá, ia dar um fim em mim.

Fui preso, tomei soco na nuca da polícia e do filho do cara que eu tinha assaltado. Assinei o artigo 157, roubo, e também o de porte ilegal com ameaça grave da vítima. Fui condenado a quatro anos e oito meses. Quem me condenou foi uma juíza vascaína da 4ª Vara Criminal da Comarca de Niterói.

RATOS E HOMENS

Por causa desse assalto das joias, fiquei um ano e quatro meses na carceragem da 76ª Delegacia de Polícia de Niterói. Um ano e quatro meses num espaço de 2,50 por 3 metros, com quinze presos. Aí você pergunta: "Quinze presos em um espaço tão pequeno, como pode?" Te conto. Ficavam três redes penduradas em cada parede, uma rede em cima da outra. Se uma delas arrebentava, o preso de cima caía e derrubava os de baixo, e aí fraturava o braço, a costela, se ralava.

Os que não cabiam nas redes dividiam o chão, dormiam deitados em "valete", que é uma posição igual à dessa carta do baralho, uma cabeça pra baixo, outra cabeça pra cima, ou seja, nádega com nádega, pra não ficar com as partes íntimas encostadas na nádega do outro preso. Se você escolhesse um lado, você tinha que dormir nesse lado até amanhecer, sem se virar. Isso machucava o osso da bacia, o ombro, o cotovelo, você tinha que fazer o braço de travesseiro.

Um ano e quatro meses ali, só um boi pros quinze presos, sempre aberto, só essa fossa pra quinze homens amontoados, o cheiro de merda... A gente brigava com as ratazanas que pulavam sempre pra dentro da cela, a gente chamava elas de Mestre Splinter, o nome do rato das Tartarugas Ninja. Elas andavam por cima da gente quando a gente dormia, e quando mordiam eram dias e dias sofrendo com dor.

Depois desse período, fui transferido pro [Complexo Penal de] Bangu, que era muito melhor que a DP. Um espaço maior, tem um banho de Sol, você pode ter um dia de futebol. Muita gente pagava pra sair da DP e ir pra Bangu, mas eu estava caído na época, tive que esperar, fui transferido devido ao chefe da carceragem ver o meu comportamento na cadeia. Terminei o restante da pena fechada em Bangu, mais um ano, e então ganhei o regime semiaberto.

FECHAR O CORPO

Depois de muito tempo no crime, eu estava sendo pessoalmente perseguido, muito ameaçado por uma facção rival e por uns amigos que tinham pulado pro outro lado. Já tinham me dado tiro em cima, já tinham me perseguido um dia quando eu estava passeando com minha mulher... Iam me matar. Eu precisava fechar o corpo. Pensei: não posso fazer esse serviço com qualquer religioso, tenho que achar um cara bom, que feche o meu corpo de verdade. Podia ser o pai de santo mais caro, porque na época eu tinha dinheiro do tráfico. E me indicaram um senhor na favela da Fazendinha que fechava o corpo dos traficantes de lá.

Quando cheguei no local, tinha duas outras pessoas esperando pra fazer o mesmo trabalho que eu. O pai de santo me recebeu, já foi no meu ouvido e falou: "Ó, fica tranquilo, mas esses dois caras que estão aí são canela preta, um é policial e o outro miliciano, eles não sabem qual é a sua, é só você não falar nada." Os dois caras com arma na cintura e uns cordãozões de ouro. Cumprimentei, e eles me perguntaram por que eu tinha que fazer esse trabalho espiritual. Falei pra eles que estava lá porque tinha saído com uma mulher casada e o marido dela queria me matar. Deram risada, ficou tudo bem, não desconfiaram que eu era do crime.

Não vou contar todos os detalhes do ritual, porque fico arrepiado só de lembrar. Só te digo que tinha que ir ao cemitério e abrir cova. Fui fazer isso e te juro que vi imagens se mexendo no céu, aparições. Apareceu um bode no meio do cemitério, um gato preto saindo de túmulo. Tinha um cheiro horrível que me embrulhava o estômago, no meio da noite, um cheiro de morte.

Chegamos no túmulo de um homem enterrado tinha uns quinze dias. Quando o pai de santo tentou abrir, a gente ouviu uma voz estranha que veio do nada: "Se tocarem nesse corpo, vão morrer." O pai de santo olhou pra cima, abaixou a cabeça e disse: "Vamos procurar outro." Você acredita, irmão? Pois te juro. Mas, nisso que eles estavam procurando outro túmulo, eu pensei: essa voz é de Deus. Então, se Deus deu a ordem, ele é mais poderoso que esse pai de santo. Paguei o mais brabo, paguei o chefe, o pai de santo que fecha o corpo dos cabeças do crime e da polícia, e tem um mais poderoso lá em cima dando ordem pra ele?

Comecei a ficar transtornado, eu suava frio, olhei pra um túmulo do lado, bati o olho na lápide e vi que era da mulher de um pastor. Era uma pessoa crente, enterrada ali, tinha uma Bíblia esculpida na lápide e o trecho de um salmo. Naquele momento, entendi que aquilo era um sinal pra mim. Senti uma presença no meu coração que eu nunca tinha sentido e, ao mesmo tempo, um calafrio no corpo todo. Saí correndo. Deixei o pai de santo e os dois policiais ali. Fugi.

Foi a partir desse dia que comecei a buscar a Deus. Mesmo ainda usando muita droga, por muito tempo, eu comecei a ler a Bíblia. No início, quando eu rezava, ouvia vozes na minha mente: "Deus não vai te ouvir, você fez muita coisa errada, ele não vai te proteger." Mas continuei. Passei a frequentar a igreja; com o tempo consegui dar testemunho, fui perdendo a vergonha de falar em público, de pregar a palavra. Foi quando larguei o espiritismo, o candomblé, descartei minhas guias e meus patuás e me entreguei completamente ao Cristo do Evangelho.

Quando decidi de vez sair do crime, fui falar com o meu chefe no morro. Já cheguei diferente, com a Bíblia, e falei pra ele. "Minha vida mudou. Quero saber se posso orar por vocês, pedir a Deus que proteja vocês, e que um dia vocês também saiam dessa vida." Eles já perceberam que minha fala era outra, porque, quando buscamos Deus, é Ele quem fala por nós. Orei ali, no meio de mais de vinte homens armados, distribuí panfletos e fui embora. Só que, quando eu tinha dado uns passos, ouvi o chefe comentar com outro: "Está vendo o Zazá ali? Não dou três meses pra ele estar de volta, cheirando pó e com fuzil na mão." Mas já faz dez anos que estou firme, pra glória do Senhor. Hoje, levo essa palavra pros traficantes e aviso: "O crime não vale a pena." Quando entendi quem é Jesus, eu me apaixonei, me apaixonei por Ele, e estou apaixonado até hoje.

MISSÕES

Em um vídeo no Instagram, no dia 15 de setembro de 2024, Nilton está no palco de um baile funk na comunidade do Arrastão, em São Gonçalo. Com ele, estão o DJ e outras pessoas da produção, que fecham os olhos e levantam as mãos para ouvir a oração do missionário antes da abertura do baile:

Pai Todo-Poderoso, eu te apresento a vida de cada pessoa que aqui está temendo nesse momento, Senhor. Que o Senhor possa entrar no coração. [...] Visita essas vidas aqui, guarda aqueles que estão vindo pro baile, limpa dos acidentes de trânsito, da bala perdida, do assalto, do homem sanguinário. [...] Não importa qual seja o seu problema, Jesus diz: "Vem a mim todos vocês que estão cansados e oprimidos, e eu vos aliviarei." Está lá em Mateus 11:28. Ele é a solução. [...] Vá diretamente a Jesus, experimente, que há solução também pro seu caso. Confesse os seus erros, sua ruína, só Jesus é a solução [...], não é igreja, é Jesus, amém.

Em um story do Instagram de Nilton, no dia 8 de janeiro de 2025, aparece a animação de uma cobra verde em um fundo amarelo. A serpente segura duas armas e atira, enquanto expele fumaça pelo nariz. Ao lado da imagem, há uma foto do missionário, com a legenda: PATRIOTA ATÉ O OSSO.

Ele continua seu relato.

A PALAVRA

O homem pode ser devoto de quem for, ou devoto de nada, mas na hora que se encontra com uma arma na cara, com o cano da arma dentro da boca pra morrer, ele clama por Deus. Isso é natural do homem: nós somos criaturas do Deus eterno. O homem desesperado com um laudo de câncer, ele também recorre a Deus. Por isso que eu aconselho e prego pras pessoas não recorrerem a Deus só no final, porque todo homem peca.

Eu mesmo continuo pecador, às vezes tenho minhas falhas, tenho minha raiva. Quando sou provocado na rua, sinto essa ira ferver, mas abaixo a cabeça e prefiro passar como bobo, vou embora. Como ex-criminoso, é difícil passar por isso — só

ines249

os fortes, só os brabos na fé podem aguentar. Já fui humilhado, agredido, mas segui em frente, porque a Bíblia ensina a dar a outra face.

Continuo até hoje na Primeira Igreja Batista de Niterói, além de fazer a minha missão na rua, que é independente. Hoje, além da missão, trabalho como faxineiro num condomínio aqui de Niterói, do lado da favela onde trabalhei muito tempo no tráfico. Também conserto relógio de vários clientes — aprendi a consertar quando trabalhei de vendedor na Rua Uruguaiana, no Centro do Rio, vendo os relojoeiros trabalharem.

Meu filho trabalha como balconista de farmácia, com carteira assinada, graças a Deus. Minhas netas estão prestes a completar 2 anos. E estou com minha mulher desde os 18 anos — quando a gente se conheceu, ela ainda era virgem. A gente tem a mesma idade, 45 anos. Ela não gostava de quem era do tráfico, não queria ficar comigo por isso, mas com o tempo consegui conquistar ela. Minha mulher tem um olho que quando está debaixo do Sol fica azulado, quando está na sombra fica verde — isso foi a primeira coisa que eu gostei nela

O VAZIO

Na minha pregação, eu não busco a multidão, como muito pastor por aí. A Bíblia fala que, quando um pecador se converte, é festa no Céu. Eu filmo e boto na internet minha pregação pra que outras pessoas ouçam a palavra de Deus, seja no presídio, no hospital, onde for. Falo tanto pra policiais quanto pra bandidos, porque, diante de Deus, a alma de ambos tem o mesmo valor.

Prego principalmente pros meninos do tráfico e em baile funk. Nos bailes, vou direto no equipamento de som. Todos os DJs do Rio, de São Gonçalo, de Niterói, de Maricá já me conhecem. Faço uma pregação rápida no microfone pra não esfriar o baile, depois fico pregando na minha banquinha pra quem quiser ouvir.

As pessoas estão ali pra preencher um vazio, que o baile funk não preenche. Vão lá pra beber, mas a bebida não vai preencher aquele vazio. Vão lá pra encontrar uma relação extraconjugal, mas aquela relação não preenche o vazio dessa pessoa. Então, quando a pessoa ouve uma mensagem de Deus, ela às vezes acaba cedendo um pouco. E, no tráfico, eles já sabem que sou missionário porque coloco minha pregação no Facebook, no Instagram, já sabem que não sou X9. Posso subir tranquilo em qualquer comunidade.

Sempre vou com esta camisa aqui, que tem escrito a frase "Evangelismo Original", o meu nome e o nome das comunidades onde eu mais entro. Complexo do Alemão, Mangueira, Morro do Fallet... O que está complicando nesta camiseta é o desenho da estrela de Davi, porque virou o símbolo lá do [traficante] *Peixão, que manda no Complexo de Israel e é do* TCP. *Eu não tenho nada a ver com ele, mas às vezes as pessoas confundem...*

Não sou de agradar na palavra, meu papo é reto. Tem que pregar a verdade: amar o pecador, mas odiar o pecado. Eu amo o homossexual, mas a Bíblia condena a homossexualidade. Esse é o evangelismo original. É o que Jesus fazia: ia até os necessitados, pregava as Escrituras, falava do Céu, do Inferno e do destino da alma. Hoje, muitas igrejas distorcem o Evangelho, focam em dinheiro, na história de prosperidade individual. Dizem que Jesus foi rico, mas, se fosse, por que Pedro diria ao aleijado no templo: "Não tenho ouro nem prata, mas o que tenho, isso te dou. Em nome de Jesus, levanta-te e anda"? O Evangelho verdadeiro não está na ostentação. Eu já fui perseguido por falar isso, por denunciar os falsos profetas, já derrubaram minha página do Facebook, me ameaçam nos comentários, mas eu sigo falando.

E, você vê, o país nunca foi tão evangélico, mas também nunca foi tão corrupto. Tem alguma coisa errada com os líderes dessas igrejas! São quase 50 milhões de evangélicos. Era pra ter menos assalto, era pra ter menos tráfico. Vereador corrupto, bandidos na rua, policial que entra na corporação na intenção de viver da máfia, de esquema de cigarro das maquininhas, do acerto com o tráfico. Ou você acha que um policial vai subir o morro pra encarar um fuzil que solta setecentos tiros por minuto, um fuzil que nem o Exército Brasileiro tem, vai enfrentar tudo isso só pelo salário que ele ganha? Não vai. Então, muitos entram na intenção de arrumar dinheiro.

A raiz de tudo isso é o dinheiro. Ter dinheiro não é pecado, mas amar o dinheiro acima de Deus, sim, é pecado. E tem muito pastor famoso, dono de igreja, que tá sempre na tevê, que vive desse pecado, esses falsos profetas.

CERTO E ERRADO

Em um vídeo curto no YouTube, de 18 de janeiro de 2025, o missionário diz: *Fala aí, abençoados, tudo bom? Então, deixa eu falar um negócio aqui: eu moro em comunidade, entendeu? Já fiz muita coisa errada no passado, mas hoje não faço mais, me arrependi. E não gosto desse partido que está aí agora no governo. Gosto de partido que apoia a família, o bem, as coisas certas. Mas eu estou vendo um monte de gente que mora em favela indo pra internet agora, tudo arrependido, falar um monte de besteira do Lula, que se arrependeu de votar nele. Aí chega em 2026, o cara paga 10 reais, paga pão com mortadela, rega vocês com churrasco na favela, vocês votam de novo por dinheiro. Corruptos são vocês, eleitores. Vocês são piores que ele. Eles estão cheios de milhão, e você vai votar de novo? Corrupto é você.*

No Instagram de Nilton Pereira, uma ilustração mostra um homem sentado com duas crianças em uma cama. É uma cena de família, talvez um pai e seus filhos no momento anterior ao sono das crianças. Os três leem a Bíblia juntos, enquanto o homem segura um escudo sobre a cabeça das crianças, protegendo-as de serem atingidas por um arco-íris que carrega a imagem de um demônio. Sem esse escudo, o arco-íris e o demônio chegariam até as crianças. Ao lado da imagem, Nilton escreveu: O CERTO SERÁ SEMPRE O CERTO, E O ERRADO SERÁ SEMPRE O ERRADO.

FERIDA ABERTA

Muita gente já sugeriu que eu me candidatasse a vereador. Mas sempre digo a mesma coisa: não acredito na política. A política é como o futebol: quando percebi que até os jogos são comprados, perdi o interesse. Hoje, só torço pelo time da minha comunidade, porque sei que jogam por amor, sem corrupção.

Sobre o governo, vou te dizer, não vejo legitimidade no atual, não. Preferia o governo anterior, porque ele falava de Deus e dava espaço pra fé cristã. Esse agora defende aborto, liberação de drogas, censura, só pensa em poder e dinheiro. Já estou vacinado disso tudo, nem votei nas últimas eleições. Meu título está cancelado desde a época da cadeia e só regularizo se precisar de um documento maior, tipo um passaporte, porque meu sonho mesmo é conhecer Israel, pisar na Terra Santa, mesmo sabendo que Deus está presente em qualquer lugar.

No Brasil, a gente vê todo dia que a coisa só piora. A dívida só cresce. Se continuar nesse ritmo vai ficar pior que a Venezuela. O país tem recursos, mas está sendo sugado. A crise real ainda não estourou, mas, quando vier, vai ser guerra. E essa democracia de hoje não é real, porque só quem está no poder pode falar, pode censurar e bloquear nossas contas na internet. Ou seja, só eles têm o direito de pensar. Nós, que somos a favor da família, que somos contra ladrões e a favor do aumento da pena pra criminosos, nós não podemos nos expressar livremente.

Não estou falando de direita ou esquerda. Sou a favor da lei de Deus. Ontem mesmo, no Centro do Rio, fui resolver um assunto e alguém me perguntou em quem votei. Respondi: "Meu partido é aquele que defende a lei de Deus, a família, o trabalhador, e é contra o crime." Simples assim. Você vê: se um jovem de 16 anos pode votar e ter filhos, então também devia poder responder pelos seus crimes, mas a punição é muito leve! A Fundação Casa virou lazer. Eu aprendi na dor, no sofrimento, com ferida aberta, coceira pelo corpo inteiro, rato me mordendo na cadeia.

OS SOBREVIVENTES

Pergunto a Nilton se ele tem esperança de ver uma diminuição da violência nas comunidades que frequenta. Nilton é um homem de fé, mas sua fé remete à condição das almas, ao seu destino pessoal e familiar, a outra vida – e não à transformação deste mundo. "Na favela, a lei é do tráfico – e como disse um amigo meu, anos atrás: 'Vai morrer polícia, vai morrer bandido, e o crime não vai acabar'", ele diz.

Nilton me recomenda ouvir o podcast *01 Sobreviventes*. Ele comenta que muitos dos entrevistados no programa são ex-traficantes de sua época, alguns deles seus companheiros ou inimigos dos tempos de crime. Ouço histórias parecidas com as do missionário – a quase morte, a violência sofrida e imposta, as chagas do corpo, as condições de vida degradantes em comunidades pobres, o cárcere, o fardo sobre as famílias, a preocupação com o destino dos filhos, a redenção pela fé.

Muitos desses sobreviventes têm por volta de 40 anos, como Nilton e eu. Também teriam cerca de 40 anos seus antigos colegas que ficaram pelo caminho, mortos por inimigos do tráfico, mortos por colegas em disputa no interior de seus grupos armados, mortos por policiais, mortos por overdose. Nesse podcast, antigos traficantes contam detalhes de sua atuação no crime, os chefões com os quais trabalharam, seus "vulgos" — Bill do Borel, Polegar da Mangueira, Fera de Parada de Lucas —, sempre com o prefixo "ex", como Nilton também é o ex Zazá e ex-MG.

A conversão é sempre o portal entre dois momentos de suas vidas — o crime e a salvação. Por isso a mudança de vulgo recebe destaque: com a conversão, deve nascer um novo homem.

ines249

Quando esses "sobreviventes" nasceram, os católicos eram 89% da população, e os evangélicos, 6,6%. Hoje, evangélicos totalizam cerca de 27% dos brasileiros, e a proporção de católicos reduziu para cerca de 57%. Evangélicos de diversas denominações ocupam cada vez mais espaço na política, na cultura, no debate público. Nas ruas do país, agora há mais templos evangélicos do que escolas e hospitais somados. São instituições das mais presentes em nosso tecido urbano, marcas características da paisagem dos bairros periféricos e centrais — principalmente o pequeno templo, que ocupa garagens e galpões por todo o território brasileiro.

Cantores gospel estão entre os mais tocados nas rádios; influenciadores e celebridades evangélicas combinam em seus conteúdos mensagens de fé e dicas de prosperidade, de trabalho, de como cuidar da família. Jogadores de futebol professam sua fé depois de gols e vitórias de campeonato. A bancada evangélica é uma das mais poderosas do Congresso, e os fiéis se tornaram a principal base popular de políticos de extrema direita. Bolsonaro, católico e inclinado a arroubos pouco cristãos, foi em 2016 a Israel para receber, no Rio Jordão, o batismo do pastor Everaldo, num gesto de grande carga simbólica para sua futura candidatura a presidente. Políticos de esquerda, enquanto isso, dizem que "precisamos dialogar com os evangélicos", uma inquietação que obedece à sazonalidade das eleições - uma frase torta, de quem ainda enxerga os evangélicos como um grupo à parte, um corpo estranho na sociedade. O verbo "dialogar", nessa lógica, soa muito semelhante a quando se diz que é preciso dialogar com sequestradores ou com um país inimigo.

Em paralelo a essas mudanças, outro fenômeno: a piora no que temos de mais cruel, a morte violenta. A taxa de homicídios no início dos anos 1980 era de cerca de 12 pessoas por 100 mil habitantes. No momento em que gravaram os depoimentos exibidos no podcast, esses "sobreviventes" testemunhavam o país atingir uma taxa de mortalidade recorde (31 mortes por 100 mil habitantes em 2017). A taxa voltou a cair, mas ainda está num patamar elevado, de cerca de 22 mortes por 100 mil habitantes, ou seja, quase o dobro do índice de mortalidade do ano em que Nilton nasceu. É um feito da barbárie, da nossa novela macabra, que se desenrola sob os olhos da Constituição Cidadã de 1988 e da democracia. Esses números, essas centenas de milhares de mortes violentas e precoces são também a matéria de que é feita essa democracia.

Nilton e os "sobreviventes" encarnam estes dois caminhos de radical transformação do Brasil nas últimas quatro décadas: um país onde mais pessoas se convertem à fé pela via evangélica, e onde, em paralelo, se mata em dobro. Na vida desses homens, os dois fenômenos estão interligados: Nilton, Bill, Polegar, Fera e tantos outros contribuíram com o aumento do número de evangélicos no país para não serem mais um número na estatística de vítimas de homicídio no Brasil, e para que — como sempre enfatizam — seus filhos não repitam os seus passos anteriores.

Nilton Pereira continua:

Deixa eu te dizer uma coisa: hoje eu não temo mais a morte. Quando eu era do crime, tinha medo. Acreditava que, se uma coruja aparecesse, alguém ia morrer. Eu vi meus colegas tombando do meu lado, morto por tiro ou pela droga. E minha maior felicidade hoje é estar livre do vício. Na época que eu cheirava até dez pinos [pequenos recipientes de plástico com cocaína] *por dia, eu dizia pra minha mulher: "Se eu ganhar dinheiro, vou morrer de overdose, porque o problema não é a falta de dinheiro, é o vício".*

Minha casa atual é boa, mas toda vez que saio ou volto, preciso passar pelos traficantes. Quero vender a casa, dar entrada num lugar mais tranquilo e pagar o resto parcelado. Não importa se for no Rio, São Gonçalo ou Niterói, contanto que seja seguro. Não quero estar um dia com as minhas netas no colo e ter que me jogar no chão ou sair correndo por causa de um fogo cruzado.

O que eu mais quero mesmo é sair da favela e dar um lugar seguro pra minha família. Vou continuar evangelizando nas comunidades, mas não quero que minhas netas passem pelo que meu filho passou. Com 6 anos, ele viu um corpo na rua e quase pisou no sangue, ia pisar se eu não tivesse pegado ele no colo. Tentei tampar os olhinhos dele, mas ele viu e perguntou: "Pai, o que aconteceu?" Precisei explicar, e aquilo ficou marcado em mim. Não quero isso pras meninas. Quero uma outra vida pra elas, e quero que elas saibam que sou um sobrevivente. ✪

Ministério da Cultura, Prefeitura de São Paulo, através da Secretaria Municipal de Cultura e Economia Criativa, Fundação Theatro Municipal e Sustenidos apresentam

THEATRO MUNICIPAL

Amigos do Municipal

Seja um doador e reserve seu lugar na história do Theatro

Com uma doação equivalente a **R$ 40,00 por mês** – R$ 480,00 por ano – você apoia nossas produções, mantém vivo esse espaço centenário e se prepara para viver fortes emoções com **descontos em ingressos, em instituições parceiras, além de benefícios exclusivos.**

Conheça as categorias em theatromunicipal.org.br/amigos e seja parte de todas as histórias que acontecem aqui.

apoio

realização

ines249

QUERO VER O *TALK XOU DO XANDÃO*

LAGO BALHARDO 2025

1º DE JUNHO_Eu, que tenho um olho atento para as dinâmicas sociais e não deixo passar nada, percebi a chegada de dois fenômenos que estão unindo o Brasil. O primeiro, sem dúvida, é a virose. Aqui em Brasília, deputados de esquerda e de direita passaram uma semana de cama, com coriza e febre. Há relatos no Brasil inteiro de que a influenza, o rotavírus e o adenovírus estão furando todas as bolhas.

O segundo fenômeno que está unindo o Brasil é a Carla Zambelli. Ela conseguiu a proeza de irritar até a terceira via.

2 DE JUNHO_Tem reunião que a gente fica de olho nos "recebidinhos". Fiquei um tempão escutando as demandas da Carmem Lúcia Chaves de Brito, presidente da Associação Brasileira de Cafés Especiais. Deixei de prontidão toda a equipe de redes sociais para fazermos o *unpacking* de uma safra inteira. No final, ganhei uma mísera xícara de café Pilão morno. Ser vice dói.

3 DE JUNHO_Começam os preparativos para a festa junina dos Alckmin. Olha a queda da Selic! É mentiiiira! Olha o caminho da reeleição! "Returnê"!!! Certamente, não serviremos café.

4 DE JUNHO_Lula deu uma de Ciro e foi para Paris. Deixou o pepino do IOF na minha mão. Vou dialogar com o Congresso do jeito do Geraldão. Já marquei um campeonato de truco regado a quentão, arroz-doce e milho verde.

5 DE JUNHO_Temos que falar sobre o fim da rotina 6x1 e sobre a precarização dos empregos. Estou acumulando os cargos de presidente, vice-presidente, coordenador da festa junina dos Alckmin, muso da Padaria Artesanal e ministro do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços. Sou tão incansável que ainda tive tempo de aprender o significado da expressão "fubanga". Tudo isso sem café especial. Mas tem hora que a conta chega.

6 DE JUNHO_A brigaiada entre Elon Musk e Donald Trump acendeu um sinal de alerta: se aconteceu por lá, pode acontecer por aqui também. Deus me livre do Lula brigar com o Jones Manoel. Ou o Rui Costa se desentender com o Safatle. Por outro lado, nada impede de o Nikolas Ferreira partir pro pau com o Bananinha.

7 DE JUNHO_"Hoje eu conheci a Mistercryl, empresa de tintas, fundada em Brasília pelo senhor Rui, que teve na Aline, sua filha, um olhar movador", conforme postei nas minhas redes sociais. Mas eu sou realmente um homem muito à frente do meu tempo. Minha mente anda a mil. Fiz questão de me vestir com as cores da Mistercryl e pedi à minha equipe que me acompanhasse. Resultado: nas fotos, todo mundo saiu com a mesma paleta. Não é apenas intuição: é trabalho árduo.

8 DE JUNHO_Por orientação do Sidônio, as festas juninas do governo evitarão o termo "quadrilha". Hoje celebramos a festa junina dos Alckmin. Preparei um panelão com uma sopa de letrinhas de crédito imobiliário, uma pescaria de dividendos e um cabo de guerra entre governo e Congresso. A criançada adorou o Moro Mecânico: uma máquina que simula a sensação de montar num marreco. O ponto alto foi a corrida do Geraldo. Vencia quem cruzasse a linha de chegada equilibrando na boca uma colher com um chuchu.

10 DE JUNHO_Na condição de mentor intelectual do Xandão, mandei um recado: ele deveria pensar seriamente em criar o *Talk Xou do Xandão*. O fato é que ele está esbanjando charme, carisma e tiradas divertidíssimas nos interrogatórios. Colocaram câmeras de última geração para registrar tudo em 4K, a direção de fotografia tá boa demais. Até pensaram no elemento general Heleno dormindo no fundo. Mas tá faltando um interlúdio musical. O quinteto do Jô Soares era um charme e o Derico fazia um excelente assessor para Assuntos Aleatórios. O David Letterman também usava muito esse recurso. Vou pensar no assunto.

11 DE JUNHO_Às nove da matina topei com um sujeito completamente desconhecido na porta do meu gabinete. Olhei nos olhos e estendi a mão: "Prazer, Geraldo", apresentei-me. "Prazer, Sérgio Nobre, presidente da CUT." De um golpe, fui fulminado por uma iluminação: a esquerda tá sem rumo. Estamos no governo Lula e ninguém sabe quem é o presidente da Central Única dos Trabalhadores. É por essas e outras que não se pode descartar o tal rompimento entre Jones Manoel e Lula. Medo.

12 DE JUNHO_Recebi o Pedro Less, vice-presidente de Políticas Públicas para a América Latina da Meta e, em nome de todo o povo brasileiro, fiz a pergunta essencial, quando é que o Facebook vai trazer de volta a função "cutucar"? Ele me respondeu, com cara de espanto, que a função cutucar nunca deixou de existir. Na mesma hora, cutuquei o Hugo Motta. Agora passamos o IOF.

13 DE JUNHO_Quem acompanha meu diário sabe que há uma coisa com a qual não transijo: sexta-feira é dia de arrumar um compromisso em São Paulo para esticar o fim de semana. Dessa vez foi a reunião itinerante das Diretorias Estaduais, Regionais, Municipais e Distritais do Centro das Indústrias do Estado de São Paulo (Ciesp). Gostei muito do modelo itinerante e já sugeri o local das próximas quatro reuniões: Tremembé, Taubaté, Roseira e Campos do Jordão. Como o Brasil é ruim de geografia, ninguém reparará que são todas vizinhas de Pinda. E dá-lhe fim de semana de cigarro de palha, licor de jenipapo e torneio de dominó no quintal de casa.

Taí. Esse sanfoneiro que foi ministro do Bolsonaro é uma boa opção para o interlúdio musical do *Talk Xou do Xandão*. Como ele está proibido de sair do país, facilita – não corre o risco de estar em turnê internacional. Além disso, enquanto estiver tocando, a gente sabe que não estará em alguma embaixada tentando arrumar um passaporte pro Mauro Cid.

14 DE JUNHO_O Xandão adorou minha sugestão. Disse que, além de preencher eventualmente seus próximos depoimentos, as sessões de música ainda atenderiam a um antigo desejo do Barroso e do Fux de cantar durante os intervalos. Tudo bem, entendo. Mas isso, claro, exclui o sanfoneiro. Depois o Mauro Cid foge com um passaporte do Sri Lanka e não digam que o Geraldão não avisou.

17 DE JUNHO_Só hoje me dei conta de que ninguém pediu minha opinião sobre a pena de prisão do humorista Léo Lins. Taí uma entrevista que eu gostaria de ver no *Talk Xou do Xandão*.

Gostei dessa ideia de criar uma Abin paralela. Tirei do armário o meu traje de Inspetor Bugiganga e coloquei um copo na parede para ver se escutava a reunião da sala ao lado. Descobri que a sala ao lado é um banheiro. Sou ou não sou um exímio investigador?

18 DE JUNHO_Com essa confusão toda no Congresso, a nossa Gleisi Hoffmann tá mais perdida que um europeu na Copa do Mundo de clubes.

Comecei a usar minha Abin paralela para descobrir os próximos capítulos de *Vale tudo*.

19 DE JUNHO_O President'Lula disse no podcast do Mano Brown que foi um acerto trazer o Geraldão aqui pra ser vice. Que sou todo trabalhado na lealdade e não daria golpe como aquele sacripanta do Michel. Fiquei comovido que só. Vi uma análise do Pedro Venceslau, na CNN, explicando o contexto do impeachment da Dilma. Segundo ele, o PSDB estava dividido entre cabeças brancas, como FHC, e cabeças pretas, como Bruno Araújo. Achei interessante a metáfora. Mostra como minha calvície me classificou automaticamente como terceira via.

20 DE JUNHO_Soube que o Aécio Neves ficou tão impactado com a vitória do Botafogo contra o PSG que teve uma epifania. Segundo ouvi à boca miúda, ele acredita que é a hora de apostar no inesperado. E está cogitando se candidatar à Presidência em 2026. Anotação mental: se ele me convidar para a chapa, tenho que me preparar psicologicamente para não rir.

Terminamos o mês com ninguém menos que o Putin declarando estar preocupado com a possibilidade de uma Terceira Guerra Mundial. O *Talk Xou do Xandão* precisa agendar logo essa entrevista. ✪

ines249

O SONHO AMERICANO EM FRANGALHOS

A destruição da democracia por Trump, mês após mês

MARTHA BATALHA, de Santa Mônica

Caro leitor,

Você não tem ideia de como a coisa está braba por aqui. Eu sei, você acompanha as notícias e pode inclusive dizer exatamente isso: as coisas nos Estados Unidos estão brabas e tal. Mas braba é uma palavra genérica, incapaz de pontuar o quanto, o como e o para quem, o até quando e o porquê. Os fatos, o clima, as consequências, a rápida erosão de um sistema de governo democrático.

Por isso escrevo esta carta. Para definir, no melhor do meu entendimento e da minha experiência, o que eu quero dizer com "brabo". Para dar forma e conteúdo ao governo Trump.

Tem sido brutal, e o grupo ao qual pertenço com orgulho — o dos perdedores — se vê em constante choque. Há também muita revolta, negação, impotência, desespero, rancor, frustração. Mas tem algo só meu e seu, como brasileiros, se você estivesse aqui. É o sentimento de *déjà vu*.

Vem desde as conversas com meus pais, quando eu era menina, durante os anos da ditadura. Um casal, de 30 e poucos anos, contando para a filha o que era fugir da polícia na Cinelândia, não poder se manifestar ou votar para presidente. Eu entendi o período como ausência do que deveria ter sido, como algo precioso roubado aos meus pais. A injustiça feita à geração deles se tornou a minha. Ela abriu minha percepção para a longa cauda de consequências de um governo autoritário: a alienação do povo, a mediocridade dos líderes, corrupção, violência, desigualdade.

O que está acontecendo aqui é parecido.

Trump governa ignorando a Constituição, esvaziando o governo, aterrorizando pessoas e atacando instituições. Aquele "E daí?" do Bolsonaro é o mantra diário dele. Os americanos, tão competentes no uso da língua, tão pragmáticos e sempre indo ao ponto, escolhem chamar as medidas autoritárias e ilegais de "crise constitucional". Uma crise é temporária e pode ser resolvida. Passa a ideia de caos e instabilidade, mas também de limite, movimento e esperança. Já totalitarismo, autocracia, fascismo sugerem algo maior em escopo e duração. Algo que almeja o definitivo, e mesmo que não seja para sempre é poderoso o suficiente para transformar um país.

Esse "brabo", se dando aqui, vai perdurar por dois anos (até as eleições para o Congresso), ou quatro (eleições para presidente), ou mais. É terrível e também fascinante, e me vejo acompanhando tudo de um lugar estranho. Como se estivesse na plateia de um show pirotécnico encenado por sádicos. Vejo como queimam os mais vulneráveis. Por enquanto nada me aconteceu, mas esses sádicos controlam o fogo, e se o teatro queimar eu estou dentro.

Comecei a escrever este texto em janeiro, mentalmente, só para mim. Lendo as notícias, eu pensava: isso não é normal, nem aquilo, nem isso. Era o início de uma nova era de normalização do impensável. Em menos de seis meses, os Estados Unidos deixaram de ser a terra da liberdade, tolerância e democracia para se tornar um lugar de censura, opressão, caos e terror.

Entenda, portanto, essa carta como um fio de Ariadne, a tentativa de abarcar o que vem acontecendo desde janeiro até junho, quando me vi num lugar, a grande Los Angeles, com toque de recolher e tropas no Centro da cidade. Com gente sendo presa em seus trabalhos de lavadores de carro ou de vendedores de fruta nas esquinas. Com estudantes e familiares com medo de serem detidos nas cerimônias de graduação.

Brabíssimo, caro leitor. E só se passaram seis meses.

JANEIRO

Nos primeiros dias do ano, eu me juntei a milhões de americanos e evitei me informar: a audiência da CNN caiu 47% depois das eleições para presidente, em novembro passado. Ignoro o jornal impresso e bloqueio os sites de notícia. O povo quer esse homem? Pois então eles se merecem. Donald Trump ganhou no voto popular, no Colégio Eleitoral, tem maioria no Senado, no Congresso e na Suprema Corte.

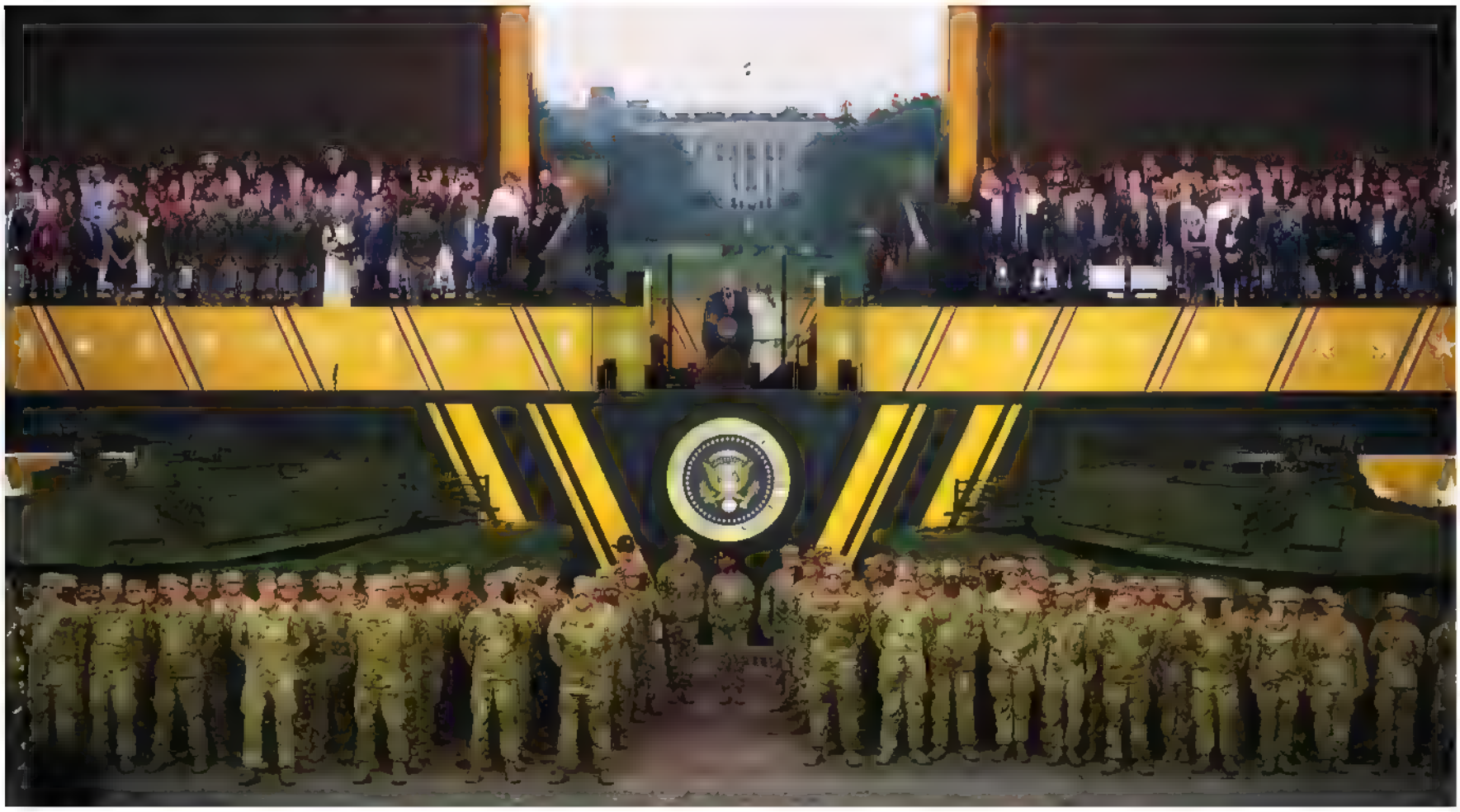
A única menção ao governo que me é imposta está no e-mail do diretor da escola de meus filhos, reconhecendo a mudança política e assegurando a proteção a estudantes sem documentos. Nas entrelinhas: não importa se a criança descende dos fundadores do país ou se atravessou na semana passada a fronteira, cruzando o deserto a partir da cidade mexicana Tijuana. A escola promete protegê-los e ensinar.

É um e-mail esperado, considerando que vivo em Santa Mônica, na Califórnia, uma das bolhas democráticas dos Estados Unidos. Imagine o mapa americano com duas faixas azuis: uma no litoral do Oceano Pacífico, outra do lado oposto, ao Norte, na costa do Atlântico. Imagine o centro do país em vermelho, com algumas rajadas de azul sobre os centros urbanos: Chicago, Denver, Atlanta, Filadélfia. Eu vivo na faixa azul (onde predomina o eleitorado democrata). Mas bastam três horas de viagem rumo ao interior e estou em outra América, a vermelha (do eleitorado republicano), menos miscigenada e mais religiosa, com lojas de armas e cartazes pró-Trump. Parece um estereótipo, e ali, de fato, eu me sinto em um cenário de exageros, a ponto da descrença. Eu me percebo num lugar que não me absorve, onde destoo pelo sotaque e a aparência. Era essa outra América – e o projeto de país que essa parte ambiciona – que eu evitava ao ignorar as notícias.

Durou menos de uma semana. No dia 7 de janeiro, minha filha ligou da escola para me contar sobre um incêndio próximo. A Santa Monica High School fica a seis quadras da praia, num planalto, em uma área de prédios baixos. A vista do terceiro andar do colégio alcança até a cadeia de montanhas por onde sobem as construções de Malibu, Pacific Palisades e Brentwood. À uma da tarde daquela terça-feira, os alunos trocaram as mesas de estudo pela vista privilegiada de um incêndio histórico. Pelos próximos dias, cerca de 230 milhões de m², uma área equivalente à de Washington D.C. queimaria na Região Metropolitana de Los Angeles.

Peguei meus dois filhos na escola e nos trancamos em casa, acompanhando a situação pela internet e a tevê. Ventos de até 160 km/h alimentavam as chamas. No site da prefeitura, um mapa estendia a área de

ines249



ANDREW HARNIK GETTY IMAGES NORTH AMERICA GETTY IMAGES VIA AFP 2025

Donald Trump e a primeira-dama, Melania: o presidente festejou em 14 de junho o próprio aniversário de 79 anos com uma parada militar que comemorou os 250 anos do Exército americano

evacuação até poucas quadras de onde moramos. Fizemos e desfizemos as malas várias vezes, conforme o vento soprava, com mais ou menos força. Foram dias de medo e expectativa, noites de sono inquieto, madrugadas em que soavam os alarmes públicos nos celulares, alertando para a evacuação. Sirenes de bombeiros, polícia e ambulância, o cheiro denso das coisas queimadas, residências próximas saqueadas, notícias de amigos que perderam tudo no fogo, informações sobre mortes. Quando o incêndio foi contido, metade da área em que eu circulo — os parques, as trilhas nas montanhas, cafés e restaurantes em Malibu, Pacific Palisades e Brentwood — tinha deixado de existir.

Em meio à tragédia coletiva, Trump toma posse. Em questão de dias, são apagadas 8 mil páginas de sites do governo com programas educativos, benefícios para veteranos, pesquisas científicas e informações sobre vacinas. São cancelados programas de empréstimos e bolsas de estudos. Trump culpa os democratas pelos incêndios na Califórnia e ameaça cortar a ajuda financeira. Perdoa os envolvidos no ataque ao Capitólio em 6 de janeiro de 2021. Cancela o programa de retirada das bombas inativas no solo de países como Iraque e Ucrânia. Também cancela voos para refugiados aprovados pelo governo anterior, de Joe Biden. Sugere realocar a população de Gaza no Egito e na Jordânia. Começa a prender imigrantes e fala em retomar o controle do Canal do Panamá. Sugere comprar a Groenlândia (que nunca esteve à venda) e decide mudar o nome do Golfo do México (que não pertence aos Estados Unidos) para Golfo da América. Exige a transferência de mulheres trans para prisões de homens e dá ao grupo de Elon Musk acesso ao sistema de pagamentos do governo. Sugere que vai lutar por um terceiro mandato (o que não é possível nos termos atuais da lei americana).

Trump surpreendeu pela rapidez das mudanças, a crueldade das medidas e o desprezo pelas instituições. O início de seu governo foi ainda mais traumático para os californianos democratas, afetados pelos incêndios.

Steve Bannon, um dos ideólogos do primeiro governo Trump e ainda influente na atual administração, afirmou que o papel de Trump é desconstruir o governo. Ou como ensinou Maquiavel: todo o mal deve ser feito de uma só vez.

A sensação é de caos, mas existe método na destruição.

Caro leitor, talvez você tenha ouvido falar do *Mandato para liderança — A promessa conservadora — Projeto 2025*, um documento de mais de novecentas páginas feito por cerca de 54 organizações de direita e 304 conservadores. Foi publicado em 2023 com o intuito de guiar as medidas do novo governo de Trump. O projeto propõe a total reconstrução ideológica dos Estados Unidos, baseada na moral conservadora cristã.

Algumas recomendações: reduzir drasticamente o número de servidores públicos federais, incluindo a demissão em massa daqueles que não se alinham com o governo; concentrar mais poder no presidente; cancelar programas que garantam mais diversidade no governo (seja de raça, gênero ou sexualidade); impedir que as escolas ensinem que o racismo é parte da base histórica dos Estados Unidos; usar fundos públicos para financiar escolas privadas cristãs; restringir o acesso a certos contraceptivos, como a pílula do dia seguinte; reformar e cortar pessoal do FBI (a principal agência que investiga crimes financeiros, de corrupção, de ódio e de terrorismo).

Dezenas de colaboradores do *Projeto 2025* estão agora na administração do Estado. Dois terços das primeiras ordens de Trump se assemelham a essas recomendações.

FEVEREIRO

Trump anunciou a venda de centenas de prédios do governo. Cancelou 83% dos programas da Usaid, a agência americana que presta ajuda humanitária em vários países. Se opôs a uma resolução das Nações Unidas exigindo a retirada de tropas russas da Ucrânia e culpou Zelensky pela guerra. Demitiu milhares de funcionários públicos do Pentágono, da receita federal, do Usaid e outros órgãos. Impediu repórteres da agência de notícias Associated Press de acompanhar eventos na Casa Branca. Anunciou cortes de 900 milhões de dólares do Departamento de Educação. O próprio perfil oficial da Casa Branca postou no X uma imagem de Trump com uma coroa e os dizeres *Long live the king* (vida longa ao rei).

"A verdadeira oposição é a mídia", disse Bannon, durante o primeiro mandato de Trump. "A forma de lidar com ela é entupindo a zona de merda."

Não é bom viver num lugar em que a ideologia de Bannon se realiza, caro leitor. Onde acontece tanta coisa de anormal que fica impossível elaborar o raciocínio. Comecei a ler as notícias em busca de pistas. Quando e como um sistema democrático se desfaz? Se há um golpe de Estado, com tanques na rua, prisões e mortes, temos claro que algo aconteceu. Mas como saber da ruína da democracia quando o cotidiano continua intocado e a violência não nos atinge diretamente? Quando ninguém nos priva dos confortos da classe média ou da possibilidade de criticar o governo nas redes sociais?

Ouço os primeiros rumores de prisões de imigrantes em seus locais de trabalho. Vou à Home Depot, loja de material de construção próxima de onde eu moro, e percebo a ausência de homens no estacionamento. Era comum vê-los sentados no meio-fio ou encostados na porta de caminhões velhos, à espera de quem lhes oferecesse um dia de trabalho. Também desapareceram as mulheres latinas que vendiam fruta nas esquinas da cidade. Era uma imagem típica de Los Angeles: dobrar uma rua e deparar com o carrinho cheio de fatias de abacaxi, manga, laranja e melancia para serem vendidas em um copo. Ao lado do carrinho, a mulher de origem mexicana, com longos cabelos negros, sentada em um banco, à espera de clientes.

Essas pessoas são agora inimigas do Estado. O site da Casa Branca afirma estar protegendo o país de uma invasão e define imigrantes sem documentos como "forasteiros". Diz o site que esses imigrantes apresentam "ameaças significativas

ines249

ADÃO TJRJ/SCARA 2025

contra a segurança nacional e a estabilidade pública, cometendo atos vis contra americanos inocentes. Outros se engajam em atividades hostis, incluindo espionagem, espionagem econômica e preparação para atividades de terrorismo".

Eu moro nos Estados Unidos há dezessete anos. Vim por questões pessoais e me mantive legal no país primeiro com o visto de estudante e depois pelo trabalho em uma editora em Manhattan. As babás que permitiram que eu trabalhasse eram brasileiras. Pequenos consertos na casa eram feitos por latinos. Os médicos que me atenderam eram judeus, coreanos, chineses e do Leste Europeu. As enfermeiras, na maioria, das Filipinas. Ao sair para jantar com meu marido (de família cubana), falávamos espanhol com garçons mexicanos. Taxistas e motoristas de Uber poderiam ser do Afeganistão, Iraque, Colômbia, Índia, Congo, Bangladesh. Aluguei o apartamento de um italiano, tive vizinhos do Japão, da Espanha e do Laos, fiz a capa para o sofá com um vietnamita. Dezenas de vezes, falando com estranhos e percebendo o sotaque, perguntávamos um ao outro de onde vínhamos. Mais de uma vez descobri estar falando com um brasileiro.

Em 2017, eu me tornei cidadã junto com outras 6,3 mil pessoas de 130 países no Centro de Convenções de Los Angeles. Foi uma grande festa, com algumas mulheres de vestido longo carregando buquê de flores, homens de terno e gravata, famílias reunidas para assistir e celebrar. Nunca estive em um lugar tão diverso e cheio de otimismo e esperança. Nunca ouvi tantas línguas e percebi tantas cores de pele. Para muitos a cidadania era como uma certidão de renascimento. Um novo começo, oficial, longe de seus países destruídos por guerras, miséria, ditaduras, extremismo religioso.

Entendi naquele dia que ser americana é habitar um lugar de todos. Que eu jamais deixaria de ser brasileira tornando-me americana porque esse não é um país que se faz por exclusão, mas por inclusão e tolerância. A cerimônia foi, para a maioria, a realização dos versos de Emma Lazarus, impressos no pedestal da Estátua da Liberdade.

Dá me os teus cansados,
os teus pobres,
as tuas massas aglomeradas que anseiam por respirar livres,
os rejeitados miseráveis da tua costa fervilhante.
Envia-me estes, os sem-teto sacudidos pela tempestade
Levanto minha lâmpada ao lado da porta dourada!

Emma Lazarus, por sinal, era americana de origem judaica sefardita, descendente de imigrantes de Portugal que viveram no Brasil. A família foi para Manhattan fugindo da perseguição religiosa no Recife.

Deportações sempre existiram. O governo George W. Bush expulsou cerca de 10 milhões de imigrantes ilegais, entre deportações e retornos voluntários (quando a pessoa é detida na fronteira, por exemplo, e volta dali). O governo Bill Clinton: 12,3 milhões. O governo Barack Obama: 5,2 milhões. Mas nenhum governo antes definiu o imigrante ilegal como criminoso, separou famílias ou impediu julgamento antes da deportação. Todos respeitaram o "jeitinho americano" de usar mão de obra barata e ilegal para mover a economia. Os imigrantes são, sobretudo, mãos: lavando, passando, cozinhando, cuidando, consertando, plantando, dirigindo, embrulhando, entregando, limpando, construindo. Não existe um americano que não tenha se beneficiado desse arranjo. Se o imigrante for ativo e desembaraçado, se trabalhar de dia e de noite, se jamais ficar doente ou sofrer acidente, ele vai tocando a vida na clandestinidade até conseguir documentos.

O que o governo Trump está fazendo não é proteger as bordas ou deportar criminosos. Não é retirar uma camada de forasteiros do país, mas retirar do país uma parte dele próprio. É ameaçar a identidade e a economia americana.

MARÇO

No início do mês, o governo define as palavras e expressões que devem ser banidas, evitadas e limitadas por agências federais, documentos, sites, programas de saúde pública e pedidos de bolsa de pesquisa. São mais de 350 palavras, como: antirracismo, ativismo, aborto, negro, energia limpa, crise climática, apropriação cultural, deficiências, discriminação, diversidade, igualdade, feminismo, inclusão, diversidade de gênero, discurso de ódio, minoria hispânica, desigualdades, injustiça, LGBTQIAPN+, marginalizado, saúde mental, minorias, multicultural, político, poluição, prostituta, racismo, segregação, preferências sexuais, justiça social, transgênero, vacinas, vítima, populações vulneráveis, mulher, mulheres.

A compilação é praticamente um serviço público, ao produzir pelo negativo o perfil do governo: não se pode falar de imigrantes, latinos, negros e mulheres, mas se pode falar de homens brancos. Não se pode mencionar energia limpa, mas petróleo pode. Não se pode falar de justiça social, mas de armamentos pode.

É como se todas as palavras da língua inglesa formassem um grande bloco de mármore. O bloco está sendo esculpido por uma elite com rígida visão do produto final. A cada investida no mármore as palavras que divergem dessa ideia se desprendem. No fim do projeto, e rodeado por lascas caídas ao chão, surgirá a escultura do Homem Branco Hétero. Então alguém chega, varre a sala, e o que foi eliminado desaparece.

Palavras dão sentido ao mundo, acrescentam nuances, são a base de pensamentos complexos. Quando limitadas, o próprio entendimento do entorno se limita, e o debate público empobrece.

A palavra que melhor define o mês é "expurgar". Descubro que o Pentágono deletou de seu site o perfil de funcionárias notáveis. O cemitério militar de Arlington apagou as páginas sobre mulheres veteranas. Remover estes perfis é afirmar que mulheres profissionais brilhantes nunca existiram. Nas palavras da escritora Anna Funder: "O milagre do homem e suas obras-primas se dá fazendo as mulheres desaparecerem."

O salário mínimo dos servidores públicos federais foi reduzido de 17,75 dólares para 13,30 dólares a hora. O número de funcionários públicos demitidos chegou a 25 mil (quase a totalidade foi recontratada, por ordem judicial). Como punição ao que define como manifestações antissemitas, o governo cancelou 400 milhões de dólares que seriam destinados à Universidade Columbia e prendeu os primeiros estudantes estrangeiros por manifestações pró-Palestina.

Um dos programas mais degradantes da tevê americana é *Neighbourhood wars* (Guerra entre vizinhos, transmitido por Hulu e outras plataformas de *streaming*). Nele pessoas se estapeiam, furam pneus e quebram os vidros dos carros, se atacam com mangueiras, são apartadas pela polícia e ameaçam matar uns aos outros. Vi um menino se aproximar de uma casa e chicotear a porta. O dono da casa (negro) vai reclamar com o vizinho e pai do menino (branco). Os dois trocam ameaças de morte. Corta para outro caso e a imagem de uma cerca sendo erguida entre duas casas. A vizinha que não pagou pela cerca acusa os trabalhadores de fazerem sujeira. Chega a outra vizinha e diz que tem o direito de fazer a cerca. A que reclama acusa os trabalhadores de olharem para ela quando tomava Sol de biquíni. "Você não deve falar assim", diz uma. "Eu falo como bem entendo", diz a outra. "Baixe a voz", grita uma. "Não baixo", afirma a outra. "Esta é a porra da América! E eu sou branca!"

Descobri o programa por acaso, zapeando canais. Fiquei fascinada pela baixaria, esperando o pior.

Algo semelhante está acontecendo quando acompanho as notícias do governo. Eu me vejo ansiando pela próxima manchete que irá me chocar. O desejo vem de um lugar em mim que se acostumou com o espetáculo e anseia para que seja intenso. Eu me percebo incrédula e provocativa, com a voz do que há de pior em mim procurando o pior dos fatos. "Eu quero ver se você é capaz de me chocar", diz a voz.

Da tevê *trash* à alta literatura. O escritor tcheco Bohumil Hrabal (1914-1997) descreveu um sentimento parecido no livro *Eu servi o rei da Inglaterra*. O protagonista, passando por uma área destruída pela Segunda Guerra Mundial, se vê admirando as ruínas:

Eu estava fascinado em observar uma destruição que também me aterrorizava. Quando a desgraça ocorre, quem pode se aproxima e olha fixo para o machado no crânio, para o corpo da mulher sob o bonde. Eu não tentei fugir, e estava inclusive satisfeito, e percebi que a desgraça, o sofrimento e as atrocidades não eram suficientes para mim. Eu poderia ter mais, não apenas eu, mas o mundo.

Trump não desaponta. Para mim, a imagem representativa do que houve de mais baixo até agora é a de imigrantes sendo extraditados para uma prisão de segurança máxima em El Salvador. Acusados de pertencer a uma gangue, os 238 homens foram enviados para lá pelo governo. Não se sabe muito sobre eles, nem mesmo se todos são criminosos. Alguns estavam no país sem documentação. Outros tinham dado entrada ao pedido de asilo político. A prisão para onde foram

ines249

em El Salvador é, segundo autoridades locais, um lugar de onde as pessoas não saem mais. Presos dormem em camas comunitárias sem lençol nem travesseiro, as luzes das celas ficam acesas dia e noite e a entrada de ativistas de direitos humanos é proibida. Juízes pediram a volta dos presos aos Estados Unidos, para que fossem julgados conforme as leis americanas. O governo Trump ignorou. Os juízes insistiram. O governo Trump: e daí? A imprensa, estamos vivendo uma crise constitucional

Kristi Noem, secretária de Segurança Interna, visitou a prisão em El Salvador. Em uma imagem, ela aparece na frente de uma cela onde estão apinhados dezenas de homens de pele escura e cabeça raspada, cabisbaixos. Noem tem os cabelos castanhos e soltos, veste boné azul e uma camiseta branca colada ao corpo. No pulso esquerdo, um relógio Rolex dourado.

Roupas passam mensagens. A mensagem que Noem escolheu passar naquele dia foi: peitos. Rosto esteticamente impecável e sem expressão, maquiagem pesada, acentuando a boca e os olhos, a roupa exaltando as partes do corpo que alimentam o desejo masculino. É uma imagem com dois pontos focais destoantes, e eu me percebo alternando o olhar entre os presos ao fundo e a Barbie à frente. O feminino de Noem é uma traição ao feminismo, que por conceito significa justiça, empatia e igualdade

*

Em Santa Mônica, o céu agora está azul, as palmeiras se exibem exuberantes, e não se agitam como caniços pardos, como nos dias de vento e fogo. Praia com gente caminhando, correndo e andando de bicicleta. Turistas no píer, lojas e bares cheios. As flores brancas dos pés de jasmim indicam que a primavera está próxima.

Uma vez por ano, as escolas públicas abrem as portas para a visita dos pais. Vamos de sala em sala, para conversar com os professores e nos inteirarmos sobre o currículo. Atravesso o gramado e entro no prédio retangular da escola de ensino médio. No corredor, passo por um painel de 2 metros de largura, intitulado Escola Segura, com informações sobre escolhas sexuais, indicações de livros de conteúdo LGBTQIAPN+ e números para os estudantes ligarem se precisarem conversar sobre sua saúde mental. O painel seguinte tem o título Mulheres Fenomenais e traz fotos e biografias de Frida Kahlo, da ex-candidata presidencial Kamala Harris, da juíza da Suprema Corte Sonia Sotomayor, da astronauta Crista McAuliffe

Entro na sala onde meu filho de 13 anos tem aulas de história e inglês. Todas as paredes estão cobertas por cartazes e *post its*. Um dos cartazes é sobre microempréstimos para empreendedores de países pobres. Vejo a foto de uma mulher, Aishakul, do Cazaquistão, que precisa de um empréstimo de 25 dólares para melhorar as condições de vida de suas quinze vacas. E a foto de Hassan, de Uganda, que pede 25 dólares para comprar fertilizantes para sua plantação de café.

Em outra parede, em pequenos retângulos, estão escritos os nomes de pessoas que fazem ou fizeram a diferença (*upstanders*) em suas comunidades. O destaque daquela semana é Patsy Mink (1927-2002), a primeira mulher de origem asiática a ser eleita para o Congresso, conhecida por fazer avançar os direitos das mulheres. Em torno do nome dela, as perguntas: O que ela tentou conquistar? Como agiu? Que palavras poderosas e ideias divulgou? Ainda precisamos de ativismo nessa área? Em um quadro, há o desenho de letras e mosaicos árabes feitos pelos alunos, além de fotos da ativista afro-americana Rosa Parks (1913-2005), da ativista paquistanesa Malala Yousafzai (nascida em 1997), do líder indiano Mahatma Gandhi (1869-1948) e do promotor Benjamin Ferencz (1920-2023), procurador dos Estados Unidos em um dos processos de Nuremberg que julgaram os crimes nazistas

Sobre as mesas de cada aluno estava o poema que fizeram, *De onde eu sou*, inspirado em trabalho homônimo da poeta George Ella Lyon. Alguns versos feitos pelas crianças

Eu sou da Califórnia e do México
Eu sou da Alemanha e França
Eu sou do Brasil e Porto Rico
Eu venho da minha avó, ainda conosco,
sobrevivente do Holocausto
Eu sou feita de tortilhas e tamales
Eu venho do meu avô no Egito
Eu sou da Croácia e do Chile
Eu sou do Japão e de Nova York
Eu venho da Itália, do Colorado e da
Argentina
Eu venho de mi abuelita, *do México*
e de Seattle

Eu visito a escola todo ano. Mas nunca o conteúdo me pareceu tão nítido, tão bem delineado, pelo contraste que cria com o que está acontecendo no país. Pela primeira vez, percebi a escola como um lugar de resistência, onde se constrói o que o governo quer apagar. Se por um lado o contraste é bem-vindo, por outro indica que aquilo que eu considerava natural (conhecimento, direitos humanos e civis, pensamento crítico, diversidade) é agora subversivo.

ABRIL

A mulher de origem mexicana que limpa nossa casa uma vez ao mês conta que seu vizinho foi deportado. Amigos com *green card* evitam postar sobre política, por medo de deportação. Na revista *The New Yorker*, um texto explica sobre como se proteger em regimes totalitários e como resistir a eles. Dedicada ao jornalismo, à alta literatura e aos cartuns sofisticados, a revista sugere aos leitores usar mensagens criptografadas e apagar o conteúdo das redes sociais.

Vivo agora em um país onde estudantes estrangeiros são detidos e têm medo de se manifestar, onde imigrantes são presos enquanto procuram trabalho, onde pessoas acusadas de pertencer a uma gangue podem desaparecer, sem julgamento, numa prisão na América Central. Onde o presidente ameaça escritórios de advocacia, universidades e empresas que mantêm programas que promovem a igualdade de oportunidades. Onde cientistas perdem recursos para pesquisa e planejam se mudar para outros países. Onde o presidente processa veículos de imprensa, exigindo bilhões. Onde os preços variam conforme a tarifa imposta – ou não – pelo governo. Onde legisladores trabalham para cortar serviços de saúde da população mais pobre e de pessoas acima de 65 anos, para que milionários paguem menos impostos. Onde a demissão de fiscais, o fechamento de órgãos reguladores e a escolha de aliados para altos cargos públicos possibilitam a manutenção do governo mais corrupto da história americana – a fortuna da família de Trump aumentou 3 bilhões de dólares desde janeiro, faturando em acordos internacionais e criptomoedas. Vivo em um país onde o secretário de Saúde, Robert Kennedy Jr., acredita que vacinas causam autismo, que produtos químicos na água podem alterar o sexo das crianças e que a Aids não é causada pelo vírus HIV, mas por *poppers*, droga usada para aumentar o prazer sexual. Onde se discute a possibilidade de anular o *habeas corpus*

É esse o "brabo" a que me referia, leitor.

*

No feriado da Páscoa, viajei para Nova York. É a terra de Trump. Foi das escadas da Trump Tower, na Quinta Avenida, que ele desceu em 2015 para a primeira aparição como candidato a presidente. Em abril passado, em uma manhã de sexta-feira, o prédio estava protegido por grades e cercado por seguranças. Um homem de terno com uma máscara de Trump andava de um lado para o outro em frente à entrada, movimentando-se com gestos histriônicos. Turistas passavam perto, sem dar bola. A poucos metros, em mesas improvisadas na calçada, imigrantes africanos vendiam bonés com o slogan dos trumpistas: *Make America Great Again*. Lojas de suvenires exibiam camisas com a famosa foto feita durante o atentado a Trump, em que ele aparece com o sangue escorrendo pela orelha ferida. Na Union Square, uma senhora vestida de rosa empunhava solitária um cartaz em favor da democracia. As bancas e lojas de conveniência que restam na cidade ofereciam jornais com manchetes sobre as tarifas do presidente e a queda alarmante do mercado de ações. Os muros do East Village estavam cobertos por cartazes com a foto de Mahmoud Khalil, estudante da Universidade Columbia preso pela polícia migratória devido a protestos pró-Palestina. Junto à foto, estava a carta que ele escreveu da prisão. Um trecho diz:

Escrevo para você de uma unidade de detenção na Louisiana, onde acordo em manhãs frias e passo longos dias testemunhando as injustiças silenciosas con-

ines249

tra pessoas privadas das proteções da lei [...] *O governo Trump está me perseguindo como parte de uma estratégia mais ampla para suprimir a dissidência. Pessoas com visto, residentes permanentes e até cidadãos serão perseguidos por suas crenças políticas.* [...] *O que está em jogo não são apenas nossas vozes, mas as liberdades civis fundamentais de todos*

Para onde quer que eu olhasse em Nova York, via política. E entendi que essa atitude não seria passageira, mas uma nova forma, atenta e apreensiva de viver no país

MAIO

É preciso coragem para dar nome ao irreversível. Morte, divórcio, câncer, partida, ditadura, fascismo. A palavra esclarece e define, dá forma e sentido ao que antes era conveniente e seguro ignorar, demanda entendimento e ação

Agora se está falando menos em "crise constitucional". A palavra usada mais abertamente é "fascismo". O *New York Times* publica um vídeo com Marci Shore, Timothy Snyder e Jason Stanley, todos ex-professores da Universidade Yale (hoje na Universidade de Toronto), associando o momento atual dos Estados Unidos à Alemanha de Hitler e à repressão na União Soviética. Eles sugerem estabelecer centros de resistência e organizar a população. Comparam os Estados Unidos com o Titanic, o transatlântico que todos asseguravam jamais naufragar. Usam palavras exóticas aos americanos e agora relevantes. Uma delas é "expurgo" (de imigrantes e estudantes estrangeiros). Outra é *proizvol* (do russo): o governo pode fazer o que quiser com você, e não há formas de se defender. Em um momento, Jason Stanley diz: "Você sabe que está vivendo numa sociedade fascista quando pensa constantemente nas razões pelas quais está seguro"

Escrever este artigo me ameaça? Posts no Instagram me comprometem? Se eu viajar para o exterior terei permissão para voltar?

A erosão da democracia prossegue. O prefeito de Newark, em Nova Jersey, é preso em um protesto contra a polícia migratória. A bibliotecária do Congresso, uma mulher negra, é demitida, acusada de dar "livros inapropriados para crianças". Oklahoma muda o currículo de história do ensino médio, exigindo que se ensine uma *fake news*: a de que o Partido Democrata roubou as eleições de 2020. Trump aceita um jato de luxo do Catar, presente avaliado em 400 milhões de dólares, para usar durante o período na Presidência e depois transferir para seu uso particular. O envio de 32 imigrantes para a prisão em Guantánamo, cheio de simbolismo, custa aos cofres públicos 21 milhões de dólares. A canção *Heil Hitler*, de Kanye West, é lançada no 80º aniversário da derrota dos alemães na Segunda Guerra e ouvida milhões de vezes nas plataformas X e YouTube. Trump quer literalmente tirar os brinquedos das crianças, ameaçando impor à indústria Mattel, fabricante da Barbie, uma tarifa de 100%. Kristi Noem, a secretária de Segurança Interna, planeja um reality show com imigrantes competindo pela cidadania americana. Quando é indagada sobre o que é *habeas corpus*, ela responde que se trata do direito constitucional do presidente de remover pessoas do país

*

Faço outra viagem, agora com minha filha de 15 anos, para o Parque Nacional da Sequoia, no centro da Califórnia e ao Sul da Sierra Nevada. Sequoias são as maiores árvores do mundo, com até 85 metros de altura e 10 metros de diâmetro, o equivalente a um prédio de 28 andares, e cuja circunferência tem o tamanho de um pequeno estúdio. São criaturas maciças, resilientes e ancias. Chegam a ter mais de 3 mil anos e exibem as marcas da permanência nos troncos corroídos e calcificados por incêndios.

Perto de uma sequoia, somos como bonequinhos de Lego. Nossos problemas e nossa estada na Terra se tornam pequenos. É o desafio da vida inteira: o balanço entre a consciência de ser bem pouco e a urgência de, com este pouco, ser relevante para nossa insignificante e extraordinária comunidade de legos.

Cai neve no primeiro dia, deixando o entorno bem quieto e em paz. Há pássaros e corças, cachoeiras e riachos, o verde-escuro do musgo cobrindo pedras, variações de negro, marrom e cinza em árvores e troncos tombados e escurecidos por incêndios. Ao menos ali e por alguns dias eu pensei que a política seria tão insignificante para mim quanto eu sou para uma sequoia.

No segundo dia, vamos a uma cidade próxima encher o tanque do carro. Vejo o anúncio de uma feira de antiguidades no pátio de uma igreja e decido parar. As mesas enfileiradas exibem ferramentas e eletrodomésticos usados, montes de roupas surradas e pilhas de livros, a maioria de temas religiosos. Num estande ao canto, dois homens de pele e olhos claros, vestidos de jeans e camisa xadrez, abordam os passantes. Um deles entrega algo para minha filha.

É um feto.

Eu me aproximo. A mesa do estande está coberta de fetos de borracha maleável, com 2 cm de altura, a cabeça proporcionalmente maior que o tronco e em posição fetal, todos dentro de saquinhos plásticos. É uma imagem sinistra. "É assim que se parece um bebê de oito semanas", afirma um dos homens. "Já está todo formado. É um ser humano como nós."

Eu estava na outra América. Mais branca, religiosa e conservadora. Visível na aparência dos homens e na audácia de usar a autoridade masculina para influenciar a escolha reprodutiva de uma adolescente.

Permanecemos alguns segundos em silêncio. Eu e minha filha segurando o feto de borracha de um lado, e os homens em seu estande, do outro. Não havia diálogo, não havia empatia ou entendimento. Eu pertenço a um mundo em que o assédio antiaborto de dois homens a uma adolescente é uma violência. Eles pertencem a um mundo onde ensinar a uma jovem sobre métodos contraceptivos e direito universal ao aborto significa violência.

Colocamos o feto no porta-luvas e voltamos para casa. Aquela coisa macabra dentro do saco plástico me incomodava. Para tantas mulheres, o feto representa uma vida mais preciosa que a delas. Para mim, aquele objeto era o símbolo do retrocesso, da misoginia e do machismo, do controle alheio sobre o corpo feminino, da coerção por meio da ignorância, do medo e da culpa.

Junto ao feto havia um cartão da ONG Heritage House '76, descrevendo a evolução do "bebê" (e não embrião), desde o primeiro dia de concepção. Em seu site a entidade diz que tem como missão "salvar e transformar vidas, oferecendo ferramentas e recursos essenciais para orientar os indivíduos a fazer escolhas certas e conforme a vontade de Deus", além de promover "uma mistura harmoniosa de verdade e amor, moldando interações internas e externas, enquanto nos esforçamos para causar um impacto positivo no mundo"

A escolha de palavras é vaga, os clichês abundam, a mensagem é imprecisa e propositadamente enfraquecida por generalizações. Como diz George Orwell, no ensaio *A política e a língua inglesa*, pensar e escrever com clareza é o primeiro passo para um maior entendimento político:

A mistura do que é vago com a incompetência é a marca mais evidente da [...] *escrita política. Assim que certos temas são abordados, o concreto se dissolve no abstrato e ninguém parece conseguir pensar em expressões que não sejam clichês. A prosa passa a ser composta menos por palavras escolhidas em função de seu significado, e mais por frases prontas encaixadas como partes de um galinheiro pré-fabricado.*

JUNHO

Viajo a trabalho por quinze dias para a Europa. Quando volto, o país é outro. Há mais militares no Centro de Los Angeles do que os Estados Unidos mantêm no Iraque e na Síria. Trump enviou as tropas como resposta à resistência de civis contra a prisão de trabalhadores numa confecção de roupas. A maior parte da manifestação foi pacífica, mas houve também saques e queima de carros. Imagens de destruição são transmitidas a milhões nas redes, servindo ao governo para justificar o uso da força militar contra civis e dizer que o caos reina na Califórnia.

Protestos e conflitos concentraram-se em cinco quarteirões da cidade, e não impediram que a ópera *Rigoletto* fosse apresentada a poucas quadras do epicentro das manifestações ou que as pessoas que trabalham no Centro mantivessem sua rotina. No geral a cidade permanece em paz, embora resistente às investidas do Serviço de Imigração e Alfândega (ICE, na sigla em inglês).

Os protestos não acontecem apenas em Los Angeles. Nas redes sociais, há centenas de vídeos de civis tentando proteger imigrantes em todo o país. Alguns chegam a ser cômicos: moradores de uma comunidade em San Diego, na Califórnia, enfrentam as forças da repressão gritando "Vergonha!" e vemos os policiais, fardados ao estilo Robocop, voltarem acuados para seus carros. Outros revelam crueldade e covardia: homens armados perseguem e capturam trabalhadores de uma extensa plantação de morangos. Há

ines249

também os que se aproximam do terror político: um candidato a prefeito de Nova York é detido tentando proteger um imigrante em um tribunal de Justiça; o senador democrata Alex Padilla (de pais mexicanos) é detido e algemado apenas por fazer uma pergunta a Kristi Noem, a secretária de Segurança Interna, em uma coletiva de imprensa. É a erosão da democracia, ele disse depois. "Se um senador pode ser silenciado e detido dessa forma, cidadãos comuns correm um risco ainda maior." O ex-presidente Barack Obama se manifesta. "O que estamos vendo agora não é compatível com a democracia americana", ele disse. "É compatível com autocracias."

Há muito mais resistência, caos, violência, prisões. Muito mais medo e incerteza. Quando passo por trabalhadores num prédio em construção, pelos jardineiros latinos nas suas picapes com ferramentas enferrujadas na caçamba, pelas faxineiras entrando em seus carros velhos com vassouras e baldes, eu sei que estão todos em perigo.

O governo Trump determinou que o ICE deve prender 3 mil pessoas por dia. Imigrantes são detidos em clínicas de saúde, pontos de ônibus, tribunais e escolas. "Há famílias que pela primeira vez têm algum de seus membros se formando em uma *high school* [*equivalente ao ensino médio*] e estão com medo de assistir à cerimônia de formatura e serem deportadas. Que país estamos nos tornando?", afirmou o superintendente das escolas públicas de Los Angeles, Alberto Carvalho, americano de origem portuguesa. No jantar, minha filha comenta que um carro com agentes do ICE estava rondando a sua escola. Meu marido e eu nos olhamos, sem ideia de como reagir. Chega um e-mail do diretor da escola, explicando que a informação sobre o ICE não foi confirmada. Ele reconhece que algumas famílias estão com medo de participar da cerimônia de formatura e tenta tranquilizá-las, afirmando que agentes federais precisam de uma ordem judicial para entrar na escola.

A lei garante que qualquer criança nos Estados Unidos tem direito à educação, independentemente de ser cidadã americana ou não. A matrícula nas escolas públicas é feita mediante o comprovante de residência – se a criança mora na área da escola, tem o direito de estudar ali. Ao longo dos anos, meus filhos (que são cidadãos americanos) estudaram com crianças sem cidadania. Nunca foi um problema para mim ou outros pais.

No dia seguinte, meu filho também fala de policiais rondando a sua escola. Comento com os pais de outras crianças e ninguém sabe dizer se são agentes da polícia migratória ou policiais municipais (que estariam ali para proteger a escola das investidas da polícia migratória).

É tudo confuso, imprevisível, ameaçador e, principalmente, novo. Estudantes de sete escolas públicas de Los Angeles foram presos e deportados com suas famílias. No parque perto de minha casa, babás entram em pânico e fogem quando percebem um homem filmando o local. A cidade de Pasadena cancela as atividades em praças públicas durante o verão, temendo a presença do ICE. Torcedores brasileiros venderam seus ingressos para o Mundial de Clubes (que acontece em vários estádios americanos) por medo da polícia migratória. O ICE tentou entrar no estacionamento do estádio de baseball do Dodgers, em Los Angeles, e foi impedido.

Comunidades se organizam pelas redes, com pessoas se oferecendo para fazer compras para trabalhadores sem documentos com medo de sair às ruas. Uma plataforma colaborativa na internet, chamada People over papers (Pessoas em primeiro lugar), é alimentado diariamente com informações de civis sobre aparições do ICE no país. Também existe agora um aplicativo – ICE Block, que serve para avisar sobre onde policiais são vistos. Mas não é fácil. Agentes podem estar à paisana ou disfarçados como policiais municipais.

Em Los Angeles, junho é o mês dos jacarandás. Cinquenta mil pés florescem, decorando a cidade com suas copas lilases. Em um domingo, vou com meu filho ao campus da Universidade da Califórnia em Los Angeles (Ucla) para ver as árvores. É um dos meus lugares preferidos na cidade. Gramados extensos, prédios modernistas, um parque de esculturas a céu aberto pontuado por jacarandás. Calhou de ser um dia de formatura e, para chegar ao campus, passei por dezenas de carros de polícia, que estavam ali para proteger estudantes e familiares, caso a polícia migratória aparecesse.

Esse é outro país. Ele não está nas notícias, mas no que experimento.

*

Sábado, 14 de junho. Em Washington, Trump se prepara para acompanhar a parada militar que mandou fazer em comemoração aos 250 anos do Exército americano e de seu aniversário de 79 anos. Pego um pedaço de cartolina dos trabalhos escolares das crianças, me arranjo com os pincéis e tintas e faço um cartaz, preso a um pedaço de madeira, onde está escrito: "Pense, Leia, Resista." Às onze da manhã, sigo para o Parque Palisades, em frente à Praia de Santa Mônica, onde acontece um dos 2 mil protestos no país contra o governo Trump, organizados pelo movimento Sem Reis. Quando me aproximo, um policial em um cavalo me diz que é proibido pedaço de madeira na manifestação.

Eu me desculpo e começo a descolar a madeira da cartolina. Alguém cutuca o meu ombro. É uma senhora, também com um cartaz: "Não precisa tirar a madeira. Ele só estava sendo babaca." Seguimos as duas para o parque. Meia hora depois, 3 mil pessoas estão reunidas ali, a maioria branca e certamente com cidadania. Muitas estão de rosto tapado.

A revista *Wired*, especializada em tecnologia, publicou dois artigos sobre como se cuidar em passeatas. Um dos conselhos é cobrir o rosto para se proteger das tecnologias de reconhecimento facial. Cuidado se for de carro, porque câmeras podem registrar a placa. Deixe seu telefone em casa, pois a polícia é capaz de interceptar o sinal de telefones e reconhecer o nome e o número do usuário. Cuidado ao tirar fotos e publicar nas redes: você pode estar expondo outros manifestantes.

Foi lindo, caro leitor. Mais do que um protesto, foi uma confraternização. Eu me dei conta de quanto estava sozinha e angustiada ao sentir o alívio da cumplicidade, no contato com outros manifestantes. Havia crianças, gente em cadeira de rodas, hippies, milionários, celebridades disfarçadas com óculos e chapéus.

Em Washington, 200 mil pessoas assistiram à parada militar de Trump. Em todo o país, mais de 5 milhões de pessoas participaram dos protestos contra o presidente.

Termino essa carta em fins de junho, depois de Israel e os Estados Unidos bombardearem o Irã, e o Irã bombardear as bases militares americanas no Catar. É o início da Terceira Guerra Mundial ou um ataque pontual? Se o objetivo era destruir as instalações nucleares, por que uma emissora de tevê em Teerã foi bombardeada? Por que Trump sugeriu aos iranianos fugir da capital? O cessar-fogo anunciado por Trump irá de fato ocorrer?

Eu não tenho respostas, mas isto eu sei: enquanto a atenção pública se volta para a política externa, Narciso Barranco, de 48 anos, jardineiro e ilegal no país, pai de três fuzileiros navais (um deles veterano do Afeganistão), foi derrubado, atacado com spray de pimenta e agredido com socos por quatro homens da patrulha de fronteira do ICE. Barranco teve o ombro deslocado e passou mais de 24 horas em um centro de detenção em Los Angeles. Sem receber cuidados médicos, água ou comida. Ele é só um entre milhares de trabalhadores detidos diariamente.

O que levamos conosco é o que lembramos. Eu gostaria de me lembrar de 2025 como o ano em que, depois dos incêndios na Califórnia, saí à rua para me molhar quando caiu o primeiro temporal. O ano em que adotei e me apaixonei por um cachorro e em que meu filho escreveu um poema sobre estar só em meio a bilhões de pessoas. O ano em que caminhei com minha filha pela neve fresca entre árvores gigantes e amei da melhor forma meu companheiro. O ano de viagens e momentos bons com meus pais, irmãs e amigos. Mas 2025 também é o ano em que o governo americano faz pessoas desaparecerem, levando-as para outros países. O ano em que 300 mil pessoas, até o momento, morreram em várias partes do mundo devido aos cortes de verba da Usaid. O ano em que o presidente dos Estados Unidos planejou construir uma base de dados com informações privadas de todos os americanos e comemorou o seu próprio aniversário com uma parada militar que pode ter custado 92 milhões de dólares. O ano da resistência civil.

"Que você possa viver em tempos interessantes." Já ouvi essa frase algumas vezes, e se a internet estiver certa trata-se na verdade de uma praga chinesa. "Interessante" não é o modo como queremos viver nossa estada na Terra. Viver num tempo chato, com um governo imperceptível e com todo mundo convivendo em paz é melhor. No momento, não é o que temos. E não há muito que possa ser feito, por enquanto, além de estar ciente do que acontece. Creio que é essa a parte que me toca: saber. E passar adiante o que eu sei. ✪

ines249

RETRATOS DO INFERNO

O massacre do Carandiru, nas pinturas de um sobrevivente

ARMANDO ANTENORE

Em outubro de 1992, Luiz Paulino tinha 25 anos e cumpria pena na Casa de Detenção, presídio da Zona Norte paulistana conhecido por Carandiru. A alcunha coincidia com o nome do bairro onde ficava o complexo penitenciário, o maior da América Latina. Cerca de 7 250 prisioneiros se espremiam ali, número muito superior à capacidade máxima da cadeia. Embora integrasse uma família evangélica, Paulino - que nasceu em Presidente Bernardes (SP) e ganhou o apelido de Bizil ainda garoto - não seguia a religião desde adolescente, quando enveredou pelo crime. Nunca renegou a fé cristã, mas preferia manter distância da Bíblia, dos pastores e dos cultos. Mesmo se considerando uma ovelha desgarrada, acreditou que "o Senhor" lhe enviou duas mensagens naquele terrível mês de outubro.

A primeira chegou em sonho. "Um portão imenso e reluzente se abriu no Carandiru. Enfileirados, centenas de homens atravessavam o portão e desapareciam", relembra Bizil. "Interpretei as imagens como um alerta de que algo relevante estava por acontecer." O sonho se deu na madrugada do dia 2, véspera de eleições municipais. Pela manhã, ocorreu uma briga "entre o Barba e o Coelho", detentos que ocupavam o pavilhão 9, destinado tanto para condenados quanto para quem aguardava julgamento. O bafafá eclodiu no horário do banho de Sol. "Por causa da confusão, os funcionários da bagaça encresparam. Quiseram botar a gente de volta no xadrez, e a chapa esquentou. 'Qualé?!', gritamos. 'Não vamos aceitar, não! Perder o banho de Sol apenas porque o Barba e o Coelho resolveram tretar?!'" Rapidamente, o protesto virou motim. Tropas da Polícia Militar, sob o comando do coronel Ubiratan Guimarães, invadiram a penitenciária, dispararam pelo menos 3,5 mil tiros e mataram 111 detentos. O massacre se tornou o episódio mais sangrento da história carcerária brasileira.

No quinto andar do pavilhão 9, Bizil dividia a cela 531-E com sete prisioneiros. "Eram seis rapazes de Piracicaba e o meu tio, que também praticou uns procedimentos ilícitos." Os oito estavam no corredor quando os policiais surgiram. "Se a gente continuasse zanzando fora da cela, as tropas iam fuzilar todo mundo. Por isso, entramos de novo no xadrez. Para dificultar a ação dos PMs, espalhamos água e óleo de cozinha pelo chão. Logo depois, tiramos a roupa e nos deitamos de bruços em cima daquela lambuzeira, com as mãos sobre a cabeça." A posição indicava que os encarcerados não pretendiam oferecer resistência.

"Já perto da nossa cela, um dos policiais berrou: 'Levanta, ô, Zé!' Obedeci, e o maluco sentou o dedo na matraca. Só que a arma falhou, acredita? O sujeito, decepcionado, me mandou deixar o xadrez. 'Pisa no veludo, Zé! Vai andando devagarinho.'" Foi então que Bizil recebeu o segundo aviso divino. "Meu espírito despencou num abismo bem escuro. À minha volta, inúmeros PMs babavam, possessos. Os caras tinham rabos de leão. 'Seja corajoso', rogou uma voz que brotava do além. 'Você vai presenciar coisas horrorosas, mas não vai perecer.'" De fato, Bizil cruzou o inferno - ou Hades, como costuma dizer - enquanto caminhava do pavilhão 9 até o pátio sob a mira da polícia. "Vi soldados jogando corpos de presos no fosso do elevador e em caminhões de lixo. Escutei gente suplicando por misericórdia, levei muita porrada e senti o bafo assombroso da morte." Mesmo assim, sobreviveu, à semelhança dos demais parceiros de cela.

O governo estadual desativou o Carandiru uma década depois do massacre, em 2002. Hoje, na área do complexo, se encontra o Parque da Juventude. Nenhum dos 74 policiais condenados pela chacina amargou um único dia de prisão. Passados trinta anos da matança, em dezembro de 2022, o presidente Jair Bolsonaro assinou um indulto natalino para extinguir a pena de todos eles. O Tribunal de Justiça de São Paulo ratificou o perdão.

Filho de um mestre de obras e uma dona de casa, Bizil se define como pardo. "Meu pai é branco dos olhos azuis. Minha mãe, que já morreu, tinha sangue indígena." A família trocou o interior pela capital paulista na década

Vencendo a morte no dia 2.10.92 **(2025)**

ines249

REPRODUÇÃO DE DAVI DE PACHECO 2025

ines249

de 1970. Para engrossar o orçamento doméstico, Bizil trabalhava quando criança. "Eu carregava mercadoria em feiras de rua e vendia samambaia no Viaduto do Chá. A polícia, que detesta pobre, sempre me esculachava: 'Você está de vadiagem. Vai em cana!' Me recolheram tantas vezes que pensei: 'Honestidade não adianta nada. Deixa a vida me levar.'"

Ele cometeu os primeiros furtos ainda na adolescência. Depois, virou assaltante. Uma rixa entre quadrilhas fez com que assassinasse dois rivais. "Peguei 27 anos de cadeia, mas o juiz diminuiu a bronca para 25. Baixei no Carandiru em março de 1986 e mofei por lá até 1999. Uma pedreira! Pura neurose." Completou a pena no regime semiaberto e nunca mais transgrediu a lei. "Sabe qual a pior facção do país? O Estado, que empurra o cidadão para o desvario, para a bandidagem, porque aliena a galera com um salário mínimo de fome, escola pública ruim e serviço médico de quinta. Assim que conquistei a liberdade, resolvi não dar sopa de novo. Prometi que o Estado criminoso jamais ia colocar as garras em cima de mim outra vez."

Na prisão, Bizil teve aulas de pintura. Também aprendeu a esculpir em madeira e terminou um curso por correspondência de desenho publicitário. Quando deixou o Carandiru, começou uma frutífera carreira artística. De quebra, concluiu o ensino básico e três faculdades, "todas presenciais": teologia, direito e pedagogia. Talvez por isso se expresse de um jeito muito próprio. Ora recorre às gírias da quebrada, ora adota um linguajar mais rebuscado.

Enquanto viveu "entre as grades", não se reaproximou da liturgia evangélica, mesmo depois de receber "as duas mensagens dos Céus": "Só retornei às Escrituras Sagradas fora do xadrez." Casado há quase três décadas, mora numa chácara em Francisco Morato, na Grande São Paulo, participa de um grupo que acolhe dependentes químicos, frequenta a Assembleia de Deus e batizou os quatro filhos com nomes bíblicos: Melquisedeque, Rebeca, Miqueias e Joquebede. "Meu lema agora é foco, força e fé."

À medida que o tempo avança, Bizil tem cada vez mais certeza de que não escapou por acaso da selvageria no Carandiru. "Saí ileso para impedir que a memória daquela barbárie se apague. A Constituição determina que o Estado ressocialize os presos. A PM não pode simplesmente invadir uma penitenciária e passar fogo." Desde que alcançou o regime semiaberto, em 2000, o sobrevivente de 58 anos pinta o que testemunhou no dia 2 de outubro de 1992. Ele afirma que vende a maioria dos quadros para colecionadores do Brasil e de outros países – "China, Estados Unidos, México, Itália..." Até o início de julho, o Solar dos Abacaxis, no Rio de Janeiro, abrigou uma exposição com 25 pinturas de Bizil sobre o massacre. "Já nem sei quantas produzi. Trezentas? Quinhentas? Sei apenas que não cogito parar." Todas as imagens publicadas nestas páginas são óleo sobre tela ✪

Troca de faca na rua 10 do pavilhão 9, quinto andar **(2024)**

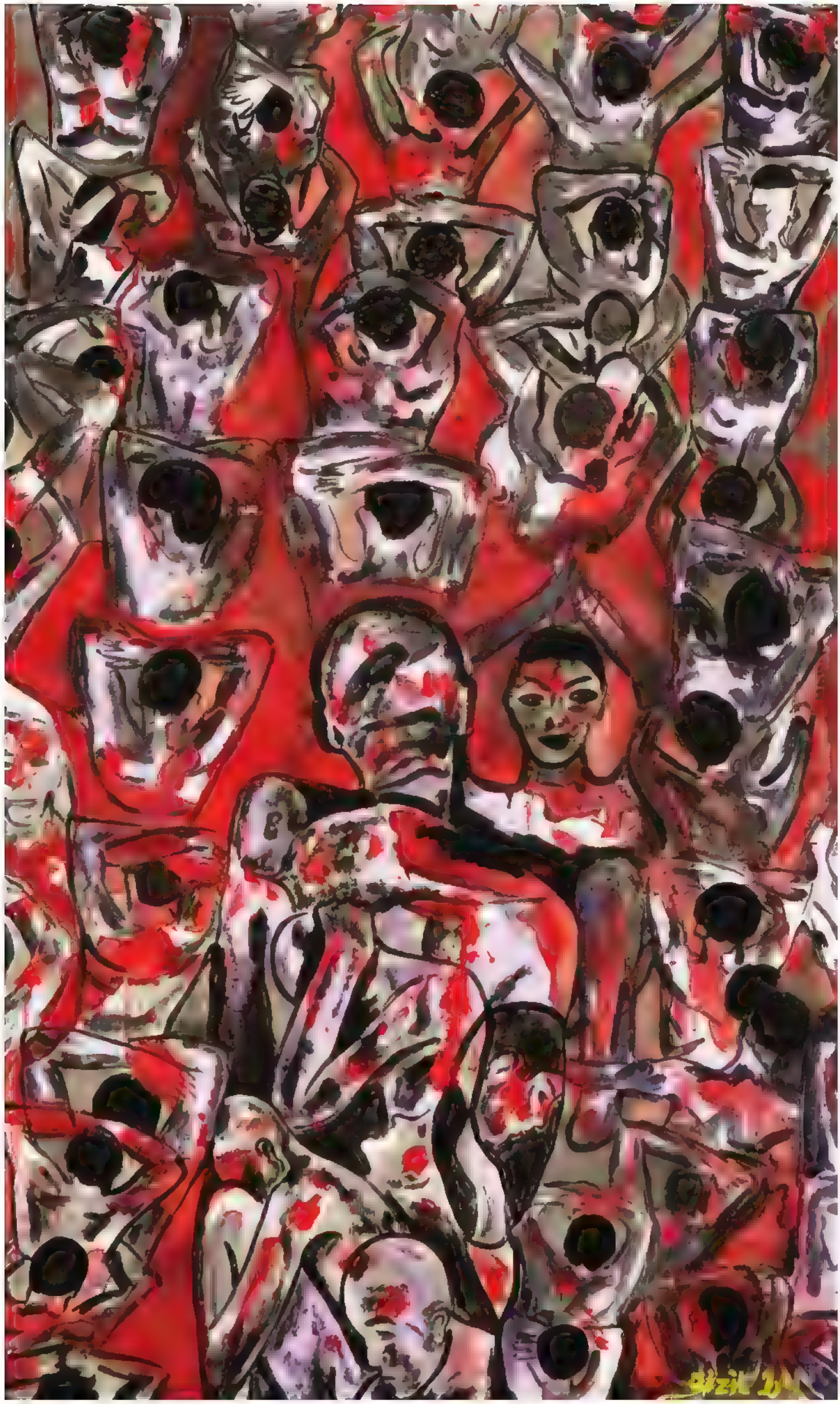
Os gritos de terrores **(2024)**

ines249

REPRODUÇÃO DE NAVE PACHECO 2025

Escada do além-viver **(2024)**

ines249



Deitados sobre sangue (2024)

ines249

REPRODUÇÃO DE DAV D PACHECO 2025

Egressos que foram descartados no coletor de lixo (2025)

ines249

OS ANIMAIS E A MORTE

Será que todo ser vivo compreende, de verdade, o que significa a finitude?

KATHRYN SCHULZ

Segundo o capitão John Smith, o explorador inglês do século XVII que conhecia tudo sobre a Virgínia, o gambá-da-virgínia "tem a cabeça como a de um porco, o rabo como o de um rato, e é do porte de um gato". Se Smith tivesse olhado mais de perto, teria descoberto que o animalzinho também tem polegares opositores, cinquenta dentes (mais que qualquer outro mamífero terrestre, à exceção do igualmente bizarro tatu-canastra) e, se for fêmea, treze mamilos, dispostos como em um mostrador de relógio, com doze em círculo e um no centro. Os mamilos ficam ocultos em uma bolsa na barriga, pois o gambá-da-virgínia é um marsupial, o único nativo da América do Norte.

Tudo isso é estranho, mas não tão estranho quanto o comportamento que dá fama a esse gambá: fingir-se de morto. Ao contrário do que se pode imaginar, não se trata apenas de se enrolar e ficar imóvel. O gambá que se finge de morto cai para um lado com a língua esticada para fora, os olhos bem abertos, sem piscar. A saliva lhe pinga da boca, enquanto sua outra extremidade vaza urina e fezes, juntamente com uma gosma verde pútrida e malcheirosa. Sua temperatura corporal e frequência cardíaca entram em queda, sua respiração se torna quase imperceptível e a língua fica azul. Se, em um surto de sadismo ou durante uma experiência científica, alguém lhe cortar a cauda enquanto está neste estado, o animal não moverá um único músculo.

Em inglês, a expressão *playing possum* (brincar de gambá) significa exatamente "fingir-se de morto", no sentido de evitar um conflito ou simular indiferença. Donde se pode perguntar: mas o que, exatamente, significa "fingir-se de morto" para um gambá? A resposta é bem mais difícil. Será que o gambá tem alguma ideia do que significa estar morto? (Sem falar se faz ideia do que significa "fingir".) Quando dá início à sua performance digna de um Oscar, será que o gambá sabe que está em perigo mortal? Será que o fato implacável da morte tem algum impacto no seu pequenino coração de gambá? E se não tiver — o que parece provável, dado que seu cérebro é muito pequeno —, o que dizer de todas as outras criaturas que se fingem de mortas: o sapo, a cobra, a aranha, o tubarão, vários pássaros, como o andorinhão? E o que dizer de todas as outras criaturas, de modo geral? O polvo, o elefante, o jacurutu, o gato doméstico, a tartaruga-gigante, o chimpanzé — quem, em todo o vasto reino animal, também percebe, tal como nós, algum sinal da mortalidade que se aproxima?

É essa a questão que anima *Playing possum: how animals understand death* (Fingindo-se de morto: como os animais compreendem a morte), publicado pela Princeton University Press, o novo livro da espanhola Susana Monsó.* A autora não é bióloga nem zoóloga, mas filósofa, com um interesse especial pela natureza da mente animal. Embora a obra explore, às vezes com precisão excruciante, o possível estado interior de todo um zoológico de criaturas, é a nossa própria condição intelectual e emocional que permeia as páginas do livro. A pergunta implícita da obra é: quanto qualquer ser vivo, humano

* Não há previsão de lançamento de *Playing possum* no Brasil.

ines249

Fingindo a própria morte: a tradicional relutância em admitir que o mundo animal entende a morte faz parte do nosso velho apego, cada vez mais insustentável, ao excepcionalismo humano

ines249

TUCA
Teatro da PUC-SP

O QUE SÓ SABEMOS JUNTOS

De Denise Fraga, Luiz Villaça e Vinicius Calderoni
Direção Luiz Vilhaça
Com Denise Fraga e Tony Ramos

Sex às 21h00, Sáb às 20h00 e Dom às 17h00 | **TUCA**

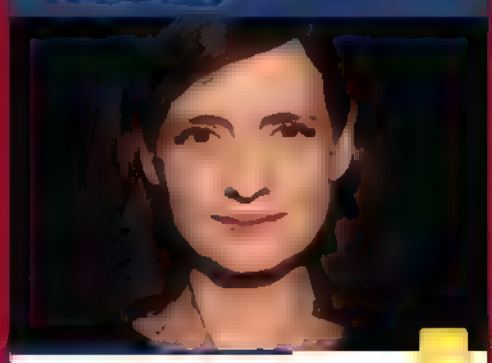
IN ON IT

De Daniel MacIvor
Direção Enrique Diaz
Com Emilio de Mello e Enrique Diaz

Sex e Sáb às 21h00 e Dom às 18h00 **TUCARENA**

TEMPORADA ESTENDIDA ATÉ 27 DE JULHO

EU DE VOCÊ



De Denise Fraga, José Maria e Luiz Villaça
Direção Luiz Villaça
Com Denise Fraga

Qui às 20h30 | **TUCARENA**

REESTREIA 07 DE AGOSTO

Ingresso online

Mais informações:
Rua Monte Alegre, 1024 - Perdizes
(11) 3670-8456 | 3670-8455
www.teatrotuca.com.br

PUC-SP

ou não, pode realmente compreender sobre o que significa morrer?

O campo em que Monsó se aventurou chama-se tanatologia comparada. É o estudo de como diferentes espécies reagem à morte. A questão não é nova. Em *A descendência do homem*, Charles Darwin pondera: "Quem poderá dizer o que sentem as vacas quando rodeiam e fixam o olhar intensamente em uma companheira morta ou prestes a morrer?" Se a questão é antiga, a disciplina é recente. Monsó data sua origem no ano de 2008, quando dezesseis chimpanzés de um centro de resgate em Camarões ficaram observando em silêncio absoluto algo nada típico da espécie - uma companheira morta sendo levada embora num carrinho. Uma foto dessa cena, publicada na revista *National Geographic* no ano seguinte, despertou uma explosão de simpatia e curiosidade, tanto no público geral como entre cientistas, psicólogos e filósofos, todos interessados em determinar o que aqueles chimpanzés estavam sentindo ao demonstrar, aparentemente, tanta tristeza pela morte do colega.

Acidentalmente, a foto também captou uma das maiores dificuldades para pesquisar o que os animais entendem da morte: é preciso estar ali presente para observá-los. Em teoria, é possível realizar todo tipo de experimentos para avaliar essa compreensão, desde que nossa curiosidade supere nosso senso moral. Seria factível, por exemplo, apresentar a várias criaturas um animal decapitado, empalhado, movendo-se como uma marionete. Ou usar um alto-falante oculto para expor a uma mãe um áudio pré-gravado do seu bebê morto

Os dois experimentos já foram propostos. Nenhum foi realizado, já que, felizmente, a crueldade e a morbidez caíram em desuso nos círculos acadêmicos. Assim, a tanatologia comparada depende sobretudo de evidências baseadas em relatos curiosos como o caso dos chimpanzés de Camarões -, testemunhadas por acaso e registradas com diversos graus de precisão. Em razão disso, e também do seu forte impacto emocional, o campo é extremamente suscetível a interpretações antropomórficas não justificadas. O objetivo de Monsó é dissipar essa névoa de subjetividade da disciplina, usando o principal instrumento da filosofia, o rigor lógico. Para determinar se os animais são dotados de algum conceito de morte, diz ela, é necessário primeiro definir o que significa um "conceito de morte".

Considere, por exemplo, o comportamento da formiga comum. Se uma formiga fica atolada na areia, suas companheiras tentarão salvá-la, puxando suas patas e escavando a areia para tentar libertá-la. Se uma formiga morre dentro da colônia, as outras, agindo como pequenos coveiros, logo retiram o corpo, em geral levando-o para um local fora do formigueiro.

À primeira vista, esses comportamentos parecem sugerir que as formigas compreendem a morte, já que têm reações adequadas tanto à iminência da morte quanto ao fato consumado. Na realidade, as formigas estão apenas reagindo a certas substâncias químicas no primeiro caso, uma substância que age como uma espécie de pedido de socorro e, no segundo, substâncias emitidas por um cadáver. Se um cientista pegar uma formiga viva e aplicar nela esse "perfume de cadáver", como fez o entomologista Edward Wilson nos anos 1950, as outras formigas vão considerá-la como morta e logo tratarão de retirá-la da colônia, ainda que o suposto cadáver esteja agitando as antenas, resistindo aos esforços das carregadoras e demonstrando todos os sinais possíveis de vida.

Em outras palavras, as formigas não têm conceito de morte. Sua reação à morte é governada unicamente pelo instinto. Monsó explica que podemos reconhecer essas reações porque são automáticas, provocadas por estímulos específicos e inteiramente previsíveis cada formiga vai sempre reagir da mesma maneira ao se deparar com a morte, e vai demonstrar o mesmo comportamento que suas colegas. Em contraste, os animais que têm um conceito de morte reagem de maneiras aprendidas, não instintivas. Suas reações a estímulos específicos não são rígidas, mas altamente variáveis: o mesmo indivíduo pode ter diferentes reações a diferentes mortes, e diferentes indivíduos reagem de maneiras diferentes à mesma morte

Devemos identificar a nossa própria espécie na frase acima. Os seres humanos adultos mesmo os insensíveis, os indiferentes, os emocionalmente imaturos demonstram um entendimento da morte que é notável em sua sofisticação. Incorpora a compreensão, entre outras coisas, da causalidade (toda morte é precipitada por algo), da universalidade (todos os seres vivos vão morrer), da mortalidade pessoal (nós mesmos estamos incluídos nisso) e da imprevisibilidade (não sabemos exatamente quando vamos morrer). E isso tudo antes de chegarmos às crenças sobre a vida depois da morte e às expressões de luto e pesar: usar roupas de crepe preto, recitar o *kadish*, escrever *Hamlet*

O conceito que temos sobre a morte é tão elaborado que já se argumentou que outros animais não podem tê-lo, de maneira alguma, porque, para tanto, seria necessário, por exemplo, compreender o que é a aniquilação. Mas isso é absurdo, insiste Monsó A questão não é saber se os animais têm um conceito de morte semelhante ao nosso. A questão é saber se eles têm algum conceito de morte, qualquer que seja.

Um aviso: *Playing possum* não oferece uma série de relatos tocantes demonstrando a existência de um "amor mais forte que a morte" entre os animais. Em 2013, foi lançado um livro assim. Chama-se *O que sentem os animais* (editora Odisseia), da antropóloga Barbara J. King. A autora não alega saber se os animais compreendem ou não a morte, mas afirma que sentem a tristeza de perder um ser querido, pois se afeiçoam e se apegam uns aos outros. "Porque um coração tem certeza de que a presença do outro é tão necessária quanto o ar para respirar", escreve ela. Em apoio a sua hipótese, ela oferece relatos comoventes de reações à morte em todos os quadrantes do reino animal, desde a megafauna com cérebro volumoso (primatas, elefantes, baleias) até os animais domesticados com mais sucesso de público (gatos, cães, cavalos), chegando até os mais surpreendentes (galinhas).

Monsó também nos oferece relatos similares, mas muito mais esparsos e com muito mais escrutínio e, quanto mais ela analisa, mais complicados parecem os relatos. Em 2017, por exemplo, uma macaca tonkeana chamada Evalyne deu à luz seu primeiro bebê, que morreu cinco dias depois. Na manhã da morte, Evalyne se recusou a comer e ficou dentro do seu recinto, aos gritos. Depois, passou a carregar o corpo do bebê por toda parte, lambendo e cuidando dele Em certo momento, enfiou os dedos em sua boca, como quem tenta estimular o reflexo da sucção. Durante dezessete dias, ela não o colocou no chão uma única vez.

O comportamento de Evalyne não é incomum no reino animal Muitos primatas, incluindo machos, já foram observados carregando um bebê morto, embora em geral por apenas algumas horas ou dias. O mesmo já aconteceu com vários cetáceos como no famoso caso da orca conhecida como Tahlequah que, sem a vantagem de ter mãos, como os primatas, carregou seu bebê morto nas costas, continuamente, durante semanas, atravessando quase 2 mil km do Mar de Salish, na Costa Oeste dos Estados Unidos. Esse comportamento também já foi visto em outras espécies. Em 2008, em Queensland, na Austrália, uma fêmea de dingo foi observada carregando seu filhote morto de um lugar para outro durante quatro ocasiões, enquanto cuidava dos filhotes sobreviventes

É quase impossível ler esses relatos e não sentir que esses animais compreendem o que aconteceu com seus bebês e estão sofrendo profundamente a dor da perda. Mas Monsó aconselha cautela. Segundo ela, quando um primata carrega seu bebê morto, muitas vezes o faz não com ternura, mas de maneira descuidada, levando o bebê na boca ou pendurado por uma só mão, deixando o corpo bater nas pedras e nas árvores, enquanto realiza todas as suas atividades normais, incluindo o acasalamento Evalyne, depois de dezenove dias da morte do seu bebê, passou a comê-lo. Quando o cadáver começou a se desintegrar, ela roía um pedaço por algum tempo e, depois, o descartava para pegar outro.

Essa não é a única história no livro de Monsó que se situa na interseção entre o amor, a morte e o almoço. Lemos também sobre um cão que, após o suicídio do dono, começou a comer o

ines249

rosto do morto, que havia sido encontrado menos de uma hora depois de sua morte e o cão tinha bastante comida na tigela. Parece, para nós, uma violação chocante de um relacionamento que normalmente imaginamos se basear no amor e na confiança, mas não é excepcional Dados confiáveis são difíceis de obter, mas estimativas sugerem que quase um quarto dos donos de animais de estimação que morrem sozinhos serão parcialmente consumidos por seus companheiros animais.

Em conjunto, esses casos evidenciam os limites do que se pode chamar de nossa tanatologia intuitiva. Ao saber que um primata, nosso semelhante, não larga seu bebê morto, atribuímos o fato à ternura maternal e a uma tristeza lancinante. Ao saber que um cão comeu seu dono morto, atribuímos o fato a um apetite cego e a uma indiferença bruta. Nenhuma dessas inferências, no entanto, está necessariamente correta. O comportamento da mãe primata pode sugerir uma incapacidade para compreender que o bebê morreu. Longe de estar inconsolável, talvez ela esteja apenas alheia ao fato real. Ou talvez esteja otimista, já que a atitude de carregar o bebê morto parece ocorrer apenas nos chamados estrategistas K assim chamadas as criaturas, como primatas e cetáceos, que investem uma enorme quantidade de tempo e recursos em um pequeno número de descendentes. Para essas criaturas pode fazer sentido, por mais que um bebê pareça sem vida, esperar pela possibilidade de que ele, de alguma forma, volte à vida

Quanto ao cão, antes que alguém decida se livrar do seu, considere o seguinte: quando encontram uma carcaça, os cães selvagens em geral começam a consumi-la pelo abdômen, a parte rica em nutrientes, e depois passam para os membros. Em 90% das vezes, segundo Monsó, eles nem sequer mordem a face da vítima. Já um cão de estimação vai direto para o rosto cerca de 70% das vezes, e raramente morde o abdômen. Monsó conclui: o cão não tem a intenção de comer o falecido dono, mas fazê-lo reagir, e se concentra no rosto porque sempre fez isso, estudando as expressões faciais do ser humano para perceber suas atitudes e seu humor

O fato é que observar a reação de um animal diante da morte, diz Monsó, não nos informa absolutamente nada sobre o que esse animal está pensando ou sentindo. A mãe chimpanzé pode não ter noção do fato real e estar contente O cão pode estar louco de tristeza. Mas, se essas histórias não esclarecem a questão, como podemos determinar o que um dado animal sabe sobre a morte, se é que sabe alguma coisa?

Para responder a essa pergunta, Monsó propõe uma definição básica de morte ou seja, o mínimo absoluto que um animal deve compreender a respeito da finitude para podermos dizer que ele, de fato, a compreende. Nessa versão bem simplificada, a morte implica a cessação permanente das funções associadas à vida. Embutidas nessa definição estão as duas noções que a autora crê que um animal deve captar para ter algum conceito de morte: irreversibilidade e não funcionalidade.

Esse esquema confere certa precisão a um assunto que muitas vezes é baseado em histórias e sentimentalismo, e leva a discussões fascinantes. Sobre a não funcionalidade, por exemplo, Monsó começa notando que os animais não precisam compreender que, no momento da morte, todas as funções cessam Basta que entendam que isso acontece com certas funções. Afinal, nem mesmo os humanos concordam sobre o que, exatamente, deixa de funcionar na hora em que morremos. Os irmãos João e Maria podem acreditar em diferentes destinos para sua falecida avó: João julga que ela está no Céu zelando por ele, enquanto Maria entende que ela está apodrecendo numa sepultura; no entanto, Maria não pensa que seu irmão não tem um conceito viável de morte apenas porque, para ele, a avó preservou parte de suas funções a do zelo, por exemplo.

Da mesma forma, para que um animal compreenda a não funcionalidade não é necessário que entenda todo o espectro de capacidades que se encerram na morte, mas apenas aquelas que considera características dos seres vivos Nossas formigas falham nesse teste, porque consideram que uma companheira malcheirosa está morta, embora esteja perfeitamente funcional. Os ratos se saem melhor. eles também retiram do ninho um rato vivo que recebeu um spray de "perfume de putrefação" mas, como observa Monsó, só o fazem caso o rato esteja anestesiado, imóvel Isso significa que os ratos entendem algo que as formigas não entendem que o movimento normal é incompatível com o estado de morte

E será que os ratos também compreendem a irreversibilidade? Supõe-se que não, considerando que compreender a irreversibilidade exige um raciocínio sofisticado sobre o futuro – uma capacidade que, provavelmente, está aquém de muitos animais não humanos Mas será que o corvo realmente precisa entender o que significa "nunca mais" para compreender a morte? Monsó não pensa assim Segundo ela, saber que uma criatura morta jamais voltará à vida não requer nada além de ser capaz de

ines249

reclassificar uma entidade animada como entidade inanimada - categorias que são reconhecidas em muitas esferas do reino animal

Não se sabe se Monsó está certa, ou não, quando afirma que os animais usam essa troca de categorias para compreender a irreversibilidade, mas as evidências estão a seu favor. Na Uganda em 2018, por exemplo, um chimpanzé fêmea deu à luz um bebê albino, uma ocorrência raríssima na espécie. Normalmente, a reação dos chimpanzés a um recém-nascido é de carinho e entusiasmo, digna dos avós de uma família italiana. O albino, porém, provocou terror. Os chimpanzés gritavam como fazem diante de um perigo mortal, até que o macho alfa do grupo arrancou o bebê da mãe e, com a ajuda dos outros, matou-o. Assim que o bebê morreu, a atitude dos chimpanzés mudou completamente, passando de pânico para curiosidade. Cheiravam o cadáver, examinavam e acariciavam sua pelagem, demonstrando plena confiança de que o objeto do seu terror não voltaria à vida

O foco de Monsó em definir um conceito de morte ajuda a tornar histórias como essa não apenas interessantes, mas significativas, esclarecendo o que podemos inferir delas. Neste caso, a inferência é de que os chimpanzés compreendem que a morte é irreversível. Mas embora a abordagem de Monsó seja, em geral, produtiva, também pode ser frustrante. Em seu desejo de "não dar nada como certo e garantido, questionando todas as suposições", pode deixar a sensação de que estamos constantemente adiando as grandes questões, em vez de nos aprofundarmos nelas. Além disso, a autora nem sempre se preocupa em fazer uma distinção entre os chamados argumentos de espantalho (como afirmar que os animais não têm funções mentais, uma proposição com quase nenhum ou poucos defensores hoje) e os desacordos sérios e substanciais (como saber se ter um conceito de morte requer que se tenha um conceito de vida)

Ainda assim, *Playing possum* representa uma grande contribuição para a tanatologia comparada. A disciplina, em sua breve história, vinha focando sobretudo em instâncias intraespécies de ternura, dedicação e tristeza diante da morte. Monsó, em uma útil ruptura com essa tradição, dá atenção constante à violência e à predação, tanto nas relações intraespécies quanto interespécies. A morte, como ela nos lembra, está em toda parte na natureza, desde os índices altíssimos de infanticídio intraespécie – responsável pela morte de cerca de 20% das hienas e até 60% dos chimpanzés – até o caráter sangrento de cada refeição de um carnívoro.

Para os predadores, que agem constantemente como agentes da morte em nome de sua sobrevivência, cada captura de uma presa, e também cada fracasso em capturá-la, é uma chance de aprender mais sobre a morte Uma das conclusões claras, ainda que tangenciais, do livro de Monsó é que ser predador é uma atividade muito difícil Quem tiver de apostar no vencedor de uma disputa entre um falcão e um esquilo, deve apostar no esquilo. Segundo uma estatística, de cada dez vezes em que é alvo de um predador, o esquilo escapa nove. Da mesma forma, um terno coração pode simpatizar com o antílope, mas é o leão quem está em desvantagem na competição, saindo perdedor na grande maioria das vezes Como os predadores têm muito poucas chances de sucesso, eles percebem prontamente qualquer vulnerabilidade na presa. Um estudo sobre os lobos do Alasca, por exemplo, descobriu que eles têm muita dificuldade para apanhar os caribus saudáveis, mesmo os jovens, preferindo caçar animais que apresentem sinais de doença ou lesão – nos termos de Monsó, "sinais de funcionalidade comprometida", que o lobo tentará transformar em "não funcionalidade irreversível", de modo que possa obter seu alimento

Em outras palavras, a pressão exercida sobre os predadores faz com que sejam excelentes candidatos a ter um conceito de morte. Considere-se, mais uma vez, aquele gambá se fingindo de morto. Monsó aponta que esse estado do gambá é biologicamente distinto de outra situação com a qual costuma ser confundido: a imobilidade tônica, uma espécie de "congelamento" com que muitos animais reagem diante de uma ameaça inescapável. A imobilidade tônica é extremamente útil Pode camuflar um animal, considerando que é muito mais fácil detectar o movimento do que a imobilidade. Além disso, alguns predadores perdem o interesse por uma presa que não se move Mas se a paralisia temporária bastasse, pergunta Monsó, por que o gambá se daria ao trabalho de fazer uma exibição tão mais elaborada que uma imobilidade simples?

A resposta usual é que fingir-se de morto provoca a repulsa do predador Mas a natureza oferece outras maneiras mais simples para obter o mesmo resultado, como sabe bem quem já sentiu o cheiro de um gambá. Na verdade, os gambás às vezes abandonam todo seu drama mórbido e simplesmente excretam sua gosma verde pútrida para afastar um animal indesejado. Sendo assim, qual é o propósito de todo o resto o ritmo cardíaco reduzido, a baixa temperatura corporal, a língua azul? O propósito, escreve Monsó, é que o gambá não está "tentando parecer repulsivo, mas tentando parecer *morto*": reconhecidamente, incontestavelmente, irreversivelmente morto. E só é razoável que o gambá se comporte assim, diz ela, se um ou mais dos seus predadores tradicionais compreende a morte Em outras palavras, tal compreensão não apenas existe na natureza, como também a influenciou: como alguns animais são capazes de reconhecer a morte, outros evoluíram de modo a imitar os sinais típicos, por meio da tanatose (imitação da morte). É um argumento elegante e interessante, com implicações de longo alcance Como a tanatose ocorre em muitas espécies totalmente diferentes, conclui Monsó, o conceito de morte deve ser amplamente difundido no reino animal.

Nossa tradicional relutância em admitir a possibilidade que o mundo animal entende a morte faz parte do nosso velho apego, cada vez mais insustentável, ao excepcionalismo humano. Ou seja: a ideia de que somos únicos entre as espécies porque somos dotados de inúmeras características que não se encontram em nenhuma outra criatura Assim como a linguagem, o uso de ferramentas, o altruísmo e a matemática, a compreensão da mortalidade foi, durante muito tempo, considerada um traço inato e especial, ainda que difícil, do ser humano. Rousseau escreveu que um animal nunca saberá o que é morrer, e "o conhecimento da morte e seus terrores" é uma das primeiras aquisições que o homem fez ao se afastar da sua condição animal.

Essa afirmação é equivocada em dois sentidos: limita nossa compreensão sobre os outros animais e sobre nós mesmos. Uma das nossas muitas reações à morte, por exemplo, é a consciência de que um corpo morto apresenta uma dupla ameaça ao nosso bem-estar é tanto um sinal de que o perigo ainda pode estar na área, como uma fonte de patógenos.

Assim, a exemplo das formigas e dos ratos, temos uma sensibilidade inconsciente aos necromônios, como são chamadas as substâncias químicas emitidas pelos cadáveres, que ativam nosso mecanismo de luta ou fuga. E essa é apenas uma das maneiras pelas quais nossa reação à morte se conjuga com a reação de outras criaturas. Qualquer pessoa que já viveu um perigo mortal ou já esteve nas garras de um sofrimento primal há de reconhecer o erro da afirmação de Rousseau segundo a qual conhecer a morte e seus terrores nos *afasta* da condição animal

Sobre limitar nossa compreensão dos outros animais. às vezes, enxergar outra criatura tal como ela é não exclui enxergarmos a nós mesmos nela. Ao contrário: exige essa visão. Embora Monsó faça críticas sensatas ao antropomorfismo, ela também se preocupa com o impulso oposto. Para ela, empo-

ines249

brecemos nossa percepção das outras criaturas tanto ao lhes atribuir qualidades humanas que não possuem quanto ao lhes negar qualidades humanas que possuem — ou, para ser mais preciso, qualidades que nem merecem ser classificadas como "humanas", porque não são exclusivamente nossas. A capacidade de compreender a morte, argumenta Monsó, é uma dessas características em muitas espécies.

O mesmo pode valer para a capacidade de sentir a dor do luto. Neste terreno, porém, Monsó, com sua cautela instintiva, pisa mais leve. Ela está certa em não misturar essas duas qualidades, pois é perfeitamente possível reconhecer a morte sem sentir sofrimento (como nós, humanos, fazemos ao ler os obituários nos jornais), assim como é perfeitamente possível sofrer por uma perda sem que haja morte (quando seu querido cachorrinho foge, ou o amor da sua vida anuncia que vai embora). E Monsó também tem razão ao apontar que a tanatologia comparada tem sido distorcida por quem busca evidências de sofrimento diante da morte — essa reação humana por excelência — quando, em vez disso, deveria prestar atenção nas outras maneiras pelas quais a compreensão da morte pode se manifestar no reino animal. (Eis aí a explicação para a relativa indiferença dos estudiosos ao conceito de morte entre os predadores.)

Mesmo assim, é impossível ler *Playing possum* sem voltar repetidas vezes à questão da tristeza e da dor do luto. Em suas páginas, uma elefante fêmea continua voltando ao lugar onde sua companheira mais próxima morreu, como uma viúva que faz uma visita semanal ao túmulo do marido. Um golfinho lutando com a morte é sustentado pelo seu grupo, que forma uma espécie de balsa para erguê-lo e ajudá-lo a respirar. Duas fêmeas de chimpanzé que não eram muito próximas passam a se aferçoar depois que ambas sofrem a perda de seus bebês. Um jovem chimpanzé saudável perde a mãe, em seguida perde todo o interesse pela vida, recusando-se a comer, e por fim se arrasta para o lugar onde viu o corpo da mãe pela última vez e ali se deita – e morre também.

Em dado momento, o esforço para encontrar explicações alternativas para esses comportamentos assemelha-se a um certo contorcionismo. O falecido primatólogo Frans de Waal criticava a linguagem científica cautelosa e defensiva, do tipo que insiste em dizer que os animais têm "parceiros favoritos de afiliação" em vez de dizer "amigos", ou que os chimpanzés exibem "contato boca a boca" em vez de "beijos". Talvez os animais simplesmente gostem uns dos outros. Talvez simplesmente sofram com a morte de um companheiro. Talvez o foco exclusivo no comportamento deixe de lado a corrente subjacente de emoções que dá sentido a todo esse comportamento, tal como ocorre com nossas próprias emoções.

Desconfio que nossa hesitação para reconhecer que os animais são dotados de uma emoção tão poderosa quanto o sofrimento do luto tenha razões práticas. Ao admitir essas características, somos obrigados a nos confrontar com a maneira rotineira e brutal com que expomos os animais ao perigo e à matança, incluindo a expansão de estradas e a perda de hábitat, sem falar na produção industrial de alimentos. Mas, por trás disso, espreitam outras motivações mais sinistras. Para muitos de nós, a primeira exposição à morte envolveu um animal: o vaga-lume no pote de vidro, o passarinho embaixo da janela, o cervo atropelado na rodovia, o gatinho querido, já velho e magro, todo encolhido num canto. Atenuamos nossa tristeza por essas mortes, e por todas as mortes, ao imaginar que as coisas são diferentes para os animais. Que existem outras formas, melhores e mais sábias, de morrer. Que, se vivêssemos mais perto do osso da vida, da essência das coisas, não sentiríamos medo do fim da vida, nem sofreríamos pelo seu final.

Assim é nossa estranha relação com os animais e a morte: não temos certeza se eles a compreendem e, se não a compreendem, não temos certeza se isso os torna inferiores a nós, ou mais afortunados. É um problema tão antigo quanto o Jardim do Éden: ansiamos por ser distintos do restante da natureza e, ao mesmo tempo, ansiamos por fazer parte dela mais plenamente. É claro que, quando se trata de compreender a morte, somos distintos. Nenhum golfinho jamais fará uma autópsia, nenhum dingo lerá Heidegger, nenhum macaco comporá um réquiem para piano e violino.

Mas quem pode afirmar que eles não sabem de coisas sobre a morte que nós não sabemos? Por mais sofisticado que seja, nosso conceito de morte é, necessariamente, incompleto. Para quem é religioso, a morte faz parte do plano de Deus. O que poderia ser mais misterioso que isso? E, para quem acredita, ao contrário, que a morte é a aniquilação da consciência, o que poderia ser mais difícil de apreender plenamente do que a própria inexistência? Para nós, então, assim como para todas as espécies, alguma parte da morte permanecerá para sempre como tantas vezes a sentimos: impensável. ✪

Tradução: Isa Mara Lando

ines249

SE ESSAS RUÍNAS FALASSEM

Relevante, audacioso e denso - essa foi minha impressão de *Apocalipse nos trópicos*, o novo documentário de Petra Costa, a que assisti pela primeira vez no início de junho passado Faz quase um ano que o filme estreou no Festival de Veneza, fora de competição. Depois disso, foi exibido em diversos festivais no Brasil e no exterior. Chamou a atenção, de imediato, a intensa cobertura da imprensa internacional especializada quando o filme passou em Veneza, enquanto a repercussão no Brasil segue, até o momento, bastante limitada, o que não era de se esperar. Afinal, além de ter qualidades raras em documentários brasileiros recentes, *Apocalipse nos trópicos* trata de um tema atual e indispensável para compreender um dos principais dilemas do país a influência decisiva do fundamentalismo evangélico no processo político, e a ameaça daí decorrente ao regime democrático.

Além de escrever, dirigir e produzir *Apocalipse nos trópicos*, Petra Costa é também a narradora do documentário, o que ela faz, em parte, na primeira pessoa. O texto da narração inclui referências a diversos autores sem identificá-los de imediato – seus nomes aparecem, entretanto, nos créditos finais. Além de passagens da Bíblia, na versão do rei James, são citados, entre outros, a escritora americana Ayana Mathis, a pesquisadora britânica das religiões Karen Armstrong, o documentarista João Moreira Salles,[1] o jornalista Fábio Marton, os apresentadores de podcast Ramtin Arablouei e Rund Abdelfatah, e os filósofos Friedrich Nietzsche e José Ortega y Gasset autores que sinalizam, por si sós, a magnitude da ambição de Costa.

Apocalipse nos trópicos é um ensaio em forma de documentário que compõe um díptico com o filme anterior da diretora, *Democracia em vertigem*, sobre o qual escrevi ser "difícil conceber projeto mais ambicioso" (*Democracia corrompida*, **piauí_153**, junho de 2019). Engano meu. Não só o novo documentário é tão ou mais audacioso, como reincide em uma visão de "abrangência excessiva", conforme assinalei no comentário publicado há seis anos. O dano é, porém, minimizado, se forem levadas em conta a importância do tema e as virtudes da realização.

A origem do interesse de Costa pela fé evangélica é revelada ao espectador depois do prólogo, os créditos de apresentação e uma cena que mostra um pastor e quatro mulheres orando em uma casa modesta, na tentativa de reconfortar a de comportamento suicida Aos 11 minutos do início do filme, a narradora diz

Antes de filmar aqueles pastores em Brasília [é uma referência às cenas do prólogo], *eu sabia pouco sobre a fé evangélica. Eu só sabia que, em qualquer cidade do Brasil onde não tem hospitais nem ruas pavimentadas, tem sempre uma igreja evangélica, oferecendo serviços sociais, um senso de comunidade e um sentido para a vida* [a narração é então acompanhada de outras cenas de pastores pregando]. *A minha formação laica não estava me ajudando a decifrar os sinais em meu entorno* [cenas de mulheres rezando com as mãos levantadas, chorando e se abraçando; plano próximo de página da Bíblia] *Eu sabia o que era Revolução Russa e a fórmula do oxigênio, mas nada sobre Paulo, João de Patmos ou os Quatro Cavaleiros do Apocalipse. Era como se compartilhássemos a mesma Terra, mas falássemos línguas completamente diferentes. Então, eu finalmente começo a estudar a Bíblia.*

Um dos grandes méritos de *Apocalipse nos trópicos* é ser a crônica audiovisual do aprendizado pessoal de Costa, instigada pela vontade de conhecer algo

Janela do Palácio do Planalto após a invasão de 8 de janeiro de 2023: "Talvez, em um futuro

1 É fundador da **piauí** e atualmente presidente do Conselho Editorial da revista

ines249

O documentário *Apocalipse nos trópicos*, de Petra Costa, entre a catástrofe e a revelação

EDJARDO ESCOREL

DIVULGAÇÃO

apocalipse, essas ruínas revelem que esses prédios foram construídos não para impor a vontade da maioria, nem a de Deus, mas para proteger o que é vulnerável da força bruta", diz Petra Costa

ines249

que ignorava – virtude considerável, por tornar o documentário uma longa jornada em busca de conhecimento.

Explicação mais detalhada da inspiração para fazer *Apocalipse nos trópicos* está na entrevista da diretora a Simone Zuccolotto, gravada em Veneza para o Canal Brasil, em setembro de 2024.

A gênese desse filme está em 2016, quando eu e meu fotógrafo, João Atala, fomos ao Congresso brasileiro para tentar entender o que estava acontecendo com a democracia. E aí, quando a gente entrou lá, em vez de achar deputados falando sobre as questões do impeachment, a gente achou o pastor [e deputado federal, na época] *Cabo Daciolo, junto com muitas fiéis, abençoando cada mesa do Congresso e falando em línguas*[2] *Então, eu cheguei para o pastor e perguntei: "O que que vai acontecer com a democracia brasileira?" E ele me disse: "A única certeza é que o governo de Deus vai se estabelecer no país." Em seguida, ele me entregou a Bíblia e pediu que eu aceitasse Jesus no meu coração.*

No prólogo, vemos e ouvimos (aos 3 minutos e 35 segundos do início do filme) Cabo Daciolo responder à mesma pergunta de Costa. Ele diz:

Na verdade, olha só, está declarada a queda do governo do ímpio. A nação brasileira está vivendo um momento novo. Eles não conseguem entender o que está acontecendo porque a guerra não é contra homens, a guerra é espiritual. Entrou Jesus. Em nome do Senhor Jesus. A vitória. A vitória. Essa Bíblia aqui é para vocês. Aqui está a verdade. Comecem a leitura no Novo Testamento. Não comeca no Antigo, não. Comecem aqui, em Mateus. [Daciolo entrega a Bíblia a Costa]. *Aqui vai falar de Jesus Cristo. Esse é o Deus que eu sirvo. Para a honra e a glória de Jesus Cristo.*

Portanto, de acordo com Cabo Daciolo, há uma guerra espiritual em curso, o que vem a ser um dos temas dominantes de *Apocalipse nos trópicos*.

Na continuação da entrevista ao Canal Brasil, Costa revela:

Aquele momento [no Congresso, em 2016] *foi o momento em que os meus olhos se abriram para um fenômeno do qual eu não tinha consciência até então, que é esse casamento entre a religião evangélica, especialmente o fundamentalismo religioso evangélico, e a política, que está se consolidando muito rapidamente no Brasil e diz respeito a cada um de nós.* [...] *Então, esse filme é um mergulho para tentar entender* [...] *quão firme está a parede que divide a religião e o Estado no Brasil.* [...] *O filme é uma investigação* [...] *Uma camada do cinema direto, que acompanha a política brasileira nessa mistura e nesse casamento com a religião evangélica. Uma outra camada é a investigação através dos milênios de o que significava a interpretação dessa palavra 'apocalipse', que foi mudando para os cristãos, e como isso influencia diretamente a política. Existem grupos que rezam pelo fim do mundo, que esperam que o fim do mundo se antecipe, para antecipar a volta de Jesus. Isso era algo que eu não imaginava, que eu não sabia.*

"Vertentes" ou mesmo "assuntos" seriam termos alternativos possíveis para as "camadas" entrelaçadas ao longo dos 109 minutos de duração de *Apocalipse nos trópicos*.

No catálogo online do Festival de Veneza, a diretora declarou, ademais:

Esse encontro [com evangélicos no plenário da Câmara, em 2016] *me levou a uma jornada pelos símbolos e mistérios do cristianismo – e, ao mesmo tempo, me submergiu na turbulência política que assola o Brasil. Testemunhei multidões ouvindo Silas Malafaia, o televangelista mais influente do Brasil. Fiquei diante de pinturas renascentistas retratando as almas em chamas do* Apocalipse. *Filmei fiéis brasileiros de joelhos no meio das ruas, interpretando a pandemia como um sinal de Deus. A crença espiritual flui de uma necessidade humana profunda e inescapável. Ela deveria ser compatível com a vida e o funcionamento de uma democracia, mas nem sempre é o caso. Quando as forças do fervor religioso se chocam com os ideais democráticos, o resultado pode muito bem nos lançar à tirania.*

Assim, Costa entende que o choque das forças do fervor religioso com os ideais democráticos não é apenas uma guerra espiritual: ele tem consequências práticas na esfera política – tema correlato de *Apocalipse nos trópicos*. Em 2016, quando inicia a filmagem de *Democracia em vertigem*, a diretora diz que "uma crise política e econômica estava deixando os brasileiros descrentes dos poderes da democracia" e que ela teve a revelação que a levaria, alguns anos depois, a investigar o fundamentalismo evangélico em seu novo filme.

Em decorrência das declarações de Costa, resulta natural que a primeira imagem mostrada em *Apocalipse nos trópicos* seja um detalhe mínimo do famoso tríptico *O jardim das delícias terrenas*, de Hieronymus Bosch: na parte superior do painel central, um grupo de pessoas nuas, agarradas umas às outras, está saindo da água e entrando pela abertura estreita do que parece ser um imenso ovo. Entre múltiplas interpretações, há quem considere que Bosch dá ênfase à relação entre o diabo e o cuidado do Jardim, equiparando a cena paradisíaca a um ambiente demoníaco e à premonição apocalíptica. De acordo com essa visão, a cena no centro da tela que retrata os amantes do prazer (em vez de devotos de Deus), nesse falso paraíso, demonstra que o Anticristo tem o controle do ser humano, aproximando-o cada vez mais da situação apocalíptica.

O plano seguinte ao detalhe de *O jardim das delícias terrenas* é Brasília – os prédios da Câmara e do Senado circunscritos por uma janela, como a indicar que o Congresso é o local privilegiado dos embates previstos e um dos principais focos de atenção do documentário. Seguem-se imagens da capital em várias épocas, desde quando ainda estava em construção. Após 20 segundos de música, a narração associa essa sequência inicial a "uma visão do futuro do Brasil [...] com o desejo de iniciar uma verdadeira democracia, mais igualitária, mais justa. E o cimento que a manteria de pé era uma fé. Não em Deus, mas nas ideias igualmente abstratas de progresso e democracia". Nesses termos, *Apocalipse nos trópicos* poderia ser resumido como a história do mais recente episódio de transformação da utopia em distopia.

Ficam assim delineadas, nos primeiros minutos do documentário, as ideias em confronto que Costa procura dissecar. Subdividido em cinco capítulos numerados e epílogo, com seus respectivos títulos, esse arranjo serve de baliza para orientar o espectador, que é conduzido pela narração ao sabor de uma livre associação de ideias.[3]

Jair Bolsonaro não deixa de ser um personagem destacado no filme, mas o protagonista de *Apocalipse nos trópicos* é mesmo o pastor evangélico neopentecostal Silas Malafaia, presidente da Assembleia de Deus Vitória em Cristo (Advec). Apesar de só ser apresentado no *Capítulo I (O influenciador)*, ele tem presença destacada do prólogo ao epílogo.

Em um evento ocorrido "a alguns metros do Congresso" em 2016, sobre o qual Costa diz não ter entendido bem "o que estava testemunhando", Malafaia é chamado ao microfone, diante dos então deputados federais Jair e Eduardo Bolsonaro, e se dirige aos gritos à multidão que está com as mãos levantadas:

Nós estamos aqui para declarar: o Brasil esquerdopata não vai incendiar o Brasil, não! Aqui é lugar de paz! Nos chamam de fundamentalistas. Verdade. Nós temos fundamento. Somos contra aborto. Temos fundamento! Somos a favor da vida. Somos contra a liberação de drogas. Temos fundamento! Nosso Deus e nosso Pai [os fiéis repetem esta frase e também as que vêm a seguir], *nós declaramos: O Brasil é do Senhor Jesus! Amém!*

"Agora, revendo essa cena", diz Costa no filme, em *off*, "percebo que eles estavam profetizando, ou melhor, planejando o futuro do país."

Na próxima sequência, que mais parece um vídeo de propaganda política da campanha presidencial de 2018 (a dificuldade de identificação da proveniência das cenas incluídas no documentário é frequente e perturbadora), Malafaia olha diretamente para a câmera e propõe explicar "por que você deve votar em Bolsonaro para presidente da nossa nação. [...] [*Ele*] tem uma das coisas mais importantes, nesse tempo, que nós precisamos no Brasil. ." – mas não termina a frase. Quem esclarece, no plano seguinte, "o que nós precisamos no Brasil" é o próprio Bolsonaro, discursando em *off* com imagens da Avenida Paulista, tendo o prédio da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp) ao fundo e uma moça em primeiro plano, usando uma camiseta preta com a palavra "intervenção" impressa em letras brancas. "Se eu chegar lá, no que depender de mim, todo cidadão vai ter uma arma de fogo dentro de casa", diz Bolsonaro.

2 "Falar em línguas" é uma referência à glossolalia, ou seja, a capacidade de uma pessoa, em transe ou não, de se expressar em idiomas desconhecidos, o que as religiões atribuem à inspiração divina.

3 O roteiro do filme contou com a colaboração, entre outros, do jornalista Fernando de Barros e Silva, da **piauí**.

Outros manifestantes também usam camiseta, ora branca, ora preta, pedindo "intervenção" (militar, se subentende), prestando continência ou colocando a mão no coração, enquanto as promessas do candidato prosseguem em *off*: "Não vai ter um centímetro demarcado pra reserva indígena ou pra quilombola." Recorrendo ao tripé de uma câmera para simular uma metralhadora, Bolsonaro faz mímica, como se estivesse atirando, e grita em sincronismo com a imagem: "Vamos fuzilar a petralhada aqui do Acre!" referência, feita em 1º de setembro de 2018, ao PT, que governava o estado desde 1999

O que o candidato de Malafaia promete é um massacre, promessa que, vista em retrospecto, prenuncia o plano, revelado quatro anos mais tarde, de cometer assassinatos para impedir a posse de Lula. Primeiro, promessa de campanha. Depois, plano frustrado que, se levado adiante, teria sido catastrófico

Ainda no *Capítulo I*, Malafaia aparece, no hospital, ao lado da cama de Bolsonaro, esfaqueado cinco dias depois das declarações feitas no Acre e a um mês do primeiro turno da eleição, em 2018, vítima da violência que incitou ao dizer que iria "fuzilar a petralhada" "Foi milagre", sussurra Bolsonaro. "Foi milagre, como ele está dizendo. Foi milagre", concorda Malafaia.

Dois dias depois de ser eleito presidente da República, com 55,13% dos votos válidos, Bolsonaro é recebido por Malafaia no palco da Assembleia de Deus Vitória em Cristo, diante da multidão de fiéis, aos gritos de "Mito! Mito! Mito!" "Deus escolheu as coisas loucas para confundir as sábias", proclama Malafaia, ao lado do novo presidente, de cara fechada o tempo todo.

Deus escolheu as coisas fracas para confundir as fortes. Agora a coisa vai ser mais profunda. Deus escolheu as coisas vis, de pouco valor, as desprezíveis, que podem ser descartadas, as que não são, que ninguém dá importância, para confundir as que são, para que nenhuma carne se glorie diante dele. É por isso que Deus te escolheu.

Petra Costa reage de imediato a Malafaia, pela primeira vez: "Deus escolheu as coisas loucas, fracas, vis e desprezíveis", ela repete E prossegue: "Usando esses versos bíblicos, Malafaia inaugura um novo tipo de líder para o Brasil. Alguém cuja falta de capacidade é justamente o que lhe permite se tornar um instrumento de Deus."

O *Capítulo I* termina com a capela do Palácio da Alvorada ao pôr do sol, seguida das imagens da piscina e dos espaços internos, sem vivalma.

Malafaia faz apenas breve aparição no início do *Capítulo II* (*Deus nos tempos do cólera*), mas reaparece, a todo vapor, a partir da abertura do *Capítulo III* (*Domínio*) Visto do banco de trás do carro que está dirigindo, ele não demora a soar a buzina para reclamar, num acesso de mau humor, do motoqueiro que cruza à sua frente

Para deixar de ser abusado. O que que ele pensa que é? Ele pensa o quê? Fica costurando pra lá e pra cá e ainda quer buzinar. Vá tomar banho esse cara Vai aprender a pilotar essa porcaria [...] *O que é que foi? Ainda quer reclamar. Que é que foi? Tá fazendo besteira pra lá e pra cá. Tá pra lá e pra cá. Quer ser jogado lá fora. Quer o quê?* [...] *Olha os seguranças, vai dar um susto nele, agora* [ ] *O pessoal pensa que pastor é pro cara vir e pisar no pescoço, porque é pastor. Jesus virou mesa no templo, irmão O pessoal não conhece a Bíblia. Jesus pegou o chicote e saiu arrebentando com a turma que estava de safadeza no templo. Virou mesa, deu chicotada Não teve moleza*

Depois, Malafaia aparece no filme diante do Ministério da Justiça, em Brasília, discursando. Protesta contra a criminalização da homofobia, acusando o Supremo Tribunal Federal (STF) de ter rasgado a Constituição. A multidão grita repetidas vezes: "Igreja unida jamais será vencida!"

Em seguida, Malafaia está no seu jato marca Cessna Citation III, batizado "Favor de Deus", a caminho de Brasília, em 2021, para encontrar o presidente Bolsonaro. Com a máscara cirúrgica (por causa da pandemia) caída no queixo, ele diz que o avião "custou 1,4 milhão de dólares e hoje vale uns 800 mil". Sobre a pauta da conversa com o presidente, diz: "O discurso de Bolsonaro da campanha, lá atrás, de que tinha que ter um evangélico no Supremo [...] Eu não sei se o presidente vai arriscar, mesmo tomando pressão de tudo que é lado aí, de não cumprir essa palavra porque ele vai ficar numa saia justa no mundo evangélico."

No *Capítulo IV* (*Gênesis*), enquanto Malafaia toma café, sentado na mesa de sua mansão, com bolo, torta e pães à mesa, uma pergunta é feita em *off* "O que o senhor acha que vai acontecer em 2022?" Malafaia responde: "Vai perder a eleição", referindo-se a Lula. "Sabe por quê? Ele tá ferrado no mundo evangélico. Ele tá ferrado no mundo evangélico. Anota o que eu estou te falando. Nós somos mais de 30% da população.[4] Não vai dar para ele não."

No cercadinho do Alvorada, Bolsonaro declara que "eles vão ter que apresentar uma maneira de termos uma eleição limpa, se não tiver, nós vamos ter problemas o ano que vem". Em uma *live*, afirma que entrega "a faixa presidencial para qualquer um que ganhar de mim na urna de forma limpa, na fraude não". Petra Costa observa: "Ao colocar sob suspeita o sistema de votação do país", Bolsonaro dava "o primeiro passo de qualquer manual para matar uma democracia" E, quando o ministro do STF Alexandre de Moraes ameaça tornar Bolsonaro inelegível, a narração completa "A guerra estava declarada"

4 O dado disponível na época indicava que os evangélicos representavam 21,7% da população Agora, com o novo censo de 2022, os evangélicos representam 26,9%

ines249

No comício de 7 de setembro de 2021, na Avenida Paulista, Bolsonaro está no palanque, rodeado por seguidores de camiseta amarela, nas quais está estampado: "Sim, Mudaremos o Brasil." Um deles é Malafaia, que ataca o ministro do STF. "Não vai ser a caneta de um ditador de toga que vai derrubar um presidente eleito pelo povo! Deus vai derrubar essa gente. Vamos ao progresso e a uma vida abençoada. Deus abençoe a todos."

Malafaia passa a palavra, entregando o microfone a Bolsonaro, enquanto a multidão grita: "Mito! Mito! Mito!" Bolsonaro. "Deus nunca disse para Israel: 'Fique em casa que eu luto por você.' Ele sempre disse: 'Vai à luta que eu estou com você.'" A imagem congela, e Costa explica em *off*: "Vamos olhar de novo essa cena." A imagem retrocede e a narração continua: "Aqui, Bolsonaro olha para Malafaia em busca de aprovação." O pastor assente com um movimento de cabeça. "E Malafaia parece saber exatamente o que o presidente vai falar." Bolsonaro repete: "Vai à luta que eu estou com você." E prossegue. "Não podemos admitir uma só pessoa querer fazer valer a sua vontade. Chegou o momento de dizermos a essas pessoas que agora tudo vai ser diferente. [...] Sai, Alexandre de Moraes! Deixa de ser canalha. Qualquer decisão do senhor Alexandre de Moraes, este presidente não mais cumprirá!" A multidão grita várias vezes: "Eu autorizo!"

Vale destacar três aspectos dessa sequência. Trata-se, em primeiro lugar, de uma convocação explícita para a população "ir à luta", ou seja, combater. Além disso, ao atacar Alexandre de Moraes, o então presidente da República faz exatamente o que acusa o ministro do STF de estar fazendo. Finalmente, esse é um raro momento de *Apocalipse nos trópicos* em que Costa interfere para analisar o teor da imagem que, regra geral, ao longo do documentário, serve de ilustração do que está sendo narrado e é acatada como sendo uma reprodução da realidade.

Antes de retomar o fio da meada do confronto que se aproxima, o *Capítulo V* (*Guerra santa*) faz uma incursão didática nos livros do *Apocalipse*, ilustrada com pinturas renascentistas, e lança mão de uma sequência do filme *O Evangelho segundo São Mateus* (1964), de Pier Paolo Pasolini, acompanhada dos versos do *spiritual* cantado por Odetta

Sometimes I feel like a motherless child
A long way from home
(Às vezes me sinto uma criança sem mãe/Longe de casa...)

Segundo Costa, quando se tornou candidato à reeleição, Bolsonaro assumiu a persona de quem foi ungido e detém o poder. "E, enquanto a esquerda se resigna a propor reformas sociais modestas diante de um sistema capitalista falho", comenta a narradora, "a extrema direita fala em um nível totalmente diferente. Ela encarna um tipo de fervor revolucionário, declarando a supremacia divina e a guerra santa."

Malafaia reage às afirmações de Lula, feitas em um comício, segundo as quais "há gente que não está tratando a igreja para cuidar da fé ou da espiritualidade. E está fazendo da igreja um palanque político. Eu, Luiz Inácio Lula da Silva, defendo o Estado laico. E eu falo isso com a tranquilidade de um homem que crê em Deus. Quando quero conversar com Deus, eu não preciso de padres ou de pastores".

Malafaia não mede as palavras ao retrucar: "Vá lavar essa tua boca de cachaça e para de falar asneira, rapaz. Quem te falou que pastores e padres são intermediários entre Deus e o homem? O mediador entre Deus e o homem é Jesus Cristo, 1º Timóteo, 2:5."

Em seguida à diatribe contra Lula, imagino que para mostrar haver pastores contrários a Malafaia, Costa inclui uma gravação feita pelo pastor Paulo Marcelo – candidato do Solidariedade a deputado federal em 2022 –, na qual ele chama Malafaia de "um câncer para o Evangelho".

A diretora entrevista Lula entre o primeiro e o segundo turnos da eleição presidencial, enquanto ele toma café, em casa, com Janja da Silva, sua mulher, sentada ao lado.

Petra Costa: *Presidente, por que nos últimos meses o Bolsonaro te ultrapassou no segmento evangélico nas pesquisas eleitorais?*

Lula: *Olha, eu acho que porque ele trabalhou isso como jamais alguém trabalhou. Tem pastor que ameaça o cara que não votar no Bolsonaro. Esses dias teve um tiro lá dentro da igreja, sabe? O negócio está violento. É uma pressão.*

Costa: *E o senhor vai fazer campanha nas igrejas?*

Lula: *Eu não costumo pedir voto assim. Ninguém me peça para ir a uma igreja pedir voto. Eu não vou. Eu vou na igreja para rezar.*

Costa: *Nunca foi?*

Lula: *Não vou pedir voto. Não faz parte da minha formação política.*

Essa postura não impediu Lula de se encontrar durante a campanha com evangélicos favoráveis à sua candidatura nem de divulgar, em 19 de outubro de 2022, a onze dias do segundo turno, uma carta aos evangélicos, na qual declara, conforme Costa assinala na narração, "que não vai mudar as leis que proíbem o aborto no Brasil e que vai respeitar a liberdade religiosa".

Malafaia volta a reagir, desta vez com ameaça: "Não é o cara que chegou agora no nosso meio com discurso 'evangeliquês', porque aqui [*mostra o celular*] a gente destrói os caras. Não vem, que a gente arrebenta eles."

O *Capítulo V* (*Guerra santa*) chega ao fim com gravações variadas, algumas amadoras, feitas em 30 de outubro, dia do segundo turno da eleição presidencial. Vemos uma blitz da Polícia Rodoviária Federal procurando impedir pessoas de votar, parando carros com bandeiras do PT, recomendando a passageiros de um ônibus que não apoiem um ex-detento e um carro com o adesivo de Lula rasgado. Apelos são feitos a Deus em favor dos dois candidatos, e em meio à expectativa geral é noticiado que Bolsonaro lidera a apuração, até Lula passar à frente com 50,01% dos votos. A Justiça Eleitoral confirma a vitória do petista, e uma celebração é desencadeada, incluindo choro e cantoria. Não faltam tampouco lágrimas e rezas de eleitores do candidato derrotado, assim como uma ameaça em *off*: "Não pense, Luiz Inácio Lula da Silva, que você ganhou essa eleição, que nós vamos engolir essa eleição fraudulenta à custa de *fake news*."

O *Epílogo* (*Revelação*) começa com Petra Costa admitindo que ela "achava que, com o tempo, a humanidade não dependeria mais da religião", mas que agora vê "a arrogância [*que havia*] por trás dessa ideia". A diretora continua. "Por um tempo, as revoluções tendiam a derrubar um rei ungido por Deus para criar uma sociedade laica onde o poder nasceria do povo. Ultimamente, elas parecem estar indo na direção oposta."

No dia seguinte à eleição, manifestações em vinte estados pedem intervenção militar e resistência civil. Pneus queimados, fogueiras e ônibus em chamas interrompem o tráfego. "Bolsonaristas acampam em frente aos quartéis e são acolhidos pelos militares. Protegidos por generais e financiados por empresários, eles imploram por um golpe", diz Costa. A multidão de camiseta amarela grita: "Forças Armadas! SOS!"

E eis Malafaia de novo, olhando direto para a câmera. Desta vez, primeiro na posição de quem ensina, depois apelando para a coragem e a virilidade do presidente derrotado. Implícito está o apelo por um golpe: "Senhor presidente Jair Messias Bolsonaro, o senhor é o presidente legal em exercício. O senhor tem poder de convocar as Forças Armadas para botar ordem! Presidente Bolsonaro, como é que o senhor vai passar para a história? Omisso, covarde ou alguém que usa o seu poder legal, garantido pela Constitucional?" O lapso no final da última palavra é curioso.

"Mas Bolsonaro vai embora para Orlando. Sem dizer nada", observa Costa, enquanto se vê o avião presidencial decolando rumo aos Estados Unidos, em 30 de dezembro de 2022, a dois dias da posse de Lula.

Malafaia, agora em entrevista para *Apocalipse nos trópicos*, declara.

Eu não concordei que ele foi embora para a América. Um líder fica, paga o preço. Vai para a cadeia ou não. Está aí o Lula. Tudo estava indicando que ele ia para a cadeia. Ele fugiu? Não. Postura de um líder. Então, para mim, o cara sair correndo daqui para a América, não concordei. Não vou concordar nunca. Fica e encara. Aguenta o pau.

Malafaia entra na sala identificada como sendo do presidente da Assembleia de Deus Vitória em Cristo e fecha a porta, dando a entrevista por encerrada.

Em 8 de janeiro, uma semana depois da posse de Lula, a multidão está a caminho da Praça dos Três Poderes, na chamada marcha do povo, entoando: "Deus, pátria, família e liberdade!" Um manifestante informa: "Olha, a Esplanada dos Ministérios vai ser tomada. E nós vamos tomar o Brasil de volta. Tem que ser assim. Tem que ser na força."

ines249

Diante dos prédios da Câmara e do Senado, a multidão reza o Pai-Nosso A sede do Congresso é invadida e ocupada. Janelões são destruídos. O STF é invadido. O mobiliário é quebrado. Uma manifestante diz: "Acabou a palhaçada. Agora a gente só sai aqui de dentro com o Exército. Intervenção militar é o que a gente pede, pronto." Outro manifestante, enrolado em uma bandeira do Brasil, defeca, enquanto mulheres ajoelhadas rezam de mãos estendidas para o céu. No plenário do Senado, um manifestante, sentado na mesa diretora, agradece a Deus e proclama: "Tudo isto é para a honra e a glória do seu Deus, Jeová Jireh, o eterno Todo-Poderoso. É isso aí Jair Messias Bolsonaro. Você vai estar voltando para essa nação e continuar o seu governo, porque as trevas teve que bater em retirada para saberem que o Senhor é Deus."

O acorde final de uma música soa na tela preta

Trabalhadores varrem estilhaços de vidro dos janelões quebrados da Câmara. Sucedem-se planos dos vestígios da destruição no STF, enquanto, em conclusão, Petra Costa diz

Se essas ruínas falassem, talvez elas pudessem responder que a democracia pode ser a forma suprema de generosidade Ela anuncia a determinação de dividir a existência com o inimigo. É incrível que a espécie humana tenha chegado a uma coisa tão bonita. Tão paradoxal Tão acrobática Tão frágil. Não é à toa que essa mesma espécie se mostre logo ansiosa para se livrar dela. É um exercício muito difícil e complicado para criar raízes na Terra. Talvez, em um futuro apocalipse, essas ruínas revelem que esses prédios foram construídos não para impor a vontade da maioria, nem a vontade de Deus, mas para proteger o que é vulnerável da força bruta. Em grego, apokálypsis *não significa o fim do mundo Mas sim um desvelar. Uma revelação Uma chance de abrir os olhos*

Em outra ocasião, Costa havia esclarecido o sentido de desvelar como "tirar um véu para ver a realidade que nos confronta todos os dias de outra forma" E disse esperar que o seu filme "seja um convite para isso".

Surgem quatro legendas sobre fundo preto

* "Em 2022, cerca de 70% da população evangélica votou em Bolsonaro, uma proporção maior do que qualquer outro grupo demográfico."

* "Em junho de 2023, o Tribunal Superior Eleitoral declarou Bolsonaro inelegível até 2030 por abuso de poder político e por disseminar informações falsas sobre o sistema de votação do país."

* "Em novembro de 2024, a Polícia Federal concluiu que Jair Bolsonaro liderou uma organização criminosa que planejou um golpe de Estado contra Lula."

* "A polícia também afirmou que o plano incluía o assassinato de Lula, do vice-presidente Geraldo Alckmin e do ministro da Suprema Corte, Alexandre de Moraes."

Seguem-se os créditos finais, acompanhados da música *Juízo final*, de Nelson Cavaquinho, cantada por ele:

O Sol há de brilhar mais uma vez
A luz há de chegar aos corações
Do mal será queimada a semente
O amor será eterno novamente

É o juízo final
A história do bem e do mal
Quero ter olhos para ver
A maldade desaparecer

Em seguida, ouve-se a *Oração de São Francisco*, adaptada e interpretada por Alessandra Leão, que também fez o arranjo e a produção musical·

Senhor,
fazei de mim um instrumento
[de vossa paz
Onde houver ódio
que eu leve o amor
Onde houver ofensa
que eu leve o perdão.
Onde houver discórdia
que eu leve a união.
E onde houver dúvida
que eu leve a fé. [...]

Oh Mestre,
fazei que eu procure mais
consolar que ser consolado,
compreender que ser compreendido,
amar que ser amado,
pois é dando que se recebe,
é perdoando que se é perdoado
e é morrendo que se vive
para a vida eterna.

Na medida de suas possibilidades, Costa fez o que pôde para não deixar *Apocalipse nos trópicos* se tornar um réquiem – sina de documentários, que se transformam com frequência em celebrações póstumas Mesmo depois da estreia no final de agosto de 2024 no Festival de Veneza e da exibição em outubro no Festival do Rio e na Mostra Internacional de Cinema em São Paulo, foram incluídas no final do filme duas legendas com informações datadas de novembro de 2024 (já citadas aqui)

Após estrear em cinemas de São Paulo e do Rio em 3 de julho, *Apocalipse nos trópicos* terá lançamento mundial na Netflix em 14 de julho. Como as questões tratadas por Petra Costa em *Democracia em vertigem* e no seu novo documentário continuam na ordem do dia, a solução à vista é ela pôr mãos à obra desde já e fazer um novo filme dedicado ao papel dos militares para completar o tríptico do apocalipse. Valeria levar em conta também os dados mais recentes divulgados pelo IBGE, mostrando que pela primeira vez, desde a década de 1960, diminuiu o ritmo de crescimento da população evangélica no país. ✪

ines249

O BARÃO E O TUBARÃO

As peripécias de um humorista no império de Getúlio Vargas

ARNALDO BRANCO E RENATO TERRA

No começo do século XX, o Rio de Janeiro era a capital da República. Sim, a gente pagava para os políticos morarem em uma cidade com praia, Carnaval decente, vida cultural e esquinas. O epíteto de "Cidade Maravilhosa" reluzia nas esquinas iluminadas, na arquitetura de inspiração francesa e na fervilhante vida cultural da metrópole praiana. O Rio de Janeiro vivia seus anos dourados. Ou seja: os cariocas ainda não eram numerosos o suficiente para avacalhar a cidade.

Tudo era tão glamouroso que os cariocas não caminhavam: praticavam *footing* (que era como as pessoas de antigamente chamavam o rolezinho). As mulheres não podiam caminhar com as próprias pernas (ou como se dizia na época, não podiam fazer *footing* com as próprias pernas). Estavam proibidas de votar, o que talvez fosse uma vantagem, porque só dava para votar em homem. Aquelas que batiam de frente eram consideradas loucas pela sociedade conservadora. Essa crônica de 1930, publicada na revista *Careta*, dá o tom:

Literalmente maluca, os cabelos revoltos, os olhos acesos, os gestos estabanados, ela espalha por onde passa uma tempestade furiosa de desejo e de pecado. É contagiosa e diabólica. Ninguém lhe resiste à fascinação sensacional de moça ultramoderna.

Pois é. Desde 1930, ninguém sabe usar a palavra "literalmente". Naquela época já existia *gaslighting*, só não tinha esse nome. Mas as palavras importadas nunca faltaram, como se nota: uma paquera era um *flirt*. Os *speakers* transmitiam as notícias do rádio e de vez em quando rolava "uma partida de *football* feminino por ocasião de um *five o'clock*". E a rede social da época era o pessoal fazendo *footing* em volta da praça falando ao mesmo tempo. Para compensar a ausência de celulares e a falta de alguma coisa para ler no banheiro, havia cerca de duzentos periódicos somente no Rio de Janeiro. Muitos eram vendidos em bancas de jornal que naquela época vendiam pasme jornal

Caso você não saiba, o jornal era um monte de papel onde a internet era impressa. Com um dia de atraso. Um desses jornais era *A Manha*, uma publicação humorística que satirizava a imprensa, os costumes e os políticos. Sim, antes do *Pasquim*, do *Planeta Diário*, da *Casseta Popular*, do *Sensacionalista* e do *piauí Herald*, já havia "jornalismo-mentira e humorismo-verdade".

Em 1925, um gaúcho insubordinado aceitou o convite de Mário Rodrigues, pai de Nelson Rodrigues, para assinar uma coluna de humor no jornal *A Manhã* (não confundir com *A Manha*). Seu nome era Apparício Torelly, mais conhecido como Apporelly. Sua abordagem cômica logo se tornou famosa na capital da República. O sucesso foi tão grande que gerou um jornal próprio. Apporelly bateu algum recorde mundial de trocadilho ao batizar seu novo jornal. Satirizou o nome *A Manhã* tirando apenas... um til. E criou *A Manha*

Apesar da paródia, Mário Rodrigues desejaria sucesso ao novo semanário humorístico. Provavelmente, ele já conhecia a principal regra do humor: ficar puto é pior. *A Manha* revelava que a cobertura jornalística naquela época já era uma piada. E as piadas de Apporelly acabavam revelando mais do que a cobertura jornalística.

A década de 1920 não ganhou o apelido de "anos loucos" à toa. Aqui, no Brasil, foi um período marcado por uma série de crises institucionais e levantes militares. Por isso, a eleição de 1930 pedia uma escolha não muito difícil. É que até 1930, o Brasil vivia num esquemão chamado de República Velha Na verdade, era um acordão, com Supremo, com tudo, para que os fazendeiros produtores de café e de leite escolhessem os presidentes. Era a política do café com leite. Se o país continuasse nas mãos dos paulistas, hoje provavelmente seria chamada de política do *macchiato*

Noel Rosa, outro cronista genial da época, traduziu tudo num samba que ficou famoso:

Lá, em Vila Isabel,
quem é bacharel
não tem medo de bamba
São Paulo dá café,
Minas dá leite
e a Vila Isabel dá samba

Não é preciso ser bacharel para entender o que Noel cantava. Era o seguinte: São Paulo produzia café, Minas produzia leite, e os latifundiários mineiros e paulistas produziam os presidentes do Brasil.

Mesmo em 1952, *A Manha* continuava falando dessa política com todos os trocadilhos possíveis.

O café com leite é o regime imperante em todas as regiões mais ou menos desenvolvidas do Brasil, onde a classe média, que é a mais numerosa, vive alimentando-se de médias, que podem ser de café com leite para as regiões de Minas e São Paulo, de café sem leite para os estados pobres e, finalmente, sem café e sem leite, para "o polígono das secas" e outras figuras geométricas que estamos estudando

Mas a política do café com leite virou coalhada com a quebra da Bolsa de Valores de Nova York em 1929. Os prejuízos foram imensos. A crise de 1929 não foi uma marolinha, foi um tsunami. Como o lema do governo era "café acima de tudo, leite em cima de todos", o presidente da época colocou as tetas à disposição para os latifundiários mamarem

Os jornais davam as notícias, mas *A Manha* teve a manha de ampliar o ridículo da situação e, com isso, foi mais eficiente ao retratar o que, de fato,

ines249

ARQUIVO DO INSTITUTO DE ESTUDOS BRASILEIROS USP FUNDO BARÃO DE ITARARÉ

Apparício Torelly, o Barão de Itararé: em 1934, ele foi sequestrado e espancado pela polícia política de Getúlio. Libertado, afixou na porta de sua sala uma placa: "Entre sem bater"

era ridículo. Apporelly publicou uma entrevista satírica com Vaz Antão Luis, que era uma espécie de alter ego do presidente Washington Luís·

Este jornal, que nasceu para a defesa de nossa sociedade – sociedade anônuma, é certo, mas em todo caso sociedade –, não podia deixar de abordar a questão da crise do café, ouvindo para isso a mais alta autoridade do país. O dr. Vaz Antão atendeu-nos prontamente:

Vaz Antão: *Aqui está a solução. Para os grandes males, pequenos remédios. O cafezinho será o salvador do café grande. A dentada do cão cura-se com o dente do próprio cão. Tome patrioticamente o seu cafezinho! Os cálculos são impressionantes. Tomando por base a população de 40 milhões de brasileiros e supondo que cada brasileiro tomasse um cafezinho por dia, teríamos tomado 40 milhões de cafezinhos. Supondo porém que em vez dum cafezinho, na média, cada brasileiro resolvesse tomar uma média, teríamos então por dia uma média de 40 milhões de médias. Pode dizer no seu jornal que a crise está debelada, uma vez que os brasileiros não deixem de tomar a sua média matinal. Eu falo à luz dos algarismos. É ali nas estatísticas, na tábua dos algoritmos!*

Apporelly mostrava que o governo tratava os empresários como café com leite e que a conta seria paga pela população. Não precisa nem dizer que Washington Luís acabou seu mandato com a popularidade de um bombom Caribe. Só que o brasileiro já tinha vocação para um novelão muito antes da chegada da televisão ao país. No meio desse processo, Washington Luís resolveu apoiar um candidato paulista.

Mas qual é o problema? Naquela época o pessoal também não gostava de paulista?

Sim, mas não foi só por isso: é que o Washington Luís já representava São Paulo – e tinha chegado a vez de um mineiro ser presidente da República. O candidato do governo foi confirmado: seria o paulista Júlio Prestes.

Seu principal opositor era o gaúcho Getúlio Vargas, que tinha tanta habilidade para costurar acordos que reduziria qualquer líder do Centrão a um estagiário. Getúlio conseguiu unir forças políticas tão díspares quanto os argumentos usados pelos fãs de Ivete Sangalo e Claudia Leitte. Com uma perna, abarcou a indignação burocrática dos estados que ficavam de fora da política do café com leite. Com outra perna, trouxe para si os anseios empreendedores de uma crescente classe média urbana. A habilidade sobre-humana de Getúlio dotou-o de uma terceira perna para incluir o descontentamento dos militares de baixa patente, que gerou um movimento conhecido como tenentismo. Outras pernas surgiram – talvez inspiradas em Oswaldo Aranha – para aglutinar o apoio de figuras importantes, como Pedro Ernesto, Rui Barbosa e Luís Carlos Prestes.

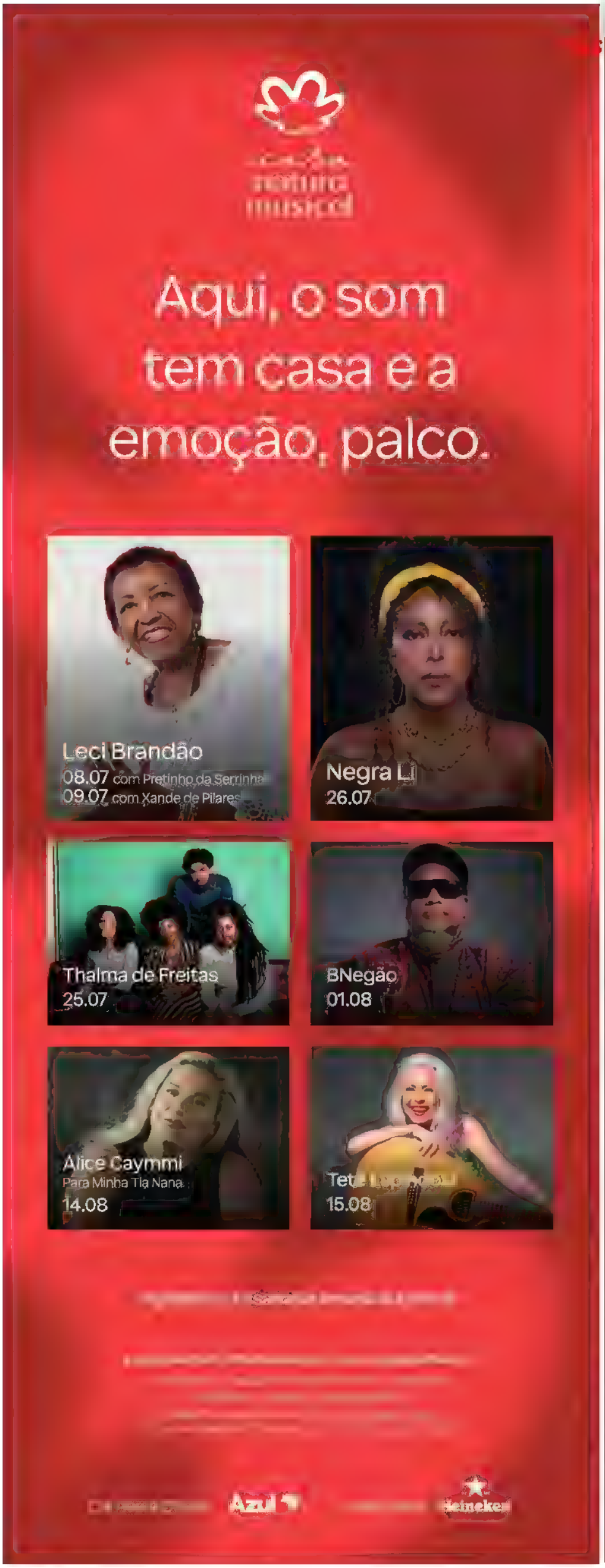
Era a Aliança Liberal. Um movimento que escancarou o prazo de validade vencido da política do café com leite. E, como ocorreu muitas vezes no Brasil, a Aliança Liberal detectou a necessidade de promover mudanças estruturais para que as estruturas não mudassem. Quem resumiu esse sentimento foi o então presidente do estado (o nome que se dava à época ao governador) de Minas Gerais, Antônio Carlos Ribeiro de Andrada: "Façamos serenamente a revolução, antes que o povo a faça pela violência."

Mas havia um paulista no meio do caminho. No meio do caminho, havia um paulista. Júlio Prestes ganhou as eleições. Mesmo com voto impresso e auditável, as denúncias de fraude ganharam os jornais, os bares e as ruas. "Infelizmente o governo do sr. Washington Luís não irá deixar à disposição da curiosidade pública o serviço dos telégrafos para que nos seja transmitida a verdade, em vez da fraude", dizia a primeira página do jornal *O Globo*. Um clima de revolta tomou conta do país. Felizmente, não há relatos de patriotas erguendo os celulares para os céus, cultuando pneus, dançando coreografias duvidosas ou trafegando quilômetros abraçados em caminhões.

Até que veio a morte de João Pessoa. Aqui não há nenhum registro metafórico sobre a capital paraibana, mas o assassinato do Pessoa em pessoa. João Pessoa era presidente do estado da Paraíba e candidato a vice-presidente na chapa de Getúlio Vargas. O crime teve mais tintas passionais do que políticas. Mas os jornais oposicionistas se esforçaram em inflamar o país com uma cobertura, digamos, mais passional do que jornalística. Uma fogueira de paixões.

No Rio de Janeiro e em São Paulo, as sedes dos jornais governistas foram empasteladas. A *Manha* foi sutilmente se virando para o apoio aos revolucionários: uma das primeiras medidas foi a demissão do funcionário Vaz Antão Luís. O jornal de Apporelly satirizou os jornais governistas que mudaram de lado, reivindicando o pioneirismo dessa política de adesão aos vencedores. A cobertura de *A Manha* ganhou ares de júbilo quando Apporelly se apresentou como herói do movimento adesista.

Mas antes do cabeção de Vargas chegar piscando e flutuando ao Rio nos braços do povo com suas tropas revolucionárias,. havia no caminho uma batalha. As tropas leais a Washington Luís rumaram para a cidade paulista de Itararé. Homens armados partiram em comboios para a divisa entre os estados de São Paulo e Paraná. O encontro prometia ser sangrento. Criava-se um clima terrível para uma batalha épica que prometia ser o prenúncio de uma guerra civil.



Quem melhor descreveu esse confronto histórico foi o escritor Murilo Mendes, em um poema famoso, *Itararé*

A maior batalha da América do Sul
Não houve

A Batalha de Itararé não aconteceu Foi desmarcada como se fosse um show do Tim Maia Por qual motivo? Foi um acordo, acerto, ajuste, trato, pacto, arranjo etc etc. etc

O verdadeiro embate aconteceu depois da batalha que não houve: a guerra por cargos. Apporelly definiu assim a Revolução de 1930, como lembra Cláudio Figueiredo (no livro *Entre sem bater A vida de Apparício Torelly, o Barão de Itararé*):

Em 1930, vitoriosa a revolução, cada um pegou sua fatia. O Bergamini pulou em cima da prefeitura do Rio. Um outro cavalheiro, que nem revolucionário era, abiscoitou os Correios e Telégrafos. Outros patriotas menores foram exercer seu patriotismo a tantos por mês, em cargos de mando e comando. Fiquei chupando dedo, com uma mão atrás e outra também

Foi quando Apporelly criou um personagem que seria o perfeito cronista desse país do conchavo, do jeitinho, da panelinha. Um personagem que seria o porta-voz oficial de eventos históricos que prometiam muito... e que flopaRam Como a nossa Independência, que nos manteve dependentes, e a nossa revolução, que não revolucionou nada

E foi nesse espírito que aconteceu o fato histórico: sem manjedoura, sem Reis Magos e sem chá de revelação, a batalha que não houve marcou o nascimento do ilustre Barão de Itararé·

Com relação à vida pregressa do ilustre fidalgo Barão de Itararé, o Brando, senhor feudal de Bangu-sur Mer, nunca tive a menor dificuldade no recolhimento de completas informações, porque a sua vida pública é, na realidade, uma continuação da privada. É um homem sem segredos que vive às claras, aproveitando as gemas sem desprezar as cascas. Posso fazer solenemente essa afirmação histórica porque tive o privilégio de conviver com esse grande herói que a pátria chora em vida e há de sorrir, incrédula, quando o souber morto.

Apporelly já tinha mais de dez anos de carreira quando se sentiu inspirado pela batalha que não houve para se conceder um título de nobreza que nada valia

A Revolução de 30 teve o apoio da imprensa. A famosa capa do jornal O *Globo* que estampava a foto de Washington Luís deixando a residência presidencial ao lado do cardeal Leme trazia a seguinte manchete. "Rendido, afinal, à gloriosa realidade que o cercava, o sr. Washington Luís retira-se do Palácio Guanabara."

Aliás, fica o questionamento: por que se chama revolução e não golpe? Por que meu avô caiu no golpe do cartão de crédito e não na revolução do cartão de crédito? Não se sabe quando Não se sabe quem foi o fundador Mas no coração da burocracia brasileira, funciona a todo vapor o Departamento de Batismos Aleatórios dos Movimentos Políticos Brasileiros, também conhecido como botão estatal do Foda-se

A Revolução de 30 tem esse nome pomposo já que não ia ser muito sonoro chamar de "Conchavo de 30", "De repente 30" ou "Se vira nos 30". O fato é que nada mudou na ordem geral: as elites continuaram mandando, só mudaram de endereço. Ou nem isso, o presidente continuou despachando no Palácio da Guanabara.

Não teve paredão, não teve guilhotina. Ninguém sequer foi cancelado na internet que não havia. Teve gente que manteve o mesmo cargo no governo Imagina ter uma revolução e não rolar nem uns dias de folga no trabalho.

O Barão classificou a Revolução de 30 como "uma divergência entre os membros da mesma classe dominante", segundo Cláudio Figueiredo. E nem foi uma divergêêêência assim tão grande, foi uma divergência tipo: é biscoito ou bolacha?

E, como tudo precisava ficar no mesmo lugar, a primeira providência do novo governo foi atacar quem queria mudar alguma coisa. A perseguição aos opositores tinha uma justificativa que é usada até hoje: a velha e boa ameaça comunista. Com a diferença absolutamente notável que naquela época a ameaça comunista existia de verdade, assim como o próprio comunismo.

O Barão estava ciente de que ninguém deveria largar a mão de ninguém e foi resistência! Num gesto visionário, fundou a União das Repúblicas Socialistas da América do Sul, cuja sigla era... Ursas. Sim! Trata-se de coincidência esotérica, que vai se materializar num futuro distante, com a encarnação de certo pastor bombeiro que foi candidato a presidente em 2018 Algum ruído cósmico soprou um telefone sem fio no ouvido do Cabo Daciolo sobre a existência de uma tal de Ursal (outra sigla para a mesma união). Por aqui, a história não se repete como farsa, mas como piada mesmo.

Mas quem se levantou contra Getúlio Vargas? Os comunistas? Os anarquistas? Os fascistas? Os dadaístas? Os otorrinolaringologistas? Não: os paulistas

Mais uma vez, o Departamento de Batismos Aleatórios dos Movimentos Políticos Brasileiros, também conhecido como botão estatal do Foda-se, escolheu a palavra "revolução" para descrever o que rolou em 1932 Se é correto ou não, o veredito será dado pelo grupo do leitor no WhatsApp. Mas o fato é que os paulistas estavam putos da cara, meo.

Afastados da boquinha de Getúlio Vargas, saudosos da política do café com leite, os paulistas fizeram um *bramstorm*, traçaram um *business plan* e resolveram correr atrás do seu *market share* Pensaram fora da caixa e criaram um *case* disruptivo: a Revolução Constitucionalista de 1932

O levante ganhou esse nome porque pedia que Getúlio convocasse uma Assembleia Constituinte, já que a última Constituição tinha mais de quarenta anos Ou porque não conseguiram ven-

ines249

der os *naming rights* para fazer uma Revolução Red Bull Constitucionalista

Como não podia deixar de ser, no país do acordo, do conchavo, do *deal* e dos *dealers*, Getúlio Vargas acenou com uma promessa de nova Constituição e a construção de quadras de *beach tennis* pra ver se os paulistas se acalmavam. Mas aí também rolou uma coisa bem brasileira, que é ser obrigado a entrar em uma briga só porque você ameaçou entrar em uma briga e não quer ficar com fama de arregão

Os paulistas caíram dentro e, ao contrário da Batalha de Itararé, dessa vez teve tiro, bolacha e bomba. Eles contavam com o apoio de outros estados, mas a adesão afinal não aconteceu. É que a verdadeira intenção era separar São Paulo do resto do país. Sim, é como se São Paulo estivesse planejando sua carreira solo sem avisar o resto da banda

Mesmo antes do advento do orçamento secreto e do toma lá dá cá, Getúlio sabia agradar para depois ser agradado Num truque ilusionista, ele fingiu que atendia aos clamores constitucionalistas para atender aos seus interesses pessoais. A mágica foi presenciada por uma Câmara dos Deputados lotada. "Prometo manter e cumprir com lealdade a Constituição Federal, promover o bem geral do Brasil, observar as suas leis, sustentar-lhe a união, a integridade e a independência", disse Getúlio com uma mão na Constituição e outra na cartola

Com o truque, ele se legitimava no poder e teria mais quatro anos de mandato. Seriam oito anos na Presidência sem nunca ter ganhado uma eleição. A Constituição fixou o mandato presidencial em quatro anos e foram convocadas novas eleições, mas só para 1938 sim, Getúlio foi sorteado na promoção "Perca uma eleição e ganhe duas".

Então Getúlio Vargas surpreendeu a nação com uma série de movimentos ousados, inéditos e até impensáveis para um presidente da República: ele fez sua obrigação.

A Constituição também instituiu o voto secreto e direto para maiores de 18 anos, incluindo, vejam só, as mulheres. Aposto que os constituintes de 1934 se sentiram muito feministas. Getúlio foi responsável ainda pelo avanço de uma série de leis trabalhistas determinou a jornada de oito horas, assistência remunerada às grávidas, previu a criação da Justiça do Trabalho e a proibição do trabalho infantil

Para não ser chamado de comunista pelos patriotas, Getúlio se uniu a um grupo de extrema direita que estava surgindo no cenário político brasileiro: os integralistas. Eles não eram fãs de comida integral, mas um grupo que se inspirava em outro grupo que surgiu no cenário político mundial naqueles anos: os fascistas. Liderados pela figura raquítica de Plínio Salgado, os integralistas vagavam por aí uniformizados na cor verde, com a suástica torta que adotaram e faziam a saudação "Anauê", afanada dos indígenas. O lema do grupo, por sua vez, foi afanado do fascismo italiano "Deus, Pátria e Família" O Barão de Itararé adorava esse slogan, tanto que resolveu aperfeiçoá-lo, só acrescentando uma letra: "Adeus, Pátria e Família."

Assim como os pombos, as baratas e os ácaros, os integralistas eram numerosos, chegaram a contar com 500 mil filiados, em um país onde, na época, apenas 2 milhões de pessoas haviam votado na última eleição, a de 1930. Entre as pessoas normais, os integralistas ganharam o apelido de galinhas verdes. Esse rótulo não foi invenção do Barão de Itararé, mas ele fez de tudo para torná-lo popular Deu certo: era comum as pessoas soltarem galinhas pintadas de verde nas manifestações integralistas. Sim, naquela época ainda não tinha Luisa Mell

Em outubro de 1934, foi convocada uma grande marcha integralista para que nossa bandeira jamais fosse vermelha. Mas outros setores, representantes da parte não dodói da sociedade, resolveram enfrentar e organizaram uma contramarcha

Essa pororoca de gente só podia dar em confusão Aconteceu um tiroteio de mais de duas horas que deixou sete mortos e cerca de trinta feridos A disputa de narrativa sobre quem ganhou a briga foi tão sangrenta quanto o tiroteio, mas podemos dizer que o Barão de Itararé acabou decidindo a parada por nocaute, com essa manchete. "Um integralista não corre, voa."

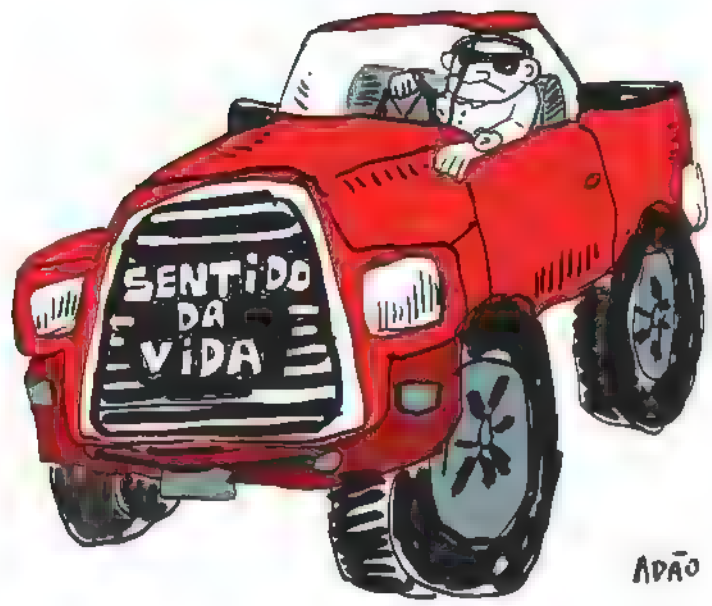
O Barão escreveu também uma legenda:

A debandada integralista, como se vê, foi na mais perfeita desordem. Vê-se à esquerda um galinha verde atrás do poste, e no centro da praça vários outros acocorados A retirada dos 10 mil.. Salve-se quem puder!

A manchete e a legenda saíram na capa do *Jornal do Povo*, de cujo conselho editorial o Barão de Itararé fazia parte. O *Jornal do Povo* nem era uma publicação humorística. Mas o Barão não conseguia deixar de ser o Barão. Por causa de piadas como essa, Apporelly entrou na mira do gabinete do ódio de Getúlio Vargas. Foi fichado como "agitador" e colaborador de jornais "reconhecidamente comunistas".

O *Jornal do Povo* irritou mesmo a polícia política do Getúlio Vargas quando mexeu num assunto muito sério. E que assunto foi esse? A taxação das grandes fortunas? A reforma agrária? Não. O *Jornal do Povo* mexeu no vespeiro quando falou mal dos milicos. O motivo: publicou um folhetim relembrando a Revolta da Chibata, liderada por João Cândido, que lutou contra as práticas escravagistas na Marinha. Sim, João Cândido, o Almirante Negro da

ines249



música do João Bosco e Aldir Blanc. A canção é sobre uma história real, tirando aquela parte que tem sereia.

A reação da polícia política do Getúlio, comandada por Filinto Müller, não teve nenhum senso de humor. Na manhã do dia 19 de outubro de 1934, o Barão foi sequestrado, espancado, ameaçado e teve seus cabelos cortados. Em um surto de coragem ou de falta de amor pela vida, agradeceu por lhe terem poupado o gasto com o barbeiro. Depois que foi liberado, reagiu à agressão com a única arma que possuía. Depois de tanto apanhar, pendurou na porta da sua sala na redação a seguinte placa: "Entre sem bater."

Apesar de servir na prática como pretexto para o governo abusar do poder, o Partido Comunista da época era bem atuante. Isso significa que não se limitava a escrever cartas de repúdio, lançar notas de protesto ou organizar tuitaços. Naquele tempo, a militância era presencial. Os militantes de esquerda agitavam em sindicatos, associações juvenis e no meio artístico. Eles finalmente resolveram se unir em uma frente chamada Aliança Nacional Libertadora, a ANL. Algumas reuniões para fundar e organizar essa aliança aconteceram na redação de *A Manha*. Apporelly e seu personagem, que antes pareciam isentões, deram uma guinada para a esquerda mais acentuada que a do Felipe Neto.

Núcleos da ANL foram surgindo no Espírito Santo, Bahia, Pernambuco, Rio Grande do Norte, Ceará, Pará, Goiás, São Paulo e Rio Grande do Sul, unindo comunistas de renome, como Luís Carlos Prestes e Carlos Lacerda. Sim, Carlos Lacerda, a maior figura histórica da direita brasileira, já passou um recreio na esquerda.

Para acabar com essa palhaçada, Getúlio decretou a famigerada Lei de Segurança Nacional. Era como se fosse o primeiro longa-metragem da franquia de filmes de terror que teve seu auge no AI-5. Com aquela lei, Getúlio instituiu a censura à imprensa e proibiu a existência de partidos que, entre aspas, "incitassem a luta pela violência" e "instigassem o ódio entre as classes sociais". Parecia mais uma indiretinha do que uma lei: "Vou proibir certos partidos, não digo quais." Mas era um ataque claro ao Partido Comunista, que Getúlio considerava o seu maior *hater*. No dia 11 de julho de 1935, a sede da Aliança Nacional Libertadora foi fechada.

Para provar que a oposição de esquerda era realmente presencial, os comunistas organizaram um golpe de Estado. No dia 23 de novembro de 1935, um conjunto de levantes armados transformou o Brasil – de novo – numa praça de guerra. O movimento foi chamado pejorativamente de Intentona Comunista, um apelido do tempo em que as pessoas sabiam que *intentona* era uma palavra com sentido pejorativo.

Mais uma vez, o Departamento de Batismos Aleatórios dos Movimentos Políticos Brasileiros, também conhecido como botão estatal do Foda-se, mostrou a que veio. Não escolheu "revolução" comunista ou um "golpe" comunista. Nem sacou nada criativo da cartola como "micareta comunista". Mas sacou essa palavra meio troncha: "intentona".

Os rebeldes comunistas esperavam a adesão da classe trabalhadora, mas na ocasião a classe trabalhadora devia estar trabalhando, e o levante foi um fiasco. Getúlio e Filinto Müller prenderam líderes, como Luís Carlos Prestes e Olga Benário, e intelectuais, como Graciliano Ramos. Dando prosseguimento à tradição brasileira de prender artistas em períodos de ditadura, o Barão também foi em cana.

Foi por causa do governo Vargas que Graciliano escreveu *Memórias do cárcere*. A lei de incentivo à cultura do Getúlio era a Lei de Segurança Nacional mesmo. E com quem o velho Graça foi preso? Com o Barão de Itararé (que é também um dos personagens do filme *Memórias do cárcere*, baseado no livro). Mesmo com a saúde debilitada na cadeia, ele achava forças para cantar a *Canção do Exército* de maneira irônica como faria um membro da geração Z.

Antes de ir para a mesma prisão que Graciliano, o Barão ficou detido no navio-presídio Pedro I, que ficava ancorado na Baía de Guanabara. A polícia fazia vistorias constantes na embarcação. Numa dessas vistorias, o Barão quase matou os outros presos de ataque cardíaco quando do nada resolveu gritar "Viva a revolução". Os guardas já estavam se aproximando dos detentos com seus cassetetes quando o Barão completou "... de 30!". Sem saber, o Barão pode ter inventado ali a pegadinha.

Muitos dos detidos no Pedro I não tinham sequer um processo, uma acusação formal. Não havia provas, mas havia convicção. Depois de alguma pressão da imprensa e da sociedade, o governo Vargas decidiu estabelecer um tribunal especial para examinar caso a caso a situação dos confinados. Um Sergio Moro da época foi escalado para comandar esse tribunal. E esse foi o depoimento do Barão, conforme o livro de Cláudio Figueiredo:

Juiz: *Qual é o seu nome?*

Barão: *Ora, doutor, o senhor então atravessa o Atlântico numa lancha a motor, especialmente para me ouvir, e não sabe o meu nome?*

Juiz: *Bom, isso aqui é só uma formalidade.*

Barão: *Mas eu estou completamente informal, nem procurei me vestir. Como é que o senhor me vem com formalidades?*

O juiz virou se para o escrivão e sussurrou: "Apparício Torelly."

Barão: *Ah, o senhor está vendo como sabia meu nome! E mesmo assim estava me perguntando? Eu sou um homem sério; não faça isso comigo.*

[...]

Juiz: *A que o senhor atribui sua prisão?*

[...]

Barão: *Vou fazer um esforço de memória para reconstituir os fatos. Ah... agora estou me lembrando. Quando fui preso, estava tomando um cafezinho. Em casa, tomava muito café. E me diziam sempre: não deve tomar tanto café, isso faz mal, um dia você se arrepende. Só posso atribuir minha prisão ao fato de estar tomando um cafezinho, o que na minha família sempre disseram que faz muito mal.*

Juiz (para o escrivão): *Escreva, o depoente informa que vírgula no momento vírgula não pode precisar o motivo da sua prisão ponto no entanto vírgula desconfia vírgula, não, tira a vírgula, que foi por causa do cafezinho ponto.*

No dia 21 de março de 1936, o Barão foi transferido para a Casa de Correção que ficava na Rua Frei Caneca, no Centro do Rio.

Foi na Casa de Correção que o Barão começou sua carreira radiofônica. Passou a escrever monólogos e esquetes bem-humorados e deu uma contribuição original para a discussão sobre os limites do humor: nesse caso, os limites eram bem delimitados por barras de ferro e concreto armado. O conteúdo da emissora que os presos chamaram de "Rádio Libertadora" era berrado pelos locutores na ala central e ecoava por todo o presídio. Isso é o que se pode chamar de audiência cativa.

Foi na Rádio Libertadora que o Barão apresentou sua aclamada teoria das duas hipóteses:

O que nos poderia acontecer? Seríamos postos em liberdade ou continuaríamos presos. Se nos soltassem, bem, era o que desejávamos. Se ficássemos na prisão, deixar nos-iam sem processo ou com processo. Se não nos processassem, bem: à falta de provas, cedo ou tarde nos mandariam embora. Se nos processassem, seríamos julgados, absolvidos ou condenados. Se nos absolvessem, bem, nada melhor, esperávamos. Se nos condenassem, dar-nos-iam pena leve ou pena grande. Se se contentassem com a pena leve, muito bem: descansaríamos algum tempo sustentados pelo governo, depois iríamos para a rua. Se nos arrumassem pena dura, seríamos anistiados, ou não seríamos. Se fôssemos anistiados, excelente era como se não houvesse condenação. Se não nos anistiassem, cumpriríamos a sentença ou morreríamos. Se cumpríssemos a sentença, magnífico: voltaríamos para casa. Se morrêssemos, iríamos para o céu ou para o inferno. Se fôssemos para o céu, ótimo: era a suprema aspiração de cada um. E se fôssemos para o inferno? A cadeia findava aí. Realmente ignorávamos o que nos sucederia se fôssemos para o inferno. Mas ainda assim não convinha alarmar-nos, pois esta desgraça poderia chegar a qualquer pessoa, na Casa de Detenção ou fora dela.

O ano de 1938, em que deveriam ser convocadas novas eleições, se aproximava. Mas a disposição de Getúlio em largar o poder poderia ser comparada à de Zeca Pagodinho em largar a cerveja. Com medo de novos levantes, Getúlio costurou um grande acordo nacional com os integralistas, com tudo, para aumentar o seu poder de repressão. Ele teve, pelo menos, a decência de não oferecer cloroquina aos galinhas-verdes.

E qual foi a estratégia de Getúlio para ficar no poder? O favorzinho, o conchavo, o toma lá dá lá... você entendeu. O Ministério da Educação foi prometido para Plínio Salgado, líder dos galinhas-verdes, que ficou muito feliz em cacarejar seu próprio projeto de escola sem partido, que na tecla SAP quer dizer escola sem esquerda.

Porém, mais do que um motivo, Getúlio precisava de um pretexto. Então seu setor de inteligência produziu a peça de

ines249

fake news mais famosa da história do Brasil: o Plano Cohen. Esse factoide ancestral pegou a mamadeira de piroca no colo, deu de alimentar, viu crescer. O plano, atribuído falsamente ao Komintern, a Terceira Internacional Comunista, falava em derrubar o governo através de greves, depredação do patrimônio público e assassinato de autoridades. Ou seja: se fosse real, seria bem mais efetivo do que uma nota de repúdio.

O documento foi redigido pelo capitão Olímpio Mourão Filho e interceptado pelos militares. Ou seja: a coisa era tão tosca que eles interceptaram o documento que eles mesmos escreveram. Mais ou menos como vender um Rolex que pertence à União e depois ter que sair por aí tentando comprá-lo de volta. Mas Getúlio foi competente em criar uma rede de *fake news* que manteve sua ditadura no poder e conseguiu dar o golpe. Esse capítulo da história, assim como muitos outros, Jair Bolsonaro – ai, que felicidade! – não leu.

Pouco mais de um mês depois da descoberta do Plano Cohen, começou o famigerado Estado Novo. Um nome bonito criado pelo Departamento de Batismo Aleatório dos nossos movimentos, mas que na verdade era a velha ditadura.

O que aconteceu depois daquele novembro de 1937 é um filme *trash* de terror que o Brasil conhece bem. Volta e meia, esse roteiro macabro torna a ser escrito. Olha só a sinopse: num país que luta contra seus demônios, uma atitude drástica é tomada. Com o Congresso fechado, o governo entrega às pressas uma Constituição que suspende as eleições. Um período de trevas se anuncia. Um perverso ditador extingue os partidos políticos, institui a tortura, persegue opositores e cassa o direito de greve.

Infelizmente, trata-se de uma franquia que deu origem a outros filmes.

Para mostrar que o patrão ficou maluco, Getúlio promoveu uma queima total. Literalmente. Mandou incendiar livros de Jorge Amado e de José Lins do Rego. Incinerou as bandeiras dos estados em uma cerimônia um tanto bizarra. É o slogan "Brasil acima de tudo" levado a ferro e fogo. Ou ainda: para evitar que nossas bandeiras virassem vermelhas, Getúlio se antecipou, ao transformá-las em... cinzas. Com o cenário controlado na porrada, aos poucos os intelectuais presos por causa da Intentona seriam libertados. O Barão foi solto em dezembro de 1936.

Uma das violências da Constituição de 1937 foi a instituição da censura prévia aos meios de comunicação. *A Manha*, que tinha uma circulação irregular, ganhou dois censores para conferir tudo que seria publicado. Depois de algumas edições sob essa tutela, o jornal deixou de circular. Não sem antes cravar mais uma de suas brilhantes frases: "O Estado Novo é o estado a que chegamos."

Aparício Torelly, na pessoa física, recolheu-se numa espécie de exílio. Como tudo nele parecia piada, seu exílio foi em Bangu. Passou os anos seguintes dedicando-se à ciência, sua segunda maior paixão. Tinha obsessão em encontrar uma cura para a febre aftosa.

Em abril de 1944 – quase sete anos depois do início do Estado Novo –, uma seleção brasileira de jornalistas e escritores se reuniu para celebrar os 25 anos de jornalismo do Barão de Itararé. Estavam lá Candido Portinari, Carlos Drummond de Andrade, Oscar Niemeyer, Samuel Wainer, Vinicius de Moraes e Oswald de Andrade. O evento tornou-se uma das primeiras manifestações públicas contra o Estado Novo.

Getúlio e o Estado Novo caíram. No seu lugar ergueu-se o governo de Eurico Gaspar Dutra. Após oito anos fora de circulação, *A Manha* voltou às bancas, em grande estilo, no dia 27 de abril de 1945. Em pouco tempo, retomou a tiragem de 60 mil exemplares e passou a contar com colaboradores como Rubem Braga, Aurélio Buarque de Holanda, José Lins do Rego e Álvaro Moreyra. Ao chegar à redação, diariamente, Apporelly topava com grupos de pessoas que lhe pediam autógrafos, conselhos ou faziam propostas de negócio.

O Barão de Itararé anunciou assim o governo de Gaspar Dutra: "Depois do governo Gegê, o Brasil terá o governo Gagá." Sua relação com Getúlio, porém, não terminou ali. Em 1946, o agora senador Getúlio Vargas reconheceu Apporelly entre os jornalistas de plantão no Senado e o saudou: "Até tu, Barão?" A resposta foi imediata: "Tubarão é o senhor, eu sou o Barão de Itararé."

Durante o governo Dutra, Apporelly, veja só, se lançou candidato a vereador pelo Partido Comunista. Foi eleito. Como tudo na sua vida parecia piada, seu mandato durou pouco: o Partido Comunista foi cassado meses depois.

Aparício Torelly morreu em 1971. Além do título de Barão de Itararé, ele se autoproclamou "herói de dois séculos". Estava errado. Apporelly brilhou nos séculos XIX e XX, e seu humor continua atual por uma razão bem simples: nossa vocação – aquela do jeitinho, acordo, pacto, trato – não permitiu que a gente avançasse muito nas décadas seguintes à sua morte. O Barão de Itararé, que nasceu sob os escombros de uma batalha que não aconteceu, continua como o cronista oficial de um Brasil que não houve. Afinal, como diz uma de suas frases mais famosas: "De onde menos se espera é que não surge nada mesmo." ✪

Este texto foi escrito para o documentário *O Brasil que não houve*, sobre o Barão de Itararé, que será lançado na Feira Literária Internacional de Paraty (Flip) deste ano e exibido no Canal Curta! em outubro.

ines249

UMA COMPANHIA INCÔMODA

A pensadora francesa Simone Weil, na visão de sua sobrinha

LEDA CARTUM

Paris, meados de 1911. Uma menina de 2 anos, sentada no berço, folheia um livro ilustrado: um volume da série infantil clássica da Larousse, *Les livres roses pour la jeunesse* (Os livros cor-de-rosa para a juventude), dedicado à história dos antigos romanos. O livro é de seu irmão, dois anos e nove meses mais velho. A menina, que ainda não sabe ler, vira as páginas e examina as figuras ilustrando o grande império – o maior do Ocidente – que durou cinco séculos. É então que, de outro cômodo, os pais a escutam gritar: "É verdade que esses romanos existiram? Eu tenho medo dos romanos!"

Essa é uma das tantas anedotas que se contam sobre a vida da pensadora francesa Simone Weil. Desde a primeira infância, e durante os pouco mais de trinta anos em que esteve neste mundo, ela sempre manifestou ideias extraordinárias – extraordinárias até demais, confessou o seu pediatra, que achava que uma criança capaz de dizer as coisas ditas por ela não tinha como continuar vivendo por muito tempo. Com 3 anos, Weil ganhou um anel de presente e recusou. "Não gosto de luxo!" Com 6 anos, mandava rações de açúcar e até um ovo de Páscoa para os soldados no front da Primeira Guerra Mundial (1914-18). Também nessa época decidiu adotar um soldado, enviando para ele o dinheiro que conseguia com pequenos trabalhos domésticos.

Essa empatia radical pode não ser tão extraordinária assim em uma criança que está descobrindo o sofrimento dos outros e tomando para si as dores do mundo – a questão é que Simone Weil cresceu, e a radicalidade não abrandou. Parece mesmo ter crescido com ela. As ideias excepcionais que teve na infância mantiveram-se vivas, ganhando mais e mais camadas de consistência. O medo dos romanos que ela sentiu no berço, por exemplo, permaneceu até o fim: em 1943, pouco antes de morrer, aos 34 anos, ela escreveria que "a brutalidade dos romanos horrorizou e paralisou seus contemporâneos exatamente como a dos alemães hoje".

Vida e pensamento raramente têm uma correspondência tão íntima como na história de Simone Weil. O que ela pensava, manifestava; e seu pensamento só tinha sentido se fosse manifestado em todos os níveis da existência. Em uma resenha para a *New York Review of Books*, em fevereiro de 1963, Susan Sontag a descreveu como uma pessoa "insuportavelmente idêntica às próprias ideias":

> *O ascetismo fanático, o desprezo pelo prazer e pela felicidade, os nobres e ridículos gestos políticos, as elaboradas abnegações, a incansável aflição; e não excluo a singeleza, a falta de jeito físico, as enxaquecas e a tuberculose. Ninguém que ama a vida desejaria imitar a sua dedicação ao martírio, nem desejaria isso para seus filhos ou para qualquer pessoa que ama.*

De fato, não era fácil ser mãe de uma pessoa assim. Selma Weil estava sempre pronta a largar tudo para salvar a filha, tentando atenuar as decisões extremas que ela tomava e protegê-la de alguma forma, mesmo que pelas costas. Simone era determinada, mas também extremamente desajeitada: tinha as mãos pequenas demais, era míope demais, magra demais, sofria de enxaquecas terríveis. E, no lugar de se conter, optava sempre por ir até o limite.

Nascida em 1909, em uma família de judeus não praticantes, de posição social confortável, ela decidiu, aos 25 anos, se tornar operária e foi trabalhar na linha de montagem da Renault. "Lá recebi para sempre a marca da escravidão, como a marcação a ferro quente que os romanos faziam na testa de seus escravos mais desprezados", escreveu em seu diário. "Desde então, é isso que me considero: uma escrava." Trabalhou na fábrica por quase um ano, tentando manejar a prensa pesada, enquanto suportava as próprias enxaquecas incessantes, embutindo e contando peças (a conta normalmente dava errado), até que por fim uma inflamação da pleura impediu que ela continuasse a empreitada.

Pouco depois, com a eclosão da Guerra Civil Espanhola, Weil decidiu se juntar aos republicanos. Era pacifista, mas, sabendo que a guerra não podia ser evitada, entendia que era preciso viver plenamente o campo de batalha. Não durou muito ali também. Trabalhando na cozinha, um dia, por acidente, enfiou o pé num buraco cheio de óleo quente que os camaradas tinham acabado de usar para cozinhar. Foi levada para um hospital em Barcelona, e a gravidade da queimadura poderia ter sido fatal se seus pais não tivessem corrido para resgatá-la. "Se você tiver uma filha", disse sua mãe ao poeta Jean Tortel, "reze a Deus para que ela não seja uma santa."

"A extrema dificuldade que tenho às vezes para executar uma ação mínima é um favor que recebi", anotou Simone Weil em um caderno que se tornou depois um de seus mais conhecidos livros, *O peso e a graça*. Ela entendia sua inabi-

ines249

ACERVO PESSOAL

Sylvie Weil em Campos do Jordão, nos anos 1940, com a galinha que foi seu primeiro amor: "As lembranças que tenho do Brasil são o jardim, o triciclo, a casinha e as canções"

ines249

lidade como uma dádiva, porque, graças a isso, não dispunha sequer da possibilidade de se acostumar com o mundo. Seja lavando a louça (um amigo chegou a dizer que ela segurava um prato como quem erguia um ostensório), seja com um fuzil na mão e trajes da milícia anarquista, não havia concessões a fazer, não havia adaptação possível.

Desde a idade de 12 anos, sou habitada por uma dor situada em torno do ponto central do sistema nervoso, no ponto de junção da alma com o corpo, que dura através do sono e nunca cessou sequer por um segundo. [...] Sou sustentada pela fé de que um esforço de atenção verdadeira nunca se perde, mesmo que não tenha, direta ou indiretamente, nenhum resultado visível

Simone Weil não lançou nenhum livro em vida. Publicou artigos, alguns deles assinados com o anagrama Émile Novis (um nome masculino), e acumulou pilhas de cadernos de anotações, que foram editadas em livro aos poucos. *O peso e a graça* foi o primeiro, publicado quatro anos depois da sua morte, prefaciado e organizado pelo filósofo católico Gustave Thibon (o mesmo que a descreveu lavando louça). Weil entregara a ele uma dezena de cadernos escritos em Marselha, depois de ter morado na fazenda do amigo. Eles não se veriam mais.

O ano era 1942. Depois de muita insistência, ela tinha aceitado fugir com sua família para os Estados Unidos – foi preciso de fato insistir muito, porque ela resistia profundamente ao privilégio de estar longe da guerra. Tanto que não conseguiu aguentar essa situação por muito tempo: menos de um ano depois, deu um jeito de atravessar o Atlântico de volta. Aportou na Inglaterra com uma ideia obsessiva, seu "Plano de Organização de Enfermeiras da Linha de Frente". Ela queria juntar um time de mulheres que saltariam de paraquedas nos campos de batalha para tratar os feridos e moribundos. Weil, certamente, seria uma delas. Era quase uma performance, um "experimento": ela acreditava que a imagem de mulheres desarmadas caindo do céu, todas vestidas de branco, com a "coragem não motivada pelo impulso de matar", poderia "atingir a imaginação [*das pessoas*] mais do que qualquer uma das concepções de Hitler". Mas ela não chegou sequer à França. Contraiu uma tuberculose e, recusando-se a comer mais do que as porções oferecidas aos soldados, morreu em Ashford, na Inglaterra, em agosto de 1943.

"Eu não sou alguém a quem é bom unir o próprio destino", escreveu Weil, em uma das últimas cartas a Gustave Thibon. "Os seres humanos sempre pressentiram mais ou menos isso; mas, não sei por que mistério, as ideias parecem ter menos discernimento." Depois da morte da amiga, Thibon se viu com a dezena de cadernos em mãos, e com a responsabilidade de realizar o desejo de Weil de que aquelas ideias mudassem de forma e "se alojassem sob uma nova caneta". Ele então selecionou as tantas e dispersas anotações para publicá-las em livro, dividindo-as em 39 capítulos, com títulos como *O sentido do universo*, *Desprendimento*, *Descriação*, *Desejar sem objeto*, *Amor* e *O impossível*.

No prefácio de *O peso e a graça*, Thibon conta como foi difícil o primeiro contato com Weil, quando ele a recebeu em sua fazenda para passar algumas semanas trabalhando no campo. "Ela discutia indefinidamente, com uma voz inflexível e monótona, e eu saía literalmente desgastado dessas reuniões insolúveis." Mas ele esclarece: "Aos poucos, passei a constatar que esse lado impossível de seu caráter, longe de ser expressão de sua natureza profunda, traduzia nada mais do que seu eu exterior e social."

Se a maioria das pessoas sustenta uma aparência agradável, simpática, e só com o tempo e a convivência vai revelando seus traços mais difíceis, com Weil o fenômeno era o contrário, como escreve Thibon. "Ela exteriorizava, com uma espontaneidade amedrontadora, o lado desagradável de sua natureza, mas precisava de muito tempo, muito afeto e muito pudor vencido para manifestar o que tinha de melhor." E o melhor de Simone Weil não era pouco. Como os vulcões das regiões árticas, cuja lava se esconde sob uma camada de gelo, ela era, segundo Thibon, interiormente fundada no amor. "Eu nunca voltei a encontrar, em um ser humano, uma familiaridade como essa com os mistérios religiosos; nunca a palavra do sobrenatural surgiu tão plena de realidade quanto no contato com ela."

Trabalhei durante alguns anos na tradução e no prefácio de *O peso e a graça*, que ganhou nova edição em junho pela Penguin-Companhia das Letras. Essa experiência duradoura com o texto de Simone Weil confirmou para mim o que Gustave Thibon diz ao descrevê-la: num primeiro momento (que não é exatamente breve), o contato com esse livro não é fácil. Quanto mais me debatia com a leitura demorada que a tradução exige, mais as frases soavam impenetráveis e, com frequência, doloridas demais, rígidas demais, repressoras demais: "Suspender continuamente em nós mesmos o trabalho da imaginação preenchedora de vazios", "Só possuímos as coisas às quais renunciamos", "É necessária uma infelicidade sem consolos. É necessário não ter consolo".

A sensação era de bater a cabeça contra uma superfície muito dura – mas bater em câmera lenta, sabendo que iria atingir mais uma vez essa parede e mesmo assim indo voluntariamente em direção a ela. Alguma coisa misteriosa continuava me atraindo. "Atirar-se contra a pedra", escreve Weil, "como se, a partir de uma determinada intensidade de desejo, ela devesse deixar de existir".

Conhecer detalhes de sua biografia também foi tornando mais difícil aceitar algumas de suas posições – que, se não são inflexíveis, soam no mínimo pouco razoáveis, ou simplesmente sem sentido. Em pleno auge do nazismo, Weil escreveu coisas como: "Os judeus, esse punhado de desenraizados, causaram o desenraizamento de todo o globo terrestre. Sua participação no cristianismo fez da cristandade algo desenraizado em relação a seu próprio passado."

A mesma aversão que Weil sentia pelos romanos, ela manifestava pelo povo judeu. A diferença é que, neste segundo caso, a aversão recaía sobre ela mesma, e sobre seus iguais, perseguidos e mortos enquanto ela estava escrevendo. Embora nunca tenha se convertido oficialmente ao cristianismo, foi nesta tradição que ela encontrou a inspiração, afastando-se de qualquer origem judaica – muitos biógrafos dizem, inclusive, que a sua criação foi tão pouco ligada a essa origem que ela só soube que era judia na adolescência. De qualquer maneira, George Steiner considerou Weil "um dos casos mais feios de cegueira e intolerância na aborrecida história do ódio judaico a si mesmo".

Dizer que ela é cheia de contradições é ainda muito pouco. Até porque a contradição é o seu verdadeiro critério para o contato com a realidade. A chave de leitura dos textos de Weil não é óbvia porque, num mundo repleto de debates e polêmicas, estamos acostumados a aceitar ou negar aquilo que estamos lendo. Mas esses são textos que não buscam provar nada, não se inserem na lógica argumentativa linear. O pensamento se dá em outro nível – mais profundo –, no qual o que se manifesta não é a mera opinião. A opinião é muito pouco em face da verdade que ela procura. Mestre das analogias, Weil explica em *La personne et le sacré* (A pessoa e o sagrado):

Como um vagabundo acusado em um tribunal de ter roubado uma cenoura se coloca diante do juiz, que, sentado confortavelmente, encadeia com elegância perguntas, comentários e piadinhas, enquanto o outro não consegue sequer gaguejar, assim se apresenta a verdade diante de uma inteligência ocupada em alinhar opiniões

T. S. Eliot escreveu que, em contato com os textos de Simone Weil, em pouco tempo percebeu que "seria necessário ler e reler toda sua obra para [*levar a cabo*] esse processo lento de compreensão". Num primeiro momento, ele observou, é muito provável que fiquemos distraídos, tentando entender até que ponto concordamos e até que ponto discordamos das afirmações dela. Mas não é assim que será possível compreendê-las. "Devemos simplesmente nos expor à personalidade de uma mulher genial, de uma genialidade semelhante à dos santos."

À medida que eu convivia com o texto sem tanta resistência (e é só pela convivência, ganhando intimidade, que as defesas vão baixando, naturalmente), percebi que uma nova operação começava a acontecer. A fronteira entre o estranhamento e o maravilhamento foi ficando cada vez mais tênue. Aos poucos, mas também subitamente, certas frases saltavam aos olhos – e emanavam beleza por si mesmas: "A inteligência não tem que encontrar nada, ela tem que limpar o terreno", "Amar um estranho como a si mesmo implica, em contrapartida: amar a si mesmo como um estranho", "Uma obra de arte tem um autor – no entanto, quando ela é perfeita, tem algo de essencialmente anônimo".

É o anonimato essencial que Simone Weil sempre buscou ao longo da vida: desaparecer, estar em algum lugar sem "macular o silêncio do Céu e da Terra" com sua respiração e batimento cardíaco. E como é possível esse ano-

ines249

nimato? Quando uma criança erra numa conta de matemática – é outra analogia que ela faz –, esse erro é dela; mas, se a criança acerta, sua pessoa está ausente da operação: "A perfeição é impessoal." É por isso que o exercício da atenção – tanto os estudos como a prece são "ginástica da atenção" – é a única via possível para acessar o impossível, tornar-se (de fato) nada, ou (no mínimo) o mínimo.

"Se por acaso você pensar em mim de vez em quando", diz ela, naquela mesma última carta que escreveu a Gustave Thibon, "será como pensar num livro que foi lido na sua infância". Ela não deseja ser mais do que isso: uma lembrança remota, tranquila, que desperta algum afeto, mas não o suficiente para que venha carregado de tristeza ou de saudade.

Acontece que, no caso de Weil, sabemos que os livros de infância não foram assim tão inocentes. Já no berço, olhando ilustrações do Império Romano, ela percebeu que aquilo lhe causava medo. Sua personalidade sempre foi forte demais, excêntrica demais, e por isso mesmo chamativa demais: quando estudante, esquecia a caneta-tinteiro aberta no bolso e aparecia com o vestido cheio de manchas pretas; quando professora, chegava na sala de aula com o agasalho do avesso. Ganhou o apelido de "marciana". E como deixar de notar esse ser de outro mundo, com seus óculos muito grossos e cabelos muito pretos? Georges Bataille, que a conheceu, a descreve como alguém que "causava mal-estar: falava lentamente, com a serenidade de um espírito estranho a tudo. [...] Usava roupas pretas mal cortadas e seus cabelos curtos, crespos e despenteados pareciam asas de corvo, uma de cada lado do rosto".

Quanto mais voltava a atenção para o próprio desaparecimento, mais atenção ela chamava para si. Talvez essa tenha sido uma das contradições que a moviam, e que nos move na direção dela até hoje: uma pessoa que se esforçou tanto para sumir que morreu quase voluntariamente antes de completar 35 anos, mas que, no lugar de evanescer, passou a se destacar ainda mais depois da morte, a ponto de ser praticamente santificada, enquanto se torna cada vez mais atual. Uma tímida espalhafatosa, cujos escritos influenciaram pelo menos cinco Prêmios Nobel de Literatura – André Gide, T. S. Eliot, Albert Camus, Czesław Miłosz e Seamus Heaney – e dois papas – João XXIII e Paulo VI –, além de inúmeros pensadores, filósofos, ativistas políticos e poetas de ontem e de hoje.

O escritor gaúcho Daniel Galera teve o primeiro contato com Simone Weil pelas frases que pescava no Tumblr, e demorou para enfim começar a ler *O peso e a graça*. "Gosto muito de livros que termino e tenho a sensação de que entendi 30%", ele me disse. Agora está começando a escrever um romance cujo ponto de partida é o estranho encontro de Weil com Georges Bataille. Já Patti Smith, no seu livro *Devoção*, narra a busca pelo túmulo de Weil no cemitério de Ashford, e constrói a protagonista do livro a partir da pensadora francesa. A escritora Zadie Smith, em entrevista recente, revelou que a pesquisa para seu próximo romance está centrada em Weil. "Ela está no ar no momento", disse ao *Washington Post*. "Sua personalidade é extrema. Ela é um monte de coisas ao mesmo tempo."

> "Não é possível assumir a tarefa de uma santa. Essa é uma herança de outro tipo, da qual não se consegue escapar – a menos que você vá viver na Patagônia ou entre os lapões."

Isso quem diz é a sobrinha de Simone Weil, Sylvie, em seu livro *Chez les Weil* ("Na casa dos Weil", ainda não traduzido para o português).

Sylvie Weil vive em Nova York, cidade onde nasceu. Ela chegou a conhecer a tia ainda muito criança, mas não se lembra dela. Em 1942, quando a família estava exilada nos Estados Unidos, o nascimento de Sylvie foi um consolo. Simone, para a surpresa de todos – já que era tão pouco afeita a carinhos que, normalmente, quando tocada por alguém, reagia como se tivesse sido picada por uma cobra –, se apaixonou pela bebê, foi carinhosa como nunca tinha sido com ninguém. Falava da criança sem parar. Mas logo depois que Sylvie nasceu, Simone partiu para a Inglaterra, para tentar realizar seu plano das enfermeiras paraquedistas, e nunca mais voltou. Na correspondência com os pais e o irmão, seguiu falando da sobrinha: "Eu lancei um feitiço nela... vai dar para notar daqui a alguns anos." Nessas cartas cheias de mentiras para que não soubessem que ela estava doente, depois internada, depois à beira da morte, as verdades eram principalmente a respeito de "Sylvie, do sorriso ensolarado", a quem a tia enviava seus *fondest kisses*.. "Vocês agora têm outra fonte de conforto."

O pai de Sylvie é o irmão mais velho de Simone, André Weil – o dono do livro de ilustrações romanas que ela folheava no berço, aos 2 anos. E, se Simone manifestou ideias extraordinárias desde aquela época, André não foi diferente. As brincadeiras dos irmãos eram, por exemplo, recitar Racine e Corneille, olhando fixamente um para o outro: se um dos dois errasse uma palavra ou mesmo hesitasse, levava um tapa na cara. Foi André quem ensinou Simone a ler. Ele chegava da escola e compartilhava tudo o que tinha aprendido com a irmã mais nova: astronomia, aritmética, poesia... Cresceram cultivando um mundo secreto.

Foi André também quem fez com que Simone sentisse que estava sempre aquém do que poderia ser, na adolescên-

ines249

ADÃO TURRUSGARA. 2025

cia, ela se desesperava por causa da "mediocridade de suas faculdades naturais", quando comparadas aos "dons extraordinários" do irmão, "que teve uma infância e uma juventude comparáveis às de Pascal". André descobriu um livro de álgebra aos 9 anos, e a partir daí dedicou a vida inteira a isso. Num perfil da *Scientific American* de 1994, poucos anos antes de sua morte, André Weil foi chamado de "o último matemático universal"

"O gênio era bicéfalo", diz Sylvie Weil, em sua biografia·

Meu pai tinha um duplo, um duplo feminino, um duplo morto, um duplo fantasma Pois, sim, além de ser uma santa, minha tia era um duplo de meu pai, com quem se parecia como se fossem gêmeos. Duplo onipresente, como só pode ser um fantasma que não tem mais nada para fazer Que não milita mais, não ensina mais, não parte mais para a guerra na Espanha, não tem mais encontros impressionantes com Cristo e, no entanto, faz tudo isso o tempo todo, muito melhor do que os vivos fariam.

Na adolescência, quando se mudou para Paris e morou no mesmo apartamento em que o pai e a tia cresceram, Sylvie às vezes se levantava de madrugada e abria às escondidas o armário de manuscritos. Era ali que a avó Selma mantinha guardadas as suas relíquias: caixas e mais caixas em que se empilhavam cadernos e folhas de papel cobertas pela caligrafia aplicada da filha morta. Sylvie lia e relia as cartas e se perguntava se o feitiço que Simone dizia ter lançado nela já tinha se manifestado. Mas que tipo de feitiço seria esse? "De pijama, agachada ou sentada no chão de pernas cruzadas, eu lia a frase *O próprio Cristo desceu e me tomou*. Eu pensava em garotos, ela era tomada por Cristo."

A mulher sorridente que vejo na tela do computador me deixa, num primeiro instante, atordoada. Passei tanto tempo convivendo com as fotos e os textos de Simone Weil, e agora esse rosto de 82 anos parece ter dado vida e idade a um fantasma eternamente jovem. Sei que essa sensação não tem nada de original. Desde que nasceu, Sylvie escuta exclamações sobre como ela é idêntica à tia. Primeiro, dos próprios avós, que punham a neta no colo e mostravam fotos da filha perdida: "Essa é Simone, e vocês são muito parecidas." Depois, na adolescência, de quase todo mundo, inclusive desconhecidos, que se aproximavam para encostar nos seus cabelos que eram "exatamente como os dela" ("Acredito que os homens não são tão sujeitos a esse tipo de fetichismo", escreveu Sylvie em seu livro)

Simone era a jovem tia morta alguns meses depois que eu nasci, aquela com quem eu parecia. [...] Seus olhos míopes, como os meus, me sorriam por trás dos óculos nas fotos que cercaram a minha infância e adolescência Eu a encontrava com frequência, em momentos inesperados, na vitrine de uma livraria, na capa de um livro, às vezes até em cartazes. Seus cabelos muito pretos, como os meus, armados como os meus, ondulados como os meus.

A minha primeira impressão se desfez em segundos. É só buscar os nomes de Simone e de Sylvie Weil no Google para notar a diferença evidente, para além do fato de que o tempo passou para uma e não para outra. Em praticamente todas as suas fotos, o rosto de Simone mantém uma expressão ambígua, entre séria e provocativa, o olhar algo irônico, a boca fechada, no máximo com o canto do lábio puxado, prometendo um sorriso que não vai se cumprir. Sylvie, por sua vez, com o corte de cabelo de fato igual ao da tia, está sempre mostrando o máximo possível de dentes, sorrindo plenamente. Simpática, engraçada e rápida, ela não tem nada da "voz inflexível e monótona" descrita por Thibon, muito menos a natureza exterior desagradável. "Era difícil", ela me diz, "parecer tanto com Simone, e ver que todo mundo se extasiava com essa semelhança. Eu, aos 15 ou 16 anos, queria parecer com Brigitte Bardot."

Sylvie foi quem sugeriu que falássemos por teleconferência, depois que escrevi um longo e-mail a ela, contando do impacto que senti ao ler seu livro. "Quer dizer que você é mais uma apaixonada pela minha querida tia?" Ela já recebeu incontáveis mensagens de leitores devotos de Simone, pessoas que desejam que ela leia os livros, as teses, as peças de teatro, os poemas que escreveram, inspirados em sua tia. Houve até mesmo um estranho que se aproximou de Sylvie e, como se estivesse falando com uma velha amiga, disse que era um "gêmeo cosmológico" de Simone Weil. "Todos são tão próximos dela! Mais do que eu Não leio seus textos há muito tempo. Eu não sou filósofa", confessa Sylvie, rindo.

"Os livros dela, depois de publicados, impressos, não me interessam muito, mas a versão deles que foi copiada pela mão do meu avô ou da minha avó ressuscitava a minha infância na Rua Auguste Comte", escreveu Sylvie para a revista *L'Archive* "Para mim, encontrar essas páginas cheias da caligrafia familiar, essas folhas leves que antigamente eu espalhava em volta de mim, sentada no chão diante do armário de manuscritos, não era consultar arquivos, escrutinar o seu conteúdo, mas encontrar seres de carne e osso dos quais eu tinha sido separada, era ouvir a música das vozes que cercaram minha infância Eu acariciava essas cartas, eu sorria para elas! Por pouco não as beijei, mas isso não se faz na Biblioteca Nacional!"

Lendo essa biografia familiar, resultado também das pesquisas que Sylvie Weil fez na Biblioteca Nacional da França, em Paris, eu consegui ver Simone como nunca tinha visto, porque pelos olhos da sobrinha. Mas fui me interessando cada vez mais pela própria Sylvie, pelo legado impossível que ela carrega e pelo modo como foi aprendendo a lidar com isso ao longo da vida. Sylvie conta que cresceu à sombra de Simone Weil, tanto na intimidade, por ter nascido com a missão ingrata de preencher o vazio que ela deixou na família, quanto publicamente, já que a figura de sua tia ganhava cada vez mais um caráter sagrado. "Procuraram tanto por Simone na minha decepcionante pessoa!" Sylvie se tornou uma espécie de "tíbia da santa", cujo papel principal não era mais do que se deixar "ser tocada, esfregada, abraçada", e se sentir satisfeita nesse lugar de intermediária. Mas, no seu livro, conta que negou mais de uma vez o próprio parentesco, sobretudo porque, na adolescência, se sentia dividida entre o orgulho e a vergonha, como se tivesse um defeito de nascença.

Foi com a maturidade, ao se tornar mais velha do que Simone nunca foi, que Sylvie se conciliou com uma história que ao mesmo tempo é sua e não é como são todas as histórias de família. Tornou-se também escritora e professora (de literatura francesa), assim como a tia e o pai – André Weil foi professor universitário e publicou diversos livros, inclusive uma autobiografia. "É que eu não tenho imaginação", ela me diz. Hoje Sylvie se orgulha de não ter ficado louca, mesmo carregando esse espólio de gênios. Além de *Chez les Weil*, publicou mais de dez romances

"Eu fico triste de não saber mais falar português" - é das primeiras coisas que Sylvie Weil comenta, quando começamos a conversar (em francês). Isso porque os primeiros livros infantis de que se lembra são brasileiros e que guarda consigo até hoje Ela me enviou fotos de alguns deles, a maior parte clássicos para crianças da editora Melhoramentos, como *João Felpudo* (de Heinrich Hoffmann), *O fantasma lambão e outras histórias* e *Juca e Chico* (ambos de Wilhelm Busch), *Sinhaninha e Maricota*, de Hulda von Levetzow ("Eu adorava esse, sobre duas meninas horríveis, criações de alemães", comentou), além de alguns de autores brasileiros, como *A gauchita* e *Baianinha* (os dois de Lourenço Filho)

Um dos motivos que me levaram a escrever para Sylvie, e provavelmente fez com que ela sugerisse tão prontamente que nos falássemos, foi que, lendo seu livro, descobri a relação da família Weil com o Brasil

Em 1944, André Weil era um professor sobrecarregado e mal remunerado em Bethlehem, na Pensilvânia, sem a menor possibilidade de voltar para a França, já que a guerra ainda não tinha terminado. Simone tinha morrido um ano antes. Selma, a mãe dos dois, desde a perda da filha falava com frequência em tirar a própria vida Cabia a André encontrar uma direção para uma família rachada, exilada e com um bebê de pouco mais do que 1 ano para cuidar.

Naquele período, conheceu Claude Lévi Strauss em Nova York. os dois ficaram amigos, e André o ajudou a resolver um "cálculo combinatório para as regras de casamento de um povo australiano", nas palavras do próprio Weil. Mais do que isso, a análise matemática mostrou - como Lévi-Strauss declarou em uma entrevista a aplicação possível da antropologia estrutural criada por ele.

Foi graças a essa amizade que André ficou sabendo sobre a Universidade de São Paulo, fundada dez anos antes, da qual Lévi-Strauss tinha sido um dos primeiros professores na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Havia então uma cadeira vaga na área de matemática, pois muitos dos professores italianos que lecionavam desde a fundação estavam deixando a USP depois que o Brasil declarara guerra ao Eixo.

Ir para o Brasil parecia a melhor solução naquele momento. "Mas então aconteceu uma coisa estranha. como era um

ines249

período de guerra, precisávamos de uma autorização dos Estados Unidos para sair do país", me conta Sylvie. "E os americanos não queriam permitir que André fosse para o Brasil. Estávamos em Nova Orleans esperando, eu ainda era um bebê... Os Estados Unidos queriam que São Paulo contratasse um matemático americano. Mas São Paulo respondeu: 'Não, não há vagas para um americano, só queremos André Weil.' Os americanos finalmente cederam, e toda a família partiu. Embarcamos no navio argentino Río Tunuyán e chegamos em São Paulo em janeiro de 1945."

A família inteira – André e sua mulher, Eveline, a bebê Sylvie e seu meio-irmão Alain, filho do primeiro casamento da mãe, e os avós Selma e Bernard – instalou-se na Rua Bélgica, no Jardim Europa, em uma "casa modesta, mas cômoda, com um jardim agradável, uma grande mimosa e rosas que floresciam o ano todo", escreveu André em sua autobiografia, *Souvenirs d'apprentissage* (Lembranças do aprendizado). "Que contraste com o nosso triste apartamento de Bethlehem!"

André Weil foi professor na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras durante dois anos. Dele e de outros estrangeiros convidados para lecionar na USP, esperava-se que consolidassem um centro de pesquisa em matemática na universidade. Junto com Oscar Zariski, um colega da Bielorrússia, André Weil participou da Sociedade de Matemática de São Paulo e foi um dos responsáveis por trazer uma perspectiva mais ampla e estruturalista para a área.

"As lembranças que tenho do Brasil poderiam ser as da sua avó...", diz Sylvie, como se justificando para mim, quando pergunto a respeito. "São as lembranças de uma criança de 5 anos na São Paulo do final dos anos 1940: o jardim, o triciclo, a casinha [*ela fala essa palavra em português*] e as canções que eu aprendia. André sempre foi muito grato à cidade de São Paulo, que ofereceu casa e trabalho quando ele não tinha nada. Meus pais adoraram o Brasil, a vida deles no Brasil, e fizeram amigos para a vida toda."

Mas o matemático sabia que, cedo ou tarde, deveria ceder a cadeira a um brasileiro, e nunca tinha pensado em viver definitivamente por aqui. No outono de 1947, quando surgiu a oportunidade, assumiu um cargo na Universidade de Chicago, e deixou o Brasil com a mulher e os filhos, levando 1 kg de café na mala. Selma e Bernard foram para a Suíça. Sylvie, que tinha 5 anos na época e era quem melhor tinha aprendido o português na família, nunca mais voltou ao Brasil.

"Minha família ficou desenraizada. A morte de Simone deixou uma ferida incurável. E a partida do Brasil foi o rompimento do qual nunca me recuperei", diz Sylvie. A partir de então, as perdas e separações acentuaram a crise entre os membros da família Weil, que não superaram seus conflitos nem mesmo quando todos se reuniram alguns anos depois, no antigo apartamento de Paris. Sylvie conta que as disputas afloraram já quando estavam a caminho do Brasil, e só cresceram depois. "O primeiro choque acontece no navio Río Tunuyán. Mime [*apelido de Selma*] não me tira do colo, e não quer que eu me aproxime de outras crianças. André me arranca dos braços de sua mãe e me dá, aos gritos, a Eveline. Biri [*apelido de Bernard*] xinga André, e diz que eu sou a única alegria que lhes resta neste mundo", escreve Sylvie em seu livro de memórias. O reencontro na França, no começo dos anos 1950, acarreta entre os pais e avós uma "longa série de brigas, disputas, processos, trevas, reconciliações seguidas de novas brigas, que vai durar toda a minha infância e muito depois, até a morte de Selma, em novembro de 1965".

Sylvie acrescenta no livro: "No centro da querela, é claro, a desaparecida. Simone. Para começar, havia eu, a bebê legada por ela a seus pais. Mas logo a querela se estendeu aos manuscritos." Aqueles cadernos e mais cadernos de capa preta, sem pauta, cheios de pensamentos, citações em grego, latim ou sânscrito, passagens dos Evangelhos, meditações, anotações pessoais misturadas a menções à *Ilíada*, que os pais de Simone levaram nas malas dos Estados Unidos para o Brasil, depois para a Suíça, depois para a França, e dedicaram a maior parte do resto de suas vidas a copiar em outros cadernos, cada um em uma ponta da mesa, a ponto de Sylvie achar que esse era o trabalho deles.

Eu os vejo, Bernard e Selma, debruçados sobre os cadernos, os óculos apoiados no nariz, como dois velhos bons alunos, o perfil agudo de minha avó, sua franja grisalha e tesa cortada reta na testa, sem a menor afetação, e o perfil mais doce de meu avô, seu bigode ainda espesso que picinava quando ele vinha me dar um beijo.

E esse era, de fato, o verdadeiro trabalho dos dois. Desde a perda da filha, eles viviam inteiramente voltados à publicação dos manuscritos. Mas André, que se considerava o mais próximo de Simone, entendia que deveria participar desse processo. Não permitia que nada fosse feito sem a sua anuência. Selma e Bernard queriam ceder a sua transcrição dos manuscritos à Biblioteca Nacional da França. André se opôs. Por causa desse embate, o conjunto dos textos não foi publicado até hoje. Além disso, durante alguns anos, houve sequestros de manuscritos. André chegou a invadir o apartamento dos pais e levar cadernos consigo, mas eles foram atrás e conseguiram recuperá-los; os textos foram levados para a Biblioteca Nacional,

ines249

mas voltaram ao apartamento da Rua Auguste Comte, e assim por diante.

Sylvie viu o pai romper relações com os avós, e ela própria acabou fazendo o mesmo. "Não posso dar razão nem a uns nem a outros. Só posso dizer que, em nome de Simone, eles conseguiram dar à minha infância um gosto amargo", ela conclui em *Chez les Weil*.

"Pai, em nome de Cristo, me conceda isto. Que eu seja incapaz de corresponder a qualquer uma das minhas vontades, a qualquer movimento do corpo, qualquer esboço de movimento, como um paralítico completo. Que eu seja incapaz de receber qualquer sensação, como um cego, surdo e privado dos três outros sentidos." Em algum momento, Selma e Bernard copiaram estas palavras, escritas em um dos cadernos, e depois publicadas em 1950 no livro *La connaissance surnaturelle* (Conhecimento sobrenatural). Simone Weil, que buscou ao longo da vida uma forma de se descriar, se desenraizar, "se exilar de toda pátria terrestre", agora estava encarnada nos papéis que deixou para trás. E era lançada de um lado para o outro, sem qualquer poder de ação.

"Um mês antes da sua morte", escreve Sylvie em seu livro, em uma das passagens nas quais se dirige diretamente à tia, "você escreveu que só os seus pais poderiam 'refazer' você. Sua morte desfez sua família para sempre. Nós vivemos desfeitos." Como perdoá-la, depois de tudo isso? Como se reconciliar com a tia que não conheceu, mas se tornou um fantasma? Com alguém que, ao desaparecer, e justamente por ter desaparecido, assombra sua vida com mais presença do que qualquer outra pessoa?

Depois de observar por algum tempo a trajetória de Simone Weil e os conflitos criados por sua partida precoce, é fácil assumir uma posição cínica. Assim como sua figura foi logo considerada santa ou gênio, ou ambos, também pode ser vista como ridícula. Alguns artigos recentes a leem sobretudo nessa chave: a de uma menina mimada, cheia de privilégios, que esquia e joga tênis, que se recusa a comer por capricho, e decide trabalhar como operária, ou lutar na Guerra Civil Espanhola, mas nunca dá conta do recado e tem sempre os pais – principalmente a mãe – na sua cola, resolvendo os problemas que ela mesma criou. A escritora Judith Thurman, no artigo *The supreme contradictions of Simone Weil*, publicado na revista *New Yorker* (em 2 de setembro de 2024), observa: "Apesar de preferir casebres, os hotéis luxuosos não eram estranhos para ela. Como amava o mar, a família costumava passar verões na praia. Eles estavam em Portugal quando ela teve a primeira experiência mística e em Nice quando Hitler invadiu a Polônia."

Flannery O'Connor, outra escritora intrigada pela vida dessa "mulher extraordinária", confessa que "muito do que ela escreve é ridículo para mim". Só que O'Connor não se contenta com o cinismo quando olha para Simone Weil. Ela sabe que o ridículo e o trágico são dois lados da mesma moeda.

É a vida mais cômica sobre a qual já li e a mais verdadeiramente trágica e terrível. Se eu vivesse tempo suficiente e me desenvolvesse como artista na medida adequada, gostaria de escrever um romance cômico sobre uma mulher – e o que é mais cômico e terrível do que a mulher intelectual e orgulhosa, angular, se aproximando de Deus centímetro por centímetro com os dentes triturados?

As contradições se multiplicam à medida que olhamos com mais atenção para a história dessa vida breve e repleta de acontecimentos, trágica e cômica, tímida e espalhafatosa. E, se ficamos na superfície dessas contradições, é fácil percebê-las apenas com ironia. Mas é sempre bom lembrar que vida e pensamento se entrelaçam visceralmente aqui, e por isso seria redutivo observar as ações desastradas e certeiras de Simone Weil sem considerar as palavras que escreveu obsessivamente. Diante do desconforto que ela causa, melhor é recorrer às suas anotações: "A contradição é a ponta da pirâmide", "A contradição, por si mesma, é a prova de que não somos tudo".

"Estar continuamente disposto a admitir que o outro é uma coisa muito diferente daquilo que lemos quando ele está aqui (ou quando pensamos nele)", ela escreve no capítulo *Leituras*, de *O peso e a graça*. "Cada ser grita em silêncio, pedindo para ser lido de outra forma." Weil sempre acreditou no potencial de todo e qualquer ser humano para o extraordinário. Gustave Thibon conta que uma vez ela pensou adivinhar uma vocação intelectual em uma jovem operária, e ficou horas dando aulas sobre os Upanixades para a moça, que estava totalmente entediada, mas permanecia quieta, ouvindo com educação. "Uma espécie de igualitarismo superior fazia com que ela [*Simone Weil*] tomasse a própria altitude como ponto de referência universal", diz Thibon.

Essa altitude pode ser entendida em sentido quase literal, apesar de sabermos que Simone Weil era muito pequena e muito magra: de qualquer maneira, seu ponto de vista é sempre do alto e de fora. É como se ela estivesse vendo as coisas da beira do mundo, sempre prestes a escapar para o outro lado. E, como ela se sentia no limite, precisava de fato ter a experiência desse limite. Era preciso encontrar o limite dentro do mundo, na sociedade. Não bastava observar os operários, os camponeses ou os soldados no campo de batalha. Para Weil, era preciso viver a vida deles.

A professora e escritora Ecléa Bosi, organizadora do livro *A condição operária e outros estudos sobre a opressão* (a ser reeditado pela Editora 34), de Simone Weil, escreveu em um artigo que gostava de repetir aos seus alunos:

A permanência de Simone Weil na fábrica não foi eficaz: nada descobriu que melhorasse a linha de montagem, não renovou a teoria marxista, nem mudou a história das classes trabalhadoras. Mas criou um extraordinário acontecimento ético. Teve o sentido que Gandhi chamava de Yajna, "o grande sacrifício" em sânscrito: uma ação que favorece muitas pessoas, uma ação exemplar desligada de todo pagamento ou recompensa para quem agiu.

São esses extraordinários acontecimentos éticos que se multiplicam tanto quanto as contradições quando olhamos ainda mais atentamente para essa vida. Simone Weil ia até onde era possível ir – e se aproximava sempre do impossível. Não tinha pudor em suplicar a Charles de Gaulle para que adotasse seu plano de lançar enfermeiras de paraquedas na linha de frente (foi chamada por ele de louca). Sua militância era tão radical que nem os direitos humanos e a democracia eram suficientes – noções que, segundo ela, vêm de Roma. As reivindicações dos sindicatos operários – essa é mais uma de suas analogias – são como uma negociação com o Diabo: imaginemos que o Diabo estivesse comprando a alma de um infeliz e alguém negociasse, dizendo que ele está pagando um preço muito baixo, e que o objeto poderia valer pelo menos o dobro. É isso o que ocorre, segundo Weil, com "os sindicatos, os partidos, os intelectuais", é o que ela chama de uma "farsa sinistra". É preciso reivindicar algo que vai muito além, formular as "verdades indispensáveis".

"Palavras como *Deus* e *verdade*, *justiça*, *amor* ou *bem* são companheiros desconfortáveis. Palavras como *direito* e *democracia* são mais cômodas." Lendo (e relendo) Simone Weil, nos vemos convivendo cada vez mais de perto com esses companheiros desconfortáveis. Somos lançados em outro nível, no qual o que interessa não é a opinião, e mesmo a inteligência vai perdendo seu lugar de importância. "A diferença entre homens mais ou menos inteligentes", diz ela em *La personne et le sacré*, "é como a diferença entre criminosos perpetuamente condenados à prisão, cujas celas são maiores ou menores. Um homem inteligente e orgulhoso da sua inteligência se parece com um condenado orgulhoso de ter uma cela grande."

"Eu tive essa experiência bizarra de ver Simone", me diz Sylvie, quando enfim faço a pergunta que estava guardando desde o começo: "Que história é essa de sua tia aparecer num túnel branco?" Ela fala agora um pouco envergonhada, mas dá para perceber que não consegue conter o entusiasmo. "É verdade, eu não ousaria inventar isso, porque não sou nem um pouco espiritualista. Não é uma coisa que a gente saia por aí contando para os amigos, que a gente ficou doente e viu a tia num túnel. Mas isso mudou tudo."

Eu já tinha lido sobre isso em detalhes no livro *Chez les Weil*. Como Sylvie escreve, ela era na época uma jovem professora em uma universidade em Vermont, nos Estados Unidos. Houve uma pequena epidemia de pneumonia na região, provocada por um tipo de vírus pouco conhecido. Sylvie foi a única hospitalizada: passou semanas delirando, não conseguia mais falar inglês, e chegou a estar à beira da morte.

"Ainda acho meio ridículo contar que Simone Weil, sim, minha tia, apareceu para mim no fundo de um túnel branco", escreve Sylvie em seu livro. "Eu a via muito bem, uma silhueta sombria envolvida numa capa, como nas fotos. Ela me convidava para acompanhá-la, não sei exatamente o que dizia, mas suas razões eram sedutoras. Falava comigo sem afeto, como se a questão fosse resolver um problema puramente intelectual. Eu tinha medo de que ela ganhasse, nesse terreno no qual sua su-

ines249

perioridade não deixava nenhuma dúvida, e sentia que precisava lutar com todas as minhas forças. Ainda assim, eu não hesitava, e mais tarde lembrei muito bem das razões que dei a ela para não segui-la. Poderia ter sido o meu argumento de choque, aquele contra o qual ela não tinha nenhuma arma meu filho de 8 anos que eu amava apaixonadamente e que precisava de mim. Mas não foi bem isso. Mais tarde, me senti culpada por não ter pensado nesse argumento tão honroso, mas sim de ter explicado longamente o quanto eu amava o silêncio e o céu rosa das tardes de inverno, e as bétulas brancas na neve cintilante O quanto eu amava viver. Acho até que fui franca a ponto de dizer a ela que eu amava o meu corpo e o prazer que meu corpo me dava."

Os pais de Sylvie só ficaram sabendo de tudo isso quando ela já tinha se recuperado e estava fora de perigo. E foi Eveline, sua mãe, quem se deu conta, emocionada: ao cair doente, Sylvie tinha exatamente a mesma idade de Simone ao morrer. André deu de ombros. "Mas isso mudou tudo. Eu podia finalmente ler Simone fiquei mais velha do que ela", reforça Sylvie na conversa que tivemos. "Passei a minha lenta convalescência lendo seus cadernos, suas últimas cartas Eu me dei conta de que ela morreu aos 34 anos. Imagine: era quase uma adolescente! É uma questão de não ter tido tempo. O seu espírito ainda era muito jovem."

Pensando nisso, eu me lembro de um trecho do livro *A mulher calada*, da ensaísta Janet Malcolm, sobre a morte precoce e voluntária da poeta Sylvia Plath:

Uma pessoa que morre aos 30 anos, no meio de uma separação tumultuada, fica para sempre fixada no tumulto. Para os leitores de sua poesia e de sua biografia, Sylvia Plath será sempre jovem e implacável com a infidelidade de [seu ex-marido] *Ted Hughes. Nunca chegará à idade em que as dificuldades da vida de um adulto jovem podem ser rememoradas com uma tolerância pesarosa, sem ódio ou desejo de vingança.*

Simone Weil é também um exemplo de alguém que ficou para sempre fixada no tumulto. Não houve tempo para que a maturidade agisse lentamente, ao longo das décadas, equilibrando os extremos pouco a pouco, sem necessariamente nivelá-los ou apagá-los. Ficou fixado nela também o tumulto daquele momento do mundo. Uma pessoa com uma vida tão curta, mas que atravessou de perto duas guerras mundiais, visitou a Alemanha logo antes de Hitler chegar ao poder, trabalhou como operária na Renault um ano antes de Charles Chaplin lançar *Tempos modernos* (1936), foi à Espanha durante a Guerra Civil, atravessou o Atlântico duas vezes no meio da Segunda Guerra Lê-la é entrar em contato com o testemunho direto de tudo isso, feito por alguém que pensou seriamente sobre cada uma das experiências que teve e as transformou em matéria de seus escritos e de sua existência.

O tumulto ficou fixado também em Sylvie Weil, que nasceu bem no meio dessa história e cresceu lendo cartas do passado, nas quais a tia dizia ter lançado um feitiço nela. Foi preciso encontrar as formas possíveis de movimentar dentro de si esse tumulto por tanto tempo congelado, de permitir que a idade avançasse para conquistar a tal tolerância pesarosa da rememoração.

Sylvie Weil nasceu nos Estados Unidos, passou parte da infância no Brasil, cresceu e estudou na França, mas diz só ter encontrado a sua verdadeira "casa" (ela faz questão de repetir para mim essa palavra em português) num minúsculo apartamento do Bronx, em Nova York, ao se casar com um russo-americano profundamente ligado à sua origem judaica. A partir daí, ela começou também a resgatar as próprias histórias familiares, dos seus antepassados mais distantes. "Eu fui aprender hebraico, fui ver quem eram meus bisavós, meus tataravós", ela conta. "O judaísmo começou a me interessar cada vez mais. Os biógrafos dizem que Simone e André só ficaram sabendo que eram judeus na adolescência. Que meus avós eram completamente agnósticos. Mas não acredito nisso. Os dois irmãos eram inteligentes demais para não terem percebido a própria origem. E meus avós se casaram na sinagoga. Na sinagoga ortodoxa!"

Para a sua pesquisa, Sylvie aproveitou os arquivos da biblioteca do Instituto de Estudos Avançados de Princeton, onde seu pai lecionou durante mais de vinte anos, até se aposentar. Ela tirava do instituto livros talmúdicos ou sobre grandes rabinos da história. "Minha assinatura é exatamente igual à de André, só trocando o A por um S. Porque, quando eu estava na escola, era assim que eu podia assinar os meus boletins no lugar dele", ela recorda. "Então eu tirava os livros da biblioteca com a assinatura dele E ele ficava encantado com isso. Me dizia: 'Se alguém um dia for escrever a minha biografia, vai dizer que, no fim da vida, André Weil se converteu ao judaísmo, que ele lia o Talmude.'" Depois de um bom tempo estudando de perto a história do rabino do século XI Schlomo Yitzhaki, conhecido pelo acrônimo Rashi, autor dos primeiros comentários à Torá, Sylvie escreveu o livro histórico-biográfico *Les vendanges de Rachi* (As colheitas de Rashi) E fez também uma introdução - chamada *Simone Weil e os rabis* à edição americana de *Espera de Deus*, mais um livro póstumo de sua tia: "Eu queria fazê-la entender o quão próximas as suas preocupações estavam daquelas dos rabinos do Talmude."

Estamos conversando há quase duas horas, e Sylvie me conta como costuma cozinhar *gefilte fish*, bolinho de peixe frio com uma rodela de cenoura no topo, prato tipicamente judaico, mas com infinitas receitas diferentes cada família tem a sua própria, que é sempre "a melhor de todas". Depois, ela sorri e me diz: "Agora que tenho bem mais do que o dobro da idade de Simone, vejo que tudo foi levado a sério demais. Meu Deus, como tudo foi levado a sério! A história de que ela não suportava o judaísmo... Meu pai, muito mais tarde, vendo as minhas pesquisas, um dia me disse: 'Acredito que, se minha irmã tivesse sobrevivido, seria isso que ela estaria estudando agora.'"

O sorriso e a voz de Sylvie Weil desaparecem da tela ao fim da conversa, e eu fico um tempo deixando o silêncio ressoar. E o que me vem à cabeça é o poema que João Cabral de Melo Neto escreveu em homenagem a Clarice Lispector:

Um dia, Clarice Lispector
intercambiava com amigos
dez mil anedotas de morte,
e do que tem de sério e circo.

Nisso, chegam outros amigos,
vindos do último futebol,
comentando o jogo, recontando-o,
refazendo-o, de gol a gol.

Quando o futebol esmorece,
abre a boca um silêncio enorme
e ouve-se a voz de Clarice.
Vamos voltar a falar na morte?

Assim como Clarice, Simone Weil está entre as mulheres que mais se levaram a sério no século XX. A pensadora francesa também passou a vida insistindo em falar na morte, sempre que tinha a oportunidade e mesmo quando não tinha e falar na morte, aqui, é falar verdadeiramente da vida. Em uma de suas últimas cartas para a mãe, escrita de Londres, ela diz ter certeza de que guarda consigo uma reserva de ouro puro que deve ser transmitida, mas que não consegue encontrar ninguém para recebê-la. É um bloco maciço, que se torna cada vez mais compacto e que não pode ser distribuído em pedaços pequenos:

Alguns sentem confusamente a presença de alguma coisa. Mas eles se contentam em emitir epítetos elogiosos sobre a minha inteligência e ficam com a consciência satisfeita. Quando me escutam ou me leem, é com a mesma atenção apressada que se presta a qualquer outra coisa, decidindo interiormente: "Estou de acordo com isso", "não estou de acordo com aquilo", "isso é impressionante", "isso é completamente louco". Concluem, "É muito interessante", e mudam de assunto.

Realmente: é bem mais cômodo mudar de assunto. Não é nada fácil o que Simone Weil exige de nós. Não é fácil conviver com alguém que volta o tempo todo a falar na morte. Sylvie talvez seja aquela que mais sabe disso na pele. Mas aceitar a presença dessa companhia desconfortável, ler os seus textos, é aos poucos - e cada vez mais - abrir espaço para uma reserva de ouro puro, muito firme e muito frágil, com muito peso e muita graça. E, com o passar do tempo, o ouro pode até brilhar mais por não ser levado assim tão a sério. ✪

ines249

A NECA DA BONECA

O inovador romance travesti de Amara Moira

ELIANE ROBERT MORAES

Neca, para os íntimos Vale também o *necão*, sobretudo quando se trata de acentuar as qualidades dos casos mais avantajados, que só perdem para a cobiçadíssima *necona odara*, com seus 20 e tantos centímetros a garantir os mais raros deleites. Atende ainda por *mastruço*, *pirocona*, *rolão*, *trambolho*, *mangueirona*, *bilau*, *xiri* e mais uma infinidade de nomes. A rigor, não faltam significantes nesse amplo léxico que comporta do simples *xuxu* ao promissor *xuxuzão*, ou do *minhocão* à *minhoquinha*, sendo esta um exemplo da fecunda classe dos diminutivos ao lado de *calabresinha*, *piquititinha* ou *varinha*, fora os conhecidos *pirulito*, *dote*, *rola*, *parafuso*, *pistola*, *croquete* – e mesmo do trivial e corriqueiro *pau*.

O vocabulário praticado por Simona, narradora do romance *Neca*, de Amara Moira (Companhia das Letras), é de uma riqueza ímpar e, cumpre dizer, tal atributo não se restringe ao festejado órgão sexual masculino. Aliás, o privilégio que este ganha ao longo da narrativa encontra um concorrente à altura no reiterado *édi* ou *edi*, que se desdobra em *cebola*, *buraco*, *redondo*, *fiofó*, *o de trás* e tantas outras variantes possíveis entre o prosaico *rabo* e o hilário *Edivaldo*. São "as edilidades, *per così dire*", resume a autora. Não é esse, ainda, o caso do bizarro *viaduto do maridão*, que denuncia a descoberta de uma *ruela larga* no recôndito traseiro de um *ocó hétero*, quer dizer, de um respeitado pai de família que ostenta uma aliança de ouro na mão esquerda?

Estas breves notas talvez bastem para mostrar a medida – melhor dizendo, a desmedida – do universo linguístico que singulariza *Neca*, mas convém acrescentar que a fartura de denominações se estende a outras partes e posições de um corpo decididamente libidinoso. Corpo que ocupa o centro do livro, sendo inclusive alçado a seu principal protagonista: afinal, acompanhar a saga indecorosa do menino Simon rumo à idade adulta, quando se assume travesti, implica percorrer as diversas camadas que conferem uma efetiva condição corporal a Simona, como passa a ser chamada. Do "parquinho de diversões da escola" até a arriscada profissão de puta nas quebradas urbanas, o que se expõe aos leitores na biografia da personagem é a constituição de uma sexualidade dissidente, dominante e absolutamente lasciva.

Nascida em Campinas há quarenta anos, Amara Moira se divide em muitas para responder às diversas aptidões que lhe exigem a vida de travesti, crítica literária, ativista do movimento das trabalhadoras sexuais e torcedora do Palmeiras. Acrescente-se a isso a promissora carreira de escritora de ficção, que se inicia com a publicação de *Neca*, o primeiro romance escrito em bajubá, o dialeto falado pelas travestis de rua no Brasil.

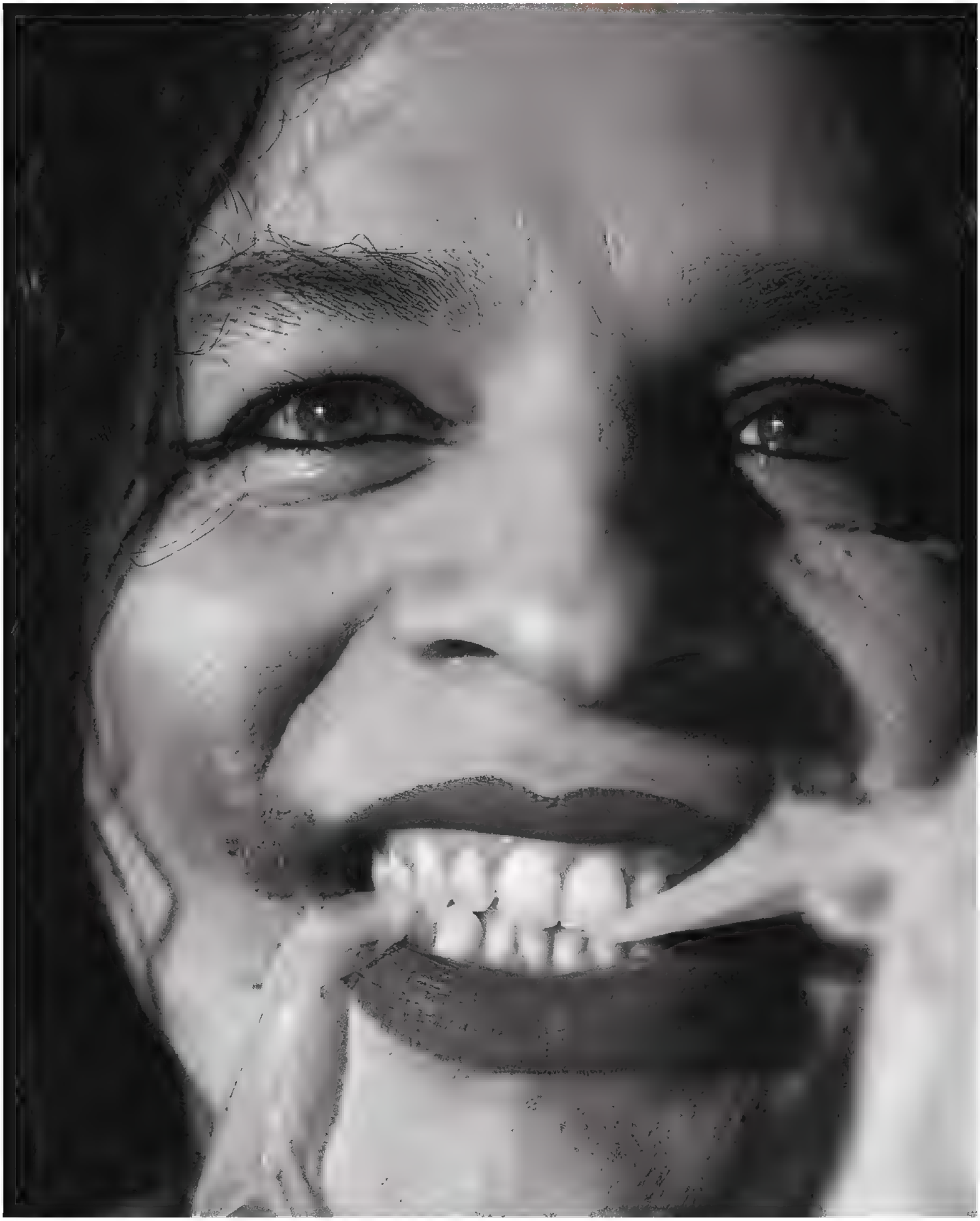
O bajubá, também conhecido como pajubá, nasceu entre os anos 1960 e 1970, em plena ditadura militar, nas zonas de prostituição das grandes cidades. Era uma forma de proteção e resistência, mas também uma reação à implacável segregação imposta ao grupo das trans e travestis, sempre afetado por uma rotina violenta, não raro seguida de prisão ou morte. Há, pois, uma demanda de segurança na origem desse dialeto que, inacessível aos clientes e aos policiais, permitia uma comunicação exclusiva entre as profissionais do sexo, criando entre elas um cordão de confiança e solidariedade. A própria palavra escolhida para designar essa linguagem já diz tudo: *bajubá* quer dizer segredo no idioma africano iorubá.

A invenção espontânea desse modo de falar foi decisiva na aproximação dessas pessoas ameaçadas, que, além de recorrerem ao dialeto para se protegerem, passaram a praticá-lo com um sentido político de afirmação, sem descartar a verve do escárnio, da galhofa e da gozação. Não seria equivocado, pois, evocar aqui a ideia de brincadeira que caracteriza o espírito macunaímico lavrado por Mário de Andrade, no que ele tem de mais puro – e de mais impuro. Tudo leva a crer que os primeiros passos dessa aventura linguística surgida nas ruas tenham servido justamente para nomear o seu lascivo e desregrado cotidiano.

Afinal, como nasce uma língua? Como terá tido início a nomeação dos seres e das coisas do mundo, atividade exclusiva à nossa espécie? Que motivos teriam precipitado as primeiras falas humanas?

Entre os pensadores modernos decididos a enfrentar essa questão destaca-se Jean-Jacques Rousseau, autor do notável

ines249



Amara Moira: se a sua frequentação da zona não excedeu um par de anos, a convivência com James Joyce foi mais extensa, com um mestrado sobre *Dublinenses* e um doutorado sobre *Ulysses*

ines249

ADÃO T.JARUSCARA_2025

Ensaio sobre a origem das línguas, publicado em 1781, ou seja, quase duzentos anos antes de as bichas brasileiras se empenharem na criação do bajubá. Na base da argumentação do filósofo sobre o desenvolvimento das línguas está precisamente a questão da aproximação entre os seres humanos. Propondo-se a "raciocinar sobre a origem das línguas de um modo totalmente diferente do que foi feito até hoje", Rousseau toma como ponto de partida a hipótese de que "as necessidades ditaram os primeiros gestos e as paixões arrancaram as primeiras vozes". Com tal diferença em mente, ao examinar a passagem do gesto à voz, ele sustenta que, no caso dos primeiros sons articulados que se fizeram ouvir no mundo, "não se começou por raciocinar, mas por sentir". E argumenta:

Alega-se que os homens teriam inventado a palavra para expressar suas necessidades. Essa opinião parece-me insustentável. O efeito natural das primeiras necessidades foi afastar os homens e não os aproximar. Isso foi necessário para que a espécie se espalhasse e a Terra fosse prontamente povoada. Do contrário, o gênero humano teria se confinado a um canto do mundo e todo o resto permaneceria deserto.

Avançando nessa linha de reflexão, Rousseau completa:

A origem das línguas não se deve em absoluto às primeiras necessidades dos homens; seria impossível que da causa que os separa viesse o meio que os reúne. Mas então, onde estaria essa origem? Nas necessidades morais, nas paixões. Todas as paixões aproximam os mesmos homens que são forçados a se afastar pelo imperativo da busca pela sobrevivência. Não foram a fome ou a sede, mas o amor, o ódio, a piedade, a cólera, que arrancaram deles as primeiras vozes. (Tradução de Pedro P. Pimenta)

Disso ele conclui que, "para comover um jovem coração, para repelir um agressor injusto, a natureza dita acentos, gritos, gemidos" e, por serem estas "as mais antigas palavras inventadas, as primeiras línguas foram cantantes e apaixonadas antes de serem simples e metódicas".

Nesse trecho significativo, o livro agrega, à ideia da língua como meio de reunião das pessoas, outra explicação para o surgimento do bajubá, que se deu num cenário propício à manifestação de eloquentes necessidades morais. Nas zonas de prostituição, não são poucas as paixões que se expõem com particular ênfase e demandam significações que excedem a própria linguagem corporal. É provável que a urgência em simbolizar tais paixões tenha motivado a passagem ao verbo: como que realizando a hipotética origem formulada por Rousseau, os gestos devem ter dado lugar a uma voz que despontou informalmente, por certo já eloquente — e não menos "cantante e apaixonada".

Nada simples, e muito mais melódica do que metódica, a copiosa língua das travas implica tanto uma combinação de diversas tradições linguísticas que participaram da formação do nosso modo de falar como um inventivo vocabulário obsceno que se popularizou no país a partir de meados do século XX. Some-se a isso o português como idioma de base do bajubá que, além de guardar afinidades com os achados de Mário de Andrade na sua genial *A gramatiquinha da fala brasileira*, se identifica ainda com aquela saborosa língua "errada do povo", que, no poema *Evocação do Recife*, Manuel Bandeira opõe ao ridículo hábito de "macaquear a sintaxe lusíada".

Nessa base de fundo coloquial, reconhecem-se diversas palavras de origem africana, não só do iorubá como do banto, que são as línguas praticadas nos terreiros de umbanda e candomblé. É o caso dos termos *erê* e *alibã*, respectivamente criança e policial (em iorubá), entre muitas outras. A apropriação dessas raízes costuma ser atribuída à tolerância das religiões afro-brasileiras para com a dissidência sexual e de gênero, havendo aí uma significativa coincidência de datas: nos idos dos anos 1970, período mais brutal da ditadura militar, quando floresceu o bajubá, os terreiros estavam entre os poucos lugares seguros para a socialização da população travesti. Não é difícil identificar aí o lado mais solar da hipótese de Rousseau sobre a aptidão das línguas para reunir pessoas, na via oposta da segregação.

Esse encontro de semelhantes e de diferentes a um só tempo contribuiu para reunir no léxico travesti, de maneira constante ou difusa, alguns outros idiomas. Ao lado das palavras africanas, encontram-se numerosas expressões oriundas dos vários fluxos migratórios para o Brasil, com expressiva ênfase no italiano, mas sem prejuízo de outras matrizes europeias, como o espanhol e o francês. O bajubá é uma língua polifônica e, segundo a autora de *Neca*, isso se deve ainda ao fato de a cultura travesti ser "naturalmente 'poliglótica'". É a própria Moira que explica, em entrevista ao jornal *Rascunho*, de março de 2025, essa vocação de origem, que transita entre o sexual, linguístico e espacial:

Seja num nível interno, visto que as travestis que trabalham com prostituição estão sempre migrando dentro do país, seja num nível externo, pois a transfobia ainda hoje faz com que muitas de nós viajem para o exterior em busca de sociedades mais tolerantes. Daí não causar nenhum espanto quando uma travesti diz que "desde bambina se sente mulher", por exemplo, ou quando ela solta palavras de outros idiomas no meio das suas falas.

Polifônica ou poliglótica, não importa o adjetivo com o qual se queira qualificar o pendor próprio à "língua das bichas", o certo é que ela traduz com propriedade tanto a noção de *diversidade* como aquela de *transição*, oferecendo uma infinidade de formas verbais a dois dos principais eixos de seu mundo. Talvez nenhum outro idioma possa merecer de modo tão pertinente a designação, por excelência, de *língua trans*. Ainda mais agora, quando o dialeto acaba de entrar para a literatura.

"Não dá pra subestimar limadjinatzione dele bishe". Simona está coberta de razão quando diz isso, e *Neca* só faz confirmá-la. À mistura de idiomas expandida pela oralidade, soma-se no romance uma abundância de neologismos que, além de pegar os leitores de calça curta, provocam sem cessar seu deslocamento mental. Se já não é fácil desvendar o suposto inglês de *tchu mãtch*, ou o prosaico *quês que cê*, vindo diretamente do *françoá*, ou o italiano *tzúquero* para adoçar algo mais que um cafezinho, o que dizer então de expressões oriundas da fala brasileira, como *X'eu ver*, *tô te xoxando*, *paresque*, *eneaotil* ou *bissurdo*?

Limadjinatzione é realmente soberana. E de tal maneira que não se sabe se o romance reproduz tão somente as falas da rua ou se ele está introduzindo as invenções da autora. A dúvida, contudo, não procede: afinal, sendo ela mesma uma travesti, Moira por certo está autorizada a dar seguimento à composição de uma língua nova, viva e em permanente atualização, que só nos últimos anos vem se transfigurando em forma letrada. De maneira muito tímida, cabe acentuar, por causa da censura do passado, mas ainda recorrente mesmo nestes tempos mais tolerantes.

Há, pois, um forte compromisso de continuidade entre as dimensões oral e escrita desse dialeto marginal, e talvez não seja mero acaso que tal acordo coincida profundamente com a história de vida de sua primeira romancista. Moira foi introduzida ao bajubá por travestis que faziam ponto no Jardim Itatinga, conhecida zona de prostituição da cidade de Campinas. Nos idos de 2014, aos 29 anos de idade e seis meses depois de efetivar a transição, ela estreou na carreira de trabalhadora sexual de rua. Até então sua experiência transviada se limitava à assídua frequentação de redutos destinados ao sexo entre homens, sem a mediação do dinheiro, como ela conta em *E se eu fosse puta* (Hoo Editora), livro autobiográfico lançado em 2016. Aquela vida pregressa rendeu algumas incisivas sínteses no volume, como esta.

Uma vida vivendo o sexo de maneira precária, me sentindo um lixo por desejar homens, mas refém desse meu desejo, transando com quem quer que fosse desde que anônimo, foda-se tamanho do pau, peso, altura ou padrão de beleza, aí de repente descubro que isso é talvez a única profissão que, enquanto travesti, terei fácil pela frente.

Os relatos da sua iniciação no amor venal são mais extensos e ganham um novo tom, a insinuar a ficcionista que ela viria a ser. Não por acaso, as descrições dos primeiros programas são entremeadas de considerações sobre o próprio ato de escrever, a sugerir que a puta, a travesti e a escritora se tornavam então uma só pessoa. No livro *E se eu fosse puta*, o tempo da narrativa (quando se passa a história) e o tempo da narração (quando a história é contada) dialogam habilmente entre si quando a autora adere ao *trottoir*, como se lê abaixo.

Era o primeiro cliente, primeiro de muitos, tesão de eu não me aguentar, ele pagando antecipado e eu só precisando fazer o que já sabia de cor dos banheirões e dark rooms *da vida. A diferença é que eu agora era paga, finalmente paga, meus bons dons sendo reconhecidos. Quanto mesmo? Vinte reais, metade do que vale esse livro, mas naquele momento isso pouco importava, e nem hoje importa, até porque o livro só existe hoje por conta desses vinte reais que eu vali um dia, que eu um dia aceitei.*

É bem provável que, ao percorrer as páginas do primeiro título da autora, os

ines249

leitores de *Neca* venham a sentir falta do que pulsa com maior intensidade no coração do romance, que é, obviamente, o bajubá. A rigor, aqueles ainda eram anos de aprendizado e, para complicar, havia muitas transições em jogo. O menino aprendia a ser menina, a menina aprendia a ser puta, a puta aprendia a ser intelectual, e a intelectual aprendia a ser travesti – tudo ao mesmo tempo. Não era simples passar de Omar a Amara.

No período imediatamente anterior à transição, a candidata a boneca ainda estava, para retornarmos à hipótese de Rousseau, enredada na eloquência da linguagem corporal. De suas aventuras na fase dos "*dark rooms* da vida", por exemplo, ela recorda que "todos que frequentam banheiro masculino sabem que homem não olha nos olhos de outro homem, não conversa, nem fala oi, a menos que esteja querendo coisa. Eu rapidinho entendi essa língua"

"Eu queria coisa", completa, categoricamente, a sugerir nas entrelinhas que a conquista plena da coisa desejada passava pelo acesso a outro tipo de linguagem. A trama das transições demandava novas formas expressivas para dar conta dos acontecimentos em curso, que aconteciam ao mesmo tempo diversas dimensões objetivas e subjetivas. Embora o aprendizado dos gestos tenha se dado "rapidinho", a passagem ao verbo exigiu um esforço mais complexo, que implicou não só a vivência nas esquinas lúbricas do Jardim Itatinga ao mesmo tempo que a circulação nos sóbrios corredores da Unicamp. E é por aí que entra, nessa história já um tanto sinuosa, ninguém menos que James Joyce.

Se a intensa frequentação da zona não excedeu um par de anos, a convivência com o criador de *Ulysses* revelou-se bem mais extensa. O ano de 2011 demarcou o ponto de partida, com o ingresso de Moira no mestrado em teoria e história literária, defendido na Unicamp em 2013, com o trabalho "*Dubliners*"/"*Dublinenses*". *retraduzir James Joyce*. Esse convívio, porém, avançou pelo menos até 2018, quando ela obteve o título de doutora pela mesma universidade, coincidindo com a época em que mudou os documentos e assumiu integralmente o novo nome social. Iniciado pelo "falecido", o estudo completado pela travesti ganhou o expressivo título de *A indeterminação de sentidos no "Ulysses" de James Joyce*, a confirmar que, para ela, a questão da indeterminação tinha realmente estado na ordem do dia ao longo daquela década.

O fascínio pelo bajubá e a admiração pelo criador de *Finnegans Wake* de fato caminharam em paralelo durante todo o período, e ambos foram determinantes para o entendimento de "como a crueza da cultura travesti podia ser explorada literariamente". Na mesma entrevista ao jornal *Rascunho*, Moira conclui:

Joyce me mostra que prosa e poesia podem conviver numa mesma obra, algo que eu quis testar ao escrever um texto que, ex

plorando o tempo todo recursos poéticos, ainda assim passasse por coloquial. Além disso, Joyce me ensinou a prestar atenção ao português que é cotidianamente recriado e que ainda não possui registro escrito, esse português que não cabe na norma culta, mas que pode ser um portal de experimentações na mão de escritores.

Fiel aos ensinamentos nada ortodoxos de seu santo padroeiro irlandês, não é de esperar que o romance experimental de Moira tenha se restringido a uma só influência. Muito pelo contrário: ao lado do celeiro linguístico, da proliferação de neologismos e demais achados lexicais de sua criadora, *Neca* se caracteriza ainda por uma anarquia de referências literárias nada fácil de ser contabilizada.

A própria autora costuma repetir que seu livro é uma mistura de *Grande sertão: veredas*, de Guimarães Rosa, com *Os 120 dias de Sodoma*, do Marquês de Sade. Do primeiro, diz ter copiado a estrutura, optando pelo monólogo em tom confessional que organiza o lascivo depoimento da narradora. O segundo lhe serviu de modelo por certificar que "os lados mais sombrios da imaginação podem resultar nas nossas melhores contribuições à literatura". Além das alusões a Rosa e a Sade, é possível reconhecer outras fontes de inspiração que ela convoca quando cita desde os trovadores medievais até nomes das mais diversas procedências, como Gregório de Matos, Hilda Hilst, Glauco Mattoso, Ezra Pound, Bocage ou Paul Preciado, entre outros.

Custa acreditar que tanta coisa possa caber nas moderadas 120 páginas do livro de Moira, mas é o que ocorre. O excesso tem seus segredos e, no domínio da forma literária, o comedimento surpreende por se revelar um de seus recursos narrativos. *Neca* não foge à regra e reitera tal economia de meios ao optar pelo monólogo, que limita a fala a uma só personagem. Quem detém a palavra é a própria Simona, travesti com altas quilometragens em esquinas brasileiras e europeias, cujo relato serve de preparo a uma jovem que acaba de ingressar no *métier*. Magnetizada pelas lições da tutora, a iniciante nada mais faz do que ouvir sua história de vida, na qual se reconhecem elementos autobiográficos da autora, embora no romance a inexperiente ouvinte atenda pelo nome de Amara. Alheia aos certificados de verdade que tanto empobrecem a chamada autoficção, a literata travesti bagunça à vontade as referências – e são justamente artimanhas como esta que nos garantem a qualidade de sua escrita.

A opção pela singular economia da desmedida não se esgota no gênero literário escolhido e tampouco na extensão da narrativa, desdobrando-se em outros ardis textuais, que rendem algumas das melhores passagens do livro. Entre elas, chama a atenção a brevidade de alguns enunciados superlativos ("Já chupei neca que só Jesus") e a contenção de certas frases ("e cê confia, fia?") ou de certas expressões ("deputrava"), sem falar das recorrentes abreviações de palavras: cliente é *cli*, testosterona é *tê*, os olhos se reduzem a *zói*, o óbvio a *óvio*, o aqui a *qüi*, e assim por diante.

Acrescente-se a essa lista o emprego do expediente numeral, que possibilita concentrar em poucas linhas uma vida inteira devotada à libertinagem transviada. Procedimento caro a Simona que, embora nunca tenha se economizado nos "passeios pelo lado B da existência humana", se propõe a contabilizar mais de "vinte anos na labuta" com a seguinte conta:

Dia após dia na batalha, às vezes mais, às vezes menos, mas põe aí, chutando baixo, uns três cabritos por dia (e aqui não tem feriado e fim de semana, não, fica sem dá o da fada madrinha pra ver o sinsalabim que a varinha dela não faz), então, três vezes trezentos e sessenta e cinco, é isso o ano, né bicha? Bicha, me ajuda, que pra conta de cabeça eu sou lesada. Três vez trezentos, novecentos, três vezes sessenta, cento e oitenta, aí quinze, novecentos mais duzentos, tá, bicha

Cálculos como este, fadados ao absurdo, dão testemunho tanto do intento de controlar os recursos quanto da vertigem que ele precipita, resultando na fusão entre as duas dimensões fundamentais da língua, a saber: a de linguagem e a de órgão sexual. Como ocorre nas sôfregas esquinas da zona, tudo ali tem de ir direto ao ponto, sem maiores subterfúgios, para responder à urgência da devassidão. Daí que o modo de falar das travas seja paradoxalmente rápido e extensivo: se, de um lado, emprega com frequência a forma abreviada, que prevê um ponto final, de outro, não cessa de repetir o mesmo mote, numa incansável reposição do que, a princípio, teria finalizado. A bem da verdade, tudo ali pode ser reposto ou ganhar continuidade, como ocorre nos programas do amor venal igualmente mediados por contas, a começar do valor a ser negociado antecipadamente até a regra de que basta "a gente combinar um precinho especial e vai para a continuêisham".

A língua sexual de *Neca* não cessa de resumir, subtrair, abreviar, concentrar, comer sílabas ou palavras, valendo-se dessas e outras acrobacias de redução verbal para manter o sexo na ordem do dia, como se houvesse um só objetivo em seu horizonte, responder à rapidez do desejo. Não causa surpresa que seu vocabulário lascivo tenha nascido nas zonas de prostituição, onde o fluxo dos desejos corre solto, em alta voltagem e igual velocidade. Conduzida pelas mãos de Amara Moira, a escrita bajubá encena uma rapidinha atrás da outra.

Da redução ao rebaixamento, basta um piscar de olhos: afinal, quando se trata de sexo, os procedimentos formais nunca tardam a encontrar seus equivalentes morais. Mecanismo

ines249

eficaz de diminuição no relato de Simona, o expediente do rebaixamento nada poupa ninguém, muito menos a literatura que lhe serve de suporte. Entre as personalidades das letras que se tornam alvos de sua desbragada verve estão, por exemplo, escritores como Álvares de Azevedo, Mário de Andrade e Fernando Pessoa, que no livro comparecem nas peles de cozinha Azeveda, Mary Cona de Andrade e Fernanda People. Os nomes dizem tudo e prescindem de maiores explicações. Claro está que a exposição da "viadagem pregressa" desses autores, cujas obras a protagonista conheceu nos bancos escolares, não só rompe de vez com a formalidade do mundo letrado como reitera o deliberado intento de violação da norma culta. Uma vez rebaixadas, essas figuras canônicas sacramentam o tom geral do volume, que oscila entre o cômico, o irônico e o sarcástico para precipitar tudo ao patamar do baixo corporal.

Nada, decididamente nada, fica a salvo desse imperativo de levar a cabo o projeto de investigar "o que a boneca tem". Entende-se por que os aspectos mais sombrios da experiência travesti terminam por ocupar uma posição coadjuvante nesse romance, cuja narradora se mostra continuamente disposta a deslizar dos temas graves para as notações cada vez mais libidinosas, sem qualquer reserva. Daí também que, entre idas e vindas do seu monólogo, que não exclui excursões pelas regiões mais soturnas da escala humana, ela sempre retorne aos poderes vivificantes de Eros, identificados quase que exclusivamente pela alcunha de *neca*.

Surpreende que essa referência tão masculina, onipresente no livro desde o título, seja alinhada ao gênero gramatical feminino (*a neca*) – aliás, em paralelo ao que ocorre com *a pica*. Ao se considerar o contexto em questão, porém, a indeterminação entre o que é do âmbito do homem ou da mulher ganha um sentido particular, já que a oscilação de gênero inscrita no próprio significante termina por atestar o quanto toda significação pode encerrar algo de arbitrário. A identidade masculina, precisamente no lugar em que seria incontestável, então suscetível de deslizar para o polo oposto, deixando no ar a virtualidade de uma inversão que, manifestada no corpo da língua, é passível de se transferir a qualquer outro órgão. A suposta universalidade da diferença sexual é colocada em xeque, expondo tanto o duplo sentido antitético que, para Freud, associa a linguagem ao inconsciente, como o senso comum mais rudimentar que nomeia o homossexual de "invertido".

A hipótese é, sem dúvida, produtiva e cabe com perfeição a uma declaração categórica de Simona sobre o gênero masculino atribuído ao termo *mulherão*, que ela denuncia em alto e bom som:

Palavra engraçada essa, mulherão. A musa faz o diabo, mil e uma operações, pra no final o elogio tascar um masculino nela... deusa me livre, parece ou não sina de travesti? E as cis, quanto mais pintam e bordam na mesa de cirurgia, mais o povo fica achando que, na verdade, elas são cis coisíssima nenhuma, não, são é travesti

Aqui também a indeterminação fala mais alto. E diz muito, lançando-nos diante de um novelo deveras intrincado. Afinal, não se trata apenas de inverter a polarização binária entre masculino e feminino: a passagem sugere que a mulher, em especial aquela que se enquadra no denominativo *mulherão*, ao lançar mão de artifícios que viriam a acentuar sua feminilidade, acaba sendo associada ao homem ou então confundida com a travesti. Há mais de uma inversão em jogo aí, bagunçando por completo as identidades sexuais convencionais, uma vez que nessa acepção não é a travesti quem copia a mulher, mas sim esta que não mais se distingue das outras sexualidades.

Engana-se, porém, quem vê em tal imprecisão qualquer intento de aproximação entre as travas e as *mulheres*. Nada disso – entre umas e outras não dá *match* algum, nunca deu, jamais dará e nem mesmo um cenário indeterminado em termos de gênero consegue esconder a incansável disputa que as anima. Simona vaticina:

Recalque puro, mapôs, elas não suportam ver a gente bem, a gente com os boys magia que elas nunquinha vão chegar nem perto. Perto da gente, que que elas são? Umas feias, umas pavorosas. Não sabem se arrumar, maquiar. Uó. Deus deu pra elas tudo, mão beijada, mas elas não aproveitam, parecem umas mindingas quando saem.

Já com as travecas ocorre o contrário, completa a bonita, para então justificar:

A gente gosta de uma atenção, gosta de ser olhada. O prazer de sentir ocós te comendo com os olhos, devorando, sem fazer ideia que você é trava, as dondocas se cortando de inveja, desesperadas atrás de qualcosa pra te chamar de bruta e cadê? Ops, não tem. A gente quando se produz não tem pra mapô nenhuma – ninguém ama a beleza como uma travesti.

Nascida com "essa vontade de ser a mais feminina em tudo", toda trava digna do nome, segundo Simona, sonha em se apropriar dos atributos mais convencionais da feminilidade, na certeza de que, "se a bicha não nasceu mulher, ela vira, ela vira do avesso, mas vira". Aliás, justamente por não ter recebido nada de mão beijada ao vir ao mundo, ela se desdobra em mil para tomar posse de tais atributos, fazendo jus, mais do que ninguém, ao ditado feminista celebrizado por Simone de Beauvoir: "Não se nasce mulher, torna-se mulher."

É nessa condição, inclusive, que Simona se oferece para satisfazer os desejos de um "homem homem, das antigas, esses que tão cada vez mais em falta", aos quais ela desde sempre se devotou por inteiro:

Gostava de dar, mas se, além de dar, depois eu podia ainda lavar a roupa que ele sujou comigo, afe, eu me sentia a própria esposa, a dona de casa cuidando do marido adorado.

Mulher-objeto ou feminista?

Ambas, por certo e por incrível que possa parecer. Simona opta por não escolher entre as alternativas e, além de ocupar simbolicamente essa tensa via de mão dupla, é no cruzamento entre as duas que ela encontra substância para seu empoderamento. Mulher-objeto *e* feminista: aqui a adição prevalece sobre as reduções, revelando um inesperado pacto entre a submissa e a ativista para reforçar os paradoxos de um relato que subverte sem parar as valorações convencionais entre o passivo e o ativo.

Em que pese o sarcasmo de certas afirmações da narradora que convidam ao riso, a coisa nunca para por aí. De fato, há sempre um degrau a mais nessa interminável descida rumo ao conhecimento de experiências que só fazem acentuar a magnitude do rebaixamento. Se, de um lado, as bonecas em questão não deixam de evocar desde uma sexy *pin-up* dos anos 1950 até uma afetada *desperate housewife* do século XXI, de outro, sua ilimitada "atração pela podridão humana" – do *bas-fond* ao baixo corporal, e deste ao baixo calão – lhes confere uma silhueta nem sempre risível. Não há medida comum entre um extremo e outro: a *coisa* sempre pede mais e é precisamente nesse ponto que o excesso diz a que veio.

"Travesti cê sabe como gooxta de um exagero", confirma Simona, como que lembrando a quantidade de artifícios de que se valem as colegas para se montarem no afã de realizar o sonhado propósito de serem confundidas com uma racha. Mas atenção: a teatralização do feminino, sempre levada a termo com o maior requinte de detalhes, jamais se limita a uma simples encenação. No fundo, o que se desvela é a verdade de toda mulher, assentada exatamente na mesma operação. *Rachas* ou *amapoas*, seja qual for o nome dado às mulheres, também dependem de esmeradas montagens, mais ou menos ostensivas, e não existe uma só entre nós que ignore o tanto de aparatos que há por trás de um simples *look* "natural" ou de um mero efeito de "cara lavada". Não é na montagem, portanto, que reside a diferença capital entre travestis e amapoas, mas efetivamente naquilo que só a boneca tem.

E o que ela tem a mais é precisamente o que as demais travas, as monas e os ocós anseiam por conquistar. "É neca, sempre neca que elas tão atrás." Tal é, em suma, o desejo de todas, de todos e de *todes*, sem qualquer exceção: segundo a rigorosa aferição de campo de uma expert qualificada como Simona, todo mundo quer mesmo é dar, não importa se para um minhocão ou uma minhoquinha. A preferência, claro, recai sempre num "necão quilométrico, sempre duro, maior quase que o dono", a repor a alegria de uma boneca "linda com a pirocona do bofe bem enfiada, dura, dentro do meu edi" ou "a glória" de uma bonita que sai "do motel completamente arrombada".

Não se trata, pois, de a travesti simplesmente se afirmar como objeto do desejo, mas, sobretudo, de manifestar um desejo incondicional de ser objeto. Numa notável reversão da simbólica patriarcal, Amara Moira vira de ponta-cabeça a velha hierarquia entre "quem dá" e "quem come" para expor uma espécie de esgotamento contemporâneo que leva muita gente a querer abandonar a fatigante posição de sujeito. Não é de todo estranho que isso venha a ganhar evidência justamente no sexo. A rigor, só faltava mesmo uma língua nova e uma escritora de talento para dar conta do recado.

Fala, objeto! ✪

ines249

O MISSIONÁRIO PECADOR

Um agradecimento e uma canção para Paulo Leminski

ZECA BALEIRO

BASHÔ

zeca

bashô
um santo no terreiro
um santo japonês
da rosa de hiroshima
sol e aço de mishima
um samurai não hai nem kai
um samurai não vai nem vem
um samurai não hai nem kai
um samurai só tem
caprichos & relanços
passos y saltos
altos et baixos
baixou

no reino eletrônico
ou no jardim nipônico
o poema e
o que se quer
que ele seja

tudo que se deseja
nada que se espera
poeta é quem se considera
nada que se deseja
tudo que se espera
poeta é quem se considera

Letra de *Bashô*, de junho de 1989

Paulo Leminski impactou profundamente a minha geração (fiz 59 anos em abril). Meteoro miscigenado, lançado dos céus até Curitiba em 1944, ele – que tinha sangue polonês, indígena, negro e português – foi mais que poeta, letrista, biógrafo e tradutor. Foi principalmente um guru rock'n'roll. E o toque de mestre que deixou é tão importante quanto sua obra literária: o de que é possível ser culto e ligeiro, rigoroso e simples, profundo e pop, tudo ao mesmo tempo. Foi pensando assim (sendo assim) que Leminski – o homenageado da Festa Literária Internacional de Paraty (Flip) neste ano – conseguiu interface com a erudição de poetas como os concretos irmãos Campos e a coloquialidade de cantores/músicos/compositores como Moraes Moreira, A Cor do Som e Itamar Assumpção.

No balaio leminskiano parecia caber de tudo, e isso, confesso, era para mim quase tão instigante quanto sua escrita. Foi por suas mãos (e inquietação) que minha geração tomou conhecimento de Yukio Mishima,[1] romancista e dramaturgo japonês que defendia com fervor quase fanático o culto a valores tradicionais de seu país. Fervor que o levou ao *seppuku* (ou *harakiri*) e fez dele um personagem fascinante.

Com seu *feeling* de antena parabólica, Leminski ainda trouxe à luz outros escritores pouco ou nada conhecidos no Brasil dos anos 1980, como o americano John Fante[2] e o excêntrico francês Alfred Jarry,[3] autor da clássica peça *Ubu rei* e criador da patafísica, ciência nonsense e impenetrável, algo como a gênese do vindouro surrealismo. Não bastasse, o curitibano escreveu biografias de personalidades díspares como o poeta Cruz e Souza, Jesus Cristo, Leon Trótski e Matsuo Bashō, um dos precursores do haicai.

Muitos dos livros de Leminski saíram pela Editora Brasiliense, também digna de menção honrosa por sua ousadia naqueles doidos anos de sexo, drogas e *new wave*. Vale notar que a obra multifacetada do poeta paranaense se deu num tempo pré-internet, sem o auxílio do Google, do ChatGPT e de outras ferramentas facilitadoras. Sua cultura caótica (no melhor sentido do termo) e sua produção vasta e eclética foram faróis para gente que, como eu, buscava informação com o apetite voraz que só a juventude traz. Em junho de 1989, uma semana depois de sua morte, compus uma canção que chamei de *Bashô* em homenagem a Leminski. Cheguei a gravá-la com a intenção de incluí-la em meu primeiro álbum, *Por onde andará Stephen Fry*, de 1997, mas a música acabou não entrando no disco e nunca foi lançada.

Vejo Leminski de um modo curioso. Acho que ele foi, à sua maneira errática, um missionário, um ser dotado de loucura santa, a loucura insaciável da criação, a espalhar manifestos de amor e sabedoria, como um Cristo profano, mesmo que para isso tenha tido que sacrificar (sabe-se lá a que custo, seu e dos seus próximos) momentos de fruição terrena ou negligenciar aspectos de sua "vida civil".

Nada a fazer se o caminho da santidade é o pecado. O pecado de Leminski foi sua devoção à poesia. ✪

1 Paulo Leminski traduziu em 1985 o ensaio autobiográfico *Sol e aço*, que Yukio Mishima havia publicado duas décadas antes.

2 Em 1984, o curitibano traduziu o romance *Pergunte ao pó*, lançado por John Fante em 1939.

3 *O supermacho: romance moderno*, que Alfred Jarry publicou em 1902, foi traduzido por Leminski em 1985.

ines249

PESADOS PARALELEPÍPEDOS

Naqueles dias, todos caíam das janelas

JOÃO INÁCIO PADILHA

Um dia, todo o plantel tricolor despencou do quarto andar. Uma queda no vazio. A equipe inteira hospedava-se numa caixa de charuto, e essa caixa de charuto pousava sobre o parapeito da janela. A caixa caiu. Foram-se todos os titulares e todos os reservas, inclusive alguns juvenis promissores. Um desastre horroroso. Aqui, um laudo do sinistro.

A dupla de zaga, Pinheiro e Clóvis, chegou logo depois do goleiro. Pinheiro tinha sido manufaturado a partir de duas robustas e musculosas fichas de pôquer, uma vermelha e outra branca. Nada sofreu com o desastre, a mesma sorte tocando a Clóvis, feito de material de prótese dentária, corpulento como Pinheiro, um pouco mais leve.

Edmilson foi uma baixa. Era feito de duas fichas de ônibus que se descolaram no impacto. Voltei a colar uma na outra, mas não ficou bom: a nova camada de cola elevou sua estatura em menos de 1 mm e esse quase milímetro comprometeu a maior especialidade do jogador, que era o chute potente de longa distância (ele enfiava vários gols do meio do campo, a bola viajando a meia altura e entrando no estreito vão entre o goleiro e o travessão). Edmilson terminou na reserva: ficou pesado demais, seus chutes não levantavam mais a bola: saíam rasteiros, sem perigo para o goleiro adversário.

Destino trágico foi o de Jair Marinho, inutilizado para a prática do futebol depois da catástrofe. O lateral direito tinha um abaulado na bainha que lhe permitia controlar a bola com refinamento. Usei-o muitas vezes para sair jogando depois do tiro de meta cobrado por Clóvis ou Pinheiro. Jair saía com a bola no pé driblando todo o time adversário, deslizando como cisne em todos os setores do campo, e procurava encobrir o goleiro do bico da grande área. Tanta categoria seria inutilizada quando o craque se chocou contra a quina de um degrau e partiu-se em dois pedaços, que carinhosamente juntei com esparadrapo. Jair Marinho não deixaria definitivamente o mundo do futebol: entraria para a comissão técnica do Fluminense, onde passou a me assessorar para o que desse e viesse. Obrigado, Jair.

Paulinho, também conhecido como Paulinho Ladrão, era uma vidrilha procedente de um velho e grande relógio de bolso. A vidrilha tinha sido doada por um relojoeiro, fornecedor habitual dos futebolistas de mesa do meu bairro. Seu voo do quarto andar até o térreo foi gracioso. A brisa brincava com Paulinho. Com leveza, ele foi dançando no ar e acabou caindo – acabou pousando, melhor dizendo – a alguma distância do ponto crítico onde a maioria do time tombava. Apesar do pouco peso, uma lasca fatal afastou-se do jogador no momento do impacto, o suficiente para que ele perdesse o equilíbrio quando sofria a pressão da palheta contra o corpo delgado e transparente.

Altair tinha algumas das boas características do Jair Marinho e muito mais sorte que ele. Ficou intacto depois da queda e continuou a distribuir o jogo para o ataque tricolor com a classe de sempre. Era uma ficha de pôquer da mesma origem das que formavam a estrutura do Pinheiro. A diferença estava no perfil. Altair era feito de apenas uma ficha, com uma delicada descaída na bainha produzida por minha habilidosa lixada, que ainda lhe escavou a base para torná-la côncava e aérea, propícia para deslizar com elegância sobre a mesa.

Maurinho, o ponta-direita, era uma curiosa combinação de ficha de ônibus e vidrilha de relógio, que se descolaram na queda, sem problema na recolagem. Não era exatamente um craque, mas eu tinha orgulho da originalidade daquele conceito de botão, motivo pelo qual o mantinha no time.

Telê era uma ágil e pequena vidrilha cuja bainha fazia um ângulo obtuso com seu topo. Essa peculiaridade anatômica favorecia chutes potentes da intermediária, mas sua baixa estatura permitia também a delicadeza exigida quando se tratava de encobrir o goleiro ou colocar a bola entre este e o travessão. Sua queda do quarto andar foi amortecida ao cair justamente em cima do Clóvis.

O único jogador esculpido a partir de uma casca de coco era Waldo, inquestionavelmente o artilheiro da equipe. Nada de grave lhe aconteceu, à exceção de uma lascada muito superficial que sofreu no impacto. O centroavante continuaria a brilhar em suas tabelinhas com Telê e em sua especialidade mais marcante: os gols a partir do grande círculo do campo, logo após a saída de bola. Na intermediária do adversário, era um coquinho nervoso que disputava todas as bolas, até as irremediavelmente perdidas.

Escurinho, o estimado ponta-esquerda sofreu uma contusão pequena, com mínima perda de substância plástica na extremidade da sua bainha, visível apenas com auxílio da lupa. Seu desempenho, claro, não foi comprometido. Era ágil e bem baixinho, fazia muitos gols do bico da grande área, e seu modo de encobrir o goleiro era peculiar: a bola subia muito, descrevia uma parábola e descaía caprichosamente para o interior da meta adversária.

Castilho, o paralelepípedo com sólido esqueleto de chumbo, foi, naturalmente, o primeiro a atingir o solo. Não foi castigado, seu reaproveitamento foi total.

Não há necessidade de estender este laudo das baixas sofridas pelo Fluminense em decorrência do sinistro. Em linhas gerais, os reservas e os aspirantes

ines249

PEDRO GONÇALVES 2025

ines249

sofreram alguns ferimentos, mas somente dois ou três ficaram completamente mutilizados para o futebol. Registre-se apenas que o juvenil Carlos Alberto substituiu Jair Marinho na equipe titular, e Oldair, feito de galalite, entrou no lugar de Edmilson. O time voltaria a campo normalmente, depois do trauma.

O apartamento era de fundos. Da janela, eu passava muito tempo olhando para as antenas de televisão, cada vez mais abundantes. No azul do céu, enxergava bolinhas. Eram luazinhas que viviam se aglutinando em grupinhos A diversão delas era fugir do foco do meu olhar: eu olhava para elas, elas se afastavam para o lado; eu as perseguia e elas fugiam sempre, até se esconderem quando os meus olhos já não miravam o céu, mas algum ponto da esquadria da janela ou da parede do quarto Depois, se eu punha os olhos de volta no céu, as luazinhas reapareciam do mesmo jeito e eu voltava a persegui-las em vão, sem qualquer possibilidade de paralisá-las no meio do voo. À direita do meu ponto de visão, num edifício mais distante, havia um apartamento de cobertura. De vez em quando, homens e mulheres apareciam ali, ouviam música, alguns dançavam, todos bebiam. Ali deviam estar os transviados que jogaram a mulher pela janela do edifício em Copacabana. Naqueles dias, não se falava em outra coisa. O Brasil tinha sido campeão mundial, mas o grande assunto era o caso da moça espancada, currada, assassinada e lançada do 12° andar de um prédio na Avenida Atlântica. Era nela que eu pensava quando via as festas na cobertura daquele edifício. Não queria perder a cena de outra mulher sendo jogada.

Embaixo da minha janela, um pátio. Nos fundos desse pátio, uma área coberta onde cabiam quatro carros. As crianças do edifício descíamos todos os dias, cruzávamos a garagem subterrânea e chegávamos a esse pátio para jogar bola, pular corda etc. O dono da mesa de botão era o meu adversário vascaíno. A mesa foi construída pelo pai dele.

Bem na frente da minha janela havia outro edifício. Num dos apartamentos desse edifício morava um homem que gostava de espiar os garotos jogando botão no nosso pátio. Ele aparecia na janela sempre que chegávamos lá e instalávamos a mesa do jogo. Era só ouvir a gente chegando que o homem do tal edifício parava o que estava fazendo e vinha dar uma olhada. Ficava um tempão na janela. Era um homem calado, cotovelos apoiados no parapeito, fumando um cigarro, sem perder um lance e as narrações das partidas (Bola para Garrincha ultrapassa a divisória do gramado vai evoluindo pela intermediária rubro-negra aproxima-se da grande área a bola espirra tira a mão daí a bola espirra quase sai pela linha de fundo tira a mão daí pô pera aí vai Garrincha um toque sutil meus senhores Garrincha controla a pelota evita a saída pela linha de fundo penetra na área rubro-negra vê a aproximação de Quarentinha entrega para Quarentinha um toquezinho tá? prepara aí vai Quarentinha goooooool do Botafogo garoto do placar do Maracanã coloca Botafogo 2 Flamengo 0 quando eram decorridos).

Então, eu falava da grande queda da caixa de charuto, a grande queda no vazio. Na hora do despenhamento da equipe do Fluminense, eu não sabia que o observador do edifício defronte acompanhava, de binóculo, o desenrolar da tragédia. Ele certamente não estava interessado na sorte de cada um daqueles atletas. Estava interessado em mim. Viu quando pus a caixa no parapeito da janela, com todos os jogadores do time dentro dela. Viu que eu não fiz nenhum gesto abrupto, esbarrando na caixa de charuto, sem querer – um gesto involuntário, uma queda acidental. Não creio que ele tenha visto que na verdade eu fui afastando a caixa de charuto lentamente, milímetro por milímetro, em direção à borda do parapeito. Não sei se ele entendeu que eu fazia um experimento cujo objetivo era descobrir até onde a caixa poderia ir antes de encontrar o ponto exato em que a queda, a grande queda, seria inevitável. Prestava muita atenção na minha meticulosa ação, na minha cara. Ajustou o binóculo com muita precisão para não perder nenhum detalhe das minhas expressões faciais. Terá visto no meu rosto o sorriso antecipatório da tragédia. Minha mão afastava a caixa com ínfimos, imperceptíveis empurrõezinhos. O observador terá percebido, graças ao binóculo, que uma sombra me passava pelo rosto. Minha mão deixou de dar empurrõezinhos hesitantes: a caixa agora era arrastada num movimento constante, sem intermitência, mas em velocidade ainda muito lenta. Uma lenta e premeditada execução extrajudicial. O homem acompanhava tudo isso com muita apreensão e uma aflição tremenda, um desespero, uma agonia

Lenta e inexoravelmente, como um condenado a andar na prancha, passo a passo, até o salto final para o fundo do oceano, a caixa foi chegando no ponto crítico Só precisou de milímetros além da borda do parapeito da janela para despencar no vazio. Acompanhei toda a queda. Quando a caixa chegou ao chão, fiquei olhando lá de cima. Para ter a melhor visão possível, tive que me debruçar na janela, e me debruçava tanto que os meus pés já não alcançavam mais o chão. O peito roçava a borda do parapeito e minha cabeça estava toda do lado de fora Lá estava, intacto, o tijolo de chumbo, do tamanho exato de uma caixa de fósforos. Sozinho, o grande goleiro era mais pesado do que a caixa de charuto com todo o resto do time dentro dela.

Naqueles dias, minha mãe costumava teorizar que a cabeça é mais pesada que o corpo, a tal ponto que o seu peso podia ceder, a cabeça levando todo o resto do corpo numa queda livre de quatro andares até o chão do pátio da garagem. Era nisso que eu pensava quando pensava no peso desproporcional do goleiro carregando todo o resto da equipe precipício abaixo. No momento em que esses pensamentos transitavam pela minha pesada cabeça, quem é que me abre a porta e me vê debruçado na janela, os pés despregados do chão e a cabeça lá do lado de fora, solta no ar, integrada no vazio? Minha mãe deu um grito tão esganiçado que eu bem podia ter tido um sobressalto e caído de susto lá embaixo. Correu para me salvar. Nem precisou, porque fui saindo daquela posição sem problema, até os meus pés reencontrarem o chão Quando ia tirando a cabeça da janela, olhei para a frente e só então me dei conta de que estava sendo observado pelo binóculo do observador. Ele tinha visto tudo.

Minha mãe não sabia. Na cabeça dela, eu era um quase suicida. Assassino, jamais. Gritava, e não sabia se me abraçava, como se tivesse acabado de me salvar a vida, ou se me dava uns tabefes. Me deu um tapa no braço. Foi difícil, no meio de tanto drama, encontrar espaço para explicar a ela que tinha havido um acidente, que meu braço tinha esbarrado acidentalmente na caixa de charuto num movimento desastrado, e a caixa tinha despencado do quarto andar com todos os meus botões. Consegui dizer tudo isso num jato. Para calar inteiramente a bronca, fiquei mesmo desesperado. Vocalizei o desespero em tão elevados decibéis que o observador, lá longe, no outro edifício, pode ter ouvido claramente o que eu dizia. Os meus botões! Os meus botões! Minha mãe chegou junto da janela para averiguar se tudo o que eu dizia era verdade. Quando ia olhar para baixo, notou que eu, ao lado dela, me insinuava para fazer o mesmo. Ela me empurrou, achando que dessa vez eu ia de vez Olhou e confirmou lá estava a caixa de charuto, o goleiro e os pequenos discos que eu chamava de botões

O observador estava perplexo; mais que perplexo, fascinado. Enquanto isso, minha mãe: Os botões! Oh meu filho, meu filho! Ela me abraçou, e quando me abraçou olhei, por cima do ombro dela, para o observador. Pus os olhos nele.

Minha mãe, cabreira: naqueles dias, todos caíam das janelas a moça de Copacabana, o time de botões, enfim, todo mundo. Havia uma epidemia de defenestrações na cidade do Rio de Janeiro.

E por falar em defenestrações, quase me esqueci de acrescentar que, uns dias antes da queda do elenco tricolor, um primo meu foi lá em casa. Lá pelas tantas, como não tinha adulto olhando, ele se sentou no parapeito da janela, primeiro com os pés para dentro. Depois girou o corpo, passou as pernas por cima do parapeito e pôs os pés para o lado de fora Ficou balançando os pés. Virou-se para mim, me convidou, eu disse que não. Ele riu, e rindo curvou o corpo para abaixar a cabeça o máximo que podia. Olhou para baixo, sentiu a brisa no rosto, fascinou-se com o vazio imenso entre a janela do quarto andar e o chão do pátio. Depois ergueu o dorso e esticou o corpo todo como se estivesse se espreguiçando, afastando a bunda o máximo que podia, até o limite do parapeito, com as coxas descoladas da superfície, as pernas estiradas e enrijecidas como duas vigas que saíam da janela do apartamento. Eu berrava lá de dentro, pulava de pânico, dava corridinhas pelo quarto, quase chorava de tanto desespero. Ele foi recolhendo o corpo devagar e aos poucos veio saindo da janela. Virou-se para mim às gargalhadas, escarneceu de mim, me chamou de medroso, de acrófobo histérico e outras coisas ✪

Este conto faz parte do livro *Chineses que se evaporam*, a ser publicado pela 7Letras.

ines249

VAL P RES X LOPRETURA 2025

RISO NO RETIRO

Quando suas preciosas crenças
e ilusões chegam ao fim, você chega ao fim.
U. G. Krishnamurti

Acordei com o corpo cheio de pedras
um altar com flores e frutas e umas
penas intrusas Desconhecidos me encaravam
com mais de mil olhos além de uns cem
deuses com cem braços cujos nomes
não pronuncio direito. Eram rostos de
macacos, girafas, morcegos

Uma das discípulas deu o informe
com a sisudez precisa
do processo. Aos recém-chegados
só era permitido um copo d'água,
uma toalha e um amuleto cujo
significado desconheço.

No retiro é proibido rir
E eu, com duzentas horas acumuladas de
ioga do riso, não contive – e nem quis conter -
o meu palhacito.

Em posse dos poucos objetos e de
nossas roupas de linho, dobramos
os joelhos muitos em meio lótus -
e as mãos de místico agradecido.

O guru fez a entrada ao ritmo de um
mantra que obviamente não entendi
direito Pesquei "mahatma" na cantilena
e fiquei com medo

Ansiosa, soltei a primeira gaitada
abafada, duramente contida pelo *shuu*
de outra discípula. Elas usavam
vestes confusas, turbantes, colares,
pulseiras, terços, sandálias com
estampas da Índia - mas fabricadas
na China

Ao me ver diante de tamanha
anedota, quis ser meu próprio alívio
cômico e de novo ri de nervoso

Fui encarada por mais uma dezena
de olhos, uns cochichos inflamados
por um pedido de punição capital. Eles
avisaram: no retiro é proibido rir

O guru 1 chamou o meio guru
E, é já sabido, dois gurus jamais
concordam entre si.

A estátua de Buda, do nada, mudou o seu
mudra O meio guru decide
e indica o tal castigo. me deixar do
lado de fora, embaixo de uma copa,
em meio a estátuas estranhas, aves mortas,
flores e frutas podres, um altar
indo-tropical enterrada em vida

Por enquanto. A que fim levou
o meu destino gozoso, essa
troça total? O zero interesse na
aventura humana, o desejo - alheio -
que eu me reencarnasse numa hiena.

As vozes desconhecidas ecoavam mil
rugidos, gemidos e risos. Esse era o céu
que a discípula anunciava
enquanto eu descia ao paraíso?
Um feixe de luz anuncia
a visagem – sarça ardente,
centelha divina, outra missão de
vida? Ao menos algo surge.

E, finalmente, me viro e vejo, no espelho
que a estátua de sereia segura, não sei bem
se é Janaína, Iara, musa carioca ou
manauara. Mas a deusa, a deusa total, sou
eu: a deusa descabelada da piada.

CATÁLOGO

Eu era feliz
beijava mocinhos
grafados atrás de
uma xerox de
Homero

A queda pelos
mais desonestos

A data acompanha
o *review* de pinto,
as iniciais de cada um
e seus apelos.

um com falta
de pai,
outro com dor
de corno,
aquele de
outro estado
sentia falta
do cachorro

Um que me
chamou de
Vênus e eu
sou de Oxum

A desgraça (miasma) de
agradar o trotskista
mais machista ao
helenista mais cuzão

Canto dois
da *Ilíada*

CALCINHA DO SPORT CLUB DO RECIFE AO SOM DE UM BREGA FUNK

Deusa, agradeço a essa Veneza
por ter feito homens que rebolam tão bem

No ensaio do desgosto do encontro,
quinze anos de casamento, o que

Importa é como se produz: o
charque, o cuscuz e o gozo.

Ao som de Shevchenko e Elloco, sua
camisa em preto e vermelho, sou

Essa paulista meio nua, sem segredos,
com um leão estampado no rego

É Dia de São João, e já nem quero outro
santo. Nem outra terra, senão essa

Onde sinto mais que em casa, toda em
graça de Recife a Serra e bela. ✪

ines249

FORO DE TERESINA

O podcast de política da piauí,
com Fernando de Barros e Silva,
Ana Clara Costa e Celso Rocha de Barros.

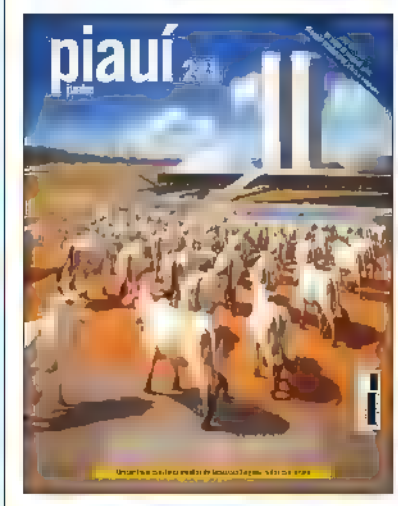
Sexta-feira, às 11h,
em todas as plataformas de áudio.

Realização:

RÁDIO NOVELO

piauí DONA DO SEU PRÓPRIO NARIZ

cartas_julho



VULTOSAS

Nunca me considerei puxa-saco, mas me sinto compelido a escrever à Redação uma vez mais para elogiar a escrita de Fernando de Barros e Silva, desta vez na **piauí_225**, junho (*O mar virou sertão*), correndo o risco de cair em rasgação de seda e babação de ovo. Que seja

O texto daquela edição faz o melhor uso do sarcasmo (o mais inteligente tipo de comédia) e é um convite para boas gargalhadas com a mão na consciência Só mesmo assim para conseguir suportar o tema pesado que o autor denuncia

Ao ler a um amigo o trecho sobre a arquitetura greco-goiana da casa de Gustavo Lima, ele só me responde: "O pior é que consigo imaginar essa casa" Pois é, o Fernando consegue descrever magnificamente nosso entorno com uma palavra. A isso chamamos "escrita genial"?

Obrigado por esse presente

GABRIEL SABADIM RIO DE JANEIRO/RJ

A MORDIDA DO LEÃO

As matérias *O salvamento*, **piauí_224**, maio, e *Em alto-mar*, **piauí_225**, junho, poderiam ser resumidas em uma única frase de nosso hino célere das desigualdades do Brasil o de cima sobe e o de baixo desce

Na primeira, vemos como meninos mimados utilizam o Fundo Garantidor de Créditos (FGC) como cheque especial de suas megalomanias financeiras que, ao fim e ao cabo, nós pagaremos Na segunda, vemos que o Brasil pune mais quem vende cocaína na favela do que quem explora extração ilegal de ouro e de madeira

O que mais me assusta na segunda matéria é a leniência da Receita Federal, que é capaz de rugir com qualquer pessoa de classe média que deixe de declarar seu Gol bolinha ou a venda de um terreno em Maricá, mas mia com quem declara ter mais que o dobro das reservas de ouro do Banco Central do Brasil

Com a grana que ganho e o sobrenome que carrego, não dá nem pra ouvir o miado da Receita

HURI PAZ RIO DE JANEIRO/RJ

BARATAS

Envio meus parabéns a Consuelo Dieguez pelo texto bem construído e pelo humor refinadíssimo da matéria *Gabriel e as abençoadas* (**piauí_225**, junho). Me esborrachei de rir sozinho na minha poltrona

MARCOS CHIQUETTO RIO DE JANEIRO/RJ

ERRATA

Na Esquina *Os economistas franciscanos* (**piauí_225**, junho), estava escrito que o papa Francisco era franciscano, mas na verdade ele era jesuíta.

NOTA ÉPICA DA REDAÇÃO

Quando certa manhã o respondedor de cartas acordou de sonhos intranquilos, encontrou sua editoria metamorfoseada num vazio monstruoso. Dirceu? Adilson? Djalma? Onde estavam seus missivistas contumazes? De que valeria o nobre ofício de respondedor sem que houvesse um remetente, do outro lado, a quem respondesse? Bebeto sem Romário? Didi sem Dedé? Mauro Cid sem Bolsonaro? Ó, horror.

Foi, então, imbuído de um nobre sentido de dignidade (e sobrevivência, por que não?) que o respondedor passou a rascunhar, em sua cabeça, as cartas que seriam escritas pelos leitores ora ausentes. Arte! Poesia! Imaginação! A partir de então, nenhum jornalismo seria capaz de impedir um Camões adornado de florescer ao mundo.

O respondedor pôs-se a sonhar e, sonhando, fez nascer uma linda carta em que Dirceu, Adilson, Djalma e todos os demais leitores elogiavam, juntos, a reconstituição de Breno Pires sobre o as-

ines249

salto no INSS, o fantástico perfil de Allan de Abreu (ou seria policianismo fantástico?) daquele que se diz dono de um país no Oceano Atlântico.

Depois, qual um médium, se viu psicografando uma segunda carta coletiva, em que o alto comando de missivistas elogiava as análises sociológicas de Marcos Nobre sobre o governo Trump, de José Henrique Bortoluci sobre os brasileiros de sua geração, de Fernando de Barros e Silva sobre Marina Silva e o governo Lula. E a partir daí se viu entregue ao mundo idílico das cartas, que caíam do céu quais flocos de neve e se espraiavam pelo chão, formando um gramado branco de papel, como nos tempos idos do *Xou da Xuxa*. Uma carta elogiando os dois textos de Fernando Tadeu Moraes, uma carta elogiando o portfólio póstumo de Sebastião Salgado, uma carta elogiando as esquinas, os poemas, a capa, o *Diário do Geraldo*. Uma carta explodindo de louvor e exaltação à apuração de João Batista Jr. sobre a queda de George Santos e ao texto de Camille Lichotti sobre as alturas que os burocratas de verdade podem atingir

Mas o respondente se deparou, então, com uma moral encruzilhada: seria ele capaz de imaginar uma carta exaltando a própria seção de cartas? E se fosse, de que forma ele responderia a essa provocação tão narcísica do próprio ego? Estaria ele diante do famoso paradoxo de Zambelli?

E foi aí que o respondedor voltou à realidade dura e inexorável, e aceitou, melancolicamente, o fato de que a sua editoria só havia recebido três cartas naquele mês de junho de dois mil e vinte e cinco (às quais ele não respondeu).

O RESPONDEDOR D'APRÈS CAMÕES

NOTA DA REDAÇÃO AO RESPONDEDOR DE CARTAS

A **piauí** mudou seu provedor de e-mail É possível (bem possível, muito possível, com certeza) que algumas cartas tenham se perdido na mudança.

Por questões de clareza e espaço, a **piauí** se reserva o direito de editar as cartas selecionadas para publicação. Solicitamos que as cartas informem o nome e o endereço completo do remetente

Cartas para a redação:
REDACAOPIAUI@REVISTAPIAUI.COM.BR

PENGUIN ARCHIVE
na TRAVESSA
Confira aqui:
travessa.com.br

piauí

FUNDADOR
João Moreira Salles

CONSELHO EDITORIAL
Dorrit Harazim, Flavia Lima, João Moreira Salles, Marcelo P. L. Medeiros, Natuza Nery, Simon Romero, Thiago Amparo

DIRETOR DE REDAÇÃO
André Petry

EDITORES EXECUTIVOS
Acirno Leite Neto, Daniel Bergamasco

PRODUTORA EXECUTIVA
Raquel Freire Zangrand

EDITORES
Alejandro Chacoff, Armando Antenore, Guilherme Henrique, Luigi Mazza

REPÓRTERES
Allan de Abreu, Amanda Gorziza, Ana Clara Costa, Angélica Santa Cruz, Bernardo Esteves, Breno Pires, Camille Lichotti, Consuelo Dieguez, Fernando de Barros e Silva, João Batista Jr., Pedro Tavares, Tatiane de Assis, Thallys Braga, Tiago Coelho

DIRETORA DE ARTE
Maria Cecília Marra

EDITORA DE ARTE
Paula Cardoso

REDES SOCIAIS
Emily Almeida, Fabio Brisolla, Isa Barros

COORDENADORA DE CHECAGEM
Marcela Ramos

CHECAGEM E REVISÃO
Carlos Santos, Carolina Rodrigues, Fábio Martins, Gilberto Porcidonio, João Felipe Carvalho, Luciene Gomes, Luiza Barbara

COORDENADOR DIGITAL
Pieter Zalis

COORDENADORA DE ESTRATÉGIAS
Mariana Faria

COORDENADORA DE NARRATIVAS VISUAIS
Fernanda Catunda

ESTAGIÁRIOS
Danilo Marques, Felipe Fernandes

DIRETORA DE NEGÓCIOS
Catarina Carvalho
catarina@revistapiaui.com.br

DIRETOR FINANCEIRO
Guilherme Terra

ADMINISTRAÇÃO
Daniela de Amo, Elena Abramcheva, Erisangela Prado, Leandro Arruda, Pedro Eduardo Vinhas, Simone Cardoso

GERENTE COMERCIAL
Isabella Lagg
isabella.lagg@revistapiaui.com.br

COORDENADOR DE PUBLICIDADE
Tarcísio Perron
tarcisio@revistapiaui.com.br

GERENTE DE MARKETING
João Vinicius Saraiva

DEPARTAMENTO COMERCIAL
comercial@revistapiaui.com.br

Enio Santiago [RJ]
eniosantiago@revistapiaui.com.br

João Fernandes [SP]
joao.fernandes@revistapiaui.com.br

Sérgio Siqueira [SP]
sergio.siqueira@revistapiaui.com.br

Tida Cunha [SP]
tida.cunha@revistapiaui.com.br

Paulo Tamanaha [BSB]
paulo.cin@centrodeideiasenegocios.com.br

EDITORA ALVINEGRA
Rua Aníbal de Mendonça, 151 / 2º andar
22410-050 Rio de Janeiro / RJ
tel: [21] 3511 7400
Rua Dr. Virgílio de Carvalho Pinto, 445 / 1º andar
05415-030 - São Paulo / SP
tel: [11] 97410 3500 / [11] 3061 2122
e-mail: redacaopiaui@revistapiaui.com.br

ANER
Associação Nacional dos Editores de Revistas

IVC
Instituto Verificador de Comunicação

PRÉ-IMPRESSÃO
Antonio Rhoden

Pólen
A **piauí** é impressa pela Plural Indústria Gráfica Ltda. em papel pólen bold 90 gramas nas capas e pólen soft 70 gramas no miolo, produzidos em bobinas exclusivamente para a **piauí** por Suzano Papel e Celulose S/A

TIRAGEM DESTA EDIÇÃO 32 460 exemplares

PARA ANUNCIAR
publicidade@revistapiaui.com.br

PARA ASSINAR
revistapiaui.com.br/assine
WhatsApp e SAC: [11] 3584 9200
Segunda a sexta, 9h às 17h30

SAC (ATENDIMENTO AO CLIENTE)
site: minhaabril.com.br
atendimento.piaui@abril.com.br
WhatsApp e SAC: [11] 3584 9200
Renovação: 0800 775 2112
Segunda a sexta, 9h às 17h30

COMERCIALIZAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO
Abril Assinaturas
assinaturas@revistapiaui.com.br

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL EM BANCAS
Total Express
bancas@revistapiaui.com.br

NÚMEROS ATRASADOS
numerosatrasados@revistapiaui.com.br

www.revistapiaui.com.br

Marcelo
Tas
SOMOS EDUCAÇÃO
SOMOS INFORMAÇÃO
SOMOS DIVERSIDADE
SOMOS SUSTENTABILIDADE
SOMOS DIVERSÃO
SOMOS ACESSIBILIDADE
SOMOS PROVOCA
SOMOS CULTURA

ines249

A CAATINGUEIRA DE JAÚ

Niéde Guidon transformou a arqueologia das Américas e o sertão do Piauí

BERNARDO ESTEVES

ANDRÉ PESSOA_2019

Guidon no Parque Nacional Serra da Capivara: o lugar tem mais de 1,2 mil sítios arqueológicos

Numa manhã de outubro de 2013, a arqueóloga paulista Niéde Guidon foi visitar a Toca do Gongo III, um dos mais de 1,2 mil sítios arqueológicos no Parque Nacional Serra da Capivara, no Sul do Piauí, criado por sua iniciativa. A cientista continuava em atividade aos 80 anos, embora não coordenasse mais as pesquisas desde o fim do século passado. Na visita daquela manhã, ela examinaria o sítio para definir detalhes sobre a retomada de sua escavação. A própria arqueóloga dirigiu uma caminhonete no trajeto entre a sua casa, em São Raimundo Nonato, e o sítio. Eu estava a bordo, ao lado de duas alunas de arqueologia da Universidade Federal do Vale do São Francisco (Univasf).*

Como muitos sítios da região, a Toca do Gongo III fica na base de um paredão rochoso com pinturas rupestres. Enquanto guiava a caminhonete a até 130 km/h, Guidon – morta no último dia 4 de junho, aos 92 anos – explicou que doze sepultamentos humanos já haviam sido descobertos por lá. Aquele foi o primeiro sítio da Serra da Capivara em que ela encontrou fósseis humanos, um evento relativamente raro na área, porque o solo ácido e o clima quente não favorecem a preservação do material orgânico. Guidon estava habituada a escavar vestígios indiretos da passagem humana pela região, como ferramentas de pedra ou restos de fogueira. "Mas encontrar remanescentes dos próprios indivíduos é uma experiência fantástica, diferente de todas as outras que já tive", disse.

O local tinha sido frequentado por grupos semissedentários de horticultores ceramistas que enterravam seus mortos ali. Um estudo sobre as práticas funerárias adotadas por eles só saiu em 2018, assinado por Guidon e três colegas. O trabalho afirmava que os indivíduos sepultados ali viveram entre 1390 e 1630, numa época muito mais recente do que as ocupações encontradas em outros sítios da Serra da Capivara estudados pela pesquisadora – estudos esses que fizeram dela um dos nomes mais importantes da arqueologia das Américas.

Niéde Guidon nasceu em Jaú, no interior de São Paulo, em 12 de março de 1933. Filha de pai francês e mãe brasileira, foi batizada em homenagem ao Rio Nied, que passa na região da Lorena, na França. Ela assinou artigos científicos ora como Niède, na versão afrancesada de seu nome, ora como Niéde, com acento agudo. Essa é a grafia que aparece na certidão de nascimento fotografada por Adriana Abujamra, autora da biografia *Niéde Guidon: uma arqueóloga no sertão*. "Era como ela assinava seus e-mails e como queria ser reconhecida", diz Abujamra.

Guidon se formou pela Universidade de São Paulo (USP) em história natural e estudou arqueologia na pós-graduação da Universidade Sorbonne, na França. Especializou-se no estudo das pinturas rupestres, objeto de pesquisa de André Leroi-Gourhan e Annette Laming-Emperaire, dois baluartes da arqueologia francesa com quem ela teve aulas em Paris. De volta ao Brasil, foi trabalhar no setor de arqueologia do Museu do Ipiranga, da USP, mas voltou à França em 1964, com medo de ser presa pela ditadura brasileira, por causa de sua simpatia pelo comunismo. Em Paris, firmou-se como pesquisadora do Centro Nacional de Pesquisa Científica e, mais tarde, da Escola de Estudos Avançados em Ciências Sociais.

A arqueóloga ainda morava em Paris quando fez a descoberta que mudou não apenas sua vida, como o sertão piauiense e a história da ocupação do continente americano. Numa série de expedições na década de 1970, que deram início a uma missão arqueológica franco-brasileira no Piauí, Guidon foi atrás de pinturas rupestres na Serra da Capivara sobre as quais tinha sido alertada anos antes pelo prefeito de Petrolina (PE). Descobriu dezenas de sítios arqueológicos espalhados pelo maciço de arenito que domina a paisagem local. Estavam situados no sopé de paredões de pedra ilustrados com uma profusão de pinturas. Documentavam a rica fauna que já habitou a área – emas, macacos, peixes e tatus, além das capivaras que inspiraram o nome do parque. Os desenhos também registram pessoas envolvidas em atividades variadas, ao contrário das pinturas rupestres na França, em que quase não há representação humana.

Guidon dedicou o resto de sua vida àqueles registros. Lutou pela criação de uma unidade de conservação para proteger o patrimônio natural e cultural da região. A meta foi alcançada em 1979, com a criação do Parque Nacional Serra da Capivara, mas a tarefa estava longe de se esgotar. A arqueóloga entendeu que não conseguiria garantir a manutenção do parque de longe e, em 1992, se mudou da Europa para São Raimundo Nonato, onde viveu até morrer, a ponto de incorporar a identidade sertaneja. "Mais que uma brasileira, ela era uma caatingueira", define Abujamra.

Em junho de 1986, Niéde Guidon publicou na britânica *Nature*, respeitada revista científica, um artigo relatando uma descoberta surpreendente, intitulado *Datas de carbono-14 apontam para o homem nas Américas há 32 mil anos*. Essa seria a idade das ferramentas de pedra e restos de fogueira escavados pela equipe da arqueóloga no Boqueirão da

* Minha apuração sobre os achados da Serra da Capivara resultou na reportagem *Os seixos da discórdia* (**piauí_88**, janeiro de 2014).

ines249

ADÃO ITURRUSGARAI_2025

Pedra Furada, um dos sítios que ela achara durante os anos 1970. (A data real, após uma correção pela qual têm que passar os resultados obtidos nas datações por carbono-14, pode chegar à casa dos 37 mil anos.)

Guidon sabia que estava se metendo numa encrenca das grossas. O resultado contrariava uma das certezas inabaláveis dos estudiosos da ocupação das Américas. Eles estavam convictos de que os primeiros habitantes eram o chamado povo de Clóvis, que viveu por volta de 13 mil anos atrás onde hoje ficam os Estados Unidos. Os pesquisadores rejeitavam vigorosamente qualquer evidência de presença humana no continente anterior a isso.

Como os vestígios da passagem do *Homo sapiens* pelo Boqueirão da Pedra Furada eram apenas indiretos, os críticos alegaram que eles não tinham origem humana. Os supostos restos de fogueira e ferramentas de pedra seriam fruto da ação da natureza. Eram seixos lascados que caíram da enorme falésia que domina o sítio arqueológico e foram pisoteados por animais e humanos por milênios. O veredicto definitivo veio quando três dos mais eminentes arqueólogos americanos visitaram a Serra da Capivara. Saíram convencidos de que os objetos não derivavam da atividade humana, conforme registraram em 1994 em artigo na *Antiquity*, importante revista da arqueologia.

Quase uma década depois, em 2003, Guidon dobrou a aposta e propôs que o sítio podia ter sido ocupado há mais de 100 mil anos, data impensável para a maioria dos arqueólogos. Nessa época, afinal, o *Homo sapiens* estava começando a se aventurar fora da África.

A pesquisadora foi parcialmente redimida no começo deste século, com a retomada da missão arqueológica franco-brasileira no Piauí, agora sob a batuta de Eric Boëda, arqueólogo da Universidade Paris Nanterre. O grupo encontrou na Serra da Capivara outros sete sítios com vestígios de ocupação anterior ao povo de Clóvis. A maioria teria entre 20 mil e 30 mil anos. Embora mais recentes que o Boqueirão da Pedra Furada, eram provas mais convincentes da presença humana na região.

Não que isso tenha feito muita diferença para os opositores. "À medida que as descobertas iam se acumulando, os críticos inventavam novos argumentos para refutá-las", conta Boëda. A defesa da primazia do povo de Clóvis transferiu a discussão da esfera científica para a ideológica. "Mas Niéde nunca deixou de reagir às críticas como uma cientista." A arqueóloga sempre disse que os americanos podiam ou não acreditar em suas alegações. "Era um problema deles, e não dela." Em vez de gastar tempo e energia com a defesa da antiguidade humana no Piauí, Guidon priorizou o estudo das pinturas rupestres e a luta pela proteção dos sítios.

Em meio à polêmica, os achados da Serra da Capivara ajudaram a abalar a convicção sobre a primazia do povo de Clóvis. Essa ideia foi derrubada de vez no fim do século passado, quando os estudiosos aceitaram que o sítio de Monte Verde, no Sul do Chile, havia sido ocupado por volta de 14,6 mil anos atrás – mais de um milênio antes do povo de Clóvis. Hoje, a maioria dos pesquisadores acredita que os humanos chegaram às Américas há pelo menos 16 mil anos, mas ainda vê com ceticismo ocupações com mais de 20 mil anos, como é o caso no Piauí.

O arqueólogo Tom Dillehay, da Universidade Vanderbilt, nos Estados Unidos, conduziu as escavações de Monte Verde. O americano foi um dos três especialistas que visitaram a Serra da Capivara nos anos 1990 e escreveram o artigo demolidor sobre a antiga presença humana no Piauí. Ele, porém, deu o braço a torcer quando surgiram novas evidências. "Olhando de novo para os sítios de Niéde Guidon e do Eric [*Boëda*], estou ficando mais convencido de que havia pessoas ali há 20 ou 25 mil anos", disse Dillehay à **piauí** em 2013.

Se a resistência à nova data vem cedendo aos poucos, o mesmo não se pode dizer sobre a hipótese que Guidon propôs para a rota usada pelos primeiros habitantes da região. Segundo a arqueóloga, eles teriam vindo diretamente da África a bordo de pequenas embarcações, num momento em que o nível do mar estava mais de uma centena de metros abaixo do atual. No entanto, as evidências reunidas até aqui apontam que o povoamento ocorreu a partir da Sibéria para o Alasca e de lá para o resto do continente americano.

Guidon se caracterizou pelo espírito impávido e aguerrido. Os colegas americanos que contestaram seus achados estavam longe de ser sua maior dor de cabeça. A arqueóloga se dedicou com mais afinco a conseguir recursos em Brasília para a Serra da Capivara e enfrentar a hostilidade de moradores que se opuseram à criação do parque nacional.

Para proteger os sítios arqueológicos e a Caatinga, Guidon entendia que ninguém poderia viver nos 130 mil hectares do parque. Por isso, foi preciso remover centenas de pessoas que estavam ali e proibir a caça na reserva – uma atividade de subsistência para muitos habitantes da região. Desalojados do lugar onde foram criados e apartados de seus modos de vida tradicionais, vários moradores se ergueram contra a arqueóloga, que chegou a receber ameaças de morte. Além disso, havia o machismo.

Mas Guidon pavimentou o caminho. Com o parque, vieram oportunidades de emprego nos hotéis e restaurantes construídos nos arredores, e cursos de capacitação para formar guias de turismo e qualificar funcionários da unidade de conservação. A pesquisadora também ajudou a criar alternativas de sustento que não ameaçavam a biodiversidade ou o patrimônio arqueológico, como a apicultura orgânica e uma fábrica de cerâmica. Sem falar na educação. "Quem imaginaria uma escola de período integral no sertão, onde não havia estrada ou água encanada?", diz a professora Marian Rodrigues, diretora do parque. As oportunidades de educação e inserção profissional ajudaram a manter ali moradores que, antes, migravam para outras partes do Brasil.

O caso de Marian Rodrigues ilustra bem a transformação que Guidon provocou no sertão do Piauí. A professora nasceu num povoado que estava dentro dos limites do parque nacional, e sua família teve que sair da casa onde vivia. Ela cresceu ouvindo os lamentos do pai e dos tios sobre a remoção forçada, mas testemunhou a mudança que estava em curso. "Apesar do conflito por causa das desapropriações, a minha geração viu o desenvolvimento da região graças ao parque."

Rodrigues se formou em letras, em 2003, pela Universidade Estadual do Piauí (Uespi). Estimulada por Guidon, fez mestrado e doutorado em arqueologia na Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, em Portugal. No mestrado, estudou a relação das populações que viviam na Serra da Capivara com seu patrimônio arqueológico. Entrevistando jovens e idosos, constatou que as diferentes gerações percebiam de forma distinta o trabalho de Guidon. Os pais de Rodrigues nutriam rancor com as mudanças, mas os mais moços já respeitavam a arqueóloga e seu legado.

Em dezembro de 2018, nasceu o Museu da Natureza, em São Raimundo Nonato, dedicado à biodiversidade, geologia e história ambiental da Serra da Capivara. Foi a segunda instituição do tipo criada na região por iniciativa da arqueóloga, depois do Museu do Homem Americano, de 1998. A abertura da nova entidade marcou a aposentadoria de Guidon, que passou a viver recolhida em sua casa, com seus cachorros. A partir de então, se alguém puxasse conversa sobre o parque, os museus ou a arqueologia, ela reclamava ("Lá vem você falar de trabalho!"), conforme contou à **piauí** a uruguaia Rosa Trakalo, que trabalhou por quase cinco décadas como assistente da pesquisadora (os amigos a chamavam de "HD externo" da arqueóloga).

Mesmo antes da aposentadoria, havia quem indagasse qual seria o futuro do legado de Guidon sem a presença dela. Quando a cientista foi ao programa *Roda viva*, em 2014, lhe perguntei se a Serra da Capivara era "Niéde-dependente" ou se poderia andar com as próprias pernas. Na resposta, a arqueóloga disse que havia profissionais plenamente capazes de tocar a gestão do parque, mas ponderou que seus sucessores dificilmente teriam a obstinação dela para ir a Brasília atrás de recursos. "As pessoas estão dispostas a trabalhar, mas quem é que vai ficar brigando?"

À frente do parque desde 2019, Marian Rodrigues não teme pelo futuro do lugar com a morte de Guidon. "Dizem que a Niéde não preparou um sucessor, mas ela formou muita gente, sim. Cada um vai fazer um pouco do que ela fazia sozinha." A gestora afirma que o parque está entre as prioridades do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio), responsável pelas unidades de conservação federais, e que a falta de recursos não é uma ameaça hoje. "Mas, quando muda o governo, as coisas também mudam. A gente não sabe o que pode acontecer."

O futuro da Fundação Museu do Homem Americano (Fumdham), entidade criada por Guidon e responsável pela gestão do parque ao lado do ICMBio, tampouco é motivo de preocupação, diz a bióloga Márcia Chame, pesquisadora da Fiocruz e diretora científica da Fumdham. "Niéde é insubstituível e continuará sendo imortal para nós, mas já faz seis anos que outros profissionais vêm cuidando de todo o processo."

A arqueóloga morreu em decorrência de um infarto. "Ela havia registrado por escrito que não queria que sua vida fosse prolongada por aparelhos", disse Rosa Trakalo. "Também não queria velório, mas seria impossível não fazer, porque as pessoas viriam de qualquer jeito." A cientista foi velada no auditório do Museu do Homem Americano. A cerimônia se estendeu por nove horas, com a presença de políticos, colaboradores e moradores da região. Trakalo contou que as flores se esgotaram em São Raimundo Nonato e que não sobrou quarto livre de hotel na cidade. "Foi o último gesto de Niéde para movimentar o comércio local." ✪

ines249

FRONTEIRAS+

CURADORIA FRONTEIRAS DO PENSAMENTO

AS MENTES QUE INSPIRAM VOCÊ, REUNIDAS EM UM SÓ LUGAR.

UMA PLATAFORMA DE STREAMING DO CONHECIMENTO QUE CONECTA VOCÊ ÀS MENTES MAIS BRILHANTES DO NOSSO TEMPO, COM CONTEÚDOS ORIGINAIS PARA PROVOCAR REFLEXÕES E DESAFIAR O SENSO COMUM.

- *Jornadas de conhecimento elaboradas para estimular o pensamento crítico e reflexivo*
- *Conferências e entrevistas com os maiores pensadores e pensadoras que estão moldando o presente e o futuro*
- *Clube de leitura com curadoria especializada para expandir seus horizontes*

★ TESTE GRÁTIS POR 7 DIAS

Download on the App Store

GET IT ON Google Play

Baixe o aplicativo do Fronteiras + ou escaneie o QRCODE e comece hoje sua jornada de conhecimento

ines249

Ministério da Cultura
e Associação Casa Azul
apresentam

23ª Festa Literária
Internacional de Paraty

30 de jul a 3 de ago
2025

23ª FLIP

Confira a
programação e garanta
seus ingressos.

Transmissão ao vivo do
Programa Principal no
Auditório da Praça, em
Paraty, pelo canal Arte1
e pelo Youtube da Flip.

está chegando a 23ª Flip!

Venha compartilhar momentos que
fazem da literatura uma festa coletiva.
Ingressos à venda em flip.org.br

20 mesas no Programa Principal.
Mais de 35 autoras e autores do Brasil
e do mundo.
Programação infantil na Flipinha e para
jovens na FlipZona.
Programação independente no Auditório do Areal.
Programação gratuita da Flip+ em toda Paraty.
Mais de 60 Espaços Parceiros.
Serão cinco dias de encontros especiais a
cada esquina.

Lei Rouanet Incentivo a Projetos Culturais
vale cultura
patrocínio jequitibá
nu
patrocínio figueira
Instituto Cultural Vale
patrocínio guapuruvu
itaú
motiva
patrocínio cedro
Sesc
mag móveis
apoio institucional
Paraty
unesco
Paraty
PARATY
IPHAN
museu do território
criação e realização
casaAzul
MINISTÉRIO DA CULTURA
GOVERNO FEDERAL
BRASIL
UNIÃO E RECONSTRUÇÃO